

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

RAPHAEL CASTANHEIRA SCHOLL

**MEMÓRIAS (ENTRE)LAÇADAS: MULHERES, LABORES E MODA NA ESCOLA
TÉCNICA SEN. ERNESTO DORNELLES DE PORTO ALEGRE/RS (1946-1961)**

Porto Alegre, janeiro de 2012.

RAPHAEL CASTANHEIRA SCHOLL

**MEMÓRIAS (ENTRE)LAÇADAS: MULHERES, LABORES E MODA NA ESCOLA
TÉCNICA SEN. ERNESTO DORNELLES DE PORTO ALEGRE/RS (1946-1961)**

**Dissertação apresentado ao curso de Mestrado da
Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Educação.**

Prof^a. Dr^a. Maria Helena Camara Bastos
Orientadora

Porto Alegre, janeiro de 2012.

S368m Scholl, Raphael Castanheira

Memórias (entre)laçadas: mulheres, labores e moda na Escola Técnica Sen. Ernesto Dornelles de Porto Alegre/RS (1946-1961). / Raphael Castanheira Scholl. – Porto Alegre, 2012.

238 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS.

Orientação: Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos.

1. Educação – História – Brasil. 2. Ensino

Bibliotecária responsável:
Cíntia Borges Greff - CRB 10/1437

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dr^a. Beatriz Terezinha Daudt Fischer
UNISINOS

Dr^a. Dóris Bittencourt Almeida
UFRGS

Dr. Marcos Villela Pereira
PUC-RS

Dr^a. Maria Teresa Santos Cunha
UDESC

Dr^a. Maria Helena Camara Bastos
PUC-RS

À memória de meus avós, Rubens e Lili - aos quais devo muito do que sei e tudo que sou - dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Maria do Carmo Mansur Castanheira Scholl, por ser um exemplo de força diante das adversidades da vida e pelos sacrifícios que fez para criar a mim e a meu irmão. Obrigado por tudo.

A minha tia-avó, Rosa Mansur, que, com seu amor, generosidade e persistência, não mediu esforços para que eu sempre estudasse e me formasse. Muito obrigado por ter me ensinado muito. A ela dedico especialmente este trabalho.

Às senhoras Lydia Anna Gobbato Karl, Ria Breyer Puhl, Ingrid Schulze, Elisabetha von Endt Fillmann e Claudette Pereira de Almeida, ex-alunas e ex-professoras da *Escola Técnica Sen. Ernesto Dornelles*, que, através de seus depoimentos, de suas memórias e histórias, generosamente, permitiram a realização deste estudo.

A minha orientadora, professora Maria Helena Camara Bastos, pelo entusiasmo, dedicação e paixão pelos temas relacionados à história da Educação. Agradeço pelo exemplo de ética, seriedade e de compromisso como pesquisadora e docente.

A Guilherme Welter Wendt, por fazer parte deste *tempo*, pelo apoio e incentivo que tenho recebido sempre.

Ao amigo-irmão, Jonas Klug da Silveira, “*gracias por tu mirada*” e por todos os anos de amizade.

À Sabrina Gomes de Souza Rusch, por me fazer ver o possível diante do que parecia o impossível.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de estudos que me proporcionou, tornando possível a dedicação necessária para a execução desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter tornado viável o intercâmbio junto da *Universidad Nacional de La Plata*, Argentina.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pelos momentos compartilhados e aprendizados possibilitados.

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Educação, Anahi dos Santos Azevedo, Patrícia Xavier Botelho e Silvia Viegas Kuckartz, pela disponibilidade e atenção recebida.

Aos amigos e colegas, em especial, Tatiane de Freitas Ermel, Alice Rigoni Jacques, Marcelo Oliveira da Silva, Camila Fabis, Ana Cristina Rocha Gonçalves e Dirce Herbertz, que fizeram parte deste tempo de convívio, dividindo comigo suas ajudas, dúvidas, medos, contribuições, aprendizagens e certezas, meu muito obrigado por colaborarem na realização deste trabalho.

*Com agulhas de prata
de brilho tão fino
bordai as sedas do vosso destino.*

*Bordai as tristezas
de todos os dias
e repentinamente as alegrias.*

*Que fiquem as sedas
muito primorosas
mesmo com lágrimas presas nas rosas.*

*Com agulhas de prata
de brilho tão frio...
ai, bordai as sedas,
sem partir o fio!*

Cecília Meireles, *Com agulhas de prata*. In: *Sonhos*.

RESUMO

A presente dissertação teve por objetivo investigar os cursos profissionalizantes de *Corte e Costura* e *Chapéus, Flores e Ornatos* que integravam o Primeiro Ciclo do Ginásio Industrial da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles* de Porto Alegre/RS. Como recorte temporal, elegeu-se o período histórico compreendido entre a fundação da Escola (1946) e a promulgação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1961), a qual influenciou de modo decisivo na educação do país e interferiu no sistema de ensino até então adotado na instituição. No tocante aos aspectos metodológicos, além da pesquisa documental junto aos arquivos da escola, buscou-se investigar, através da análise de relatos de alunas egressas dos referidos cursos, como a formação profissionalizante obtida na instituição influenciou as atividades profissionais das entrevistadas, mas, também nos papéis sociais exercidos pelas mesmas. A metodologia adotada, de cunho qualitativo, foi a da história de oral, através de entrevistas semi-estruturadas com ex-alunas e/ou ex-professoras da escola, no intuito de obter das narrativas subsídios para uma análise da formação técnica e profissionalizante feminina no Rio Grande do Sul. O conjunto de resultados obtidos apontaram para uma possível dupla função vinculada a esta modalidade de ensino técnico profissionalizante, a saber: a construção do perfil socialmente projetado para as alunas como o “ideal de uma boa mulher”, mas, também, sua possibilidade de ingresso no mundo do trabalho, através de sua qualificação profissional, ampliando, em certa medida, seus “limites de atuação” para além do espaço doméstico-privado.

Palavras-Chave: história da educação; educação profissionalizante; educação feminina; ensino técnico-industrial; moda.

RESUMEN

Esta tesis tuvo por objetivo investigar los cursos de formación profesional en *Corte y Costura* o *Sombreros, Flores y Ornamentos* que pertenecían al Primer Ciclo del Gimnasio Industrial, en la *Escuela Técnica Senador Ernesto Dornelles* de la ciudad de Porto Alegre, estado de Rio Grande do Sul, Brasil. Como marco de tiempo, fue elegido el período histórico definido desde la fundación de la Escuela (1946) hasta la promulgación de las Leyes de Directrices y Bases de la Educación Nacional (1961), lo que ha influenciado decisivamente en la educación nacional, interfiriendo en el sistema de educación establecido en la institución hasta entonces. Respecto a los aspectos metodológicos, además de la investigación documental en los archivos de la escuela, se buscó investigar, mediante análisis de los relatos de ex alumnas de estos cursos, cual influencia ha ejercido la formación técnica obtenida en la institución en sus actividades profesionales, pero también en los roles sociales ejercidos por las entrevistadas. La metodología empleada, de carácter cualitativo, fue la historia oral, por medio de entrevistas semi-estructuradas con antiguas alumnas y/o maestras de dicha escuela, con el intento de obtener elementos para un análisis de la formación técnica y profesional en Río Grande do Sul. El conjunto de resultados obtenidos apuntan para una posible doble función vinculada a esa modalidad de enseñanza técnico-profesional, o sea: la construcción del perfil socialmente planteado para las alumnas como el "ideal de una buena mujer", pero también la posibilidad de su inserción en el mundo del trabajo, mediante su capacitación profesional, ampliando, en cierta medida, sus "límites de actuación" más allá del espacio doméstico-privado.

Palabras clave: historia de la educación; educación profesional; educación femenina; enseñanza técnica; moda.

ABSTRACT

The present dissertation has the objective of to investigate the Professional courses of *Sewing and Millinery, Flowers and Ornaments* which integrates the first cycle of the Industrial gymnasium of the Professional Technical School Ernesto Dornelles, in Porto Alegre, RS. The temporal period taken in this study has begin at the foundation of the school (1946) until the promulgation of the Guidelines and Bases of National Education' Law (1961), because these politics had influenced substantially the education in Brazil and the pedagogical methods adopted in the school. Referring to the methodological aspects, this study assumed a qualitative design, focusing both to the discourses of the ex-students and also to the previous researches conducted about the school. Using the oral history method, the discourse was taken as a documental to the analysis of the female professional education in Rio Grande do Sul. Taken together, the results showed that the pursuit of vocational technical education played a dual role, associated both to the "ideals of a good woman," and also with the workspace, extending the borders of woman performance.

Keywords: professional education, female education, technical education, history of education, fashion.

LISTA DE SIGLAS

ETC - Escola Técnica de Comércio Farroupilha

ETSED - Escola Técnica Feminina Senador Ernesto Dornelles

FAMUPA - Faculdade de Música Palestrina

IEDR - Instituto de Educação Doméstica e Rural

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

MALG - Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo

SPBA - Sociedade Propagadora de Belas-Artes

SUEPRO - Superintendência do Ensino Profissional

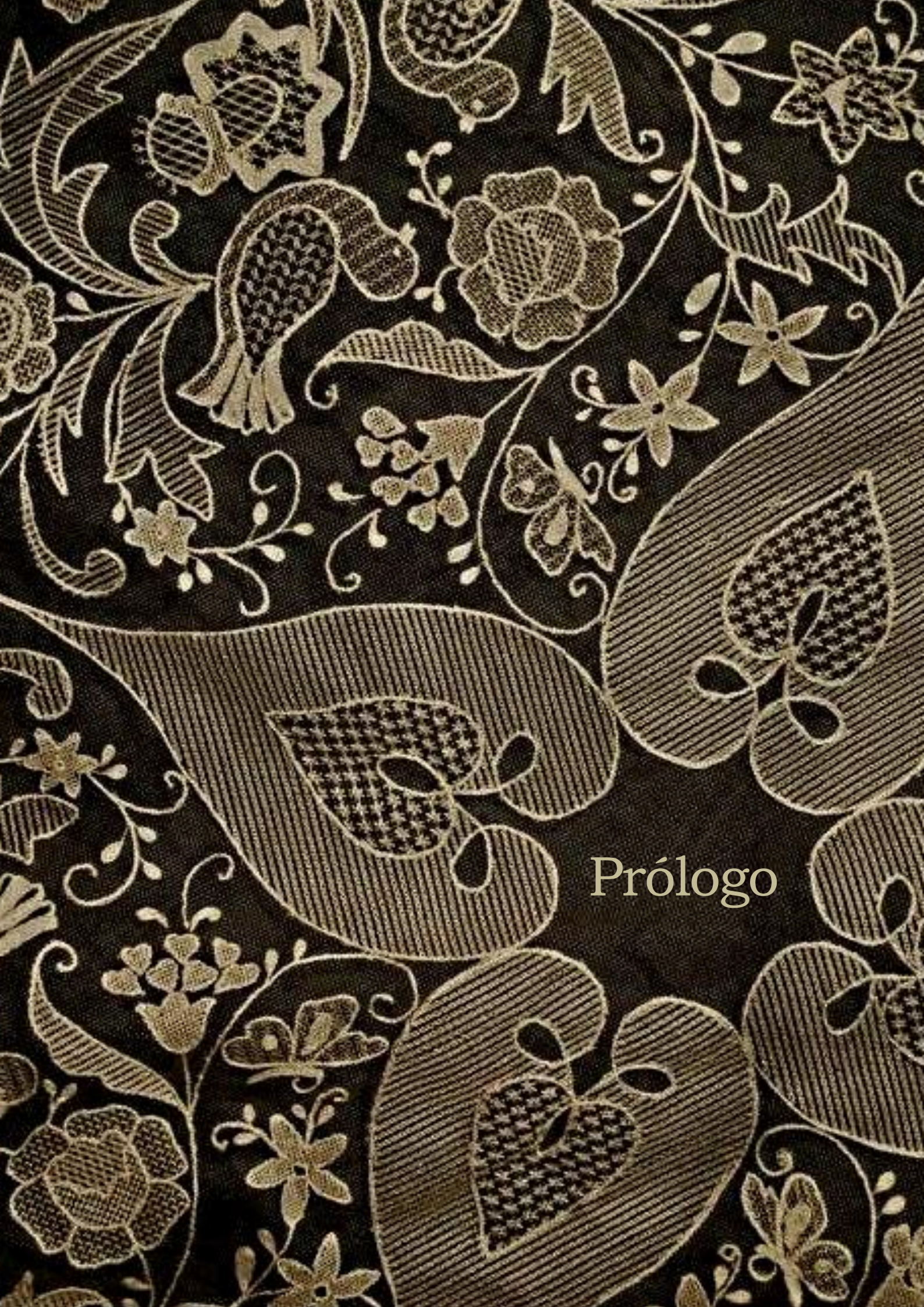
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Livro Brasileiro de Bordados Singer (3ª Edição-1930).....	21
Figura 2 - Publicidade dirigida ao público feminino	55
Figura 3 - Mulheres na capa da <i>Revista do Globo</i> , década de 1940.....	56
Figura 4 - Publicidade de casas de moda, Porto Alegre (1930-1940).....	57
Figura 5 - Cenas do footing na Rua da Praia, década de 1940.....	58
Figura 6 - Publicidade e capa de <i>Tricots de Paris</i> , (1946).....	59
Figura 7 - Fachada do Grupo Escolar Fernando Gomes (1922) – Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles (1946).	85
Figura 8 - Edital de abertura de inscrições.	87
Figura 9 - Nair Maria Becker	91
Figura 10 - Manual de Tecnologia elaborado por Nair Becker	93
Figura 11 - Curso de Chapéus, Flores e Ornatos.....	96
Figura 12 - Curso de Corte e Costura	96
Figura 13 - Professores da Escola (195?).....	100

SUMÁRIO

FOLHA DE APROVAÇÃO	3
RESUMO	9
ABSTRACT	11
LISTA DE SIGLAS	12
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	13
PRÓLOGO	17
<i>NO ALINHAVO DA MEMÓRIA</i>	18
1. INTRODUÇÃO	28
1.1 <i>TESSITURAS METODOLÓGICAS</i>	30
1.2 <i>REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E GÊNERO: UM OLHAR PARA AS IMAGENS FEMININAS</i>	35
2. PRENDAS, BROTINHOS E MADAMES	41
2.1 <i>ENTRE OS PAPÉIS FEMININOS</i>	42
2.2 <i>AS MULHERES NO PÓS-GUERRA EM PORTO ALEGRE (1945-1961)</i>	52
3. MÃOS DE FADA E RAINHAS DO LAR: A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL FEMININA NO BRASIL	62
4. MULHERES PARA O LAR E PARA AS FÁBRICAS	79
4.1 <i>UMA ESCOLA TÉCNICA FEMININA EM PORTO ALEGRE</i>	83
5. AS MEMÓRIAS (ENTRE) LAÇADAS	105
5.1 <i>AS (PRIMEIRAS) MEMÓRIAS</i>	108
5.2 <i>AS (SEGUNDAS) MEMÓRIAS</i>	117
5.3 <i>AS (TERCEIRAS) MEMÓRIAS</i>	120
5.4 <i>AS (QUARTAS) MEMÓRIAS</i>	136
5.5 <i>AS (ÚLTIMAS) MEMÓRIAS</i>	142
6. ÚLTIMAS PALAVRAS	146
REFERÊNCIAS	150
ANEXOS	164
<i>ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</i>	165
<i>ANEXO II - ROTEIRO DA ENTREVISTA</i>	166
<i>ANEXO III - ENTREVISTA COM INGRID SCHULZE</i>	167
<i>ANEXO IV- ENTREVISTA COM RIA BREYER PUHL</i>	180
<i>ANEXO V - ENTREVISTA COM LYDIA ANNA GOBBATO KARL</i>	198
<i>ANEXO VI - ENTREVISTA COM ELISABETHA FILLMANN</i>	216



Prólogo

PRÓLOGO

E então, com cautela, muito femininamente, pôs-se a tirar as coisas uma por uma, pondo-as em cima do colchão: o vestido de merino, um leque com figuras douradas, embrulhado em papel de seda; velhas fitas roxas e azuis, passadas a ferro; uma pregadeira de cetim cor-de-rosa, com um coração bordado a matiz, dois frasquinhos de cheiro, intactos, tendo colados ao vidro raminhos de rosas de papel recortado; três pares de botinas embrulhadas em jornais; a roupa-branca, donde exalava um cheiro de madeira e de folhas de maçã camoesa. Entre duas camisas estava um maço de cartas atadas com um nastro... Nenhuma era dela!

Eça de Queiroz, In: *O Primo Basílio*.

O trabalho ora apresentado, cujos objetivos serão explicitados em pormenores no decorrer deste prefácio e introdução, vem a ser o resultado da convergência de diversas razões que contribuíram para a concretização de algo que surgiu como uma ideia pessoal e inicialmente vaga, que, por fim, resultou nesta dissertação de mestrado.

Por tratar, em um primeiro momento, de memórias pessoais, permito-me fazer uso da primeira pessoa, tomando a liberdade de referenciar algumas lembranças de fatos e narrativas, que por mim foram vivenciadas ou que me foram contadas, enunciando aqui, à guisa de prólogo, um momento autobiográfico, com o intuito de esclarecer certas escolhas que motivaram e conduziram esta pesquisa. Cabe dizer que, durante a construção deste estudo, fui, ao mesmo tempo, sujeito e objeto. Sujeito, à medida que investiguei, vasculhei e busquei saber sempre e mais; objeto, quando ouvi e registrei, sendo como um instrumento de recepção e transmissão das memórias de outros, um elemento por qual esse alguém se valeu ao transmitir suas lembranças (BOSI, 1987).

Ao longo da jornada, em busca de fontes que subsidiassem a história que pretendi aqui registrar, onde, através das falas de personagens que vivenciaram os fatos, na escuta atenta de suas lembranças, na procura por imagens que ilustrassem um passado, nas mil subjetividades contidas nas narrativas dos que rememoram, relembam, recordam e revivem o vivido, que, já distante no tempo, se organiza ao ser narrado no presente. Procuro, neste momento, como quem principia um trabalho de costura, alinhar o tecido da memória, com o cuidado que este trabalho não se

emaranhasse nos fios das muitas tramas e nos entremeios que existem entre as memórias e a histórias, pois a exata imagem do passado é efêmera e:

Só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido [...] articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele realmente foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Na fala dos que recordam, nas impressões pessoais dos que relatam, no efêmero das memórias evocadas, busquei apreender o “possível do acontecido”, ambicionando esboçar, ainda que em traços difusos e cores pálidas, uma história, que, sem a pretensão de essência ou de verdade absoluta, permitiram aproximar-me de vestígios sobre práticas, de hábitos e técnicas, de modos de ser e maneiras de fazer, bem como de valores e representações que se constituíram e legitimaram no decorrer do tempo, pois “nessa construção narrativa da identidade se tece em boa medida a experiência cotidiana” (ARFUCH, 2010, p. 80).

NO ALINHAVO DA MEMÓRIA

Desde a primeira infância, tive o privilégio de um convívio muito próximo com meus avós maternos. Meu avô, Rubens, foi desenhista e fotógrafo, havia lecionado a disciplina de *Desenho* no *Colégio Gonzaga*, em Pelotas/RS, e trabalhado como ilustrador para a *Revista do Globo*, em Porto Alegre, a convite de João Fahrion¹, de quem fora aluno no *Instituto de Belas Artes de Pelotas*². Percebendo minha sensibilidade precoce para as artes visuais, ele procurou desenvolvê-la, não só conduzindo minha mão nas primeiras garatujas infantis, com sua experiente mão de

¹João Fahrion (Porto Alegre, 1898-1970) foi um pintor, ilustrador, desenhista, gravador e professor do *Instituto de Belas Artes de Porto Alegre* de 1937 a 1970. Destacou-se como capista e ilustrador da *Editora Globo* de Porto Alegre (ROSA; PRESSER, 1997).

²No ano de 1927, foram inaugurados os cursos de *Desenho* e *Pintura*, sob a orientação de João Fahrion, no *Conservatório de Música de Pelotas*, tendo, sido alterado por esse motivo, o nome da instituição para *Instituto de Belas Artes de Pelotas*. Posteriormente, na ocasião do encerramento dos cursos de *Desenho* e *Pintura*, em 1937, a instituição voltou a ser denominada *Conservatório de Música*.

professor, mas introduzindo-me o gosto por outras formas de arte. Dele recebi as primeiras lições de desenho, que com seu conhecimento de professor exigente corrigiu meus traços infantis, bem como, paciente e generoso me contou muitas histórias, desde as fantasias da *Carochinha* (aquelas do *tempo em que os bichos falavam*, cheias de *moças vindas do mar*, *madrastas* e *mouras-tortas*) e, outras reais, sobre a sua própria vida, das lembranças de sua infância, do seu tempo de escola e de sua vida profissional, respondendo as minhas curiosidades de criança e inaugurando em mim um imenso gosto em ouvir narrativas.

Da família e das relações desse meu avô, a maioria descendentes de espanhóis, tive a ocasião de conviver, senão com as próprias, ao menos com a memória muito vívida de pessoas nascidas nos primeiros anos do século XX, várias delas ligadas também às artes *maiores* ou *menores*³ - desde o pintor Leopoldo Gotuzzo⁴, ou o fotógrafo Ildfonso Robles⁵, até a esposa deste, prima de meu avô, que possuiu um *atelier* de chapelaria, onde, além dos chapéus, confeccionava também flores artificiais e grinaldas, cujos utensílios e ferramentas para tal ofício, despertaram muito cedo minha curiosidade para elementos de um universo social praticamente extinto.

Devo também fazer referência, como um possível elemento influenciador em meu presente interesse, ao próprio cenário em que tais experiências foram vivenciadas por mim, no ambiente muito propício da cidade de Pelotas, a outrora

³Entende-se, por força de hábito, uma distinção entre as artes *maiores* (arquitetura, pintura, escultura) e as consideradas artes *menores* (todos os gêneros de artesanato e confecção de adornos, por exemplo: a ourivesaria, os esmaltes, tecidos, cerâmicas etc.).

⁴ Leopoldo Gotuzzo (Pelotas, 1887-Rio de Janeiro, 1983) foi um pintor de grande destaque no cenário nacional na primeira metade do séc. XX. Gotuzzo teve uma produção numerosa durante seu quase um século de vida, dividindo sua pintura em temas de retratos, nus, paisagens e naturezas-mortas. Após viver na Europa, radicou-se no Rio de Janeiro, obtendo diversas premiações em salões nacionais e, mesmo à distância, teve imensa contribuição para a pintura na cidade de Pelotas. Foi patrono da *Escola de Belas Artes de Pelotas* e doou um número significativo de obras de sua autoria para a instituição, lançando a ideia da criação de um museu de arte na cidade. O *Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo* (MALG) foi inaugurado posteriormente a sua morte, no ano de 1986 (SILVA; LORETO, 1996).

⁵ Ildfonso Robles, fotógrafo, tipógrafo e ilustrador espanhol, viveu em Pelotas, onde manteve, desde a década de 1920, um *atelier* fotográfico, o estúdio *Photo Robles*. Foi considerado no Rio Grande do Sul, um grande artista da fotografia, sendo o preferido da elite pelotense e conhecido por ser “o fotógrafo das misses”. Atuou também como ilustrador e capista da *Revista do Globo*.

chamada “Atenas Rio-Grandense” ou, ainda a “Princesa do Sul”⁶, que atrai a atenção pela cristalização de relíquias de um passado opulento, paradoxalmente preservadas pela decadência econômica acentuada, principalmente após os anos 1970, tornando-se assim um lócus privilegiado para estudos não só históricos, mas, principalmente, de representações e imaginários extremamente peculiares. Aliando-se minha imensa curiosidade pelo “que já foi” ao meu próprio ambiente de desenvolvimento, é possível pensar que:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma existência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória (BOSI, 1987, p. 73).

De minha avó materna, que se chamava Lili, recebi uma especial atenção, tendo dedicado muito de sua vida para cuidar e educar o primeiro neto, este autor. O universo de minha avó, no momento de minha infância, além das atividades da casa, girava entorno dos inúmeros trabalhos manuais que praticava como forma de ocupar seu tempo. Lembro de vasculhar os seus armários, onde encontrava antigos moldes de costura, folhas de papel de seda com riscos de bordados, as amostras de pontos que havia aprendido e alguns livros (métodos ou manuais) relacionados à confecção de trabalhos manuais. Recordo, em especial, do *Livro Brasileiro de Bordados Singer* que me despertava a atenção. A edição, de 1930, era um método instrutivo, organizado através de lições, para a aprendizagem de *bordado artístico à máquina*. O livro, ilustrado em *photogravuras*, me causava verdadeiro encanto, não somente pela beleza das imagens das amostras, mas, também, pelo curioso dos nomes dos bordados⁷ ali representados.

⁶ Sobre este tema, ver OSÓRIO, Fernando. *A cidade de Pelotas*. Porto Alegre: Editora Globo, 1962, e MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Editora da UFPEL - Livraria Mundial, 1993.

⁷ O livro, editado pelo Departamento de Educação da *Singer Sewing Machine Company*, dividia-se em cinco *Cursos Regulamentares*, compostos por um total de 125 lições. As lições descritivas e ilustradas visavam o ensino de variados bordados artísticos e diversos trabalhos de rendas, entre estes, citamos alguns, como o *Bordado à Ingleza*, *Bordado Battenberg*, *Encaixe de Bruxellas*, *Bordado de Smyrna*, *Encaixe de Cluny*, *Ponto de Hespanha*, *Renda Zambori*, *Bilros de Mirecourt*, *Bilros de Szepes*, *Encaixe de Veneza*, *Renda Rooniook*, *Crivos Mexicanos* etc.

Reproduzo, abaixo, à guisa de ilustração, uma página da introdução do livro, onde encontramos a imagem de uma figura feminina, sentada à máquina, em um ambiente doméstico, empenhada na execução de um trabalho de bordado. Acima da imagem, uma inscrição manuscrita, a dedicatória de uma prima (Josepha Santin Meirelles) para minha avó, oferecendo-lhe o livro como um presente.

Deste modo, introduzo, através destes excertos de minha própria trajetória, os *primeiros pontos* para este estudo, tomando como um dos muitos *fiões* que compuseram a tessitura deste trabalho, uma ideia proposta por Michelle Perrot (2005), que tratando de questões relativas à história e do universo feminino diz que, por força das circunstâncias “ao menos para as mulheres de outrora e para o que resta do passado das mulheres, é uma memória do privado”, pois é ao mundo dos objetos que as mulheres depositam suas memórias (p. 39).



Figura 1 - Livro Brasileiro de Bordados Singer (3ª Edição-1930)

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Minha avó, além do habitual tricô, também costurava, muito mais por diletantismo do que por real necessidade econômica ou profissional. Juntamente com sua irmã, minha tia-avó Rosa, e, por iniciativa desta, que sempre foi a verdadeira *virtuose* familiar nos trabalhos de agulha, dominando com maestria os mais diversos bordados, crochês e costuras, intentaram, como forma de complemento para a renda familiar, a confecção e o comércio de trabalhos feitos por elas, incumbindo minha bisavó das vendas, de porta em porta, de bichinhos de feltro e de almofadas de veludo, trabalhadas em *casas-de-abelha*, originalíssimas na época e, que foram, pelos idos dos anos 1960, objetos de decoração indefectíveis nos sofás das salas em Pelotas.

Na casa de minha avó, a velha máquina de costura *Singer* e suas pequenas gavetas formavam, para mim, um intrigante conjunto nos objetos ali guardados: os carretéis de linha, dedais, botões diversos, os pedaços amarelados e desbotados de rendas (*valencianas*, de *bilros*, *guipures*) e fitas diversas (seda, cetim, veludo, gorgurão, matizadas), o tradicional agulheiro de papel no formato de cesta de rosas, o ovo de cerzir e retalhos de vestidos confeccionados por ela no passado.

Despertou-me interesse este conjunto de miudezas, pois, aparentemente insignificantes, os “mil nadas”, reunidos ao acaso, formavam um pequeno mundo de memórias sobre o feminino, de seus saberes próprios, de suas práticas, seus usos e costumes. Um retalho de seda, sua cor, sua estampa, um botão de vidro solitário, eram fragmentos de objetos que somente existiam na lembrança, que faziam recordar o feitio do vestido a que pertenciam, confeccionado pela dona e usado em uma determinada data. Michelle Perrot, em seu livro *As Mulheres e os Silêncios da História*, nos diz que:

Uma mulher inscreve as circunstâncias de sua vida através dos vestidos que ela usa, seus amores na cor de uma echarpe ou na forma de um chapéu. Uma luva, um lenço, são para ela relíquias de que só ela conhece o valor. A monotonia dos anos se diferencia pela roupa que fixa também a representação dos acontecimentos que fazem seu coração bater: “Eu usava, naquele dia...” ela dirá (PERROT, 2005, p. 39).

Naquela época, já me despertava a curiosidade certas circunstâncias próprias da educação feminina e perguntava para minha avó sobre *como?*, *com quem?* e *onde?* havia aprendido a bordar, fazer crochê, tricotar e costurar. Explicou-me que aprendera inicialmente na escola⁸, onde eram iniciadas nos *Trabalhos Manuais*. As meninas aprendiam, antes de tudo, a alinhar, também faziam pequenas costuras à mão, cerziam meias, bordavam algum motivo pequeno e a bainha fina, quase invisível, de um lenço era a prova de habilidade, valendo nota no boletim.

Através dessas lembranças que me foram narradas, é possível constatar o quanto a aprendizagem de *labores*⁹, considerados próprios do feminino, e o domínio técnico e estético dos *trabalhos de agulha* eram valorizados socialmente. Pode-se perceber que o grau de dificuldades em relação às atividades desenvolvidas na disciplina de *Trabalhos Manuais* era progressivo em relação às séries escolares, demonstrando quanto o apuro técnico das habilidades femininas eram exigidos como representativos sociais de sua educação.

Em relação à costura, após a saída da escola, ao completar o curso ginásial, minha avó buscou, como um caminho natural para muitas moças da década de 1940 e 50, o aperfeiçoamento em cursos particulares, como os de *Corte e Costura* e o de *Bordado à Máquina*, promovidos pela *Escola Singer*¹⁰, estes com direito a solenidades de formatura, fotografias de turma e exposição pública de trabalhos confeccionados pelas alunas.

Além disso, para a posteridade, havia um álbum de amostras, devidamente encadernado e com o título *Meu Álbum de Bordados*, gravado em letras douradas na capa. Tal qual um álbum de retratos, o álbum de bordados cumpria a função de

⁸Nas narrativas de minha avó, eram recorrentes as lembranças de sua vida escolar na cidade de Johannesburg, na África do Sul, onde passou parte de sua infância. Na vinda para o Brasil, em 1937, foi aluna, juntamente com a irmã, até os 14 anos no internato do *Colégio Santa Margarida*, na cidade de Pelotas/RS.

⁹ Utilizamos a palavra *labor*, bem como o termo *labores femininos*, no sentido de designar as atividades manuais ou o conjunto destas atividades consideradas culturalmente relacionadas às mulheres (independente das finalidades pretendidas na execução, se por razões profissionais ou de lazer).

¹⁰A firma norte-americana *I.M. Singer & Co.*, fundada em 1851, dominou até 1940, o mercado de máquinas de costura no Brasil, tendo na marca alemã *Pfaff* sua maior concorrente (MALERONKA, 2007). A *Singer* mantinha também, junto as suas lojas ou pontos de venda de seus produtos, escolas que promoviam os cursos de *Corte e Costura* ou *Bordado à Máquina*.

registrar materialmente algo ocorrido num determinado tempo passado, neste caso, materializava-se na coleção de amostras do álbum, o processo de aprendizagem de um *saber fazer*. Através dessas lembranças, pode-se verificar a atribuição de importância que estes *saberes e práticas* possuíram em um determinado contexto social e cultural, tornados públicos, institucionalizados e revestidos de solenidade, em um autêntico ato de legitimação das *habilidades femininas* diante da sociedade.

Acredito que tais lembranças, que ora transcrevo, as *memórias herdadas*, aliadas a uma mudança para o estado de Santa Catarina, foram decisivas para a minha escolha de ingresso no curso superior de *Design de Moda*, onde, inclinei-me logo para as possibilidades da pesquisa¹¹ acadêmica. Tendo sido contemplado com uma bolsa de Iniciação Científica, desenvolvi, durante o período de dois anos, utilizando a metodologia da história oral, uma investigação dentro da área e das propostas do curso, buscando reunir elementos para uma história da moda regional e dos costumes locais, através de histórias de vida de mulheres, especificamente do período pós-Segunda Guerra Mundial. Acostumado ao convívio, desde a infância, com pessoas idosas, o contato com as entrevistadas se revelou fácil e produtivo. A pesquisa inseriu, naquele momento de minha formação, esta perspectiva de olhar sociológico e cultural, em uma análise crítica da história, do universo feminino e da moda, em seus usos e costumes como um objeto pertencente à própria história das mulheres.

Uma das ênfases da pesquisa realizada durante a graduação versou sobre o ensino e a aprendizagem das consideradas *artes do vestuário*¹², posto que a maioria das mulheres entrevistadas tivessem aprendido trabalhos manuais na infância e, posteriormente, vieram atuar em profissões ligadas à moda, como modistas, costureiras, bordadeiras, chapeleiras ou na confecção de flores artificiais. Os resultados obtidos, no âmbito da cidade de Blumenau/SC, e, o conhecimento prévio

¹¹ A pesquisa (*Re*) *Cortes, Costumes e Costura: um olhar feminino sobre a moda na Blumenau de meados do séc. XX* foi realizada a partir da concessão de bolsa de iniciação científica referente ao Artigo 170 do Estado de Santa Catarina.

¹² Utilizo o termo, *artes do vestuário*, a partir da nomenclatura utilizada para designar o conjunto de ofícios ensinados nas escolas técnicas secundárias no Brasil. As *artes do vestuário* compreendiam o ensino de corte e costura, chapéus, rendas e bordados, tecidos de malha, flores, alfaiataria, confecção de luvas, bolsas e sapatos (BRAGA, 1967; CUNHA, 2000).

do quanto este universo havia sido ativo e desenvolvido no Rio Grande do Sul, animaram-me a esboçar uma possível ideia de dissertação que tomasse meu estado de origem como um campo de pesquisa e de futura atuação profissional.

Durante o Bacharelado, tive o privilégio de realizar estágio em Porto Alegre/RS, no *atelier* do estilista gaúcho Rui Spohr, primeiro brasileiro a estudar na *Chambre Syndicale de la Couture Parisienne* e na *École Guerre-L'Avigne*, em Paris, tornando-se um dos grandes representantes brasileiros das tradições francesas em alta-costura, ao lado de outros nomes memoráveis, como Dener Pamplona de Abreu, Guilherme Guimarães e Clodovil Hernandez. No período do estágio, tive a oportunidade de exercitar novamente minha curiosidade, estabelecendo com Rui, um diálogo acerca de sua formação, trajetória e de suas memórias¹³.

Nas conversas estabelecidas, um tema recorrente versava acerca da história da moda, onde encontrei a possibilidade de fazer muitas perguntas acerca dos usos e costumes da moda, no Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1940 e 1960. Em uma dessas conversas, Rui me contou sobre seu retorno ao Brasil, após a estada em Paris, da abertura, em 1955, do seu *atelier* de chapéus em Porto Alegre e, contou-me, também, acerca da necessidade de, naquele momento, buscar uma auxiliar de chapelaria, uma moça com conhecimentos práticos de chapelaria e habilitada para trabalhar no seu *atelier* e que, para isso, havia recorrido a uma escola técnica feminina, muito conceituada, que existia em Porto Alegre na época.

Deste modo, através de um relato informal, do fato ali rememorado por Rui, tomei conhecimento da fundação, em 1946, e da importância, por quase três décadas, da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, que oferecia cursos técnicos e profissionalizantes, nas áreas das *Artes Industriais e Aplicadas*, como *Corte e Costura* e *Chapéus, Flores e Ornatos*, voltada unicamente para a clientela

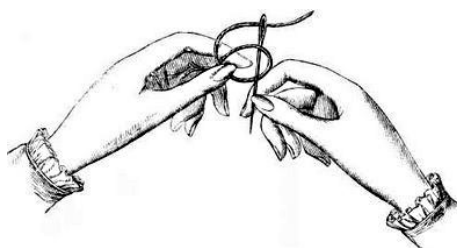
¹³ Rui Spohr, juntamente com Beatriz Viégas-Faria, escreveu em 1997, sua autobiografia intitulada *Memórias Alinhavadas*, editada pela Pallotti. Suas memórias acerca do universo da moda e do universo da sociedade gaúcha entre as décadas de 1950 e 1980, se configuram em uma interessante fonte histórica para o entendimento de hábitos e costumes do universo feminino no Rio Grande do Sul.

feminina, formada por moças com idade entre 12 e 17 anos em regimes escolares de semi-internato e internato.

Ao buscar os primeiros indícios sobre a instituição, deparei-me com o estudo das professoras Guacira Lopes Louro e Dagmar Meyer, intitulada “*A Escolarização do Doméstico: a construção de uma escola técnica feminina (1946-1970)*”, decorrente da pesquisa “*Onde a mulher aprende a ser uma dona de casa perfeita: Propostas de uma escola técnica feminina*”, onde as autoras enfocaram questões concernentes à escolarização dos saberes domésticos, precisamente na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, o que me motivou a pretender uma investigação maior sobre este universo tão singular da instituição.

Ao mesmo tempo em que tomava conhecimento de fragmentos esparsos da história da instituição, surgiram muitas indagações acerca das possíveis realidades das meninas, moças e mulheres, alunas do Ginásio Industrial e dos Curso Técnicos e das professoras que formavam e que constituíam-se neste espaço escolar, bem como, dos objetivos pretendidos, em uma educação simultaneamente doméstica, mas, ao mesmo tempo, possibilitadora de uma autonomia através do desempenho profissional em funções de modista, costureira, chapeleira, florista, entre outras.

Neste sentido, o resultado deste pequeno prólogo cumpriu em apresentar ao leitor, um recorte de minha própria história de vida, onde apresentei alguns *retalhos* de imagens, narrativas e memórias que, se não minhas originalmente, acabaram por fazer parte dos caminhos que me levaram a empreender este estudo, demonstrando, por assim dizer, que nenhuma escolha é simplesmente aleatória e a partir das *entrelinhas* das memórias se tece um pequeno quadro da história.





Introdução

1. INTRODUÇÃO

As escolas e os sistemas educacionais são, para alguns pesquisadores, uma valiosa fonte para a análise e a reflexão sobre as evidências históricas relativas às culturas em que se inseriam. Isso porque, ao mesmo tempo em que surgem novos paradigmas no campo da educação, estes, inevitavelmente, possuem uma íntima ligação com o percurso historiográfico das culturas e sociedades que propiciaram o seu desenvolvimento.

Conforme Gatti (2002), a riqueza e a pluralidade epistemológica da análise destes espaços de “produção de si” revelam-se como um poderoso método de compreensão da história da educação brasileira e, por conseguinte, de um recorte de elementos sociais e culturais de um dado período histórico. Para além do campo da história da educação, as tentativas de agregar subsídios de cunho teórico e metodológico sobre este tema, aportam em contribuições para os estudos do feminino e da história das mulheres.

Diante do anteriormente exposto, objetivou-se realizar uma investigação acerca dos processos de ensino e aprendizagem e da formação profissional feminina obtida através dos cursos que compunham o currículo da escola, focando o estudo nas primeiras décadas de atuação da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*. Tomou-se como questões norteadoras para o desenvolvimento do estudo, tópicos que pudessem elucidar aspectos sobre o ensino das *artes aplicadas*¹⁴, precisamente na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*¹⁵ (ETSED) e nos cursos industriais e técnicos ligados à formação de artífices em artes aplicadas à produção de vestuário e de adornos, relacionando através dos relatos das ex-alunas, dados elucidadores para um maior entendimento dos métodos utilizados e das técnicas aprendidas em suas formações, bem como, de outros elementos propiciados por

¹⁴ O termo *artes aplicadas* refere-se como um equivalente aos termos artes industriais ou artes e ofícios, contrapondo-se, em certa medida, as consideradas belas artes ou artes maiores. Entendemos como artes aplicadas, aquelas que contêm uma funcionalidade prática, como os adornos, o vestuário e os objetos e artefatos de função útil agregados a valores simbólicos de decoração e ornamentação.

¹⁵ Convencionou-se de utilizar, no trabalho, a sigla ETSED para designar a *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*.

este ensino de caráter técnico-profissionalizante no desenvolvimento de suas trajetórias profissionais após deixarem a escola.

A partir da obtenção de alguns dados iniciais acerca da instituição, delinear-se as seguintes interrogações, tomadas como problemas básicos para o estudo:

- 1) Quais técnicas e práticas formavam as disciplinas dos cursos ligados às artes aplicadas e as artes do vestuário?
- 2) Como se configurava a profissionalização feminina proposta pela escola? Qual o perfil profissional projetado para as alunas?
- 3) Quais as transformações que esse ensino foi capaz de proporcionar na vida e trajetórias profissionais das alunas egressas dos cursos em questão?

Como recorte temporal escolhido para esta investigação contemplou-se os primeiros quinze anos de funcionamento da escola, desde sua inauguração, em 1946 ao ano de 1961, data da promulgação das a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que vieram modificar os sistemas de ensino e as formas escolares da ETSED.

Permeando essas áreas de estudo, encontramos o universo dos *labores femininos*, ligados à produção de moda, como fio condutor imagético para uma investigação sobre representações sociais e das dimensões culturais subjacentes ao “aprendizado de um ofício”, ainda que no contexto sistemático e oficializado da instituição de ensino. Adicionalmente, buscou-se atentar para a compreensão das características curriculares do ensino técnico da escola, a partir das entrevistas realizadas com ex-alunas e/ou ex-professoras, dos materiais impressos de documentos oficiais e pessoais dos sujeitos.

Para além dessas questões, buscou-se contribuir não somente à história particular desta instituição, até então explorada pelo trabalho, anteriormente citado

de Louro e Meyer (1993) e de Ermel¹⁶ (2011), mas também ao preenchimento das lacunas existentes no campo da educação técnica brasileira e de seus respectivos impactos na cultura regional.

1.1 TESSITURAS METODOLÓGICAS

Buscou-se como caminho para a compreensão acerca do tema proposto, as narrativas¹⁷ de memórias de ex-alunas e ex-professoras da citada instituição, em especial, as que tivessem frequentado e/ou lecionado nos cursos ligados as artes do vestuário e ornatos, com o propósito de localizar elementos acerca de suas formações, suas memórias sobre a escola, as técnicas e ofícios ali ensinados e suas trajetórias profissionais após a formação na instituição.

Privilegiou-se como recurso para a investigação, a realização de entrevistas semi-estruturadas¹⁸, tendo como seu tema central as *memórias escolares*. Nesse sentido, a intenção foi de “estimular as pessoas estudadas a expressarem sua visão sobre o tipo de escolarização vivenciada, características da família de origem, e o impacto da formação em sua vida” (REGO, 2003, p. 75).

Nas questões que orientaram as entrevistas buscou-se compor, a partir das memórias das entrevistadas, uma narrativa biográfica, tendo a escolarização como um ponto de partida para a rememoração das experiências individuais das

¹⁶ A dissertação de Mestrado de Tatiane de Freitas Ermel, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS, analisou o espaço escolar e a arquitetura do prédio do *Colégio Elementar Fernando Gomes*, posteriormente denominado *Grupo Escolar Fernando Gomes*. O *Grupo Escolar Fernando Gomes* será transferido, em 1945, para que a *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles* ocupasse o prédio e iniciasse suas atividades em 1946.

¹⁷ As cinco entrevistas foram realizadas entre os meses de maio e outubro de 2011. As transcrições completas encontram-se em anexo final do trabalho.

¹⁸ O roteiro da entrevista constituiu-se em um guia, composto de questões-chave, delineado a partir de um esquema semi-estruturado, com o objetivo de ordenar os questionamentos pertinentes aos interesses da pesquisa. Partimos de certos questionamentos básicos, apoiados em uma reserva de conhecimentos sobre os temas enunciados, e que, na medida em que foram respondidos, ofereceram um campo de novas interrogativas e/ou novos temas que surgiram no decorrer dos diálogos. O roteiro da entrevista encontra-se no Anexo II.

entrevistadas concernentes à escola e suas experiências das práticas, técnicas e dos saberes próprios do ensino técnico, as relações com colegas e professoras/es, as vivências sociais e culturais proporcionadas pela instituição escolar, a formação após a conclusão do curso e posterior trajetória profissional. Deste modo, a fim de contextualizar o leitor, no quadro abaixo, apresentamos o grupo de entrevistadas e informações básicas acerca destas.

Quadro 1 – Dados sobre as entrevistadas

Nome	Data de nascimento	Idade	Curso que frequentou na ETSED
Ingrid Schulze	02/10/1941	70 anos	Curso Técnico em Artes Aplicadas
Ria Breyer Puhl	01/12/1940	71 anos	Curso Industrial de Corte e Costura -Curso Técnico em Artes Aplicadas
Lydia Anna Gobbato Karl	08/06/1929	82 anos	Curso Técnico em Artes Aplicadas
Elisabetha von Endt Fillman	26/03/1934	77 anos	Curso Industrial de Corte e Costura - Curso Técnico em Artes Aplicadas
Claudette Pereira de Almeida	10/12/1937	74 anos	Curso Industrial de Corte e Costura – Curso Técnico em Artes Aplicadas

Bruner (1997) sugere o exame de narrativas como uma ferramenta expressiva para a compreensão dos processos individuais a partir do coletivo e dos significados culturais vivenciados e construídos pelo sujeito, emergindo em seu discurso as marcas das experiências da trajetória, os traços históricos e culturais interiorizados pelo narrador sobre um determinado momento vivido. Sobre a narrativa, o autor nos diz:

Não podemos acompanhar as pessoas ao longo de toda sua vida, observando-as ou interrogando-as a cada passo do caminho. [...]

Refiro-me simplesmente a um relato do que se pensa que se fez, em que cenário, de que modo, por que razão. Ela será inevitavelmente uma narrativa. [...] sua forma será tão reveladora quanto sua substância (BRUNER *apud* REGO, 2003, p. 79).

Ao pensarmos sobre as memórias das ex-alunas e ex-professoras da ETSED, encontramos em Perrot (2005), o aporte imprescindível para o delineamento das ideias que conduziram este o estudo. Quando a autora nos diz que: “a memória das mulheres é verbo” (p. 40), e se, no passado, as mulheres foram mantidas na invisibilidade e na submissão dos espaços privados e domésticos, não podemos dizer que foram, contudo, mantidas em absoluto silêncio, mas apenas não foram ouvidas pelos homens que escreveram a história.

Podemos considerar, portanto, a metodologia da história oral como um instrumento primordial para a produção de uma própria história das mulheres, pois, torna-se possível escrever sobre “aquelas que não escrevem”, materializando suas vozes em escritos. Para a escrita da história, as histórias de vida das mulheres contribuem com seus testemunhos sobre a consituição dos espaços domésticos, dos cenários da vida privada e de si mesmas.

O discurso feminino contribui com o a narrativa histórica e, através de suas falas, os fatos revestem-se de matizes mais vivos, de minúcias imprescindíveis, dos detalhes singulares percebidos desde o ângulo particular da condição própria da mulher, fazendo ver o “não-visto” pelo olhar masculino, nomeando os “não-ditos” e fazendo lembrar os esquecidos. A voz feminina tem se firmado como uma inegável fonte para a arqueologia de sua própria existência, dos seus usos, costumes e lugares.

A partir das lembranças de mulheres é possível compor cenários nítidos, não somente promovendo retoques com cores vivas aos *tableaux vivants*¹⁹ dos feitos heróicos masculinos, mas, ao mesmo tempo, compor, presentemente, quadros minuciosos e, muito próximos de suas aparências reais quando existiram, como, por exemplo, descrevendo: o aspecto interno das casas, as especificidades de

¹⁹ Quadros-vivos; produção cênica representada por atores, onde através de poses estáticas e expressivas sugerem estátuas ou pinturas de temática histórica, heróica ou alegórica.

determinados ofícios, as memórias sobre os ritos e dos hábitos cotidianos, das peculiaridades das tradições folclóricas. Deste modo, as narrativas da memória feminina contribuem para a existência de museus de costumes e trajes, ecomuseus e de exposições que objetivem demonstrar, através de uma reconstituição histórica, por exemplo, as atividades de costura e o interior de um *atelier* de modista no século XIX (PERROT, 2007, p. 35).

Sobre as narrativas femininas, de acordo com Rocha-Coutinho (1994), os adjetivos culturalmente atribuídos a mulher (fragilidade, sensibilidade, temperamento dócil) permitem traçar um “todo coerente”, que, por sua vez, contribui para que se instaure uma narrativa linear. Entendemos a subjetividades do ser feminino como “uma construção discursiva que transcende as particularidades dos indivíduos e dos grupos restritos para inseri-los em um projeto globalizante e totalizador, em consonância com os anseios e mitos de uma sociedade em um tempo determinado”. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 49).

Louro (1990, p. 22) aponta os movimentos das chamadas *história cultural*, *história das mentalidades*, *história da vida privada* e *história das mulheres* como elementos que propiciaram a revalorização das fontes não escritas. Perrot (2005, p. 40) atribui ao desenvolvimento recente da história oral, uma *revanche* para as mulheres e suas memórias. Caldin (2006) ao tratar das narrativas femininas diz:

Vindas de camadas sociais diferentes, ocupando funções sociais diversas, as mulheres se configuraram como narradoras por excelência, valendo-se da voz com meio de transmissão da fala falada: os rituais narrativos garantiam a perpetuação de velhos contos. Nas *veillées*²⁰, nos encontros noturnos para troca de fofocas, notícias e histórias, as mulheres exerciam seus poderes da fala (CALDIN, 2006, p. 286).

Seja em âmbito urbano ou rural, as mulheres sempre foram grandes colaboradoras nas ocasiões em que se contavam histórias. Para Davis (2001, p.

²⁰ Serões; reuniões noturnas femininas para a execução de trabalhos de fiação, tecelagem, confecção de rendas ou bordados onde costumam contar histórias, cantar temas de suas regiões e narrar lendas e contos próprios de suas regiões e culturas.

131) “nos serões, elas são tão importantes como os homens, a mulher que fia e fornece receitas e conselhos”. Acerca do tema das narrativas femininas, a autora diz:

As mulheres são mostradas transformando qualquer reunião em ocasião para trocar histórias; no moinho, no riacho onde se lava roupa, na fonte, na padaria, na casa de banhos, nos fundos das igrejas e entorno da cama de uma mãe que acaba de dar à luz. Elas também contavam a história da família para seus filhos e, quando letradas, podiam até escrever uma história familiar (DAVIS, 2001, p. 132).

As mulheres, por séculos, estiveram ocupadas fiando e tecendo; em suas tapeçarias contavam, entre linhas, lendas e acontecimentos, narrando através da trama dos fios e de suas vozes outras versões para a história. As ocupações femininas, há muito, já não se resumem mais em, somente, tecer e fiar como no passado, mas, as mulheres continuam, de certa maneira, tecendo através de suas narrativas as tramas de muitas histórias.

Ao refazermos o percurso de suas trajetórias, trazendo à superfície as lembranças de suas vivências escolares e profissionais; a memória se presentifica no discurso, naquilo que cada uma interiorizou para si, naquilo que selecionou e que lhe contém significado. Faz-se necessário esclarecer, desde aqui, que os temas abordados neste estudo tangem, em certa medida, a um variado campo de conhecimentos. Não objetivamos, entretanto, adentrar em todos os aspectos subjetivos que possam emergir no decorrer do estudo e no exame das narrativas, mas, procuramos, em certa medida, “dar conta”, ainda que em breves notas, daqueles temas que nos pareceram relevantes e fossem concernentes aos objetivos deste trabalho.

Desde as perspectivas propostas pela história cultural (BURKE, 2005; CHARTIER; 1990; PESAVENTO, 2003) buscamos conjugar nossas questões, juntamente aos temas da história da educação e da história das mulheres. Pretendeu-se, a partir das lembranças das entrevistadas, que nomeamos de *memórias entrelaçadas*, o estabelecimento de um diálogo, buscando, através das visões pessoais sobre o passado, um maior conhecimento no presente sobre aspectos históricos da educação técnica e profissionalizante feminina no Rio Grande

do Sul, pois, esta história, ainda, guarda muitos silêncios e devem ser estas, as consideradas *zonas de sombras* da história da educação e de seus atores educativos que, continuamente, devem ser buscadas pelos pesquisadores (NÓVOA, 1995).

1.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E GÊNERO: UM OLHAR PARA AS IMAGENS FEMININAS

Buscamos estabelecer uma ligação entre as teorias das representações sociais e as relações de gênero como um aporte teórico-metodológico para esta pesquisa. Nas últimas décadas, o conceito de representação social tem sido utilizado com grande frequência em estudos de diferentes áreas de conhecimento. A representação social conforme Moscovici (*apud* PAIVA, 1999, p. 5):

é um conceito heurístico, reflexo do conceito durkheimiano de representação coletiva, que se revelou frutuoso para identificar, descrever e articular aqueles "sistemas de valores, idéias e práticas" que permitem as pessoas "orientar-se em seu mundo material e social, controlá-lo e comunicar-se umas com as outras através de um código de denominação e de classificação dos vários aspectos desse mundo e de sua história individual e grupal"

As representações sociais não serão universais nem mesmo fixas. Serão sempre temporárias, efêmeras, inconstantes e variam, conforme o lugar/tempo onde estes corpos circulam, vivem, se expressam, se produzem e são produzidos (GOELLNER, 2003, p. 23). Uma das dimensões conceituais que a representação social nos traz é a possibilidade de destinar-se a revelar as imagens femininas e sobre o feminino, desde sua constituição nos espaços públicos e privados, dos binômios estabelecidos entre o feminino e o masculino e, por conseguinte, da construções de identidades culturais, dos sistemas simbólicos de valores, das condições sociais e comportamentos dominantes (BOURDIEU, 1989).

A partir de um olhar crítico, compreende-se que as imagens femininas, historicamente e culturalmente, se adaptaram aos papéis sociais que lhes foram tributados, a partir das representações sociais provenientes do sistema patriarcal (SAFIOTTI, 2004).

Do mesmo modo, são inúmeros os estudos que verificam os papéis assumidos por instituições (igreja, família, escola) no que tange à normatização da doutrina masculina ante o papel do feminino. Conforme apontam Ferreira *et al.* (2008), existem disparidades no que diz respeito à produção científica entre homens e mulheres, sendo estas em proporção relativamente inferior àqueles. Em relação ao tema central de nosso estudo, o ensino técnico e profissionalizante feminino passou a ter, durante sua existência, o objetivo, ao mesmo tempo, subjetivo de tornar a mulher independente e, por meio de uma educação utilitária e com finalidades práticas, atraí-la para as ocupações domésticas e do cuidado da família e, ainda, se necessário fosse, aumentar a capacidade técnica das mulheres, servindo de mão-de-obra para o trabalho nas pequenas indústrias.

Sobre a participação feminina no mercado de trabalho, Rocha-Coutinho (1994) afirma que tampouco o trabalho passou a ser visto como fonte de realização da mulher seja esta pessoal ou profissional. Porém, é interessante observar que não há consenso que justifique tal, o que se torna uma questão absolutamente adequada aos estudos do gênero.

Assim, é possível compreender uma espécie de *background* cultural, ou ainda, conforme aponta Judith Butler, em sua obra *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, uma forma de “gênero culturalmente construído” (BUTLER, 2003). Para a autora, que fortemente se embasa nas reflexões foucaultianas, a subversão do gênero feminino à ordem da natureza dos sexos constitui uma forma de legitimação da dominação masculina, ao mesmo tempo, em que delineia os espaços e funções sociais da mulher.

A instituição escolar, tomada como construção social e, atravessada por questões de caráter político, ideológico e cultural, pode ser um instrumento de

organização da percepção social vigente (BOURDIEU, 2007). Neste sentido, a consideração e reflexão crítica desses marcos teóricos pareceu imprescindível no contexto do presente estudo. No que tange à escolarização feminina, Ferreira e colaboradores afirmam:

A intensificação da escolarização feminina na década de 1930 pode ser interpretada como um fenômeno interdependente com a mudança no sistema de gênero naquele período, a qual, por sua vez, se inscrevia no processo de modernização em curso (...) o fato de que a alteração de hábitos e costumes familiares, associada à urbanização e à emergência de um novo estilo de vida burguesa, promoveu resultados amplos e inesperados (FERREIRA *et al.*, 2008, p. 44).

Conforme pontua Reis (1993), “a emergência das mulheres e de outras personagens invisíveis nas reconstruções historiográficas (...) parecem apontar a uma necessária rediscussão das divisões disciplinares do conhecimento” (p. 14). Percebe-se que a temática das relações de gênero influenciou, de inúmeras maneiras, a constituição dos espaços organizados de ensino no Brasil, sendo, deste modo, um aporte de análise pertinente e adequado aos objetivos deste estudo.

A educação das mulheres, não tendo se constituído a partir de um movimento social feminino autônomo, esteve submetida, por séculos, ao poder político e aos discursos de dominação masculina que lhes definiam as práticas e objetivos, permitindo, através de seu processo histórico, fornecer indícios sobre os papéis sociais que o Estado reservava às mulheres e como estas reagiam a essas expectativas.

Assim, ao mesmo tempo em que a instituição escolar objetivava colaborar com o progresso da civilização, trazia consigo uma responsabilidade sexista de construção dos sujeitos homens e mulheres, através de tecnologias de gênero. Estas tecnologias são um construto formado por mecanismos e estratégias discursivas que, ao produzirem efeitos nos corpos, comportamentos e relações sociais, inserem os indivíduos nas redes de poder, produzindo feminilidades e masculinidades (DE LAURETIS, 1994).

Os pressupostos da dominação androcêntrica foram absorvidos pelas mulheres de modo sutil, através de sua educação. As prescrições sobre seus modos de ser e viver, ocupacionais e estudantis estavam, em última instância, sob o domínio de um campo e a serviço de uma incessante prática de desigualdade para com a mulher. Como sabemos, a ordem social funciona como um mecanismo simbólico, tendendo a legitimar a dominação masculina, na qual se fundou a divisão social do trabalho, na distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seus espaços, momentos e de instrumentos e artefatos adequados a cada gênero.

Enquanto o homem, historicamente, assumiu publicamente postos de trabalho e qualificou-se em Medicina, Direito e as Engenharias, às mulheres eram tributadas as tarefas domésticas, às artes menores ou aplicadas e o estreito espaço do lar como seu lócus profissional. Revelar estas práticas, dando a voz feminina seu lugar nas lacunas da história e lançando luz ao banal, nos permitiu, através do entrelaçamento das “representações de gênero” por em evidência conhecimentos relevantes para o processamento do passado das mulheres e das concepções dos espaços escolares femininos e dos discursos que promoveram a existência de uma educação idealizada para a mulher.

Deste modo, a partir dos temas introduzidos, no primeiro capítulo buscou-se compor um quadro histórico acerca do universo feminino da mulher brasileira, através de recortes de imagens e discursos sobre a representação social das mulheres na primeira metade do século XX e, em especial, do universo feminino na cidade de Porto Alegre, no contexto histórico pós-Segunda Guerra Mundial.

No segundo capítulo, apresentamos uma contextualização histórica sobre a educação feminina no Brasil e do surgimento de um sistema público de ensino técnico e profissionalizante voltado para o público feminino, bem como dos discursos acerca da necessidade de uma educação doméstica e profissional para as mulheres.

No terceiro capítulo deste estudo, adentramos no contexto histórico da criação da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles* (ETSED) e de sua

consolidação, na sua primeira década de funcionamento, como um estabelecimento conceituado no âmbito do ensino técnico e profissional feminino na cidade de Porto Alegre.

No quarto e último capítulo, apresentamos as narrativas das ex-alunas e/ou ex-professoras da instituição, que *entrelaçadas*, nos possibilitaram compreender, através de sua análise, aspectos sociais e culturais de suas trajetórias escolares e profissionais, como também contribuíram para um maior entendimento acerca da história da escola técnica profissional feminina e do sistema de ensino técnico adotado na instituição.



Prendas,
brotinhos e
madames



2. PRENDAS, BROTINHOS E MADAMES

Neste capítulo, a fim de contextualizar o leitor, apresentamos um breve panorama histórico do universo feminino na cidade de Porto Alegre, RS. Através de um *mosaico*, formado por meio de recortes de imagens, de fragmentos de discursos sobre a feminilidade e de memórias sobre lugares, hábitos e costumes femininos, buscamos compor, através da consulta a impressos da época (revistas de variedades e suas seções femininas), as representações do cotidiano urbano da mulher e dos papéis sociais que estas ocupavam no âmbito histórico do surgimento da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, em 1946.

No período do segundo pós-guerra, encontramos na arte publicitária uma fonte de referências históricas para a inscrição do feminino no espaço urbano. A publicidade, produzida em um dado período temporal e direcionada a um determinado grupo social, carrega consigo uma força semântica e estética, enunciando, por meio das suas imagens e em seus discursos, o *ethos*, o *habitus* e a *hexis* das sociedades. Portanto, por meio de recortes do passado e de um processo de justaposição de imagens, se constitui uma *bricolagem* do mundo social e de suas representações, possibilitando ao pesquisador, dar forma e figura aos agrupamentos e práticas sociais em uma determinada época (BOURDIEU, 1983; MAFFESOLI, 1995).

Traçar um panorama acerca da atuação histórica feminina, em especial, da presença das mulheres nos cenários públicos e na vida urbana, não resulta, contudo, em tarefa fácil. Deste modo, cabe inicialmente assinalar o silêncio que encontramos na busca por uma bibliografia que atendesse nossas interrogações sobre o tema e, em especial, acerca da memória social urbana sobre a(s) identidade(s) das mulheres e representações do feminino no contexto sociocultural de Porto Alegre.

A respeito deste tema, Michelle Perrot (2005, p. 29) diz que “a dificuldade da história das mulheres deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto

públicos quanto privados”. Certamente as fontes existem, cabe ao pesquisador buscar seus indícios e encontrá-las, seja na penumbra dos arquivos ou nas memórias de quem vivenciou o período.

Contudo, acerca das imagens da mulher e do lugar que o universo feminino ocupa na historiografia, Perrot afirma que a tradicional narrativa histórica lhes dá “pouco espaço, justamente na medida em que privilegia a cena pública, a política, a guerra, onde elas aparecem pouco” (2005, p. 33). Para a autora, os cenários urbanos, a partir do século XIX, constituem-se em espaços sexuados, divididos entre duas esferas: o mundo público (masculino) e o privado (feminino), formando espaços, tempos e memórias próprias e profundamente sexuadas para cada esfera (PERROT, 2005, p. 43)

2.1 ENTRE OS PAPÉIS FEMININOS...

No período pós Segunda Guerra, iniciou-se um processo de intensas transformações nas sociedades ocidentais, no que tange aos papéis sociais femininos, mudanças estas que trouxeram reflexos para a sociedade brasileira. As guerras e as situações propiciadas pelas revoluções constituem-se em grandes brechas para as mulheres diante dos sistemas de poder e de dominação estabelecidos.

As rupturas provocadas pelas contínuas mudanças sociais, acontecidas entre os séculos XIX e XX, permitem à “mulher sair do círculo estreito traçado à sua volta”. Mantidas confinadas, disciplinadas, protegidas e silenciadas, as mulheres encontram “passagens secretas” ou “portas abertas” para o espaço público na insurgência dos acontecimentos históricos. As estruturas sociais que por séculos permaneceram seguras em suas próprias razões, sedimentadas nos princípios androcêntricos e patriarcais se abalam diante à evasão feminina dos ambientes privados, íntimos e domésticos para as ruas da cidade (PERROT, 2005; 2007). Em relação ao panorama da sociedade brasileira, Maluf e Mott (2008) dizem:

As mudanças no comportamento feminino, ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século (XX), incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas [...] afinal, era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas “de boa família”, que se aventuravam sozinhas pelas ruas para abastecer a casa ou para tudo que se fizesse necessário. Dada a ênfase com que os contemporâneos interpretaram tais mudanças, parecia ter soado um alarme (p. 368).

Pode-se dizer que o “dever-ser” do feminino brasileiro esteve circunscrito a um vigoroso discurso ideológico, permeados por ideias educacionais anacrônicas, entre projetos conservadores e reformistas e na “cristalização” de um *ethos* feminino, dos papéis indissociáveis de “mãe, esposa, dona-de-casa e educadora”.

A figura feminina, ao fim do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX, inseriu-se na cidade moderna como um ornamento, tal qual um adereço estético da cena pública. Assim, a invenção do *bello sexo* tornou-se especialmente útil às emergentes reformas urbanas (LIPOVETSKY, 2000). Escravizadas e disciplinadas ao *dernier cri* da moda, que dirigia suas aparências, suas roupas e manipulava seus gestos, as mulheres da elite tornaram-se protagonistas da vida pública nos salões, teatros, nos grandes magazines do comércio elegante ou nas confeitarias *chics*. Desta forma, muito mais que as personalidades femininas, serão suas roupas um tema digno de discussões públicas, por parte de escritores e cronistas, através dos registros literários das crônicas da vida mundana do *fin-de-siècle* ou na efervescente sociabilidade urbana do século XX (PERROT, 2005; LIPOVETSKY, 2008).

Para as mulheres de classes populares e operárias, cujas funções domésticas ou relacionadas ao trabalho eram desempenhadas no exterior, estavam reservados os espaços públicos das feiras, mercados, o pátio das fábricas e os bailes proletários. Das figuras femininas pertencentes ao povo, suas histórias somente foram registradas quando se reuniam, vociferando e protestando contra algo que lhes ameaçasse o pão de cada dia, quando perturbaram, em greves e passeatas, a ordem pública da cidade (PERROT, 2005).

No Brasil, os últimos anos do Império foram momentos marcados por significativas mudanças econômicas, sociais e políticas, que contribuíram para a instauração do regime republicano. A proclamação da República, em 1889, propiciou o desenvolvimento de um novo período histórico no âmbito da sociedade brasileira. Nas primeiras décadas do século XX, novos estilos de vida e de comportamentos, eram exigidos pelas transformações que aconteciam em todos os setores da sociedade (CARVALHO, 1998). De acordo com Pedro (2006, p. 291):

A Proclamação da República pode ser vista como o momento a partir do qual os novos modelos femininos passaram a ser reforçados. Esse período promoveu intensas transformações e remanejamento nas elites que vinham se configurando no decorrer do século XIX. Muitas das imagens idealizadas das mulheres sofreram mudanças e intensificações por conta das transformações que se operaram com a proclamação da República.

No Rio Grande do Sul, com a instauração e consolidação do regime republicano, as ideias de Augusto Comte e da doutrina positivista foram fortemente difundidas entre a elite política e intelectual. Os discursos do positivismo foram absorvidos pelo governo sul-rio-grandense, consolidando a organização da sociedade por meio de uma mentalidade moralizante e conservadora, inspirados na norma pragmática de “conservar melhorando” e que, por meio deste discurso, se alcançaria a desejada “ordem” e “progresso” (ISMÉRIO, 1995, p. 10).

No contexto sul-rio-grandense, é possível dizer que as ideias conservadoras do positivismo prevaleceram sobre o universo feminino, diferentemente do ideário liberal que se estabelecia no cenário nacional. Para a doutrina positivista, o “papel sublime da mulher era ser mãe”, guardiã da moral e dos costumes, seguindo os modelos de “rainha do lar” e “anjo tutelar”, responsáveis pela condução digna da família e pela construção dos “homens de amanhã” através da educação dos filhos (ISMÉRIO, 1995; PEDRO, 1997).

Deste modo, podemos também pensar em uma influência desta doutrina na educação feminina e nos papéis sociais da mulher. Para a manutenção da ordem e a garantia do progresso das instituições, era indispensável fazer da mulher “a deusa do lar, progenitora do homem, seu anjo da guarda, amiga natural, mãe, esposa e

filha; aquela que joga sua vida pela que nos dá”, conforme os propósitos do pensador positivista Agostinho Raymundo Gomes de Castro (1921, *apud* ISMÉRIO, 1995, p.15).

A importação das ideias positivistas se manifestou, na educação feminina, através da imposição de valores e condutas próprias, restringindo a atuação das mulheres aos espaços domésticos e privados. Para o ideário positivista, a mulher deveria ser “filha obediente, esposa dedicada, mãe exemplar e, quando pobre, trabalhadora virtuosa” (PEDRO, 1997, p. 299). De acordo com a autora, o ideário da doutrina positivista preconizava “ao homem, o trabalho e o sustento financeiro da casa; à mulher, respeitar ao pai e ao marido, cuidar da educação dos filhos e do lar”.

Para Bastos (2010), em análise realizada sobre a obra *A Educação da Mulher*, escrita pelo Major José de Assis Brasil, em 1912, na emergência da primeira década do século XX, os *intelectuais* da época, ainda divulgam ideias produzidas pelas mentalidade do século XIX. De acordo com a autora, no período republicano, quando se estabelecem leis para a obrigatoriedade de ensino para ambos os sexos, em escolas e grupos escolares, a obra de José de Assis Brasil, ainda recomenda às famílias de classes sociais abastadas que a educação feminina aconteça no espaço doméstico (BASTOS, 2010).

Deste modo, pode ser articulada a ideia de que o trabalho feminino e, por conseguinte, a atuação profissional da mulher no espaço público, somente era socialmente aceitável quando havia a necessidade da mulher, casada, complementar a renda familiar; evitando, assim, a “miséria: mãe de todos os vícios”. Além disso, também era aceitável o trabalho feminino, quando na circunstância de viúvas e solteiras, onde o exercício de uma profissão (desde que condizente com a natureza da mulher) fosse indispensável no sustento próprio e da família, e para que não incorressem em atividades “indignas e desonestas”.

O discurso sobre a vocação natural “educadora” da mulher foi amplamente difundido pela elite intelectual e política da época, considerando que a “nobre missão” era ensinar e educar a criança para servir dignamente a vida e a pátria. A atribuição de características próprias às mulheres, como “naturalmente” dóceis,

sensíveis, intuitivas, pacientes e minuciosas e a aproximação da psicologia feminina da infantil promovia uma inclinação nata da mulher para o ensino de crianças (LOURO, 1987; 1997).

Até os finais do século XIX e primeiras décadas do XX, as mulheres trabalhavam exclusivamente dentro do lar, como educadoras dos filhos e familiares, nos cuidados com as crianças, idosos e enfermos, na manutenção da ordem doméstica ou no preparo e confecção de bens para o consumo da casa e da família. Um provérbio corrente no século XIX preconizava a idéia de educação para as moças ao dizer que: “Uma mulher já é bastante instruída, quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isto seria um perigo para o lar” (EXPILLY, 1935, p. 42).

Submetido aos papéis que as convenções sociais designavam às mulheres, o universo feminino era cerceado por limites e tinha seus espaços restritos. A atuação pública das mulheres resumia-se às expressões de fé, nos atos de devoção (missas, novenas e procissões), no cumprimento das práticas de caridade cristã (visitar os enfermos, assistir aos pobres e desvalidos) e nas reuniões de ligas beneficentes. Além disso, havia a função feminina relacionada à “boa anfitriã”, que exhibia, nos salões íntimos e familiares, além de sua *toilette*, as virtudes estéticas, para a demonstração dos resultados da “fina educação”, através de seus dotes artísticos e musicais.

Para as moças das classes menos favorecidas, as ocupações profissionais toleráveis eram limitadas às funções de professoras, enfermeiras ou criadas domésticas (ROCHA-COUTINHO, 1994). Acerca da educação feminina e da ascensão da mulher no magistério, destacamos um excerto da obra de Júlia Lopes de Almeida, o *Livro das Donas e Donzellas*:

Mas não tivesse ella capacidade para a lucta e ainda as portas das academias não se lhe teriam aberto, nem teria conseguido leccionar em collegios superiores. A esses logares de responsabilidade ninguém vae por phantasia nem chega sem sacrificios e coragem. Apezar da antipathia do homem pela mulher intellectual, que elle agride e ridicularisa, a brasileira de hoje, procura enriquecer a sua intelligencia frequentando cursos que lhe illustrem o espirito e lhe

proporcionem um escudo para a vida, tão sujeita a mutabilidades (ALMEIDA, 1906, p.36).²¹

Sobre o papel da mulher e sua atuação profissional, justificava-se, no caso das mulheres, quando estivesse relacionada às classes econômicas e sociais que pertenciam:

Se uma mulher brasileira, (se há exceções? há decerto!) cae de uma **posição ornamental** em outra humilde, é de rosto descoberto que ella procura trabalho; então vae ser costureira, mestra, typographa, telegraphista, aia, qualquer coisa, conforme a educação recebida ou o ambiente em que vive...(ALMEIDA, 1906, p.36).

A “sala de visita” das casas burguesas ou os salões das mansões da elite representaram uma espécie de “antecâmara” entre o ambiente doméstico e o espaço público, constituindo-se em palco para o desempenho de ações e representações femininas. A respeito deste espaço, encontramos um interessante excerto que transcrevemos abaixo, retirado da obra intitulada *A Sciencia no Lar Moderno*²², onde, a autora, professora da *Escola Profissional Feminina de São Paulo*, exorta acerca da organização e economia doméstica, higiene, culinária e questões de civilidade para uma “educação fina” da mulher:

Eis, minhas senhoras, o nosso ponto de concentração: é aqui que devemos procurar, na simplicidade e modéstia, ornal-a de pequenos attractivos; é nesta sala, onde passamos entretidas, onde se formam e começam todas as palestras, da mais chã a mais erudita. A leitora que se vae casar ou já se casou, pensa em tornar a sua casa um ninho ideal de felicidades e bem estar, imaginando a existência do seu lar como consequência do amor, das sinceras alegrias, impressões e surpresas causadas pelo seu espírito, resume nesta sala o empenho de realizar o seu ideal. Procura o seu papel de boa dona de casa, proporcionando às pessoas presentes, de sua intimidade, mostrar uma novidade, um conto interessante, um

²¹ Mantivemos no excerto a grafia original.

²² O título completo da obra é *A Sciencia no Lar Moderno - Correcta e Aumengtada - Nova colleção de receitas de doces, iguarias, petiscos e tudo o que diz respeito à arte culinária, já conhecida pela pratica da autora, D. Eulalia Vaz, Professora da Escola Profissional de São Paulo - Livro util e necessario ás boas donas de casas - Quarta Edição - 1912*. Observamos uma interessante nota, manuscrita na folha de rosto da edição, que diz “Somente a autora pôde vender em sua residência”, além da inscrição de uma abreviatura na capa, “V.J.M.J”, que quer dizer “Viva Jesus, Maria e José”, denotando o caráter cristão da autora.

desenho ou pintura feita por si, uma costura em que procura esmerar-se²³ (VAZ, 1912, p. 15)

A autora ainda recomenda às leitoras uma grande atenção aos pormenores dos arranjos domésticos e na organização do lar, reafirmando a posição submissa da mulher e da fragilidade feminina perante o sexo masculino, dizendo: “Em tudo precisamos agradecer. O **nosso fraco sexo** (grifo nosso) precisa ter todos os predicados, infelizmente, digo, porque a maior parte dos homens vive mal por causa da desordem na casa” (VAZ, 1912, p. 4).

Além das censuras impostas pela sociedade masculina, as mulheres deveriam acostumar-se, desde a infância, com a severa vigilância da mãe, das preceptoras, avós ou tias, por conseguinte, quando forem mães, serão por sua vez carcereiras de suas filhas. Acerca das representações sociais femininas, encontramos na revista *Íris*, em 1905, uma curiosa descrição sobre as fases da vida da mulher, onde dizia:

Aos doze anos, a mulher é a crisálida que espera a luz do amor para tornar-se em dourada borboleta; aos catorze, é um hino de harpa eólia; aos quinze, é um astro em torno do qual rodopiam a graça, a harmonia e o amor; aos dezesseis, é uma estátua de Madona que procura um coração de homem para dele fazer o seu altar... E será preciso encontrá-lo com urgência, pois, aos vinte e dois, será “uma lágrima da noite banhando um túmulo de virgem”, ou melhor, uma solteirona! (REVISTA ÍRIS, 1905).

Ademais, a mulher distinta, na sociedade brasileira do início do século XX, “jamais sai de casa sozinha, seja para as compras, seja para o cinema; a companhia do marido, de um irmão, uma senhora idosa ou um filho é indispensável” (NOSSO SÉCULO, 1980, p.112). Assim, o acesso ao universo urbano, o livre trânsito nas ruas, os passeios, as idas aos teatros e bailes, somente eram lícitos às mulheres em determinadas ocasiões e, assim mesmo, exigindo, costumeiramente, a companhia “responsável” do homem.

Deste modo, as mulheres eram educadas para que cumprissem os papéis de esposa e mãe. As moças que, porventura, ficassem solteiras ou ainda que tivessem

²³ Mantivemos no excerto a grafia original.

avançado a idade hábil para o matrimônio, permaneciam atreladas aos espaços domésticos e sob a proteção familiar. Nesta situação, conforme a revista *Íris*, a mulher é “aos 34 anos, um berço de embalar crianças; aos 39, o purgatório das sobrinhas; e, aos 40 anos, é a *Cartilha do Padre Ignácio*²⁴ (1905, p. 31).

A educação das meninas, futuras pretendentes a um *bom casamento*, compreendia um conjunto de saberes (*prendas e labores*), tais como o ensino de francês, os trabalhos de agulhas e as lições de piano, considerados itens “indispensáveis” para a formação estética feminina.

Desta necessidade de ensinar cada moça "a ter uma prenda", resultava que toda moça devia aprender a tocar piano. Quase todas as moças estudavam por imposição. E quase todas, quando casavam, traziam o piano como parte do mobiliário da casa. As que aprendiam só para mostrar que eram "prestimosas", deixavam a música no primeiro mês de gravidez e o piano era vendido para “auxiliar o parto”. As que tocavam por gosto continuavam no meio das vicissitudes, por toda a vida. As que não se casavam e tocavam bem, faziam-se professoras de piano... (AMERICANO, 1957, p. 34).

Através das mudanças nos papéis sociais e da emergência dos discursos emancipatórios feministas, durante os períodos de intensa industrialização, aliado ao êxodo rural e aos processos de migrações impostos pelas guerras, as mulheres transpunham os limites restritos dos lar.

Conforme anteriormente destacado, as mulheres passaram a compor o cenário urbano, movimentando-se pelos grandes centros, ocupando espaços públicos e dominando determinados recintos, tornando-os próprios do feminino (feiras, igrejas, lojas, salões de chá). Do mesmo modo, dirigiram-se às fábricas e, lentamente, foram ocupando espaços anteriormente dominados apenas pelos homens.

²⁴ De acordo com Bastos (2005, p.24): a *Cartilha de Padre Inácio* é de autoria do Padre Inácio Martins, noviço português admitido na Companhia de Jesus, em 1547. Doutor em Teologia pela Universidade de Évora e falecido em Coimbra, em 1598. A cartilha destinava-se ao ensino do latim e constava de algumas adições à Doutrina Cristã (1561) do padre Marcos Jorge, também jesuíta. O padre Inácio tinha, por costume, subir aos palcos, onde se representavam comédias e autos, expulsando os atores e proclamando a doutrina. Seu nome ficou perpetuado popularmente pelos atos de fanatismo audacioso e pela tradição cômica de sua cartilha. Ainda hoje se diz para caracterizar a ignorância retrógrada de qualquer pessoa, que aprendeu pela *Cartilha do Padre Inácio*.

As mulheres saíram, viajaram e migraram, atraídas pelas oportunidades de trabalho nas grandes cidades. Empregaram-se como operárias em indústrias têxteis (as fiações e tecelagens foram um grande nicho de trabalho urbano feminino) ou como criadas, governantas ou cozinheiras nas casas de famílias, servindo a dona-de-casa burguesa ou a *madame* aristocrática.

Um fato relevante para a história social das mulheres no Rio Grande do Sul foi sua ascensão, a partir de meados do século XX, a uma categoria profissional pública: o professorado primário. Ainda que o objetivo oficial da Escola Normal fosse à formação masculina para o exercício profissional no magistério público, grande parte das vagas da instituição foram ocupadas por meninas, órfãs, egressas do *Colégio Santa Teresa*²⁵.

Com a criação da Escola Normal²⁶, a posição de professora primária tornou-se uma aspiração digna para as moças que pertenciam às classes médias e populares. Este processo de inserção das mulheres, através de uma formação para a atuação profissional no campo educacional e a predominância feminina sobre os espaços escolares, anteriormente masculino, configurou-se em um processo denominado de “feminização do magistério” (WERLE *et al.*, 2001; WERLE, 2005).

De acordo com a autora, a Escola Normal estabeleceu-se, “pelo menos para parte de sua clientela, como uma porta para a integração na sociedade de mulheres”, que, deste modo, a partir do exercício profissional do magistério, passavam a ocupar um maior espaço público.

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, descortinou-se um leque de possibilidades de ascensão às mulheres no espaço público. As necessidades urgentes da indústria, aliada à mobilização masculina para os campos de batalha,

²⁵ O *Colégio Santa Teresa*, fundado em Porto Alegre em 1861, pelo padre Joaquim Cacique de Barros, era uma instituição para recolhimento, sustento e educação de meninas desvalidas, mantido por beneméritos e pela caridade pública. (WERLE *et al.*, 2005).

²⁶ Sobre o tema da criação da Escola Normal em Porto Alegre, ver LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1987.

propiciaram a entrada expressiva das mulheres em setores e atividades que antes lhes eram coibidas.

Durante o período entre guerras, as mulheres vão galgando, não sem embates e censuras, novas posições na sociedade moderna. Estabelecem-se novos modos e modas, condizentes com o comportamento liberal dos *années folles*, a partir da década de 1920. A intensificação da vida social feminina já permitia que elas andassem sozinhas nas ruas, indo às compras, fazendo o *footing* pelas calçadas elegantes das grandes avenidas e *boulevards*, frequentando os teatros, cinemas e no cumprimento de deveres sociais próprios, como os chás beneficentes, visitas aos familiares e amigas (AZEVEDO; FERREIRA, 2006).

Os cabelos, antes longos, sempre presos e ondulados e frisados à ferro e fogo, surgem curtos, *à la garçonne*, a palidez da pele, sinal de distinção e pureza, já ganhavam cores, olhos debruados de negro, *rouge*, *baton* e pó-de-arroz colorem o rosto da mulher moderna, que já usa *maillot* e expõe seu corpo ao sol. As saias curtas e os vestidos decotados, deixam joelhos, ombros e braços desnudos, muito diferente das camadas de saias longas e blusas fechadas até o pescoço da mulher do início do século. Para Azevedo e Ferreira:

A *iaiá do sobrado*, que nas palavras de Gilberto Freyre²⁷ era “um ser artificial, mórbido, uma doente, deformada no corpo para ser a serva do homem e a boneca de carne do marido”, se transmutou na mulher moderna, que surgiu após a 1ª Guerra Mundial em busca de estudo e trabalho, freqüentando cinemas, teatros, parques e praticando esportes. Conduzidas à esfera pública, as mulheres se tornaram consumidoras, assumiram profissões antes vedadas para elas, e passaram a lutar pelos direitos jurídicos e civis (2006, p. 218).

Para uma grande parte da população feminina, se as guerras traziam lutos, também trouxeram um aceno de liberdade. O crescimento urbano aliado ao desenvolvimento industrial no Brasil, a partir da década de 1930, ampliaram as possibilidades de participação das mulheres para além das “fronteiras do lar”. Com a industrialização crescente, de acordo com Rocha-Coutinho (1994) “as mulheres solteiras começaram a preencher funções no comércio, como vendedoras e nos

²⁷ In: FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 14º ed. Revista, São Paulo, Global, 2003.

escritórios, como secretárias, além de continuarem a expandir suas participações nos setores do ensino e nas fábricas” (p. 94).

2.2 AS MULHERES NO PÓS-GUERRA EM PORTO ALEGRE (1945-1961)

Em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, grandes mudanças econômicas, sociais e culturais deflagram-se, decorrentes, em parte, da herança trágica deixada pela guerra. Em tempos de guerra, os homens encontravam-se nas frentes de batalha e as mulheres na retaguarda. Na ausência masculina, as mulheres romperam as barreiras do privado e do doméstico, assumindo tarefas e cargos que antes lhes eram proibidos e invadiram espaços que antes não ocupavam (PERROT, 1997). Entretanto, não haveria ainda uma subversão total de papéis entre homens e mulheres.

Ao buscarmos os “lugares de memória” e as mulheres como “sujeitos de memória” em Porto Alegre, encontramos na obra de Monteiro (2006), os indícios e os registros sobre a atuação pública feminina na memória social urbana. Monteiro (2006), analisando os textos literários de Aquiles Porto Alegre²⁸ e Nilo Ruschel, observou a presença da figura feminina enquanto um tema recorrente nas crônicas literárias dos citados autores, fazendo especial menção para as descrições das mulheres como “tipos populares”, pertencentes às classes mais humildes e trabalhadoras e no exercício as funções de quitandeiras, lavadeiras e vendedoras ambulantes, componentes da cartografia urbana e que permaneceram na memória coletiva (2006, p. 219).

²⁸ Aquiles José Gomes Porto Alegre (Rio Grande, 29 de março de 1848/Porto Alegre, 21 de março de 1926) foi um escritor, jornalista, funcionário público e educador brasileiro. Em Porto Alegre estudou no *Colégio Gomes* e na *Escola Militar*. Irmão de Apelles e Apolinário Porto-Alegre, fundou com eles a *Sociedade Pártenon Literário* e, com o irmão Apolinário, fundou o *Colégio Porto Alegre*. Fundou e dirigiu o *Jornal do Comércio* (1884) e foi sócio fundador do *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* e da *Academia Rio-Grandense de Letras*. Escreveu diversas obras, entre elas, citamos: *História Popular de Porto Alegre*, *Homens ilustres do Rio Grande do Sul* e *Vultos e fatos do Rio Grande do Sul*, entre outras.

Monteiro chama a atenção para o exercício do magistério e para as professoras como lugares e sujeitos de memória na obra de Aquiles Porto Alegre. As mulheres da elite local, nas crônicas de Aquiles Porto Alegre, quando rememoradas, surgem através da memória de seus elevados espíritos religiosos e de suas obras de caridade e benemerência. De acordo com Monteiro (2006, p. 222), Aquiles Porto Alegre ao escrever acerca das mulheres, objetivava conscientemente criar esse lugar de memória, pois “pretendia arrancar do esquecimento, essas e outras criaturas que dormem esquecidas na paz dos túmulos”.

Entretanto, as mulheres da “ordem comum”, as donas-de-casa, a classe estudantil feminina, as operárias e comerciárias, enquanto “sujeitos de memória” e, também, suas profissões, ações e ocupações, os hábitos e costumes do feminino, como “lugares de memória”, receberam pouca atenção dentro do cenário da historicidade urbana de Porto Alegre, e, nesse sentido, concordamos que “no teatro da memória, as mulheres ainda são uma leve sombra” (PERROT, 2005, p. 33).

De acordo com Monteiro (2006), a cidade de Porto Alegre encontrava-se em avançado desenvolvimento social e econômico, contando com uma população de 350 mil habitantes e, também com índices positivos relacionados aos setores da indústria, educação, saúde pública etc.

Porto Alegre também passava por um processo de urbanização. Sob a intendência do prefeito José Loureiro da Silva²⁹, grandes obras arquitetônicas surgem na paisagem urbana da capital. Para Monteiro (2006) as administrações municipais de Otávio Rocha (1924-1928), Alberto Bins (1928-1937) e de Loureiro da Silva (1937-1943) promoveram grandes reformas urbanas, em um processo de transformação acelerada da paisagem da cidade, assim “Porto Alegre deixou de ser uma cidade provinciana, isolada no extremo Sul do Brasil, para tornar-se uma metrópole moderna” (2006, p. 39). Para o autor, o estado do Rio Grande do Sul, no

²⁹ Durante sua gestão, foi responsável pela implantação do sistema de energia elétrica, pelo alargamento e calçamento de ruas e avenidas e pelo projeto urbanístico atual do centro da cidade de Porto Alegre. Sobre este tema, recomendamos ver BAKOS, Margaret. *Porto Alegre e Seus Eternos Intendentes*. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 1996.

contexto da 2ª Guerra Mundial, foi favorecido nos setores industriais e agrícolas, além da expansão das vias aéreas, rodoviárias e ferroviárias.

Quando a guerra termina, os homens voltam para casa, é o momento do “repouso do guerreiro” e, por conseguinte, também, o retorno da mulher ao lar. As guerras não serão um instrumento definitivo para a emancipação feminina, muito ao contrário disso, quando estas terminam, devolvem aos sexos seus respectivos lugares e reafirmam socialmente os papéis tradicionais e as representações mais conservadoras de cada um.

Desse modo, no período do pós-guerra, profundas transformações ocorrem nas sociedades ocidentais, e, em especial, no que tange aos papéis sociais femininos. Essas mudanças, todavia, também repercutem em reflexos na sociedade brasileira. Ao fim da guerra, surge a necessidade de fazer com que as mulheres européias e norte-americanas (que estiveram substituindo os homens nos setores de trabalho) voltassem aos lares, com o intuito de que se ocupassem das funções associadas a “natureza feminina”. Deste modo, conforme explica Rocha-Coutinho “propagou-se exaustivamente a imagem estereotipada da boa mãe no lar, bem como se acentuaram as infelicidades e problemas de que são vítimas as crianças abandonadas pela mãe que trabalha fora de casa” (1994, p. 95).

O Brasil do pós-guerra encontra-se em um período de crescente ascensão. O país, otimista desde os tempos da política de “boa-vizinhança”, vivenciou uma notável expansão urbana, experimentando mudanças de ordem social e cultural. Ademais, aliados aos processos de industrialização, os setores da educação e do trabalho para homens e mulheres foram favorecidos.

Além das transformações decorrentes da Segunda Guerra, as modas e hábitos dos norte-americanos e europeus rapidamente eram transmitidas através das telas do cinema, sendo absorvidas pelas mais diversas classes sociais. Conforme pontua Pesavento, no âmbito da modernização da cidade “o cinema se constitui num dos pontos de reunião mais elegantes da sociedade porto-alegrense” (1999, p.123). Na década de 1940, Porto Alegre contava com muitas salas de

cinema, onde as *fitas* americanas ocupavam a maioria das telas nos estabelecimentos como *Cine Imperial, Baltimore, Apollo, Central, Vera Cruz, Carlos Gomes*, entre outros (SILVEIRA NETO, 2001).

O cinema norte-americano difundia as imagens das atrizes sofisticadamente vestidas e ambientadas em cenários fascinantes, causando encanto e inspirando às mulheres gaúchas. Os ideais de beleza eram proporcionados a partir dos rostos das atrizes de *Hollywood* e a indústria da beleza permitia que, através da invenção de novos cosméticos e de produtos de maquiagem, fosse possível que moças de Porto Alegre se parecessem com as “máscaras fatais” de atrizes como Joan Crawford, Veronica Lake e Dorothy Lamour ou, ainda, com os rostos ingênuos e as belezas açucaradas de Deanna Durbin e Libertad Lamarque, que, vestidas entre mil rendas e babados de organdi, levavam as lágrimas as meninas da época.



Figura 2 - Publicidade dirigida ao público feminino
Fonte: Revista A Cigarra (1945) e O Cruzeiro (1938)

O batom ultrapassava os limites dos lábios e os velhos padrões morais eram ultrapassados com grande rapidez. Na pauta das leituras femininas da época, as revistas de variedades, fartamente ilustradas, como *O Cruzeiro, Grande Hotel, Fon Fon, Jornal das Moças, Vida Doméstica* e *Revista do Globo* e, também a popular

coleção de romances, denominada *Biblioteca das Moças*³⁰, com um gênero de literatura dedicado ao público feminino. As publicações femininas (revistas ou seções específicas dentro de impressos) foram responsáveis pela disseminação de ideais de conduta e de aparência, conformando atitudes estéticas para o público feminino (como portar-se, vestir-se, relacionar-se, etc).



Figura 3 - Mulheres³¹ na capa da *Revista do Globo*, década de 1940.

Fonte: Guimaraens (2010).

As revistas direcionadas ao público feminino ou com *seções para a mulher* configuram-se em uma valiosa fonte para a escrita da história e, em especial, como um importante registro dos papéis sociais de homens e mulheres, dos modelos sociais e práticas culturais circunscritos em uma determinada época. Castro (2004) e Bastos (2002), no tocante à imprensa, afirmam que estas veiculam “perspectivas do real” que convergem e se constituem em saberes com *status* de verdade em um dado contexto.

Maria Alice Pinto Guimarães, analisando as representações da mulher e de sua educação através da revista *Modas e Bordados - Vida Doméstica*, concluiu acerca do caráter educacional que as publicações e seções femininas de impressos traziam, uma vez que postulavam a uma “feminilidade que se aprende”, transmitindo às mulheres noções sobre a “cultura do espírito e física”, e preocupavam-se em

³⁰ Sobre a coleção *Biblioteca das Moças*, ver a obra de CUNHA, Maria Teresa Santos, *Armadilhas da Sedução: Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntico, 1999.

³¹ Da esquerda para direita, Neusa Goulart (Brizola), Maria Della Costa e Edith Wolf.

“formar para a sensibilidade e a educação do gosto feminino” (GUIMARÃES, 2008, p. 84).

Dessa maneira, a existência de páginas femininas em periódicos diversos, como jornais e revistas, transmitiam “os saberes que porventura se pensava que as mulheres necessitavam” (GUIMARÃES, 2008, p. 15). No Rio Grande do Sul, destacamos o “quinzenário ilustrado de interesse geral”, a *Revista do Globo*, publicado entre 1929 e 1967, como um recurso valioso para as pesquisas no campo da história. As publicidades e anúncios presentes nas páginas da *Revista do Globo*, voltados para as mulheres, evidenciam hábitos de consumo e interesses próprios do universo feminino na época.

Ao folharmos um número da *Revista do Globo*, do dia 20 de novembro 1948, na sucessão de algumas poucas páginas, encontramos diversos anúncios direcionados para as mulheres, tais como: *Leite de Colonia*, *Cilion*, *Batom Colgate*, *Pó de Arroz Air Spun Coty* e do *Cold Cream Pond's*, todos com a promessa embelezadora através de um “*maquillage perfeito*”. Além da publicidade dos elegantes estabelecimentos de moda da cidade, como a *Casa Lyra*, a *Joalheria Ibañez*, a grande luvaria *Casa Cecilia Louro* e os chapéus da *Casa Coelho*, todas casas de comércio situadas na Rua dos Andradas (a *Rua da Praia*), considerada, então, a passarela social da cidade, espaço para o *footing* e o *flirt* das moças e rapazes da época.



Figura 4 - Publicidade de casas de moda, Porto Alegre (1930-1940)

Fonte: Guimaraens (2010)

Ainda nas páginas da *Revista do Globo*, outros produtos eram anunciados, para o embelezamento e a comodidade do lar, como os Faqueiros e Talheres da marca *Wolff*, os enxovais para noivas da *Fábrica Nelly*, as lãs de bordar da *Cia.Rheingantz* e “o melhor presente de Natal para senhoras... uma *ELNA*, a máquina de costura elétrica e portátil ideal” (REVISTA DO GLOBO, 1948).



Figura 5 - Cenas do footing na Rua da Praia, década de 1940

Fonte: Guimaraens (2010)

Para as exigências da moda, a revista recomendava, para “o máximo de *chic* nos vestidos leves, o uso do maravilhoso *Linho Irlandês*”, as meias de *nylon* da marca *Rhod*, eram outro item imprescindível para o vestuário feminino da época. A *Revista do Globo* trazia ao conhecimento das leitoras os últimos lançamentos da moda parisiense, em uma coluna intitulada *Mensagens de Paris*, assinada por Lucien François, com reportagens em textos descritivos das tendências, dos tecidos e cores em voga e ricamente ilustradas por fotografias de modelos vestindo criações de Nina Ricci, Madame Grès, Elsa Schiaparelli, Jacques Fath, Pierre Balmain, Christian Dior e Balenciaga.

Em 1949, a *Revista do Globo* anunciava novos lançamentos de sua coleção *A Mulher e o Lar*, publicação voltada para a divulgação das prendas domésticas e trabalhos manuais, trazendo explicações, em “receitas minuciosas”, de novos modelos de tricôs, crochê, motivos para bordados, figurinos de moda e para a

confeção de artigos para o lar. É possível pensar que esta coleção e a atenção dada, em especial, aos temas de interesse do público feminino, tinham por objetivo estabelecer concorrência com outras publicações do gênero, consumidas pelas mulheres gaúchas, em sua maioria de origem estrangeira, como as revistas argentinas *Gran Album Labores*, *Vosotras*, *Rosalinda* e *Para Tí*³².

As “últimas criações da moda parisiense” eram oferecidas na revista *Tricots de Paris*, uma publicação mensal da *Revista do Globo*, anunciada como uma série de “álbuns franceses em língua portuguesa, para a elegância e bom gosto da mulher brasileira”. O primeiro número da revista trazia o subtítulo *O Enxoval do Bebê* e 40 modelos que “são um verdadeiro encantamento, pela originalidade da concepção e pela beleza dos pontos”.



Figura 6 - Publicidade e capa de *Tricots de Paris*, (1946)

Fonte: Acervo pessoal

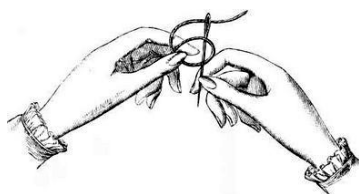
³² Através de convênio promovido pela CAPES/PUCRS/UNLP, o autor realizou, durante o período de mestrado, intercâmbio como bolsista junto a *Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación da Universidad Nacional de La Plata* (Argentina). No período de intercâmbio realizei pesquisas na hemeroteca da *Biblioteca Nacional de Maestros* e na *Asociación Biblioteca de Mujeres*, onde tomei contato com um vasto acervo de publicações e periódicos para o público feminino e com objetivos de educação intelectual, cultural, estética e artística da mulher. Estas publicações (*Vosotras*, *Para Tí*, *Rosalinda*, *La Mujer* y *El Hogar*) constituíram-se em uma valiosa fonte de referência para o meu entendimento sobre os processos educacionais voltados para o público feminino na Argentina, durante o século XX. Deste modo, por tratar-se de uma publicação regional, tomei como referência para compor este capítulo, a *Revista do Globo*.

A partir das imagens acima, podemos refletir, estabelecendo uma concisa relação entre as figuras da mulher tricotando e do bebê que ilustra a capa do primeiro número de *Tricots de Paris*, apontando para uma representação acerca das “vocações naturalmente femininas”, reafirmando as posições sociais designadas as mulheres e seu desempenho nos papéis de esposa e mãe e de sua dedicação a vida doméstica. Bassanezi (2006, p. 610) nos dirá:

Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar. E o casamento, porta de entrada para a realização feminina, era tido como o objetivo de vida de todas as jovens solteiras.

A partir do exposto, é possível pensar que a educação feminina, neste período, passou a ser influenciada pelas grandes mudanças que incidiram sobre as mulheres, vindo a reafirmar a importância do estabelecimento e da divulgação dos valores do ensino doméstico e prático, que permitisse um bom desempenho nos papéis de mãe e esposa. As escolas femininas e, em especial, as que ofertavam o ensino de caráter técnico e doméstico, cumpriam claramente com a função de qualificar meninas e moças para que exercessem com mestria algumas profissões que não obrigassem a sua saída do recesso de seus lares.

Neste sentido, o que pretendemos neste capítulo, foi compor, através destes recortes, um breve panorama ilustrativo do espaços e das imagens femininas no cenário urbano de Porto Alegre, no âmbito histórico do surgimento de nosso objeto de investigação, a *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*.



**Mãos de fada e Rainhas
do lar: a Educação
Profissional Feminina
no Brasil**



3. MÃOS DE FADA E RAINHAS DO LAR: A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL FEMININA NO BRASIL

A fim de contextualizar o leitor, esboçamos uma breve linha histórica acerca da educação técnica e profissional feminina no Brasil com o intuito de nos aproximarmos, ainda que de maneira sintética, de fatos e elementos que propiciaram e constituíram o surgimento de um sistema em particular para a formação feminina.

O surgimento da educação feminina no país e seu processo de consolidação, bem como sua afirmação em uma modalidade de ensino específica, com instituições próprias, com suas práticas, propósitos e discursos terá seu princípio, a partir da aprovação da primeira Lei sobre a Instrução Pública de 1827, que instituiu o ensino público no país.

É possível considerar essa lei como um marco inicial para o futuro estabelecimento de uma educação técnica e profissionalizante para a mulher, ao incluir no conteúdo escolar, o ensino obrigatório das disciplinas de *Desenho*, para meninos, e, para meninas, “as prendas que servem à economia doméstica”, com o ensino de noções elementares de costura, bordados e trabalhos de agulha em geral. Para Bastos e Garcia (1999), mais tarde, para compor o conjunto de saberes próprios da educação feminina, serão acrescentados outros conhecimentos, como culinária, manutenção das roupas, higiene e limpeza do lar.

Como um importante elemento para o ensino feminino e a aprendizagem de labores manuais, não devemos desconsiderar a existência dos *Recolhimentos*, casas religiosas que desde o século XVIII abrigavam meninas e moças tendo como objetivo a educação feminina.

Estas instituições não se configuravam em conventos, mas poderiam existir como construções anexas a estes, sem que fosse obrigatória a tomada do hábito religioso ou a dedicação a vida monástica por parte das educandas “recolhidas”, porém possuíam normas e regras semelhantes aos conventos femininos e se

encontravam submetidos ao poder da Igreja Católica³³. A crescente necessidade de mão de obra nestas primeiras décadas do século XIX, juntamente com o surgimento de leis que organizavam a educação pública, acabaram propiciando o aparecimento de sociedades beneficentes, civis e religiosas, que tinham por objetivo amparar órfãos e desvalidos, abrigando crianças e jovens e oferecendo o ensino de artes e ofícios. De acordo com Rizzini (2004, p. 26):

As primeiras instituições voltadas para a educação de órfãos datam do século XVIII e foram instaladas em várias cidades brasileiras por religiosos (irmandades, ordens e iniciativas pessoais de membros do clero). As práticas religiosas e o restrito contato com o mundo exterior eram características fundamentais dos colégios para meninos órfãos e dos recolhimentos femininos, sendo que, no segundo caso, a clausura era imposta com mais rigor.

As meninas órfãs e desvalidas contavam com a proteção dos *Recolhimentos*, que, através deste ato de caridade, protegendo e ministrando uma educação de caráter profissionalizante cumpriam sua finalidade social e moralizante, afastando da miséria as órfãs desassistidas, proporcionando-lhes através do ensino de ofícios úteis e condizentes com sua natureza feminina, a regeneração social e a possibilidade do exercício de profissões proveitosas com a qual pudessem prover seu sustento, não incorrendo em vícios ou na miséria.

Nos *Recolhimentos*, as meninas e moças, obtinham uma educação voltada para os afazeres do lar, aprendendo um grande número de trabalhos de agulha, sendo famosos o *Recolhimentos de Nossa Senhora da Glória* (1750), em Olinda, e o *Recolhimento de Macaúbas* (1720), em Minas Gerais, pelos labores artísticos de bordados, confecção de rendas e de variados adornos que eram ensinados para as meninas e produzidos pelas recolhidas para a manutenção das instituições (ALGRANTI, 1993).

No decorrer do período colonial, as oportunidades de educação e os processos de formação da mulher estiveram relegados aos ambientes doméstico e privados, onde a menina/moça recebia a instrução necessária para atuar

³³ Sobre este tema, ver ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e Devotas: mulheres da colônia*. Brasília: José Olympio/EdunB, 1993.

satisfatoriamente nos papéis sociais a elas determinados, como um meio de afirmação das expectativas em torno de seus papéis como futuras esposas, mães e donas-de-casa (FANINI, 2008).

De acordo com Rosendahl (2010, p. 18), este tratamento imposto as mulheres e sua instrução advêm:

a tradição lusa, que sofrera grande influência da cultura islâmica, a mulher casada deveria ser mantida reclusa dentro das paredes do lar. Tal ideal luso foi transferido para a colônia como tantos outros comportamentos. A mulher enclausurada era apresentada como modelo de virtude cristã.

Ivan Manoel (1996), em obra intitulada *Igreja e Educação Feminina (1859-1919): Uma Face do Conservadorismo*, nos diz que os pesquisadores que abordaram a temática do ensino feminino são unânimes em afirmar que a educação escolarizada para as mulheres não era uma preocupação da sociedade patriarcal brasileira até meados do século XIX.

O autor assinala a chegada da Família Real portuguesa no país, em 1808, a abertura dos portos, o ainda incipiente processo de urbanização e o estabelecimento de uma sociedade burguesa moderna como elementos redefinidores em relação à educação feminina. Dentro dessa espécie de claustro doméstico, que tanto poderia ser o recesso do lar paterno, os ambientes conventuais, os recolhimentos, as escolas religiosas ou mesmo um estabelecimento de ensino laico, a educação feminina compreendia um amplo espectro de afazeres, tais como: costurar, bordar, cozinhar e outros saberes, em sua maior parte concernentes as atividades designadas a suas funções de esposas e mães, os chamados *misteres da casa*.

Conforme pontua Freitas, Nascimento e Nascimento (2002), as instituições de ensino voltadas para a clientela feminina, no século XIX, mostravam-se preocupadas em oferecer conteúdos curriculares diferenciados, além do ensino habitual a todas as escolas: ler, escrever, contar e a doutrina cristã. No entanto, assinalam ainda que, para as meninas, além do conteúdo tradicionalmente incluído na educação feminina, de caráter prático e moral, previa-se uma educação de cunho exclusivamente

estético através do ensino de bordados e costuras, aulas de francês, etiqueta, dança, canto, piano e toda a sorte de labores manuais, tais como: pinturas a óleo sobre seda e espelhos; aquarelas; desenhos a *crayon*; bordados a ouro, cetim e lã e a manufatura de flores artificiais (FREITAS, NASCIMENTO E NASCIMENTO, 2002).

O papel social feminino se constituía através dessa educação “rebuscada”, plena de exercícios e práticas educativas de matriz eminentemente estética, no exímio domínio das prendas domésticas e dos labores manuais; as meninas e moças eram preparadas para que seu campo de atuação fosse restrito ao lar e, principalmente, para que fossem o esteio moral da família (SAVIANI, 2006). Este conjunto de saberes especificamente tidos como femininos, considerados “a mais fina educação”, viriam formar parte do dote para o casamento, garantindo a perfeita harmonia doméstica, como a fórmula infalível de prender o homem ao lar, tornando-o aprazível e de formar os filhos para que fossem os *homens do futuro*. Para Bourdieu (2007, p. 119), acerca da atuação feminina no cenário doméstico, as mulheres foram:

Levadas a tratar a si próprias como objetos estéticos e, por conseguinte, a dedicar uma atenção constante a tudo que se refere à beleza, à elegância [...] Elas tem naturalmente a seu cargo, na divisão do trabalho doméstico, tudo que se refere à estética e, mais amplamente, à gestão da imagem pública e das aparências sociais dos membros da unidade doméstica, dos filhos, obviamente, mas também do esposo.

Bastos (2002) assinala, em estudo sobre o *Jornal das Famílias (1863-1878)*³⁴, a existência de uma literatura especialmente voltada para o público-leitor feminino, com seções específicas em seus impressos, abordando as modas e a manufatura de labores femininos e *obras de gosto*, com anexos e textos explicativos dos moldes, dos figurinos, dos trabalhos manuais de crochê, tricô, bordados, tapeçarias e pintura. Esse gênero de publicação viria a reafirmar a posição doméstica a que a mulher se encontrava inserida e, exortava as mesmas, para que se ocupassem na execução de trabalhos manuais, como podemos verificar em um excerto do número de Janeiro de 1872, do *Jornal das Famílias*:

³⁴ Periódico brasileiro, dirigido ao público feminino, editado por Baptiste Louis Garnier, no período de 1863 a 1878.

Comprai a lã, molhai-a para que não encolha como já vos expliquei e fazei vós mesmas as meias que tiverdes de usar no inverno. Se não sabeis fazer, compre na casa do Sr. Garnier o precioso livro, indispensável à boa de casa e mãe de família para ensinar às suas filhas, intitulado: *Leçons de couture, crochet, tricot et frivolités*, de Mme. E. Raymond, e nele achareis as explicações necessárias, desde a página 136 até a p. 149. Não riam deste meu conselho, nem pensem que sou alguma velha que veio ao Brasil com D. Maria I. Sou moça, mas conheço que não perde a graça quem se ocupa como nossas avós nos misteres e coisas úteis de uma casa (*apud* BASTOS, 2002, p. 198).

Na segunda metade do século XIX, podemos assinalar um importante movimento iniciado pela Sociedade Propagadora de Belas-Artes (SBPA), quando da criação do *Liceu de Artes e Ofícios* do Rio de Janeiro, em 1856, estabelecimento de ensino que agregava a educação elementar a uma formação artística e técnico-profissionalizante. A intenção dessa Sociedade Propagadora de Belas-Artes foi de introduzir um modelo de ensino que privilegiasse a aprendizagem de um ofício nos variados segmentos das *artes industriais*³⁵ ou das *artes menores*³⁶.

O *Liceu de Artes e Ofícios* do Rio de Janeiro, inaugurado oficialmente no ano de 1858, obteve um número surpreendente de matriculados. Ao todo eram 351 alunos, não havendo qualquer discriminação concernente à idade, raça, credo, estado civil ou social, apenas sendo necessário que o ingressante tivesse o interesse em querer aprender e especializar-se num ramo das artes menores (BIELINSKI, 2009).

Esta instituição, eminentemente masculina, formada por um corpus de homens, aristocratas beneméritos e interessados na difusão das artes e da educação, bem como no desenvolvimento de mão de obra qualificada no país, seria o primeiro estabelecimento a proporcionar o ingresso feminino em aulas de arte e, por conseguinte, ao que podemos considerar, a uma formação profissional institucionalizada.

³⁵ Movimento estético e social, surgido na segunda metade do século XIX, que defende o artesanato criativo como uma alternativa à mecanização e à produção em escala industrial.

³⁶ Modalidade da produção artística que se orientam para o mundo cotidiano, pela criação de objetos, de peças e/ou construções úteis ao homem em sua vida diária. A noção remete a alguns setores da arquitetura, das artes decorativas, do design, das artes gráficas, do mobiliário etc.

O curso *Profissional Feminino* do *Liceu de Artes e Ofícios* foi criado no ano de 1881, suscitando polêmicas discussões e críticas da sociedade, como acontecia na França, no mesmo período, por ocasião da inauguração dos liceus femininos, provocando inflamadas questões na III República Francesa. O debate francês acontecia entre legisladores republicanos e católicos monarquistas, temerosos com as propostas educativas das escolas públicas e laicas e o distanciamento das influências religiosas sobre a educação das moças, como podemos perceber no discurso do jornal monarquista *Le Gaulois*:

Liceu de moças? Por que não caserna de moças? Não lhes basta depravar o coração de nossos jovens, nem semear em seus espíritos as desesperanças e os egoísmos de suas doutrinas materialistas. Eles desejam atingir nossas moças [...] A moça crescia entre sorrisos e alegrias, como uma flor ao sol, ela crescia numa poética ignorância das coisas [...] essa cândida paz da moça, esses arrebatamentos de bondade, que mais tarde formam o amor da esposa, o devotamento da mulher e o sacrifício da mãe [...] Tudo isto desaparecerá! Ensinar-lhes-emos tudo, até mesmo a rebelião contra a família, e até a impureza. Elas citarão Tácito, Montesquieu [...] Elas sequer serão virgens antes de se tornarem mulheres [...] (COMBY, 2004, p. 129).

Defendido pelos intelectuais da época e benfeitores da instituição, por meio de artigos em jornais, que provavam a necessidade urgente da educação profissionalizante para a mulher, o curso obteve o favorável número de 664 alunas matriculadas no ano de sua criação e, no ano de 1883, contava com 537 meninas inscritas na instituição (BIELINSKI, 2009).

No currículo do curso, que era constituído de quatro séries anuais, constavam as seguintes disciplinas: desenho elementar, português, caligrafia, aritmética, música, ginástica, desenho de sólidos geométricos, português, noções de literatura, geometria, geografia e cosmografia, francês, música e solfejo, ginástica, desenho de ornatos, cópia de estampa, história pátria, noções de física e química, solfejo e canto, trabalhos de costura, italiano, higiene doméstica, botânica e zoologia, trabalhos de agulha (BARRETO, 2007, p. 105).

Observamos a criação do curso *Profissional Feminino* do *Liceu de Artes e Ofícios* do Rio de Janeiro como um marco fundamental para a compreensão da historiografia do ensino profissionalizante feminino no Brasil no século XIX. Todavia, ainda cabe evidenciar a existência de escolas femininas que proporcionavam o ensino de labores artísticos como meio de profissionalização para meninas desvalidas, sendo algumas dessas instituições anteriores ao *Liceu de Artes e Ofícios* (LIMA, 2002).

Conforme o estudo de Lima (2002), é possível verificar a existência de outras instituições preocupadas com a formação de meninas, buscando a profissionalização através do ensino de manualidades. Destacamos uma instituição, localizado na Província do Pará, que em 1851, se destinava a recolher meninas pobres e desvalidas, ensinando-as costura, bordado, confecção de flores, de enfeites etc. A autora refere-se a outros estabelecimentos do mesmo gênero, situados no Maranhão, em 1860, e na Província do Amazonas, em 1873, este com o intuito de educar e profissionalizar menores desvalidos, principalmente de origem indígena, cujo currículo previa para as meninas o ensino de costura, bordados e a confecção de flores e enfeites. Cita, ainda, a existência de outros 22 estabelecimentos de ensino profissionalizante feminino, as chamadas *Casas de Caridade*, fundadas por iniciativa do Padre José Antônio Maria Ibiapina nas regiões das províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

Ainda, de acordo com Lima (2002), o ensino das moças propunha-se em facilitar o casamento e visava ainda à profissionalização e ao trabalho remunerado. Elas aprendiam a ler e escrever, contar, cozinhar, fiar, tecer, costurar, bordar, fazer sapatos, plantar sementes em tempo certo e fazer chapéus de palha. Destaca a obra educacional do Padre Ibiapina, por oferecer ensino profissionalizante ao público feminino, ensinando além da leitura e escrita, ofícios domésticos, industriais e agrícolas que as qualificavam não somente para os trabalhos domésticos e rurais, como, para ocupar funções em algumas indústrias (LIMA, 2002).

Segundo Fialho (1942), no ano de 1885, na cidade do Rio de Janeiro, a proibição das matrículas de meninas no *Colégio Pedro II*, acabou gerando uma

interessante iniciativa por parte do Imperador: a fundação de duas instituições femininas, de caráter técnico e profissionalizante, as escolas do palácio de São Cristóvão e a de Santa Cruz, mantidas pelo Imperador.

Nesse sentido, conquanto as duas instituições fossem consideradas mistas e de nível primário, o fato de ambas ministrarem um programa de escola secundária, ensinando: português, francês, inglês, aritmética, álgebra, geometria, história geral e do Brasil, geografia, noções de física, química, zoologia e mineralogia, além de possuírem *ateliers* anexos para trabalhos em madeira, metal, gravura e litografia, etc., e, para o público feminino, *ateliers* de corte e costura, manufatura de flores, bordados, desenhos e aquarelas de ornamentação, e como pontua a autora: “eram, pois, verdadeiras escolas técnicas secundárias e é de lastimar que só duas houvesse em todo Brasil” (FIALHO, 1942, p. 352).

Por iniciativa particular, em 1884, no Rio de Janeiro, foi criado outro estabelecimento para a aprendizagem de artes e ofícios, voltado exclusivamente para a clientela feminina, levando a curiosa denominação de *Escola de Ingênuas* (CARDOSO, 2002), porém, não foi localizarmos maiores dados acerca desta instituição. Cabe apontar, dentro deste contexto histórico, compreendido aqui entre os últimos anos do Império e dos primeiros momentos da República, o surgimento do *Instituto Profissional Feminino*, na cidade do Rio de Janeiro, criado em 1897 e inaugurado em 28 de outubro de 1898, instituição de responsabilidade do governo municipal e que propunha-se como uma escola de formação profissional e doméstica, formando moças prendadas para o lar e, em caso de necessidade, para o trabalho (BONATO, 2003).

O *Instituto Profissional Feminino* posteriormente denominado *Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca*, em homenagem póstuma à esposa do Presidente Marechal Hermes da Fonseca, benfeitora da instituição e falecida em 1912, oferecia o ensino profissionalizante em oficinas de costura, bordados e rendas, luvas e gravatas, malharia, flores e chapéus, seção doméstica, lavagem e engomado, cozinha, arranjos e serviços caseiros.

A emergência do regime republicano propiciou um processo de renovação do sistema educacional brasileiro, a partir de uma proposta de melhoramento dos métodos e das instituições escolares, criando novos estabelecimentos de ensino e a realização de reformas do Ensino Primário, Secundário, das Escolas Normais, e, ainda, do Ensino Superior, Artístico e Técnico em todo o Brasil.

O Decreto 981, de 8 de novembro de 1890, conhecido como *Reforma Benjamin Constant*³⁷, previa um grande número de *trabalhos de agulha* para o currículo feminino, especificados de acordo com os níveis escolares, tais como o *tricot* em lã e linha, costura simples. (lenços, guardanapos, toalhas, lençóis, aventais, etc.), *crochet*, *macramé*, conserto de filós e rendas e a confecção de espartilhos, flores, toucados e chapéus para senhoras.

A sociedade brasileira que emergia, após a proclamação da República, tornava-se, por assim dizer, mais complexa do que a recém-liberta sociedade escravocrata, pois, de acordo com Patto (1999), a formação de uma classe média urbana liberal, a partir da segunda metade do século XIX e seu estabelecimento no início do século XX, teria sido, uma das mudanças sociais decisivas para o fim do Império e o surgimento da República (p. 167).

Uma maior concentração urbana ia se estabelecendo e novos estratos sociais emergiam, diversificando os interesses, origens e posições sociais da heterogênea composição social popular. Da escola esperavam que se moldasse o cidadão-trabalhador e provesse o fornecimento de mão de obra especializada e condizente com as novas realidades das cidades (CARVALHO, 1989).

Já nas primeiras décadas do século XX, observa-se o interesse do governo brasileiro em capacitar jovens de baixa renda para o trabalho técnico, como forma de suprir a mão de obra e, ao mesmo tempo, garantir à burguesia a manutenção de sua condição de classe dominante (QUELUZ, 2000).

³⁷ Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1836-1891), então Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Instrução Pública, Correios e Telégrafos.

De acordo com Cunha (2000, p. 18), o então presidente da República, Nilo Peçanha, não esteve imune aos fatos que emergiam desse estabelecimento de uma “nova” sociedade, que enfatizava a necessidade de um olhar atento para a educação popular. Durante seu mandato, criou quatro escolas profissionais no Estado do Rio de Janeiro, em 1906, e, com o Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, criou as escolas de aprendizes artífices em dezenove estados brasileiros, “o acontecimento mais marcante do ensino profissional na Primeira República” (CUNHA, 2000, p. 63). O autor aponta que:

A finalidade dessas escolas era a formação de operários e contramestres, mediante ensino prático e conhecimentos técnicos necessários aos menores que pretendessem aprender um ofício, em “oficinas de trabalho manual ou mecânico que forem mais convenientes e necessários ao estado em que funcionar a escola, consultadas, quanto possível, as especialidades das indústrias locais”.

Conforme o autor, os cursos de ensino prático e elementar industriais comportavam divisões preparatórias e técnicas. Na primeira, os alunos cursavam disciplinas pertencentes à instrução primária elementar. Na segunda, por conseguinte, compreendida em duas seções, teria ênfase o ensino técnico e de aplicação.

O sistema de ensino industrial vigente destinava-se ao estudantes de ambos os sexos, com idade acima dos 14 anos e incluía a aprendizagem de ofícios diferenciados; para os homens; carpintaria, marcenaria, entalhes, tornearia em madeira, fundição, serralheria, e, para as mulheres; tipografia, litografia e gravura, relojoaria, telegrafia e serviços de correio, além de outras funções do gênero, pertinentes ao momento de emergência da indústria e do crescimento urbano. De acordo com Bonato (2004, p. 2), é possível compreender que

O ensino profissional de nível primário e em regime de externato, era oferecido às meninas pobres e de classe média baixa da capital e do país nos moldes dos países civilizados, visando ao trabalho no lar, seja enquanto dona de casa ou mesmo como empregada doméstica especializada, na indústria e no comércio.

Sobre as instituições profissionalizantes femininas, convém salientar o crescente número de estabelecimentos que vieram a ser fundados nas primeiras décadas do século XX. Com o decreto nº 838, de 20 de outubro de 1911, determinou-se a criação de vinte escolas profissionais, das quais dez destinavam-se ao público masculino e dez para o público feminino, em nível primário e regime de externato.

Destacamos algumas dessas instituições, entre elas, a *Escola Profissional Feminina de São Paulo*³⁸, fundada em 1911, que objetivava o ensino das artes tidas como femininas aplicadas à indústria (BARRETO, 2007). Essa manteve cursos que proporcionavam habilitação em artes e ofícios considerados, tradicionalmente, femininos, tais como: *Confecções, Bordados, Roupas Brancas, Flores e Ornatos*.

Conforme a autora, o corpo docente da instituição era formado por professoras primárias e “senhoras finíssimas da elite paulistana”, ao que se atribui, mais do que competência para ensinar um ofício, a mestra ainda deveria possuir uma formação moral afinada com os ideais contidos em tal ensino e que deveria reproduzir estas em sua prática docente, servindo de exemplo para as alunas, provenientes da classe operária.

No Rio de Janeiro, merece destaque, o *Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca*, anteriormente denominado somente *Instituto Profissional Feminino*, conforme citado anteriormente neste capítulo. O ensino profissionalizante na escola compreendia os cursos: elementar, médio e complementar das escolas primárias, funcionando em regime de externato e internato. O curso profissional feminino ministrado na escola previa o ensino de: modelagem, desenho, pintura, gravura, litografia, fotografia, escrituração mercantil, datilografia, estenografia, tipografia, encadernação, telegrafia, corte e costura à mão e à máquina, bordados à mão e à máquina, rendas, flores e aplicações, chapéus e coletes para senhoras, gravatas etc (BONATO, 2005).

³⁸ A escola citada foi tema de interessante dissertação de mestrado, de autoria de Carolina Marielli Barreto (2007), referenciada nesse estudo.

Em relação ao tema da educação feminina no Rio Grande do Sul, pode-se pensar, a partir da chegada das Irmãs Franciscanas, em 1875, sob a direção da Madre Ana Müller e a fundação de um colégio de meninas em São Leopoldo, como um primeiro momento para um ensino profissionalizante, dado que a aprendizagem de diversos trabalhos manuais permitia, se necessário fosse, que futuramente tivessem uma meio de subsistência (FONSECA, 1961, p. 428).

Ainda sobre este tema, Celso Suckow da Fonseca, em sua obra *História do ensino industrial no Brasil*, aponta que, através do empenho da *Sociedade Caritativa e Literária de São Francisco de Assis*³⁹, fundou-se, em 1893, o *Orfanato Nossa Senhora da Piedade*, em Porto Alegre. A instituição destinava-se exclusivamente ao público feminino, com idade superior a sete anos e podendo permanecer até que completassem dezoito anos, com o intuito de que aprendessem corte e costura, bordados, tricô, além da manufatura de caixas e botões, que vendidos, constituíam-se em renda para a manutenção do estabelecimento (1961, p. 428).

No Rio Grande do Sul, de acordo com o estudos de Stephanou (1990, 2002), o crescimento urbano e as transformações econômicas sociais, nas primeiras décadas do século XX, decorrentes da transição progressiva do sistema agrário-exportador para um sistema econômico urbano-industrial, vieram contribuir no surgimento de estabelecimentos de ensino técnico-profissional de operários aptos para emergente demanda de trabalho industrial e serviços urbanos.

Dentro deste contexto, temos a criação do *Instituto Técnico-Profissional*, em 1906, como unidade de ensino para o sexo masculino, pertencente a *Escola de Engenharia de Porto Alegre*, vindo a ser posteriormente denominado *Instituto Parobé*, em 1917. Conforme Stephanou (2002, p. 250), a instituição voltava-se para o ensino de: “meninos pobres, filhos de trabalhadores, além de operários e mestres em busca de aperfeiçoamento”.

³⁹ De acordo com Moura (2000), a *Sociedade Caritativa e Literária de São Francisco de Assis*, foi criada pela congregação, de origem holandesa, das *Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã*. A sociedade, ainda, no século XIX, fundou o *Colégio São José*, em São Leopoldo (1872), o *Colégio Sagrado Coração de Jesus*, em Santa Cruz do Sul (1874) e a *Escola São Francisco de Assis*, em Pelotas (1889). In: MOURA, Laércio Dias de. *A educação católica no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

De acordo com o estudo de Godoy (2000, p. 18), no ano de 1920, o *Instituto Parobé* criou a *Seção Feminina*, seguindo o modelo de ensino técnico-profissionalizante ministrado na divisão masculina da escola. O intuito desta *Seção Feminina* visava uma educação laboral e a aprendizagem de ofícios para meninas pobres e filhas de famílias operárias da capital. Devemos salientar, a importância desta experiência na educação profissionalizante feminina no Rio Grande do Sul, instaurando assim um modelo antecedente de instituição de ensino técnico feminino, que permitirá décadas depois o surgimento da *Escola Técnica Feminina Senador Ernesto Dornelles*, em 1946.

A *Seção Feminina*, anexa ao Instituto Técnico Profissional da Escola de Engenharia de Porto Alegre, posteriormente passou a ser denominado como Instituto de Educação Doméstica e Rural. Este instituto tinha como objetivo, proporcionar o ensino técnico-profissionalizante feminino e gratuito, através de cursos, ministrados em dois níveis: elementar e técnico, com quatro anos de duração para o primeiro e três anos para o segundo. É possível perceber que a criação desta instituição, seus fundamentos e objetivos foram fortemente influenciados pelos ideais positivistas presentes no Rio Grande do Sul na época.

Na concepção positivista, a educação feminina estava condicionada para que a mulher cumprisse seu papel fundamental na sociedade, a nobre missão de ser “mãe e educadora dos novos cidadãos”. Através de uma educação voltada para o lar e a família e exercendo os papéis de boas mães e excelentes donas de casa, a mulher estaria contribuindo para a desejada “ordem e o progresso” do Estado.

Conforme o estudo de Godoy (2000), no ano de 1929, o Instituto de Educação Doméstica e Rural (IEDR), propunha-se a formar “condutoras de trabalhos domésticos e rurais”, através do ensino em dois níveis: elementar e técnico. Os fundadores do instituto objetivavam dar as meninas pobres uma educação que possibilitasse uma colocação profissional autônoma, além de honesta e digna, desempenhando funções de: governantas, babás e empregadas domésticas nas

residências de famílias de elite ou atuando como auxiliares de enfermagem, camareiras de hotel, datilógrafas ou funcionárias em indústrias alimentícias.

No curso elementar de 4 anos, as alunas recebiam as noções de conhecimento geral, habituais aos cursos primários, os primeiros ensinamentos de trabalhos manuais, desenho, música e jardinagem. No segundo nível, chamado Técnico, feito em 3 anos, somava-se a formação anteriormente adquirida; o ensino teórico e prático de Economia Doméstica, arte culinária, corte e costura, bordados, lavagem e engomagem, horti-pomicultura e labores femininos, saberes entendidos como indispensáveis na organização do lar tanto no campo ou na cidade (GODOY, 2000).

O fechamento da instituição ocorreu em 1934, decorrente dos altos custos de manutenção e da crise financeira pela qual passou a *Escola de Engenharia de Porto Alegre*, a partir de 1930, decorrente da diminuição de subvenções federais, aliada a uma crescente evasão escolar que acontecia desde 1928.

Também no Rio Grande do Sul, temos, no ano de 1922, a criação da *Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha*, na cidade de Santa Maria, por iniciativa da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (SANTOS, 2004). A instituição funcionou em regime de internato e externato até 1942, sob a direção das Irmãs Franciscanas. Consta que, no ano de 1928, a escola dispunha de cursos de *Corte e Costura* e de *Confecções de Chapéus*. A *Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha*, no ano de 1943, passou a ser de responsabilidade do governo estadual, transformando-se em 1945, na *Escola Artesanal Dr. Cilon Rosa*, no âmbito do surgimento da ETSED, em Porto Alegre (SANTOS, 2004).

Um importante personagem político que devemos citar, para a compreensão do “cenário” da educação profissional feminina no Brasil, é a figural central das reformas educativas do ensino secundário, industrial, comercial e rural, no período do Estado Novo, o ministro Gustavo Capanema, nomeado pelo presidente Getúlio Vargas para a pasta do Ministério da Educação e Saúde Pública, desde o ano de 1934 até 1945 (SCHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 1984).

O projeto do ministro Capanema, chamado Plano Nacional de Educação de 1937, previa uma educação “doméstica”, para meninas/moças entre 12 e 18 anos, com uma forma equivalente ao ensino médio. A “educação doméstica” projetada por Capanema tinha em seus conteúdos, ideais práticos e profissionalizantes, visando em seus planos, o ensino de aplicação imediata à vida prática ou ao preparo das profissões técnicas de artífices. Conforme Schwartzman *et al.* (1984), tal forma de ensino, voltava-se sobretudo à moças de origem mais humilde, ainda que atraísse outras de classe social mais elevada, que dessa forma, teriam acesso a uma educação especializada.

Segundo Reis (1993), as projeções do ministro para os planos de ensino feminino básico para mulheres deveriam ser dividido em: doméstico geral, doméstico agrícola e doméstico industrial, realizáveis em dois ciclos cada um. Porém, tal sistema de ensino não chegaria efetivamente a ser criado, sobrevivendo desse programa de educação doméstica, algumas prescrições que viriam a fazer parte da Lei Orgânica do Ensino Secundário e da Lei Orgânica do Ensino Industrial, no que concerne à educação feminina, e que, aliadas a industrialização crescente do período, contribuiu para a criação da *Escola Técnica Feminina de Porto Alegre*, no ano de 1945, passando a funcionar oficialmente com a designação de *Escola Técnica Feminina Senador Ernesto Dornelles*, ao início de suas atividades, em 1946.

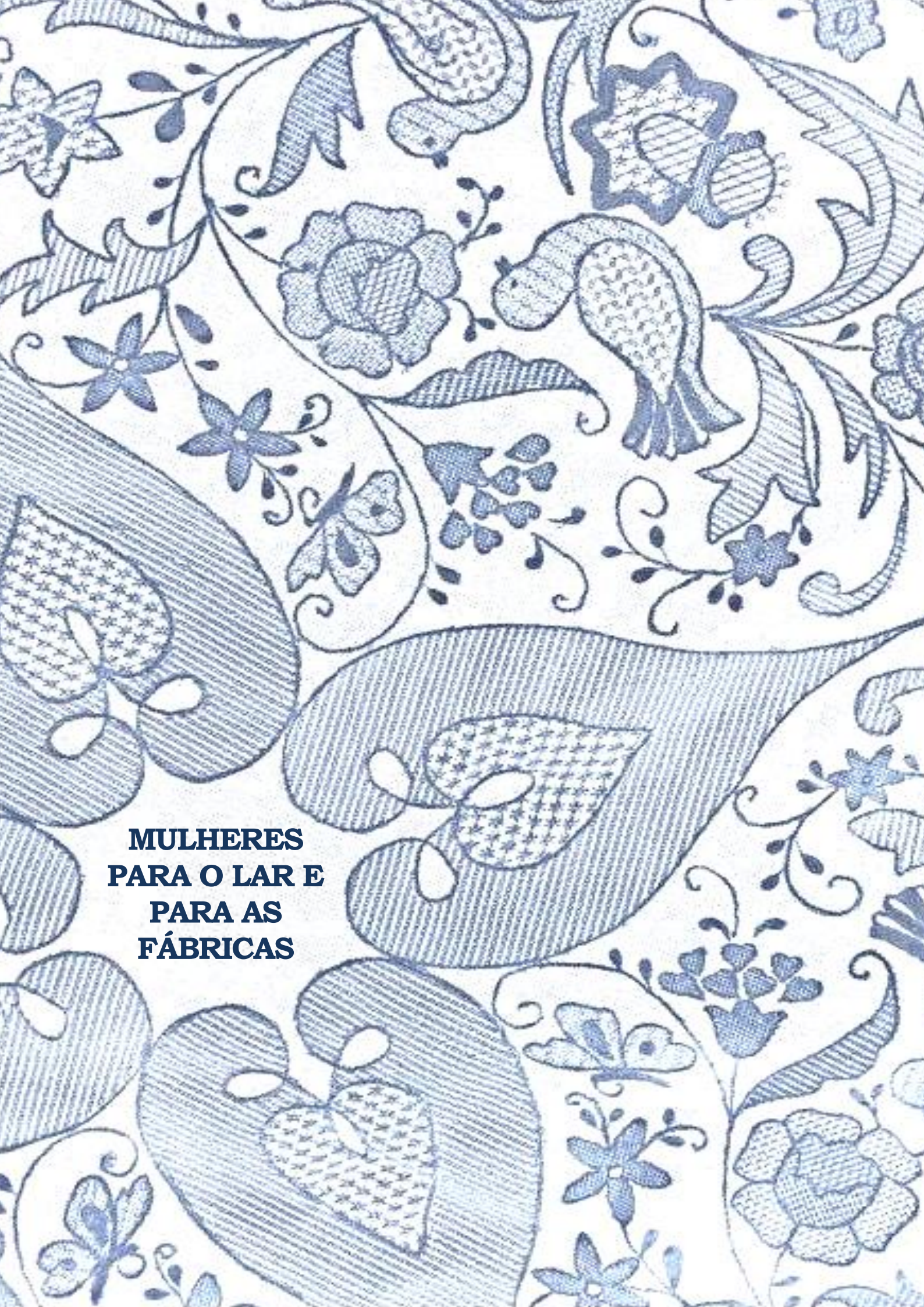
Desde a promulgação do decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, sancionado pelo Presidente da República Nilo Peçanha até meados dos anos 1950, alguns autores definem a emergência do ensino profissionalizante como “voltado à manutenção da mão de obra da indústria incipiente” (JACOMETTI, 2008, p. 236).

As experiências de escolarização em diversos níveis, proporcionadas pelas políticas sociais e, em particular, pelas políticas educacionais - implantadas a partir dos anos 20 e institucionalizadas durante a chamada era Vargas -, determinaram novas oportunidades profissionais para as mulheres, especialmente as que pertenciam às camadas urbanas médias e altas, que, decididamente, se direcionaram para o mundo do trabalho não doméstico, procurando ocupação nos setores de produção de bens e serviços (FERREIRA, AZEVEDO, GUEDES *et al.*, 2008, p. 44).

Diante do exposto no capítulo, buscamos esboçar um panorama geral da educação técnica e profissionalizante feminina no Brasil, desde o surgimento de escolas de artes e ofícios, ainda no século XIX, até o surgimento das escolas técnicas e ginásios industriais voltados para formação doméstica e fabril de mulheres, a partir das leis orgânicas da década de 1940. Neste sentido, procuramos trazer dados históricos relacionados ao tema da educação profissional feminina, a fim de esclarecer, em certa medida, sob quais contingências sociais, políticas e culturais foi projetada e inaugurada uma instituição de ensino técnico e profissional na cidade de Porto Alegre.

Tal movimento, pode-se depreender, deu-se a partir das diretrizes organizacionais para a educação secundária durante o período do Estado Novo, sob a égide do ministro Gustavo Capanema, apoiado nas ideias reguladoras sobre a mulher e seus papéis sociais, que, através de uma educação direcionada para o desenvolvimento das “qualidades femininas”, legitimava as representações sobre o feminino atrelado as funções concernentes ao doméstico, familiar e maternal.





**MULHERES
PARA O LAR E
PARA AS
FÁBRICAS**

4. MULHERES PARA O LAR E PARA AS FÁBRICAS

Diante das grandes transformações, consequentes da Segunda Guerra Mundial, ocorridas principalmente na Europa e nos Estados Unidos, muitas mudanças acabaram afetando os papéis sociais femininos. De acordo com Rocha-Coutinho (1994), no momento imediato do pós-guerra, “ a mulher brasileira da época foi bombardeada por toda a ideologia que pensava a identidade feminina a partir do marido, da casa e da criação dos filhos” (p. 98).

De acordo com a autora, as ideias sociais que emergem no pós-guerra, principalmente no Estados Unidos, reforçavam a necessidade do casamento cedo e da formação de famílias numerosas, gerando uma explosão de nascimentos, entre os últimos anos da década de 1940 e toda década de 1950, dando origem a uma geração denominada *baby boom*. Estas ideias, desenvolvidas desde o Estados Unidos, foram absorvidas pela sociedade brasileira, altamente influenciada pela política da “boa-vizinhança” e pelos modelos do *american way of life*, divulgados pelo rádio e pelo cinema, principais meios de difusão de cultura da época.

Para Rocha-Coutinho (1994), no âmbito destas transformações “tornou-se, também, mais comum o fato de que mulheres solteiras trabalhassem **fora até o casamento**” [grifo nosso]⁴⁰, possivelmente, pode-se pensar, por uma questão de caráter econômico, pois, conforme a autora, o trabalho remunerado feminino era aceitável “especialmente, para ajudar na confecção do seu enxoval e na montagem da futura casa” (p. 98). Neste sentido, aliando-se as ideias expostas acima, em relação a uma maior inserção e participação profissional das mulheres no mercado de trabalho, podemos pensar nas circunstâncias que propiciaram o surgimento de uma escola profissional feminina em Porto Alegre.

⁴⁰ Por uma questão de estilo, preferiu-se utilizar, em substituição ao sinal [grifo nosso], o **negrito**, para destacar ou reforçar alguma expressão ou frase que consideramos digna de ser assinalada no texto.

Na década de 1940, com os processos de reorganização do ensino industrial profissional, a partir da Lei Orgânica do Ensino Industrial⁴¹, em 1942, o *Liceu de Artes e Ofícios Parobé*⁴² foi equiparado aos padrões federais determinados para os estabelecimentos de ensino industrial, passando a chamar-se, no ano de 1943, *Escola Técnica Parobé*. Na cidade de Santa Maria, outra instituição de ensino profissional, voltada para o público masculino, a *Escola Industrial Hugo Taylor*, também se adaptava à Lei Orgânica do Ensino Industrial.

Conforme Suckow da Fonseca (1961), neste período, o ensino industrial e profissionalizante no estado do Rio Grande do Sul alcançou “um amplo desenvolvimento e suas atividades eram tão extensas, que o Governo Federal, resolveu criar um organismo que acompanhasse o surto e lhe disciplinasse a expansão”(p. 435). Deste modo, juntamente com a reorganização do sistema de ensino industrial, foi criada, em 1942, a Superintendência do Ensino Profissional (SUEPRO), em Porto Alegre.

Para o autor, várias circunstâncias, como a criação de um órgão regulador para o ensino profissional de nível estadual, a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Industrial e o processo de expansão da indústria no Rio Grande do Sul, contribuíram para o aparecimento de várias escolas profissionais e estabelecimentos de ensino técnico e industrial

Por uma iniciativa do Governo Federal, no anos de 1945, tomou-se a iniciativa de atender a clientela feminina, com planos de inauguração de dois estabelecimentos de ensino industrial técnico para mulheres, em Porto Alegre e Santa Maria, onde se ministrariam “ao sexo feminino, os misteres próprios do lar”, em cursos de nível artesanal⁴³ e industrial, de mestria e técnico, para a aprendizagem das atividades próprias da natureza feminina (FONSECA, 1961, p. 437).

⁴¹ Decreto-Lei Nº 4.073 - de 30 de janeiro de 1942 e Decreto-Lei Nº 4.119 - de 21 de fevereiro de 1942 - Ret. no D.O.U de 9/1/43.

⁴² Sobre este tema, ver STEPHANOU, Maria. *Forjando novos trabalhadores: a experiência do ensino técnico-profissional no Rio Grande do Sul, 1890-1930*. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFRGS. Porto Alegre, 1990.

⁴³ Conforme publicação do INEP, de 1949, os Cursos Artesanais de Padrão Federal, correspondiam, a uma das diversas modalidades de formação que compunham o primeiro ciclo do Ensino Industrial,

Em um artigo, publicado no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em agosto de 1945, encontramos um interessante texto, intitulado *Ensino Profissional Feminino*, onde relatava-se o “indescrível sucesso da realidade do ensino profissional no Brasil”, elogiando as iniciativas do Governo Federal, que desde 1944, anunciava “o plano de construção de trinta e seis escolas profissionais espalhadas pelo país”. O autor (não identificado), tece um discurso elogioso aos inúmeros estabelecimentos de ensino técnico-industrial, contribuindo para a melhoria das capacidades dos trabalhadores nacionais e ao avanço do progresso industrial do país, onde já “excedem de seis dezenas, em todo país, as unidades de ensino profissional especializado”. O autor, ao longo do texto, introduz o tema da educação profissional feminina, referindo-se ao grande número de instituições de ensino voltadas para o público masculino e que seria “imperioso formar um conjunto, não menos aparelhado de escolas, que habilitassem e proporcionassem a aprendizagem artesanal, técnica e industrial”, para a formação de mulheres, mas, ao mesmo tempo, faz a seguinte ressalva, em relação a atuação profissional feminina em âmbito público:

Preparam-se mulheres para as atividades das lojas, dos escritórios, das fábricas, das repartições públicas. Até que ponto, entretanto, estará atendida, assim, **a finalidade mais alta que lhe cabe na sociedade, como esposa e mãe, como dona de casa e responsável pela economia interna do lar? Quem há de, afinal, zelar pela ordem, pelo conforto, pelo bem estar e pela economia da primeira escola (o lar), do instituto onde se devem dar as primeiras aulas, os primeiros ensinamentos às criaturas que, mais tarde, serão responsáveis pelo destino dos agrupamentos humanos? É, sem dúvida, a dona de casa** (CORREIO DO POVO, 12-08-1945).

Conforme o discurso acima destacado, este seria o ideais para a educação feminina, publicamente defendido na época, reafirmando sempre o tradicional representação feminina de “esposa-mãe-educadora”, o lar como seu destino único e a defesa de um modelo de ensino voltado para a “nobre missão feminina de, para o bem estar social, contribuir, para o aprimoramento da civilização e para a grandeza da Pátria”. Percebe-se, no excerto destacado, uma dicotomia, pois, ao mesmo

que dividia-se em 1) Ensino Industrial Básico, 2) Ensino de mestria (adotado no Ginásio Industrial da ETSED), 3) Ensino Artesanal (adotado na *Escola Artesanal Cilon Rosa*) e 4) Aprendizagem.

tempo, em que o artigo preconizava a permanência feminina no espaço doméstico e seu preparo educacional para o desempenho eficiente dos papéis próprios da mulher, defendia, ainda, a educação profissional, onde a mulher pudesse aplicar praticamente a formação recebida nas instituições técnicas e industriais.

Em relação ao estado do Rio Grande do Sul, o artigo do *Correio do Povo*, informava que, desde o ano de 1944, a Secretaria de Educação procurava instituir o ensino profissional feminino, sendo “necessidade que não pode ser protelada, problema urgente para o Estado”. Como exemplo, o autor citou instituições representativas desta modalidade de ensino, como a *Escola Industrial Escolástica Rosa*, na cidade de Santos/SP, que oferecia, unicamente, o Curso Industrial de *Corte e Costura*, para frequência exclusivamente feminina, contando, na ocasião, com quatrocentas alunas e, que “muitas não chegam a terminar, porque, em meio deste, recebem ofertas de contratos com Cr\$ 600,00 e 800,00 mensais, inicialmente”. No artigo, ainda, será citada a *Escola Profissional Feminina de São Paulo*, com um número superior a mil alunas, uma legítima “forja admirável de valores femininos”. Sobre os estabelecimentos do estado de São Paulo, o artigo diz que “ao lado das muitas aptidões que podem proporcionar às alunas bons empregos, esmeram-se as escolas profissionais femininas em formar donas de casa”.

O autor do artigo, recomendava, ao Governo do Estado e à Secretaria de Educação, que seguissem o exemplar modelo do ensino paulista e, que, verificassem a real urgência de uma instituição de ensino profissional feminino em Porto Alegre, cobrando que a iniciativa, então prometida, de estabelecer a futura escola, em um prédio onde funcionara anteriormente, o *Colégio Americano*, fosse levada a cabo. Contudo, tal ideia seria abandonada, por parte do governo estadual, que, mesmo tendo feito as reformas necessárias para a adaptação do prédio que atendesse as necessidades da escola profissional feminina, acabou por instalar, ali mesmo, a própria Secretária de Educação, gerando críticas por parte da imprensa diante de tal impasse, como percebemos em parte transcrita de artigo publicado no jornal *Correio do Povo*:

Desocupado há algum tempo o edifício sito na Avenida Independência, onde, por muitos anos, funcionou o Colégio Americano, pretendeu o governo estadual alí os serviços do DES. Foi tal propósito abandonado, porque se verificara a urgência da instituição do ensino profissional feminino e o prédio tinha condições ótimas de adaptação para tal fim. Feitas as adaptações, houve nova decisão: a Secretaria de Educação é que se transferiria para lá. E assim se fez. Diante disso, está o Rio Grande do Sul ameaçado de ver protelada ainda a instituição do ensino profissional feminino, tão necessário e tão reclamado (CORREIO DO POVO, 12-08-1945).

4.1 UMA ESCOLA TÉCNICA FEMININA EM PORTO ALEGRE

Uma visita à Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles

Atendendo ao gentil convite que nos foi enviado, comparecemos à reunião realizada na Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles [...] Fomos recebidas pelas moças componentes do grêmio da escola e logo em seguida fomos incorporadas a um dos diversos grupos que fariam a visita às instalações do estabelecimento.

Começamos a interessante visita pelo Curso Industrial de 4 anos onde as alunas passam por diversas oficinas para que possam escolher aquelas nas quais irão se especializar.

Na primeira oficina, de bordados, apreciamos os finos trabalhos de filé, frivolités, bilros, todos feitos pelas alunas; na sala Corte e Costura vimos confecções feitas inteiramente à mão, com muita perfeição e bom gosto.

Na oficina de Chapéus, nos foram mostrados modelos muito bem executados e nos admiramos ao saber que tinham sido feitos pelas alunas com moldes imaginados por elas mesmas.

Visitamos o auditório onde as alunas estavam ensaiando números para a Semana da Pátria. Em seguida, travamos conhecimento com o Curso Técnico que é de três anos e é quiparado ao Curso Colegial [...] Na oficina de Trabalhos em Couro, admiramos objetos tais como pastas, cofres, capas para livros, carteiras, todos com lindos desenhos pintados ou gravados.

Após a visita foram oferecidos aos presentes, refrescos e salgadinhos, enquanto todos conversavam com animação [...] Passamos assim uma tarde muito agradável em amigável companhia pela qual queremos agradecer às moças organizadoras daquela reunião que serviu para unir ainda mais os estudantes da capital dentro de ambiente acolhedor e amigável.

(Helena Dagnino, In: "O Crisol"/ periódico do Colégio Americano, set. 1953)

Em um outro artigo, publicado pelo jornal *Correio do Povo*, datado de dois de abril de 1946, já anunciava a seguinte notícia: "Será instalada nesta capital a *Escola*

Técnica Feminina de Porto Alegre”, tendo, por subtítulo “O Preparo da mulher para o lar e para as fábricas”. A notícia informava, que, brevemente, seria inaugurada a “tão reclamada escola profissional feminina em Porto Alegre”, com o projeto aprovado pelo Governo do Estado e pela Secretaria de Educação, cumprindo o objetivo de preparar a mulher para as mais diversas atividades, não somente oferecendo uma “educação feminina para o lar”, como proporcionando, ainda, o “aperfeiçoamento de profissionais para atividades industriais e técnicas”. Era noticiado no artigo, o sistema de ensino a ser adotado pela escola, composto de dois cursos especializados, o *Curso Industrial*, com duração de 4 anos, formado profissionais para a indústria e para as fábricas; e o *Curso Técnico* de 3 anos, habilitando técnicos em trabalhos artísticos e de decorações, “sendo, este, no gênero, o primeiro existente no país” (CORREIO DO POVO, 02-04-1946).

Entretanto, ainda, não seria este o momento em que a escola profissional feminina seria inaugurada e começaria suas atividades, conforme o jornal *Folha da Tarde*, em 11 de maio de 1946, em nota, enviada pela Superintendência do Ensino Profissional, com a seguinte informação:

Em virtude de não ser possível a abertura da *Escola Técnica Feminina de Porto Alegre* a 20 do corrente, devido a premência de tempo para que se complete a sua instalação, autorizou o exmo. sr. secretário de Educação e Cultura a prorrogação das inscrições para os exames vestibulares aos cursos *Industrial* e *Técnico* daquela Escola, permitindo-se assim que maior número de candidatas se inscrevam ainda este ano (FOLHA DA TARDE, 11-05-1946).

Através da iniciativa do senador Ernesto Dornelles, acompanhando as iniciativas, por parte do Governo Federal, para a expansão do ensino profissional, a *Escola Técnica Feminina de Porto Alegre* foi, oficialmente criada e, assim designada, através do Decreto-Lei Estadual nº 994, de 13 de dezembro de 1945. Contudo, desde o ano de 1942, através do Decreto-Lei nº 649, já se previa a criação de uma escola técnica feminina na capital.

Devidamente autorizada, a escola foi instalada, efetivamente, no dia 6 de junho de 1946, quando começou suas atividades no prédio situado na Rua Duque de Caxias, ao lado da Praça General Osório, no Alto da Bronze. O prédio, onde

passou a funcionar a *Escola Técnica Feminina*, anteriormente pertenceu ao *Grupo Escolar Fernando Gomes*. O edifício foi projetado pelo arquiteto francês Affonso Hébert em 1913 e concluído somente em 1921, quando foi inaugurado como *Collegio Elementar Fernando Gomes*. O prédio da instituição, em estilo eclético, caracteriza-se pelo aspecto monumental, representativo do ideal de “escola-palácio” da 1ª República (ERMEL, 2011). Em 22 de abril de 1946, o *Grupo Escolar Fernando Gomes* foi extinto e os alunos foram transferidos para *Grupo Escolar Paula Soares*. A desapropriação do prédio, acarretou uma mudança que desencadeou uma série de protestos públicos na imprensa, reivindicando contra a extinção, por pais de alunos e moradores do entorno do *Grupo Escolar Fernando Gomes* (ERMEL, 2011).



Figura 7 - Fachada do Grupo Escolar Fernando Gomes (1922) – Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles (1946). Fonte: Ermel, 2011.

Contudo, a escola técnica feminina seria inaugurada, somente, em ato solene no dia 19 de outubro de 1946. O jornal *Correio do Povo*, em 20 de outubro de 1946, no dia seguinte ao ato de inauguração da *Escola Técnica Feminina*, trazia em uma extensa nota, com pormenores do ato oficial de inauguração e da “hora de arte”, organizada pelo *Serviço Artístico das Escolas Técnicas e Profissionais*. Estiveram presentes na solenidade, o Interventor Federal, Dr. Cilon Rosa, o senador Ernesto

Dornelles⁴⁴, homenageado na ocasião, o secretário de Educação e Cultura, Sr. Francisco Brochado da Rocha, o prefeito de Porto Alegre, Sr. Conrado Ferrari e outras autoridades civis, militares, religiosas, representantes de estabelecimentos de ensino e famílias. Na ocasião, a escola passou a denominar-se *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, homenageando seu patrono, que empreendeu esforços para a efetiva criação da instituição.

Conforme a nota, a idealizadora do projeto e diretora do estabelecimento de ensino, a professora Nair Maria Becker, saudou os presentes, convidando todos a uma visita as oficinas de trabalho, onde seguiu-se uma exposição técnica dos trabalhos que seriam realizados pelas alunas da escola. Ainda, durante a solenidade, foi apresentada um programa musical, em “demonstração orfeônica”, organizada pelo maestro Vicente Taveira, regente do *Orfeão da Escola Técnica Parobé*, juntamente com a professora Maria Moritz, regente do Coro Feminino da ETSED. O orfeão, composto pelos coros dos dois estabelecimentos, apresentou, durante o programa, obras de Carlos Gomes, Ernani Braga e outros arranjos vocais sobre composições de autores brasileiros. Para encerrar, fez uso da palavra o senador Ernesto Dornelles, agradecendo a homenagem prestada (CORREIO DO POVO, 20-10-1946).

No jornal *Correio do Povo*, em 21 de janeiro de 1947, foi publicado o edital de abertura das inscrições para os exames vestibulares e provas de admissão para o ingresso nos cursos que compunham o Ginásio Industrial e nos cursos técnicos de nível secundário.

⁴⁴ Pelo Decreto Estadual nº 2219, de 3 de novembro de 1946, a Escola Técnica Feminina passou a ser denominada *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*.

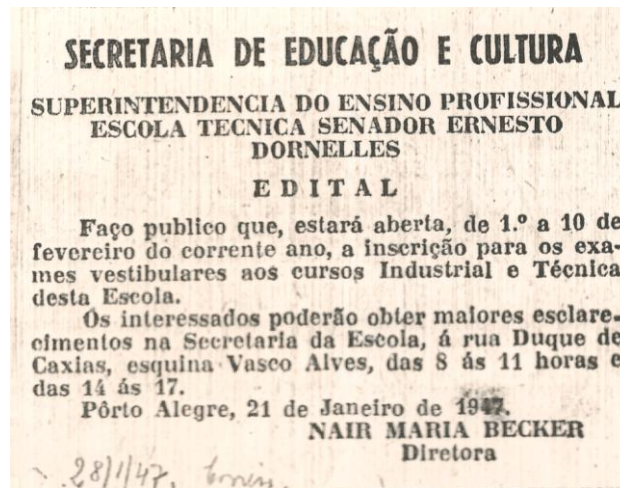


Figura 8 - Edital de abertura de inscrições.

Fonte: Jornal Correio do Povo, 28-01-1947.

A recém fundada *Escola Técnica Feminina Senador Ernesto Dornelles*, estava então constituída em um sistema de ensino composto por dois ciclos, sendo o primeiro correspondente a um Ginásio Industrial composto de quatro anos, no qual funcionavam os cursos de *Corte e Costura* e de *Chapéus, Flores e Ornatos*; o segundo ciclo técnico, de três anos, dividido em dois cursos: *Artes Aplicadas* e *Decoração de Interiores*, funcionando a escola em regime de semi-pensionato (dois turnos) e internato gratuito. O curso de *Corte e Costura*, além das disciplinas de cultura geral, comum a todos os ginásios industriais, oferecia as disciplinas de *Tecnologia, Desenho Técnico, Corte, Costura, Rendas e Bordados, Confecção*, que dividia-se, com a aprendizagem e execução de roupas brancas, vestuário de passeio, uniformes e trajes de rigor. O curso denominado *Chapéus, Flores e Ornatos*, era composto, igualmente, pelas disciplinas de *Tecnologia, Desenho Técnico, Corte e Costura, Rendas e Bordados* e pela *Confecção de Chapéus, Confecção de Flores e Ornatos*. No primeiro ano de funcionamento, houve um total de dezesseis alunas, divididas entre estes dois cursos.

No Curso Técnico em *Artes Aplicadas*, as disciplinas que compunham o currículo eram *Tecnologia, Desenho Técnico, Estilos e Composição, Desenho Artístico, Pintura Decorativa, História das Artes Decorativas e Trabalhos Artísticos* (aplicados em diferentes espécies de materiais, como, por exemplo: couros, madeiras, metais, palha e bambu) e *Encadernação Artística*. Este curso recebeu, no

ano de 1946, duas alunas, que integraram a primeira turma. O Curso Técnico em *Decoração de Interiores*⁴⁵, não funcionou neste primeiro ano da escola.

O corpo docente, no momento da criação da *Escola Técnica Feminina*, era formado pelos professores: Maria Alba Torres, Irma Nair Steglich, Anita Christina Hotton, Leny Tonon, Adália Hilgert, Nancy Bruck de Freitas, Jayme Severo dos Santos, Irma Casses, Lygia Crostowski, Carmen Sueli Severini, Marília Valentin, Izula Vila Nova Guerart, Zuila Maluf, Lúcia Fróes, Helena Camara, Etel Zimmermann e Sonia Ebling. Zilda Denardim, na ocasião, no cargo de Almojarife, será, posteriormente nomeada como professora de *Contabilidade Doméstica*. Foram nomeados em caráter de comissão: Vicente Taveira, professor de *Música*, Salvador Petrucci, médico e Cenira Gayer, na função de Educadora Sanitária.

Encontramos um interessante texto, de autoria do escritor Josué Guimarães, acerca da escola, publicado no jornal Diário de Notícias, em 26 de abril de 1947, denominado “Onde a mulher aprende a ser uma dona de casa perfeita: a ideia, a história e a vida da escola técnica feminina”. O autor, faz, em sua uma crônica, o que se pode chamar de um “relato pictórico”, descrevendo, em detalhes, o cotidiano da instituição, bem como, das peculiaridades próprias de uma escola feminina. Transcrevemos excertos da crônica, a fim de ilustrar, alguns aspectos descritivos do ambiente, na época, da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*. O título da crônica, por si, resume as expectativas relacionadas à educação pretendida para o público feminino, em relação “as donas de casa perfeitas”. O autor, refere-se as alunas da escola afirmando que, desta instituição, “não saem somente profissionais hábeis e competentes, mas, excelentes donas de casa!”. E faz a seguinte recomendação ao público masculino, dizendo: “Nosso conselho aos rapazes que pretendem casar seria este: nada feito antes de conhecer as moças da Escola Técnica Feminina Ernesto Dornelles”. Sobre as alunas, relatrá ainda:

Elas preparam seu almoço, fazem a limpeza da cozinha, limpam as salas, fazem seus fardamentos, seus sapatos de bailado,

⁴⁵ O Curso Técnico em *Decoração de Interiores*, era formado pelas disciplinas de *Tecnologia*, *Desenho Técnico*, *Revestimentos*, *Pintura Decorativa*, *Decoração de Interiores* e *Vitrines*.

lavam suas roupas, passam-na e cumprem suas obrigações escolares. E às 17:30 elas saem sorridentes e eufóricas daquele sólido casarão da Rua Duque de Caxias. **Serão amanhã profissionais das melhores e, o que ainda é muito mais interessante, completas donas de casa** (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 26-04-1947)

Neste sentido, percebe-se, através do discurso de Josué Guimarães, a permanência das representações sobre o papéis femininos e de suas funções. Para Bourdieu (2007), nos liceus profissionais, as mulheres permaneceram, por meio de uma educação específica, “igualmente direcionadas para as especializações tradicionalmente consideradas *femininas*” (p. 109).

Josué Guimarães, faz especial menção a uma “moça loura”, que lhe guiou pela escola. Esta seria a idealizadora do projeto de educação profissional feminina para o estado, bem como fundadora e diretora desde criação da escola de Porto Alegre, a Sra. Nair Maria Becker, que, segundo o autor, era “antiga inspetora escolar e que conta em seus títulos, cursos de especialização no Rio, São Paulo e, também, uma longa viagem pela Europa, quando observou muito do que, hoje, está pondo em prática em Porto Alegre”. Josué Guimarães falará, ainda, dos “três anos de vai e vem”, que, em um país super-burocratizado, “impedem que as coisas se realizem em curto prazo”, referindo-se a “uma longa história até a instalação da escola”, atravessada por “mudanças de secretários, golpe de Estado, eleições e interinidades”, até que o ideal de Nair Maria Becker fosse realizado. Ainda, sobre a diretora, o autor diz:

A professora Nair Maria Becker é a alma-mater da Escola Técnica Ernesto Dornelles. **Simple e afável, ela sintetiza perfeitamente a educadora moderna,** companheira que é de suas alunas. Sob sua direção a escola é um todo harmonioso no afã de preparar uma geração de moças capazes para os duros embates da vida. E no constante trabalho e dedicação da Prof. Nair Maria Becker há todo um mundo de renúncia que é bem o símbolo de todas as educadoras (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 26-04-1947).

É interessante destacar que, por razões nossas desconhecidas, a idealizadora da escola, professora e primeira diretora, Nair Maria Becker, deixou a instituição, ainda em 1947, tendo atuado, pouco mais de um ano, desde a fundação do estabelecimento. Sobre este tema, relacionado à figura de Nair Becker e de sua atuação, indagamos a uma de nossas entrevistadas, a Sra. Lydia Anna Gobbato

Karl, aluna da primeira turma do Curso Técnico em *Artes Aplicadas*, única das ex-alunas que conviveu com a diretora. No intercurso da entrevista, pedi a Sra. Lydia Gobbato Karl que me falasse sobre a Sra. Nair Becker, a qual informou, que a diretora havia morado, junto com sua mãe, na escola, no período em que a entrevistada fora aluna da instituição:

Elas moravam na escola! Porque lá, bem na parte de cima, onde era o internato, tinha uma parte que podia servir como moradia, deve ter servido mesmo para o zelador, não sei anteriormente como era, mas elas conseguiram arrumar muito bem, tudo direitinho... E a mãe dela, cuidava do internato! (LYDIA)

Sobre a figura da diretora, a Sra. Lydia, ainda nos dará estas impressões:

Ela era uma pessoa muito determinada!... Muito atenta a tudo que havia, estava sempre nos controlando, tinha uma linha um pouco “germânica” na maneira de atuar, sabe? (*rindo*) Nunca me esqueço, um dia eu subi a escada, pulando de três em três degraus!... E quem é que eu encontro na ponta da escada? Nair Becker! (*risadas*) E modos! Ela queria saber da maneira da gente se portar, ela se propunha a nos ensinar... Então, na hora do almoço, era aquela coisa: “Comer com a esquerda e tá ti tá ta...”! Até hoje eu faço isso não é? Eu agradeço a Nair Becker...(LYDIA)

Observa-se, destes excertos acima destacados, que a atuação de Nair Maria Becker, ia além das funções oficiais de diretora do estabelecimento. O fato do projeto para a *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, ter sido idealizado pela própria, levava a diretora a um extremo cuidado na educação das alunas que frequentavam a instituição, dirigindo, também, a educação das meninas através das regras de civilidade⁴⁶, através do ensino de “modos e boas maneiras”. Percebe-se, na fala da Sra. Lydia, que as marcas desta formação, conduzida para os “bons modos”, ficaram gravadas na sua educação e em sua memória. Ainda sobre a Sra. Nair Becker, comentei sobre sua saída da escola e do pouco tempo que permaneceu na direção.

⁴⁶ Sobre este tema ver CUNHA, Maria, Teresa Santos, *Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal (1920-1960)*. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia/MG. Colubhe 06/ Programação e Resumos. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 2006. v. 01. p. 75-76. Ainda, sobre o tema, pode-se ver outros textos da autora, decorrentes do projeto de pesquisa *Tenha Modos! Educação e Sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1845-1960)*.

A Nair Becker, (era) uma pessoa muito interessada no trabalho! Realmente, eu nunca entendi... Houve um problema político ali, o porquê de ela sair? Eu até hoje não sei, também não me interessei saber... Mas foi uma pena, se ela tivesse continuado, teria sido muito bom... (LYDIA)

A saída repentina da Sra. Nair Becker, é rememorada pela ex-aluna, lamentando, ainda, sua própria condição de aluna, na época, impedida de saber maiores informações sobre quais as razões que levaram a diretora se afastar da instituição. A Sra. Lydia ainda acrescenta:

Ela era uma pessoa que se dedicava integralmente ao trabalho! Era super interessada! Eu lamentei muito quando ela saiu!... Também não deu explicação nenhuma, assim como entrou, saiu! Germanicamente! Muito discretamente... Mas era uma pessoa de alto valor! Podes crer! (LYDIA)



Figura 9 - Nair Maria Becker (ao centro, na primeira fila)

Fonte: Prospecto do Jubileu de Prata da E.T.S.E.D

Durante a pesquisa, na busca por fontes e documentos que nos fornecessem maiores conhecimentos acerca da instituição, encontramos, no acervo da biblioteca da ETSED, uma série de livretos, pertencentes a coleção *Biblioteca do Ensino Industrial*, denominado *Material de Ensino* (Subsídios para as aulas de *Corte e Costura e Chapéus, Flores e Ornatos* com auxílio dos Quadros Ilustrativos preparados pelo CBAI). Os livretos foram publicados em 1947, pelo Ministério de Educação e Saúde, junto a Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial,

“para os cursos destinados, especialmente às moças”, encarregando-se deste trabalho, “a Prof^a. Nair Maria Becker, Diretora da Escola Técnica Ernesto Dornelles, de Porto Alegre”. Soubemos, posteriormente, que a série de manuais, preparada por Nair Becker, viria a ser adotada como método de ensino nas escolas técnicas e profissionais femininas de padrão federal. Sobre este material didático, a Sra Lydia nos diz:

Ela fez vários! Tinha uma série de livrinhos... Tinha um sobre “Metais”, sobre “Couros”, trabalhos em bambu!... Ela era a única que se dedicava a esse tipo de coisa... Eu não sei, se ela esteve na Alemanha e trouxe de lá ou se ela se informou através de livros, realmente não sei a formação dela... (LYDIA)

Fizemos esta inserção, a fim de expor, a partir das memórias da Sra. Lydia, alguns aspectos sobre a figura, de caráter tão importante, da idealizadora da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*. Na busca realizada, por maiores dados acerca da vida e da formação da Sra. Nair Maria Becker, encontramos, praticamente, um “silêncio dos arquivos”. Soubemos, através do relato da Sra. Lydia que, possivelmente, a professora Nair Becker teria se transferido, após deixar a escola, para o Rio de Janeiro e que era de família gaúcha, aparentada com o arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker. Localizamos a informação, de que teria atuado, na década de 1940, como Delegada de Ensino, na cidade de São Leopoldo/RS (SOUZA, RIBEIRO e LOPES; 2010).

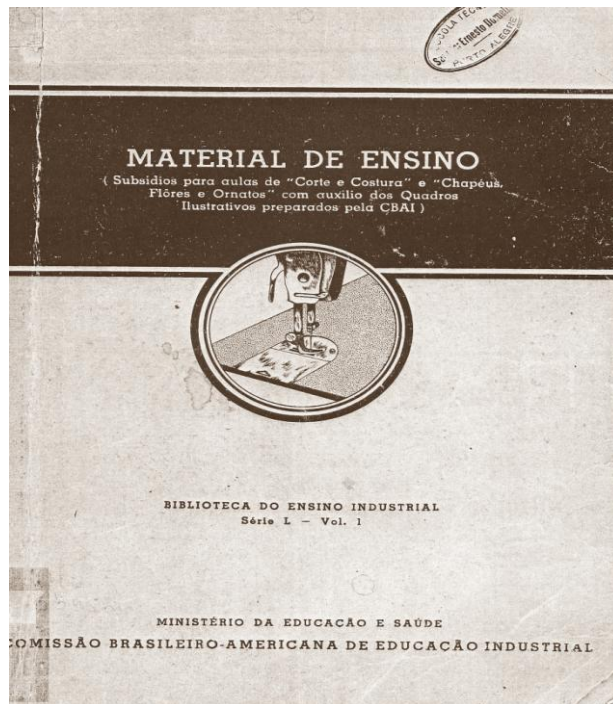


Figura 10 - Manual de Tecnologia elaborado por Nair Becker
Fonte: Biblioteca da Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles

A fim de contextualizar o leitor, elaboramos um quadro ilustrativo, a partir de um prospecto da instituição, onde é possível compreender o sistema de ensino adotado, contemplando os programas estabelecidos para os cursos do Ginásio Industrial e dos cursos Técnicos, bem como o conjunto de disciplinas que compunham o currículo da escola entre os anos de 1946 e 1958.

Quadro 2 – Programa dos cursos durante o período de 1946-1958.

PROGRAMA DOS CURSOS INDUSTRIAIS EQUIVALENTE AO 1º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO	PROGRAMA DOS CURSOS TÉCNICOS DA ESCOLA EQUIVALENTE AO 2º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO
Disciplinas de Cultura Geral	Disciplinas de Cultura Geral
Português Matemática Ciências Físicas e Naturais Geografia do Brasil História do Brasil	Português Matemática Inglês ou francês Física Química História Natural Geografia geral
Disciplinas de cultura técnica do curso de Corte e Costura	Disciplinas de cultura técnica do curso de Artes Aplicadas

<p>Tecnologia</p> <p>Desenho técnico</p> <p>Corte</p> <p>Costura</p> <p>Confecção de roupas brancas</p> <p>Confecção de vestuário de passeio</p> <p>Confecção de uniformes</p> <p>Confecção de trajes de rigor</p> <p>Rendas e bordados</p>	<p>Tecnologia</p> <p>Desenho técnico</p> <p>Desenho artístico</p> <p>Estilo e Composição</p> <p>Pintura decorativa</p> <p>Higiene industrial</p> <p>Organização do trabalho</p> <p>Contabilidade industrial</p> <p>Física aplicada</p> <p>Química aplicada</p> <p>História das artes decorativas</p> <p>Trabalhos em diferentes espécies de materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> { Encadernação Couros Madeiras Metais
<p>Disciplinas de cultura técnica do curso de Chapéus, Flores e Ornatos</p>	<p>Disciplinas de cultura técnica do curso de Decoração de Interiores</p>
<p>Tecnologia</p> <p>Desenho técnico</p> <p>Corte e costura</p> <p>Confecção de chapéus</p> <p>Confecção de flores</p> <p>Confecção de ornatos</p> <p>Rendas e bordados</p>	<p>Tecnologia</p> <p>Desenho técnico</p> <p>Revestimento</p> <p>Estilo e composição</p> <p>História das artes decorativas</p> <p>Decoração de interiores</p> <p>Higiene industrial</p> <p>Organização do trabalho</p> <p>Contabilidade industrial</p>
<p>Práticas Educativas</p>	<p>Práticas Educativas</p>
<p>Educação física</p> <p>Canto orfeônico</p> <p>Educação doméstica</p> <ul style="list-style-type: none"> { Culinária Puericultura Sociabilidade Contabilidade doméstica Serviço doméstico Artes domésticas Dietética infantil 	<p>Educação física</p> <p>Canto orfeônico</p> <p>Educação doméstica</p> <ul style="list-style-type: none"> { Culinária Puericultura Sociabilidade Contabilidade doméstica Serviço doméstico Artes domésticas Dietética infantil

Fonte: Revista *Técnica e Cultura* - 1958

Diante do exposto, pretendemos, neste capítulo, apresentar em linhas gerais a *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*. Entretanto, buscou-se, através dos recortes, aqui expostos, esboçar, a partir dos excertos de falas e das imagens dispostas, um panorama próprio da escola. Buscou-se, então, na imprensa periódica, nos materiais impressos sobre a instituição e, sobretudo, nas memórias dos “atores”, que atuaram como alunas e professoras da instituição, expor parte da trajetória da instituição. Certamente, que, diante dos materiais que foram acumulados, ao longo de dois anos de pesquisa, somos obrigados a fazer escolhas, priorizando materiais e “arranjando” estes recortes, no intuito de compor um todo coerente, no panorama que se pretendeu delinear.

Sobre o tema do ensino profissional feminino, em 7 de fevereiro de 1947, encontramos no jornal *Correio do Povo*, uma nota, assinada pelo deputado Celeste Gobbato, pai de uma das primeiras alunas da instituição, expondo suas impressões sobre a educação ministrada na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*. De acordo com as palavras de Celeste Gobbato, “é uma verdade, que não admite discussão, que a mulher representa o fator preponderante na organização da sociedade”. Para o articulista, “antes do mestre, é a mãe que orienta o menino; no seio da família que este recebe os primeiros ensinamentos, que se gravam indeléveis, em seu subconsciente durante toda sua vida”. Não nos cabe julgar, de maneira alguma, o discurso que, dentro do seu quadro histórico, somente reafirmava os propósitos ideais para a educação das mulheres no período. Sobre a ETSED, o autor dirá:

É uma organização que se pode denominar de maravilhosa. Localizada no amplo edifício do ex-Colégio Fernando Gomes, na rua Duque de Caxias, essa escola oferece o cursos técnico, para as alunas que completaram o ginásio e no qual, além do ensino geral, se faz profunda aprendizagem de artes aplicadas em metal, taquara, ráfia, vime, couro, madeira, encadernação e decoração de interiores (CORREIO DO POVO, 07-02-1947).

O deputado Celeste Gobbato, ainda diz que, além das atividades do ramo artístico, “há severas práticas de serviços domésticos, culinária, corte e costura, contabilidade doméstica, sociabilidade, puericultura teórico-prática, trabalhos em

tricô e dietética infantil”. A partir deste excerto, é possível pensar que se existiu, nos propósitos educacionais dos cursos ministrados na instituição, uma explícita intenção em formar “competentes donas de casa”, haveria também a intenção de formar profissionais (artífices e técnicas) nas *artes do vestuário*, *artes aplicadas* e nas *artes decorativas*. Para Louro e Meyer (1993, p. 47) “a formação como costureira, modista, chapeleira, tapeceira, decoradora, proporcionada pela instituição, representava o acréscimo de importantes dotes”, valorizando, através da educação, as moças para o casamento.



Figura 11 - Curso de Chapéus, Flores e Ornatos

Fonte: INEP, 1948.



Figura 12 - Curso de Corte e Costura

Fonte: INEP, 1948

No período investigado, entre o ano de fundação da escola em 1946 e 1961, foram diretoras da instituição, respectivamente, a fundadora, professora Nair Maria Becker (1946-1947), Zilda Denardin Ruschel (1947-1950) e Adália Hilgert (1950-1967). No ano de 1958, de acordo com um impresso de divulgação da escola, o corpo docente da instituição estava composto por 69 professores, sendo 63 professoras e 6 professores.

A partir deste número, que aponta para um corpo docente, em quase sua totalidade, formado por mulheres, podemos pensar que, em parte, tal número se deve as especificidades das disciplinas dos cursos da escola técnica, voltados para uma formação através das *artes femininas*, exigindo, portanto, que o aprendizado das técnicas profissionais, ligadas às funções de modista, chapeleira, florista, bordadeira, fosse ministrado por professoras habilitadas para este fim.

Os professores, em minoria, diante do *corpus* preponderantemente feminino da instituição, tinham funções ligadas ao ensino de disciplinas de Cultura Geral (*Matemática, Português*) ou lecionando as disciplinas de *Desenho Técnico, Desenho Artístico e Encadernação Artística*. Entre os professores, cabe destacar a atuação do médico, Dr. Rubião Hoefel, professor da seção de *Puericultura*, responsável pelo *Lactário*, laboratório de práticas educativas da escola, “onde se fazem os necessários ensinamentos sobre a alimentação da criança, dentro das mais rigorosas exigências dietéticas, aprende-se até a dar banho no recém-nascido”. Conforme nota do jornal *Correio do Povo*, do dia 7 de setembro de 1947, em matéria intitulada “*Aqui se aprende a cuidar da família e da nossa tradição*”, sobre o ensino de *Puericultura* na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, diz:

No *Lactário*, fica-se absolutamente ao par de tudo o que uma mãe deve fazer no que toca a alimentação do bebê. O preparo das mamadeiras, sopinhas dietéticas de legumes, pequenos pratos recomendados pelo nosso pediatra, de conformidade com o desenvolvimento físico da criança, tudo ali é ensinado a rigor (CORREIO DO POVO, 07-07-1947).

Desde o excerto, acima, é possível compreender que, ainda, fosse o objetivo principal da educação ministrada na escola, um ensino de caráter técnico e

profissionalizante, existia, na inclusão de um conjunto de saberes, tais como *Culinária, Puericultura, Dietética Infantil*, pertencentes a uma prática educativa, denominada *Economia Doméstica*, a permanência e a reafirmação, através de tais práticas no ambiente escolar, para “as funções que convêm às mulheres, no prolongamento das funções domésticas” (BOURDIEU, 2007, p. 112).

Para Louro e Meyer (1993), a proposta de ensino na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, visava a formação da mulher como “profissional hábil” e, ao mesmo tempo, “competente dona de casa”. As autoras, sugerem a ideia de um “binômio nunca rompido”, dizendo, haver “um receio de se enfatizar demasiadamente um dos pólos”. Percebemos, conforme os excertos expostos neste capítulo, concordando com a ideia das autoras, que havia, nos discursos sobre a escola, um cuidado em acentuar o valor da educação doméstica feminina, fazendo crer que a atuação profissional das mulheres seria conveniente dentro dos espaços domésticos e privados. Neste sentido, em relação ao universo da educação feminina e de sua estreita imbricação com o “doméstico”, pode-se dizer:

Excluídas do universo das coisas sérias [...], as mulheres ficaram, durante muito tempo, confinadas ao universo doméstico e às atividades associadas [...] aos interesses materiais e simbólicos da descendência, isto é, dos homens. O trabalho doméstico que cabe às mulheres tem, ainda hoje, por finalidade, em diferentes meios, manter a solidariedade e a integração da família, sustentando relações de parentesco e todo o capital social com a organização de atividades sociais ordinárias, como as refeições (BOURDIEU, 2007, p. 116).

Sobre o corpo docente da instituição, não encontramos documentos oficiais que nos fornecessem dados acerca da formação dos professores. Desta forma, buscamos compor, neste capítulo, a partir de uma imagem fotográfica, um panorama geral do grupo. A fotografia, fornecida pela Sra. Lydia Gobbato Karl, não possui, em seu verso, nenhuma inscrição que indique o local ou a data, mas, contém assinaturas de algumas das pessoas retratadas no grupo. De acordo com a Sra. Lydia Gobatto Karl, provavelmente, a fotografia do grupo foi tirada por ocasião de um churrasco, realizado como celebração ao Dia do Professor.

No grupo, encontram-se professoras e professores da ETSED, funcionários da escola, professores de outra instituição de ensino profissional, familiares de professores e funcionários da Secretaria de Educação e da Superintendência de Ensino Profissional. Foi possível identificar, com a ajuda das entrevistadas Lydia e Elisabetha, suas presenças entre o grupo, além de outras pessoas que figuram na fotografia, que apresentamos, de acordo com a numeração da imagem. Na medida do possível, identificamos, entre parênteses, a disciplina que lecionavam ou cargo que ocupavam na ocasião. Neste sentido, cabe pontuar, que a imagem fotográfica, aqui reproduzida, serviu como um *dispositivo* enunciador da memória, permitindo, a partir de sua visualização, por parte das entrevistadas, uma aproximação com o passado, materializando-se imagetivamente em um *fragmento histórico*. Para Mauad (1996, p. 8):

Há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado - condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro.

Ao entrevistar a Sra. Lydia Gobbato Karl, ela nos diz ter encontrado, por um acaso, a fotografia, quando buscava documentos relacionados à escola, que pudessem me auxiliar na pesquisa. Cremos que esta imagem seja a mais representativa de nossa própria intenção, ao elaborarmos este estudo. Na fotografia, figuram duas ex-alunas, nossas entrevistadas que, na ocasião, já ocupavam a posição de docentes da instituição.

A imagem fotográfica foi, posteriormente, reproduzida e impressa, para que, junto as outras entrevistadas, servisse como instrumento enunciador de memórias. A partir das ideias propostas por Mauad (2010), associamos as fontes orais, uma imagem, que, tomada como fonte de memória, nos permitiu um processo de rememoração, promovendo um ato narrativo/rememorativo, que enuncia um fato vivido em um determinado tempo e espaço passado.



Figura 13 - Professores da Escola (1957?)

Fonte: Acervo pessoa da Sra. Lydia Gobbato Karl

Listagem dos nomes, a partir da imagem.

- 1- Roswith Mohr Mielitz⁴⁷ (Trabalhos em Couros)
- 2- Branca Schneider (Decoração de Interiores)
- 3- Rudi Polonia (marido da professora Judith)
- 4- Judith de Nadal Polonia (Culinária)
- 5- Carmen Simões da Cunha (Corte e Costura)
- 6- Não identificada
- 7- Isolda Paes (Português-Francês)
- 8- Raphael Pandolfo
- 9- Adália Hilgert (Diretora da ETSD- Chapéus, Flores e Ornatos)
- 10- Lia (?)
- 11- Não identificada
- 12- Rita de Cássia (Funcionária da ETSD)
- 13- Maria Regina Batista Gomes de Oliveira (Chapéus, Flores e Ornatos)
- 14- Carmen Severini (Matemática)
- 15- Jussara Cirne
- 16- Alba Gomes (Geografia)
- 17- Vera Pacheco (Educação Física)
- 18- Não identificado
- 19- Marido da professora Martha Wiederspahn
- 20- Martha Wiederspahn
- 21- Haydée Freire
- 22- Carmen Braga (Português)
- 23- Não identificada
- 24- Ena Maydano (Ciências)
- 25- Leda Carneiro (Inspetora)
- 26- Não identificada
- 27- Lydia Gobbato Karl⁴⁸ (Metais)
- 28- Elisabetha Von Endt Fillmann⁴⁹(Corte e Costura – Trabalhos em Couro)
- 29- Edy Corrêa (Corte e Costura)
- 30- Ermano Ducceschi (Desenho)
- 31- Diretora da Escola Darcy Vargas
- 32- Irma Steglich (Rendas e Bordados)
- 33- Jayme Severo dos Santos (Desenho)
- 34- Raul Vaghetti (Encadernação)

⁴⁷ Aluna da primeira turma do Curso Técnico em *Artes Aplicadas*. Juntamente com a Sra. Lydia Gobbato Karl, formaram a primeira turma de alunas de nível técnico da ETSED.

⁴⁸ A Sra. Lydia Gobbato Karl foi uma das entrevistadas neste estudo, contribuindo com suas impressões acerca da instituição, enquanto ex-aluna, ex-professora e ex-diretora da escola.

⁴⁹ A Sra. Elisabetha Von Endt Fillmann, foi aluna do Ginásio Industrial, no curso de *Corte e Costura* e do curso Técnico em *Artes Aplicadas*. Foi, também professora do Ginásio Industrial, lecionando *Corte e Costura* e do Curso Técnico em *Artes Aplicadas*, onde lecionou *Trabalhos em Couro*.

Na década de 1950, a *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, consolidou-se como um reconhecido estabelecimento de ensino no âmbito do estado do Rio Grande do sul. As exposições de trabalhos artísticos, realizados pelas alunas nas oficinas da instituição, eram regularmente divulgadas pela imprensa periódica. Conforme reportagem do jornal *Folha da Tarde*, de 18 de dezembro de 1957, a exposição dos trabalhos da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles* “reflete os ensinamentos que preparam para o lar e para a sociedade”. De acordo com a nota, quem visitasse a escola técnica feminina, certamente, encontraria na exposição de trabalhos, “resposta ao pensamento do pedagogo, ao dizer: *Que não seja a escola algo de sombrio, mas um poema, anseio de luz e de cor...*” Completando a nota, um outro excerto, ao tratar dos trabalhos realizados pelas alunas, dizia: “Chapéus e grinaldas, e outros ornamentos que atendem a faceirice feminina, permitirão às alunas um meio garantido de ganhar a vida eficientemente ou para seu gasto pessoal” (FOLHA DA TARDE, 18-12-1957). Percebe-se, a partir do artigo, a dupla finalidade que existia na educação técnica e profissionalizante, ao mesmo tempo em que preparava-se a mulher para o espaço doméstico, também tornava possível uma carreira profissional feminina autônoma.

A escola profissional feminina firmou-se como uma instituição modelo, merecendo, inclusive, uma publicação especial, em dezembro de 1958, impressa e distribuída pela Superintendência do Ensino Profissional e pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Em formato de revista e denominada *Técnica e Cultura*, a publicação trazia, em sua apresentação, um artigo com o título “Nossa escola cresceu”, da autoria de uma professora da instituição, Maria de Lourdes Meneghetti Soares. A professora exaltava a fase da escola, que demonstrava, em 1958, “plena e integral maturidade”. A instituição, realizava, dentro do ideal visado, “a formação da menina-moça, atendendo suas múltiplas necessidades, indo de encontro as futuras exigências da mulher que surgirá mais tarde”. No trecho, acima destacado, percebe-se que, doze anos depois da criação da escola, já no fim da década de 1950, os propósitos para a educação feminina na instituição, eram os mesmos da época de sua criação, pois, de acordo com o texto, na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, “a menina-moça é orientada e adquire uma cultura que levará para dentro de seu lar, tornando-a capaz de

desempenhar as funções de dona de casa perfeita, ao mesmo tempo que as prepara com uma profissão digna a enfrentar qualquer problema econômico que vier a surgir” (TÉCNICA E CULTURA, 1958).

Através destes excertos, pode-se verificar que a escola cumpria, através do seu currículo, a possibilidade de fornecer conhecimentos adequados às alunas de diferentes classes sociais, pois pretendia “formar a dona de casa perfeita” e, ainda, habilitar a mulher, em caso de necessidade, para a situação em que devesse exercer uma profissão, garantindo, através de seu trabalho, o sustento próprio ou complementando a renda da família.

Para Louro e Meyer (1996), um dos objetivos da formação feminina nos cursos industriais e técnicos da ETSED, era conciliar a esfera profissional e a doméstica, através da aprendizagem técnica dos mais variados trabalhos e da educação para os afazeres do lar, visando, ao mesmo tempo, uma formação direcionada para o exercício de uma profissão e para o desenvolvimento desta atividade dentro do ambiente privado.

Deste modo, no capítulo que segue, buscou-se compreender, através das narrativas das ex-alunas e/ou ex-professoras da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, suas impressões sobre a formação ministrada na instituição, desta cultura escolar específica, bem como de suas trajetórias profissionais após a saída da instituição.



Memórias (entre)laçadas



5. AS MEMÓRIAS (ENTRE) LAÇADAS

No capítulo que segue, daremos, efetivamente, voz ao passado, através das falas de nossas entrevistadas. Diante do *lacônico* e do *mutismo*, por vezes presentes nos documentos oficiais e dos impressos, buscamos, no dinamismo das falas das entrevistadas, captar as cores, os meios-tons das reflexões, que emergem no discursos, que ao rememorar o passado, traz à tona um universo de esquecidos e não-ditos da história oficial. Para Cardoso (2000):

Este tipo de perspectiva permite questionar os tipos de forças e os modos como elas operam na construção da memória coletiva produzindo a sua manifestação como uma representação solidificada e dotada de durabilidade, de estabilidade e de continuidade. Perspectiva que permite ainda perceber na história aqueles momentos do não-dito, dos silenciamentos (p. 4)

A análise do relato oral é uma importante fonte para a compreensão dos papéis exercidos pela escola e pelo processo de escolarização, bastante utilizada e valorizada no campo da Educação. Através das construções narrativas, de caráter autobiográfico, buscamos na história de vida de mulheres e nos depoimentos colhidos, indícios que falassem de suas experiências como ex-alunas e ex-professoras da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, bem como de suas impressões acerca dos cenários de suas vivências e dos atores que participaram de suas trajetórias.

Ao elaborarmos o roteiro para as entrevistas, alguns cuidados metodológicos foram antecipadamente tomados. Assim, formulou-se um roteiro composto por questões abertas, tomando-se o cuidado de que a formulação e disposição das perguntas apresentadas durante a entrevista não impedissem o fluxo do *discurso da memória*, permitindo que as entrevistadas desenvolvessem com liberdade suas narrativas. A utilização deste roteiro, enquanto um instrumento metodológico, nos serviu como uma diretriz para a condução dos relatos, a fim de dispor certo “arranjo cronológico” e, ao mesmo tempo, como dispositivo enunciador dos temas de interesse da investigação.

Para Revel (1998, p. 38), o relato autobiográfico “pode ser relido como um conjunto de tentativas, de escolhas, de tomadas de posição diante da incerteza”, tal qual um campo de possibilidades, entre as quais o narrador teve de escolher o caminho para compor seu relato.

Inicialmente, buscamos, no intuito de compor o grupo para o estudo, através de entrevistas individuais, ex-alunas da instituição que tivessem frequentado e completado o 1º Ciclo do Ginásio Industrial, nos Cursos Industriais de *Corte e Costura e Chapéus, Flores e Ornatos*. Entretanto, no intercurso da pesquisa, encontramos duas ex-alunas que frequentaram somente o Curso Técnico em *Artes Aplicadas* (pertencente ao 2º Ciclo do Ensino Secundário) e que foram incorporadas ao estudo e vieram a contribuir para um maior entendimento de aspectos particulares do funcionamento da escola e dos cursos de nível técnico.

Usamos como procedimentos para a análise das narrativas, as propostas utilizadas por Teresa Cristina Rego, em sua obra *Memórias de Escola: Cultura escolar e constituição de singularidades* (2003). A autora propõe o uso das narrativas colhidas como documentos, em que trechos das falas das entrevistadas serão intercalados com percepções do pesquisador, apoiado em autores que ofereçam subsídios analíticos convenientes às finalidades da pesquisa em questão.

O roteiro elaborado dividiu-se em quatro seções (vide em Anexoll), que foram conduzidas por temas, onde buscamos, a partir dos procedimentos sugeridos por Rego (2003), estimular as memórias de nossas entrevistadas sobre suas vivências e experiências relacionadas à *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*. Na primeira parte da entrevista, registramos informações gerais dos sujeitos de pesquisa, como dados básicos de identificação (nome completo, data e local de nascimento, estado civil, filhos), condições sociais, culturais e econômicas da família (grau de escolaridade e ocupação profissional dos pais) e o ingresso na vida escolar (idade de entrada na escola primária e instituições que frequentou durante o curso primário).

Durante as leituras sobre as narrativas colhidas, nos procedimentos de transcrição das entrevistas e atentos para as entrelinhas das construções discursivas e nas subjetividades próprias do relato autobiográfico, buscou-se, para além de perspectivas das representações individuais sobre os fatos, também, a possibilidade de percepção para a exposição de indícios históricos, referências e características, que entrelaçadas, possam delinear, ainda que parcialmente, um panorama, composto de cenários, sujeitos e práticas que perpassaram os processos de escolarização e as trajetórias profissionais das egressas da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*.

Deste modo, buscamos, em etapa posterior as análises individuais de cada narrativa, realizar uma análise conjunta das informações obtidas em cada depoimento que, justapostas, nos proporcionaram um painel sintético dos temas abordados na pesquisa. Apresentamos neste capítulo, o entrelaçamento das lembranças, das experiências vivenciadas e das representações de nossas entrevistadas acerca de suas trajetórias de vida, desde a entrada no ambiente escolarizado (primário, secundário, formação técnica) até sua atuação profissional.

Este conjunto, composto por excertos das falas das entrevistadas, serão elencados de acordo com uma ordem, estabelecida desde a entrevista, apresentados aqui em *primeiras, segundas, terceiras, quartas e últimas memórias*. Esta ordem, entretanto, não representa um juízo de valor sobre as *primeiras memórias* em relação as outras. Todas memórias, no contexto deste estudo, possuem igual valor e significância, apenas nos utilizamos deste recurso de uma *catalogação* para oferecer ao leitor uma exposição ordenada das falas.

5.1 AS (PRIMEIRAS) MEMÓRIAS

Introduzindo-se as ditas *memórias entrelaçadas*, faz-se necessária uma breve apresentação de nossas depoentes, a fim de esclarecermos alguns pontos acerca do grupo formado pelas entrevistadas e, por conseguinte, pelo conjunto das entrevistas aqui apresentadas. Foram realizados, ao todo, cinco encontros individuais com ex-alunas da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, que estudaram na instituição entre os anos de 1946 e 1961.

Do grupo total de entrevistadas, composto, então, por cinco ex-alunas da ETSED, quatro das entrevistadas tornaram-se professoras da instituição, após a conclusão do Curso Técnico em *Artes Aplicadas*. Assim, desde a década de 1950, as senhoras Lydia Gobbato Karl, Ria Breyer Puhl e Elisabetha Von Endt Fillmann atuaram como docentes da escola, nos cursos do Ginásio Industrial e Técnicos da ETSED. A Sra. Claudette Almeida, após concluir o curso de *Corte e Costura* e, posteriormente, o Curso Técnico em *Artes Aplicadas*, lecionou na *Escola Artesanal Cilon Rosa*, na cidade de Santa Maria, de 1958 a 1960, voltando para Porto Alegre, onde lecionou na ETSED.

Não localizamos, a partir da rede de contato, formado pelo grupo de entrevistadas, nenhuma ex-aluna que tenha frequentado o Curso Técnico em *Decoração de Interiores*. A única ex-aluna que frequentou o Curso de *Chapéus, Flores e Ornatos*, quando solicitada, não quis prestar entrevista. Assim, o grupo esteve formado, respectivamente, pelas senhoras Ingrid Schulze, sessenta e nove anos e ex-aluna do Curso Técnico em *Artes Aplicadas*; Ria Breyer Puhl, setenta anos, ex-aluna do Curso de *Corte e Costura* do Ginásio Industrial e do Curso Técnico em *Artes Aplicadas*; Lydia Gobbato Karl, oitenta e dois anos, ex-aluna do Curso Técnico em *Artes Aplicadas*; Elisabetha von Endt Fillmann, setenta e sete anos, ex-aluna do Curso de *Corte e Costura* do Ginásio Industrial e do Curso Técnico em *Artes Aplicadas* e pela senhora Claudette Pereira de Almeida, setenta e quatro anos, ex-aluna do Curso de *Corte e Costura* do Ginásio Industrial e do Curso

Técnico em *Artes Aplicadas*. Do grupo de entrevistadas, quatro delas casaram e tiveram filhos, apenas a Sra. Ingrid Schulze é solteira e não teve filhos.

Como uma interrogação inicial, pediu-se às entrevistadas que nos falassem acerca do grau de escolaridade dos pais, bem como das profissões desempenhadas por estes, no intuito de compreender, ainda que brevemente, alguns aspectos gerais sobre as condições familiares e memórias relativas ao período da primeira infância e da entrada na vida escolar. Inicialmente, cabe ressaltar algumas considerações gerais sobre estes aspectos, uma vez que o grupo nos mostrou circunstâncias de origem diversas, em categorias distintas e situações particulares.

Nesse sentido, como exemplo inicial, temos a Sra. Lydia Gobbato Karl, filha do Sr. Celeste Gobbato⁵⁰, de origem italiana, engenheiro agrônomo e que ocupou o cargo de Intendente Municipal de Caxias do Sul entre 1924 e 1928. Posteriormente, em 1947, foi eleito deputado estadual. Sobre este fato, quando indagada acerca de sua família, a entrevistada nos diz:

Meu pai era grau superior, ele era engenheiro agrônomo, italiano... Ele veio, convidado pela faculdade de *Engenharia*, na época não havia ainda a *Universidade* aqui, em Porto Alegre. Ele veio para trabalhar na *Escola de Agronomia* daqui, em 1912, exatamente. E minha mãe era do lar... (LYDIA)

A Sra. Ingrid Schulze nos relatou que seu pai também possuía curso superior, tendo atuado no setor do comércio como empresário e, também, professor de uma tradicional instituição de ensino de Porto Alegre. Sobre sua mãe, nos contou que esta havia trabalhado no comércio e, que, posteriormente ao casamento, a mãe se

⁵⁰ Celeste Gobbato, nascido na Itália em 1890, formou-se em Enologia e Viticultura na *Scuola di Conegliano* e fez doutorado em Ciências Agrárias na *Università di Pisa*. Veio para o Brasil em 1912 a convite do Governo do Estado do Rio Grande do Sul a fim de ensinar Enologia e Viticultura na Escola de Engenharia de Porto Alegre. Colaborou na criação e edição da revista *Egatéa*, publicada pela Escola de Engenharia, a partir de 1914. Foi eleito em 1924 para o cargo de Intendente Municipal da cidade de Caxias do Sul/RS. De acordo com Monteiro (200, p.6) “entre 1929 a 1938 dirigiu a Estação Experimental de Caxias do Sul e atuou como engenheiro agrônomo do Ministério da Agricultura. Em 1934, recebeu o título de *Cavaliere* de S.M. Vittorio Emanuele III, rei da Itália. Na década de 1940 foi titular da cátedra de Vinicultura da Escola de Agronomia e Veterinária da Universidade de Porto Alegre. Em 1947 foi eleito Deputado Estadual, participando da Constituinte de 1947. Faleceu em Porto Alegre em 1958.

dedicou as atividades domésticas. Sobre o grau de escolaridade dos pais e as atividades desempenhadas por estes, a Sra. Ingrid nos diz:

Minha mãe tem o que na época, seria até a sétima série, mais ou menos... O meu pai fez o curso de contador, quer dizer, ele tinha o curso superior de contabilidade. Minha mãe sempre foi das atividades do lar. Em solteira, ela trabalhou num *atelier* fotográfico, o *atelier* Victoria, que era muito conceituado na época... Meu pai tinha atividades variadas, ele era um pequeno empresário, tinha uma empresa de material de escritório [...] Ao mesmo tempo, ele tinha uma visão muito humanista também, ele sempre foi muito ligado a cooperativismo, ele trabalhou também muitos anos também no SESI [...] Junto com um grupo de colegas, ele fundou a *Escola Técnica de Comércio Farroupilha*... (onde) Foi, durante muitos anos, professor de *Mecanografia*... (INGRID)

Através das falas das duas entrevistadas, referidas nos excertos acima, percebe-se em suas narrativas, o seu pertencimento, ao que se pode considerar a uma classe social de elite, onde os pais, possuíam educação em nível superior, ocupando posições sociais e profissionais de destaque e, respectivamente, as mães tinham suas ocupações voltadas para as funções domésticas.

As duas entrevistadas, Sra. Lydia Gobbato Karl e Sra. Ingrid Schulze, frequentaram somente o Curso Técnico em *Artes Aplicadas*, tendo concluído o curso ginásial em instituições particulares da cidade de Porto Alegre. A Sra. Ingrid Schulze realizou toda sua educação primária e ginásial no *Colégio Farroupilha*, de onde saiu somente para dar continuidade aos estudos na Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles. Acerca destas circunstâncias, nos relatou, ainda, o motivo que a levou a formação técnica na escola:

A minha formação primária e ginásial é toda realizada no *Colégio Farroupilha*. Eu ainda fui aluna do “Velho Casarão” (sorrindo e lembrando) com todas as experiências do “Velho Casarão”, muito interessantes... Quando eu terminei o Ginásio, os meus pais perceberam que eu não estava assim, digamos inclinada a seguir algum estudo muito “intelectual”, o *Clássico, Científico*... Aí meu pai descobriu a *Escola Técnica Ernesto Dornelles*, decerto, fez alguma pesquisa, isso ele nunca me revelou... Ele achou que talvez fosse interessante, uma coisa que eu gostasse de fazer... Porque naquela escola eu poderia fazer coisas com as mãos! (enfática) E isso foi muito bom pra mim...(INGRID)

É interessante observar, no trecho do relato da Sra. Ingrid Schulze, o motivo pelo qual escolheu continuar sua formação pós-ginásial na ETSED. A entrevistada refere-se ao desejo, naquele momento, de buscar, com a anuência paterna, uma educação menos “intelectual” e, sim, para uma formação mais voltada para o desenvolvimento das habilidades manuais e estéticas. Assim, as representações de profissões tipicamente femininas, acabavam por traduzir determinadas expectativas sociais e culturais, fixando imagens e condutas “naturalizadas”, legitimadas em masculinas e femininas. Ademais, o processo de escolarização, enquanto um dispositivo político, pode enfatizar à fixação dessas representações.

A Sra. Lydia Gobbato Karl, ao ser indagada sobre suas primeiras lembranças da vida escolar, faz interessantes referências sobre sua educação primária e ginásial, além de sua passagem por várias instituições onde estudou. Sobre este tema nos diz:

Ai! Várias escolas! (*rindo*) Eu comecei no Colégio São José⁵¹, em Caxias do Sul... Mas saímos de lá quando eu estava com 10 anos e viemos para cá. Aí, aqui fiquei um tempo na *Marienschule*⁵², do lado da Igreja São José, depois fiquei, mais um ano, interna no Colégio Santa Catarina⁵³ me preparando para o admissão! Era o quinto ano primário. O Santa Catarina era um colégio católico, em Novo Hamburgo. E havia um internato, aí fiquei lá! No fim do ano, voltei, fiz o admissão no Bom Conselho⁵⁴ e fiquei lá até completar o ginásio...(LYDIA)

⁵¹ Escola fundada em 1901, pela Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, oriundas da cidade de Moûtiers, França. A Congregação fundou outros importantes estabelecimentos para a educação de meninas e moças no Rio Grande do Sul, como o *Colégio São José*, na cidade de Pelotas, em 1910. Em 1906, em Porto Alegre, as religiosas da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry assumem a direção do *Colégio Sévigné*, fundado por Madame Emmeline Courteilh em 1900.

⁵² Escola para meninas, fundada pela Comunidade Alemã de São José, na cidade de Porto Alegre, no início do século XX. Esteve a cargo das Irmãs Franciscanas desde 1914 até 1938, quando passou a chamar-se *Escola Nossa Senhora Medianeira*.

⁵³ O *Colégio Santa Catarina*, foi fundado pela Congregação das Irmãs de Santa Catarina, na localidade de Hamburgo Velho, na cidade de Novo Hamburgo/RS, em 1900. Até 1914 funcionou como escola mista, após esse período, passou a funcionar exclusivamente em regime de internato e externato femininos. Oferecia educação nos níveis de primário, curso complementar, ginásio e escola Normal. Não foi possível localizar, além de um livro editado em comemoração ao centenário da instituição, estudos acadêmicos que tenham abordado a escola como tema, mas sabe-se por fontes informais, que a instituição tinha muita procura pelas famílias da elite sul-rio-grandense para a educação das meninas e moças.

⁵⁴ O *Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho* é uma das mais tradicionais instituições de ensino para o público da elite feminina gaúcha. Foi fundado em 1905 pela Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã e está localizado no bairro Moinhos de Vento em Porto Alegre/RS.

A entrevistada, ao tratar de suas primeiras memórias sobre a vida escolar, nos revelou sua passagem por várias instituições escolares, todas de caráter iminentemente católico e voltadas exclusivamente para a educação das meninas pertencentes às classes de elite. Em relação ao tema da admissão ao ginásio e possibilidade de frequentar uma escola mista, a título de ilustração, transcrevemos um interessante excerto da entrevista da Sra. Lydia, onde diz:

Na ocasião, eu morava na frente do *Colégio Farroupilha*... Mas meu pai, muito cioso não é? (*rindo*) disse: “Não! Uma escola mista? Vai para o *Bom Conselho*!”... O meu irmão ia para o *Farroupilha* só atravessando a rua! Eu tinha que ir até não sei onde! (*rindo*) Nós morávamos na Alberto Bins! Mas eu fui para o *Bom Conselho*, foi um bom colégio!..(LYDIA)

É possível perceber, em sua fala, a vontade paterna como determinante para sua educação, cuidando que ela estudasse em instituições para educação feminina e, também, receoso da entrada da filha em uma escola mista. Pode-se inferir que, em certa medida, a educação mista não era, pelo menos entre as décadas de 1930 e 1940, em Porto Alegre, um sistema estabelecido, ainda que o *Colégio Farroupilha* funcionasse, desde 1934, com turmas mistas em nível ginásial (TELLES,1974). Neste sentido, a partir das falas das duas entrevistadas, percebemos que, o acesso à determinados estabelecimentos de ensino (ambas estudaram em escolas particulares, de padrão reconhecidamente elevado), bem como o próprio fato de que seus os pais possuíam curso superior, apontam o pertencimento, através do *capital escolar* adquirido, para uma origem familiar de classe social elevada (BOURDIEU, 2008).

A Sra. Ria Breyer, ao ser indagada sobre suas primeiras memórias, nos apresentou lembranças sobre sua vida, na cidade de Canela/RS. Nos falou de sua família, da origem desta, da profissões de seus pais e, também, de algumas circunstâncias relevantes de sua infância, como vemos no excerto abaixo:

A minha mãe estudou “em alemão”! E, não teria além do quinto ano, o que equivale a quinta série não é? Mas isso nem era bem reconhecido pelo governo... Era numa colônia! Mas, além disso, ela não tinha mais nada [...] Meu pai... Não tenho a mínima ideia de que instrução ele tinha! Eu convivi pouco com ele... Provavelmente, como

era da mesma região, também não passou do primário. Só que o meu pai era músico, ele tinha uma cultura musical, mas também não de escola...(RIA)

Percebe-se, através da fala da Sra. Ria, uma condição diferenciada, em relação as outras entrevistadas, anteriormente referenciadas. A Sra. Ria veio de uma pequena cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, tendo passado sua infância no meio rural e em uma família de origem alemã. Sobre as atividades profissionais desenvolvidas pelos pais, nos diz:

Meu pai, profissionalmente, era ferreiro... A minha mãe era dona de casa... Bom, ela era chacareira, cuidava de uma chácara em Canela... Mas fora isso, não tinha uma profissão especializada, era (*com ênfase*): DONA DE CASA! DO LAR! (RIA)

Cabe destacar, na fala da entrevistada, a ênfase dada em relação a posição profissional da mãe, que trabalhava, na função doméstica de chacareira e, também, na “profissão não reconhecida” de dona de casa. A Sra. Ria nos relatou ter feito seus estudos primários na cidade de Canela, no *Grupo Escolar João Corrêa*, tendo entrado para a escola com sete anos e concluído o primário aos doze anos. Quando indagamos acerca de seu ingresso para o Ginásio Industrial da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, a depoente nos contou de que maneira havia tomado conhecimento da escola e quais foram os motivos que a trouxeram para Porto Alegre, onde deu continuidade aos estudos. Ao ser indagada em relação ao tema, nos contou:

Bom, eu sempre gostei de estudar! E sempre tive boas notas! Eu queria ser alguém, mais do que viver no meio do mato, onde nós vivíamos... E gostava de estudar! Então, eu fiquei sabendo que havia uma escola aqui, em Porto Alegre, que era do governo, não precisava pagar... Porque nós éramos muito pobres, não tínhamos condições mesmo...(RIA)

É interessante observar que a entrevistada enfatiza o seu desejo pessoal de “estudar para progredir” – *ser alguém*, vendo, então na possibilidade de ingresso na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, uma oportunidade de mudança, não somente do meio em que vivia, mas, também, de sua própria condição social.

A entrevistada nos relatou que, na ocasião, contou com o auxílio de uma vizinha, para quem, ela (a entrevistada) e a mãe, realizavam serviços domésticos e, que estava vizinha, lhe ofereceu a ajuda necessária para que sua vinda e o seu ingresso na escola profissional feminina fosse possível.

No excerto abaixo, a Sra. Ria nos contou acerca do exame de admissão, pré-requisito necessário para a entrada no Ginásio Industrial e, no seu caso, em especial, condição *sine qua non* para que viesse estudar na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*:

Havia uma veranista, era vizinha, a nossa mãe cuidava da chácara para ela [...] Eu cuidava do jardim dela... Ela ofereceu, se eu quisesse vir, se a mãe deixasse, ela compraria o enxoval e tudo... Se eu passasse no admissão! Que era quase um vestibular! Era uma coisa muito puxada, não era para qualquer um entrar! (*rindo*) Se eu passasse no admissão, ela cobriria os gastos! (RIA)

Outra depoente, a Sra. Elisabetha von Endt Fillmann, nos relatou algumas lembranças em relação aos pais e, ainda, sobre sua entrada na escola primária. Seus pais eram imigrantes alemães, estabelecidos, inicialmente na cidade de Estrela/RS, vindo a família, posteriormente, a estabelecer-se em Porto Alegre. Acerca de sua origem familiar e do grau de escolaridade dos pais, a entrevistada nos diz:

Olha, eles vieram da Alemanha. Eles eram uns aventureiros! O que eles, realmente, estudaram, eu não sei... Porque era na Alemanha, era tudo bem diferente daqui... O meu pai era técnico, ele era técnico em refrigeração... Ele, primeiro, teve uma fábrica de gelo e depois dava assistência as empresas que tinham refrigeração. A minha mãe era dona de casa mesmo, naquela época era difícil para uma senhora trabalhar...(ELISABETHA)

Sobre sua educação primária, a Sra. Elisabetha relatou ter concluído os seus estudos iniciais na *Escola Dom Pedro I*, instituição vinculada a Igreja Evangélica Luterana, situada no bairro Higienópolis, em Porto Alegre. Em relação a ETSED, nos contou como a família tomou conhecimento da escola:

A minha mãe ouviu alguém comentar [...] Ela teve curiosidade em saber, me comentou... Que idade eu tinha ali? Uns doze anos talvez,

doze para treze anos... Quando eu fui lá para conhecer a escola (ETSED), já fiz a matrícula! Era uma escola bem interessante, diferente para a época! Aí eu já fiquei lá!... (ELISABETHA)

Acerca dos motivos que lhe levaram a ingressar, em 1948, no Curso de Corte e Costura do Ginásio Industrial da ETSED, a entrevistada nos diz:

Era uma escola que te dava uma profissão, não era só um estudo “literário” de cadernos, cadernos... Te dava mais alguma coisa! Inclusive nós tínhamos aulas de Culinária, era uma escola muito completa! Nós passávamos o dia inteiro lá dentro!... (ELISABETHA)

É interessante observar, que a Sra. Elisabetha Fillmann faz referência à formação profissional, que lhe habilitava para o exercício efetivo de uma profissão, em detrimento ao que ela se refere, de apenas “*um estudo literário*”, ou seja, de uma educação de caráter intelectual e científico. Este tema da educação intelectual, contrapondo-se à educação técnica, de cunho mais prático e com uma aplicabilidade direcionada ao desempenho de uma profissão, pode ser observado, também, na fala da Sra. Ingrid Schulz, onde, ela nos diz, ter escolhido fazer o Curso Técnico em *Artes Aplicadas*, por não ter uma inclinação, na época, para prosseguir “*um estudo mais intelectual*”.

A Sra. Claudette Almeida, ao ser indagada sobre o grau de escolaridade de seus pais, nos contou que seu pai era militar, tendo o segundo grau incompleto e, sua mãe, o primeiro grau completo. Em relação a sua educação primária, nos disse ter frequentado várias instituições de ensino até o ingresso, em 1950, no Curso de Corte e Costura do Ginásio Industrial da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*.

Quando perguntamos sobre como havia tomado conhecimento da escola técnica feminina, ela nos comentou: “*Através de conversas com amigas... Outras amigas já tinham ido! E meu pai era militar, então tinha filhas de militares que já estudavam lá, então, através delas que eu fui para a Ernesto Dornelles...*”. Acerca da ideia de dar continuidade aos seus estudos na ETSED e do motivo que lhe levou ao Ginásio Industrial, nos diz:

Bom, na época, se falava muito que **as meninas que iam para a Ernesto Dornelles eram, assim, umas donas de casa completas!**

Outra coisa, também, que o estudo era gratuito e que nós passávamos o dia inteiro na escola... Além de toda a educação geral, nós tínhamos essa parte técnica, nas oficinas!...(CLAUDETTE)

Cabe ressaltar, na fala da sra. Claudette, que, um dos motivos que lhe levou a estudar na escola técnica feminina, estava relacionado ao direcionamento da educação ministrada na ETSED, para uma formação que lhe permitiria desempenhar o papel de *“dona de casa completa”*. Neste sentido, pode-se perceber que a imagem da ETSED, esteve alinhado, desde a sua criação, aos discursos dominantes, que viam na escola técnica feminina, o espaço adequado para a formação de mulheres em *competentes donas de casa* (LOURO; MEYER, 1993). A educação feminina, em especial a de caráter profissionalizante, esteve direcionada pelo discurso social, onde “as mulheres foram levadas a buscar sua identidade nos signos exteriores ligados aos atributos femininos: boa dona de casa, decoradora do lar, boa cozinheira, boa mãe e educadora” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 153).

Neste primeiro momento, ao introduzirmos os temas relacionados à infância e entrada na escola, percebemos o quanto são caras as *memórias escolares* para as nossas entrevistadas. Estas lembranças, em seus discursos, surgem carregadas de pormenores, principalmente quando fazem referência ao ensino primário, demonstrando a importância das impressões produzidas pela entrada no mundo escolarizado, pelos processos de escolarização e pelos espaços escolares por quais passaram.

Constatou-se, inicialmente, que do grupo de cinco entrevistadas, quatro referiram-se ao sustento financeiro das famílias como de responsabilidade unicamente paterna. Na fala da ex-aluna Sra. Elisabetha Fillman, identificamos uma explicação para o fato, ao relatar que não era comum a profissionalização feminina, dizendo: *“a minha mãe era dona de casa mesmo, naquela época era difícil para uma senhora trabalhar...”*. No caso da Sra. Ria Breyer, a entrevistada nos disse que, ainda na infância, juntamente com sua mãe, em decorrência da ausência paterna e, também, por razões econômicas, já trabalhava, realizando serviços de jardinagem para uma família vizinha.

Em sentido geral, é possível observar, a partir das falas de nossas entrevistadas, que a ETSED possuiu, nesta primeira década de sua existência, um grupo de alunas de origens diversas, tanto em aspectos sociais quanto econômicos. Acerca deste tema, a Sra. Ingrid Schulze, ex-aluna do *Colégio Farroupilha*, sobre a ETSED, faz a seguinte observação:

Eu cursei os 3 anos da escola técnica... Tive uma turma muito gostosa, muito simpática e um relacionamento entre colegas diferente do que era no *Farroupilha*... Porque no *Farroupilha* era uma classe sócio-econômica diferente assim... Mais elevada! O pessoal da Ernesto Dornelles era uma turma mais simples, mas de um coração muito generoso e isso foi muito bom! (INGRID)

Pode-se pensar, que, em certa medida, a ETSED, enquanto escola pública, cumpria um dos objetivos propostos em sua criação, e, também, próprio das instituições femininas de ensino técnico-profissional, atendendo a uma classe de meninas e moças de famílias de classes menos abastadas, que recebiam, na instituição, uma educação gratuita com um claro direcionamento técnico e profissionalizante. Ao mesmo tempo, é possível dizer que, a ETSED, atraiu, também, uma clientela formada por moças de classe social elevada, que não estavam interessadas nos programas de ensino que visavam uma educação intelectual e científicista, como nos cursos de nível secundário (*Normal, Clássico e Científico*), mas buscavam, na educação técnica ministrada na escola, uma possibilidade de formação estética e artística, a partir do aprimoramento das sensibilidades e das habilidades que possuíam.

5.2 AS (SEGUNDAS) MEMÓRIAS

Neste segundo momento das entrevistas, indagamos acerca da aprendizagem, anterior ao ingresso na escola técnica, de trabalhos manuais. Perguntamos, por exemplo, se a depoente teve aulas de trabalhos manuais na escola primária, se havia frequentado aulas particulares de trabalhos manuais, ou,

ainda, se havia aprendido, dentro do espaço familiar/doméstico, algum tipo de trabalho manual (corte e costura, bordado, tricô ou crochê etc.).

De modo geral, as entrevistadas fizeram referências ao ensino de trabalhos manuais/artísticos aprendidos dentro do espaço familiar, como também, fizeram menções ao ensino, através da disciplina de *Trabalhos Manuais*, a partir do currículo das escolas primárias ou ginasiais que frequentaram.

A Sra. Ingrid Schulze, ao ser indagada sobre a aprendizagem de trabalhos manuais, anteriormente ao ingresso na escola técnica, e, também acerca de possuir aptidão para este gênero de ocupações, nos disse ter, em sua origem familiar, pessoas que exerciam trabalhos relacionados as *artes aplicadas*, como podemos ver no excerto abaixo:

Eu gostava das disciplinas de Desenho, gostava de fazer coisas com as mãos... E tenho um histórico, também, de ter um avô, o avô materno que trabalhava com a escultura em madeira! Eu tenho um trabalho dele aqui (aponta para uma caixa esculpida que está exposta em uma prateleira na sala) E isso era uma atividade manual não é? Era bem interessante conviver com o trabalho desse avô...”(INGRID)

Sobre o tema, a Sra. Ria Breyer, ao ser interrogada em relação a aprendizagem dos trabalhos manuais, nos diz:

Aula de trabalhos manuais não... Mas **em casa a gente tinha que costurar um botão, tinha que lavar a roupa!... Tinha que costurar as roupinhas de boneca!** (sorrindo) **Se quisesse que ela ficasse bem vestida!...O cotidiano de uma criança de interior, naquela época, era aprender da mãe o que ela sabia... Então um pouquinho de crochê... Aquela “trancinha” que é o começo do crochê, isso eu aprendi em casa!** ...Na escola tinha alguma coisa, algum trabalho manual, mas eu não lembro mais o que era...(RIA)

Cabe ressaltar na fala da Sra. Ria, sua lembrança sobre o processo de ensino e aprendizagem em âmbito doméstico e familiar, onde, a mãe ensinou a filha, aquilo que lhe parecia adequado e de valor utilitário para sua educação, iniciando a menina nos trabalhos de agulha. Sobre uma representação geral para as ocupações femininas, na época de sua infância e juventude, a Sra. Ria Breyer expõe a

seguintes expressão: “*Mulher era pra ficar em casa, cuidando do marido, dos filhos e enfeitar a casa e arrumar a casa!*”, reafirmando a condição subordinada da mulher, diante do modelo tradicional/masculino, destinada a permanecer no espaço privado/doméstico, perpetuando suas funções de reprodução e de produção de bens simbólicos – *lavar, passar, cuidar, enfeitar* (BOURDIEU, 1999, p. 112).

Em relação, aos excertos das falas da Sra. Ria Breyer, colocamos em destaque dois elementos relevantes, que emergem em seu discurso, e, estarão relacionados, de maneira direta à educação feminina: a *figura materna* e a *imagem da mulher ideal*. A entrevistada, anteriormente, referiu-se a um processo de aprendizagem doméstica, onde fora iniciada pela mãe no crochê e, por conseguinte, em outras funções femininas relacionadas ao lar. Mais adiante, a Sra. Ria Breyer nos conta, que, por ter sido aluna do internato da ETSED, e, ainda, por ter ingressado muito nova na instituição, havia trazido consigo suas bonecas: “*as duas que eu tinha! E ainda brincava (com voz baixa) de bonecas, escondida*”. Pode-se perceber, quando refere-se a sua própria representação da figura feminina, relacionada ao espaço doméstico e, também, na sua brincadeira de vestir as bonecas, uma projeção que resultará no próprio futuro da entrevistada, enquanto aluna do curso de *Corte e Costura* do Ginásio Industrial e, posteriormente, na sua atuação profissional como professora deste mesmo curso.

Sobre a aprendizagem de trabalhos manuais, antes do ingresso no Ginásio Industrial, a Sra. Claudette Almeida nos diz:

Não tinha quase conhecimento nenhum de trabalhos manuais! Sempre vivi muito junto da mãe... Apesar de que, na época, as escolas de freiras também ensinavam alguma coisa... Muito pouco não é? Mas ensinavam um bordado, coisas básicas, a gente tinha uma noção no primário...(CLAUDETTE)

A Sra. Elisabetha Fillmann, em relação ao mesmo tema, nos relatou: “*Naquela época tu já aprendias a bordar em casa, fazer tricô, crochê... Essas coisas sempre se faziam em casa... Já tinha algum conhecimento de bordado, de cortar, já fazia isso...*”. Nas falas acima destacadas, pode-se pensar que os *trabalhos manuais* inseriam-se na formação feminina desde a infância, tanto na educação no âmbito familiar/doméstico, como, ainda, conformando-se em uma disciplina específica dos

processos de escolarização. A formação para a sensibilidade e a educação estética, sempre associadas aos ideais próprios da educação das mulheres, conformaram, juntamente, das qualidades “naturais” femininas, o ensino e a aprendizagem dos *trabalhos manuais* como uma prerrogativa inerente ao universo feminino. Em relação a escola técnica feminina, onde os *trabalhos manuais* desdobravam-se em um variado campo de atividades específicas, onde, nas oficinas, as alunas “dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais, produzindo-se jovens prendadas, capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou de pintura” (LOURO, 1997, p. 62).

5.3 AS (TERCEIRAS) MEMÓRIAS

No terceiro momento da entrevista, estimulou-se a(s) entrevistada(s) que recordassem sua vida escolar na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles* e que narrassem suas lembranças sobre as experiências vivenciadas durante a formação na escola técnica. Ao indagarmos sobre quais os cursos que haviam frequentado na escola, encontramos, no grupo de entrevistadas, conforme explicitado anteriormente, três alunas que frequentaram, respectivamente, o curso de *Corte e Costura*, do Ginásio Industrial e, o Curso Técnico em *Artes Aplicadas*. As outras duas entrevistadas, Sra. Ingrid Schulze e Sra. Lydia Gobbato Karl, frequentaram, somente, o Curso Técnico em *Artes Aplicadas*.

Sobre o ingresso no Curso Técnico em *Artes Aplicadas*, a Sra. Ingrid Schulz, que entrou no ano de 1957 na escola, diz:

A *Escola Técnica Ernesto Dornelles*, na época em que eu me candidatei, oferecia dois cursos, o Curso de *Decoração de Interiores* e o Curso de *Artes Aplicadas*. O meu interesse e o de outra colega, também farroupilhense⁵⁵, era o de fazermos o Curso de *Decoração de Interiores*, mas como éramos as únicas interessadas, a Escola propôs que nós duas também fizéssemos parte da turma que iria

⁵⁵ Refere-se ao fato de ter sido aluna, durante o ensino primário e ginásial, do *Colégio Farroupilha* de Porto Alegre/RS, de onde saiu para ingressar na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*.

cursar *Artes Aplicadas*. Aí nós concordamos e então fizemos o *Artes Aplicadas!* (INGRID)

Sobre o Curso Técnico em *Decoração de Interiores*, encontramos na fala da Sra. Lydia Gobbato Karl, aluna da primeira turma do Curso Técnico em *Artes Aplicadas* da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, onde ingressou em 1946, a seguinte informação:

Tinha o curso, naquela época, de *Decoração de Interiores* também! Até eu me interessei por *Decoração*... Mas eu senti que a *Decoração* era um curso, que não tinha, assim... (*buscando o termo*) Muita consistência! Não era uma coisa bem fundamentada ainda, até pela situação da época... Não havia gente especializada! Uma das professoras era a Zuila Maluf... Era uma rica pessoa, ela que dava a parte de *Decoração*, mas era assim de uma forma um tanto primária, por falta de conhecimentos mesmo... Então eu desisti, gostei mais de *Artes Aplicadas*... (LYDIA)

Percebemos, da Sra. Ingrid, que ingressou em 1957, e, da Sra. Lydia, que ingressou em 1946, que ambas, com um intervalo de onze anos, entre suas entradas na instituição, inicialmente demonstraram interesse em cursar o *Técnico em Decoração de Interiores*⁵⁶, mas o curso, apesar de previsto para funcionar regularmente desde a criação da escola, tendo o seu programa curricular planejado em 1946, funcionou neste período, da década de 1950, de maneira irregular, não constituindo-se em um curso oficial, como o Técnico em *Artes Aplicadas*.

No entanto, a situação do curso parecia incerta mesmo dentro da instituição, não obtendo número de alunas que formassem turmas regulares, tendo permanecido e funcionado, durante uma década, de maneira não oficial, em relação aos outros cursos ministrados na escola, que se firmaram desde a inauguração da instituição. Sobre este tema, a Sra. Ria Breyer diz ter existido duas modalidades, relacionadas ao Curso Técnico em *Decoração de Interiores*, uma voltada a um ensino mais superficial e outra de caráter técnico e aprofundado, tendo sido professora deste último:

⁵⁶ O Curso Técnico de *Decoração de Interiores*, criado no ano de 1946, hoje denominado Curso Técnico em *Design* de Interiores, é o único remanescente do currículo original da fundação da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, foi regularizado no ano de 1970, permanecendo em funcionamento até o presente.

O curso de *Decoração*, havia um de *Decoração Profissionalizante* e outro?...(*lembrando*) Nem sei! Não sei como era chamado, era um em que se tinham só noções, era só uma “tinta”! E tinha o de *Decoração* que era “pra valer”! Esse, realmente... Eu dava História da Arte! Dois períodos no primeiro ano, dois no segundo e três no terceiro! Saíam FORMADAS em Arte! (RIA)

Sobre seu ingresso na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles* e o curso que frequentou, durante o Ginásio Industrial, a Sra. Ria Breyer, explicou o sistema de funcionamento da instituição:

Quando a gente entrava na escola, não nos matriculávamos exatamente em um curso. Era no Ginásio Industrial! Aí nós tínhamos, durante, me parece... Três meses ou um semestre? Não lembro quanto tempo era... Um rodízio por todas as oficinas dos dois Cursos, que eram o *Chapéus, Flores e Ornatos* ou *Corte e Costura - Rendas e Bordados*. Então a gente aprendia um pouquinho de cada um, para depois escolher o curso que queria. Depois desse rodízio, eu fiquei no *Corte e Costura - Rendas e Bordados*... Que pra mim parecia que teria mais futuro não é? Porque *Chapéus, Flores e Ornatos*? Não era uma coisa para todo mundo! E *Corte e Costura* sim! (RIA)

Através da fala da Sra. Ria Breyer, temos esta informação, acerca deste sistema de rodízio adotado pela escola. A intenção deste sistema é possível crer que fosse um exercício vocacional, ao se propor o rodízio pelas oficinas de trabalhos do Ginásio Industrial, onde, as alunas recém ingressas, tinham a possibilidade de conhecer as variadas técnicas pertencentes aos currículos dos cursos de *Corte e Costura* e *Chapéus, Flores e Ornatos*, adaptando-se aquele em que tivesse demonstrado aptidão em fazer. Cabe destacar, ainda, a impressão pessoal da Sra. Ria Breyer em relação aos fins práticos dos cursos, preferindo o de *Corte e Costura*, como uma garantia de exercício profissional após a formação. Sobre as atividades de corte e costura e suas representações no universo feminino, neste sentido, Perrot (1998, p. 235), refere-se à confecção e ao exercício profissional de costureira, sendo para as mulheres uma situação de proveito material e pecuniária para a família.

A Sra. Elisabetha Fillmann, ao ser indagada sobre o curso que fez, ao ingressar na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, diz: “*Foi o Ginásio Industrial, ‘Corte e Costura - Rendas e Bordados’... Fazia parte, tanto no curso de Ornatos ou do Corte e Costura, sempre tinha Rendas e Bordados...*”. A Sra. Claudette Almeida, em relação a pergunta, nos diz ter ingressado no Ginásio

Industrial, no curso de *Corte e Costura*, em regime de semi-internato, pois a escola funcionava em sistema integral, pela manhã, eram as aulas de *Cultura Geral* e, durante a tarde, as disciplinas de *Desenho* e as aulas práticas nas oficinas de trabalho. Acerca de suas lembranças da escola, a Sra. Claudette nos diz:

Bom, o principal, que eu queria te dizer é que **a escola era estadual, nós tínhamos todo o ensinamento de graça! Os cursos, na época, nós podíamos optar... Entrávamos para lá e fazíamos um rodízio em todas as oficinas! Em todas as oficinas que tinha! Corte e Costura que abrangia *Rendas, Bordados, Confecções e Culinária*... E o curso de *Chapéus, Flores e Ornatos* também tinha *Rendas, Bordados, Ornatos e Culinária* (CLAUDETTE)**

A fala da Sra. Claudette faz referência ao fato, da escola ser pública, oferecendo um ensino de caráter profissionalizante, totalmente gratuito. A Sra. Claudette confirma a informação, acerca do sistema de rodízio, que era praticado na escola. Os cursos industriais de *Corte e Costura* e *Chapéus, Flores e Ornatos* eram complementados por uma disciplina em comum, denominada *Rendas e Bordados*. Já havíamos encontrado referências a esta disciplina, em materiais impressos da escola, porém não havia nenhuma especificação de quais técnicas e trabalhos manuais eram ensinados dentro da disciplina de *Rendas e Bordados*. Sobre este tema, pedimos a Sra. Claudette que nos falasse sobre a disciplina, onde nos contou:

Dentro da oficina de *Rendas*, nós aprendíamos desde os pontos básicos de crochê, tricô, crochê *filet*, crochê tunisiano, o crochê *guipure* [...] Como lavar e engomar os trabalhos, isso eu lembro muito bem... Os trabalhos de rendas eram engomados! Nós tínhamos que subir no sótão da escola, lá tinha uns papelões imensos, a gente lavava a renda, engomava e tudo era esticado com alfinetes... Na ponta de cada guardanapo de renda! Aquilo ficava esticadinho no papelão até secar! Quando saía dali, estava prontinho! Não se passava! (CLAUDETTE)

A descrição minuciosa, por parte da depoente, das técnicas aprendidas na disciplina de *Rendas*, descreve, em detalhes preciosos, os pormenores cotidianos das aulas práticas nas oficinas, dos cuidados que requeriam estes trabalhos e das exigências específicas para uma confecção perfeita das amostras. A Sra. Claudette,

ainda nos disse ter aprendido, também, nesta oficina, a renda de *frivolité*⁵⁷ e *renda de bilros*⁵⁸.

A Sra. Ria Breyer, sobre a oficina de Rendas, ao ser indagada sobre quais trabalhos havia aprendido, complementa, dizendo:

Crochê, nhanduti, macramê, *bilros*... (*pausa, rememorando*) Aquela outras meio bordadas sabe? Todos os tipos de rendas! As conhecidas na época, a gente aprendia... A (renda) de *bilros*, eu acho que levei uma semana para fazer dois centímetros! (*rindo*) Aquele jogo de pauzinhos, pra cá e pra lá (*fazendo o gesto de quem maneja os bilros*) e formar o desenho correto? Se erra? Volta tudo e recomeça! Não era fácil... Ah! E *frivolité*! Era uma das mais difíceis! Mas era linda... Eu fiz bastante *frivolité*...(RIA)

Percebe-se, as minúcias das técnicas ministradas na instituição. É necessário ressaltar, que, através do ensino de técnicas tão específicas, o valor simbólico atribuído a estes trabalhos manuais, dependia, em grande parte, do grau de dificuldade na execução e, também, nas exigências próprias da confecção de cada tipo de renda elaborada. Isto, associado ao *ethos* feminino, resulta na própria finalidade da educação técnica e profissional das mulheres, servindo sempre ao doméstico, ao prático, ao simbólico e ao estético. Sobre a oficina de *Bordado*, a Sra. Claudette Almeida, nos diz:

Na oficina de *Bordados*, nós aprendíamos os pontos básicos, aqueles bem simplezinhos! *Ponto corrente, ponto margarida, ponto haste, ponto cruz!* **Cada época, em cada oficina que se fazia, ia aumentando a dificuldade dos trabalhos [...]**Fazíamos *pintura de agulha!* Tudo em amostrinhas, para depois montar um álbum! Era *pintura de agulha mexicana, pintura de agulha japonesa*, aquela outra que se faz em talagarça... *Gobelin!* E **aprendíamos desde o bordado mais simples até o bordado branco!** Se fazia o *ponto richelieu, o ponto de ilhós, o crivo*... (CLAUDETTE)

⁵⁷ Espécie de trabalho de renda, onde por meio de nós e laçadas feitos com o auxílio de uma navete, se formam tramas rendadas circulares.

⁵⁸ A renda de *bilros* foi, no século XIX, uma atividade feminina praticada no âmbito doméstico. Surgiu provavelmente do bordado, porém é diferente deste porque se trabalha com pontos no ar, sem tecido. Utiliza-se uma almofada, de forma cilíndrica, onde o desenho é marcado em um cartão com furos, onde se espetam alfinetes, Os *bilros* são manejados aos pares pela rendeira, que tramando os fios, em movimentos giratórios, forma a trama da renda.

Estes detalhes, nos permitem ampliar os conhecimentos acerca do tema, em um processo de *colorização* da história que, para além do *preto e branco* dos documentos oficiais, através do discurso oral, nos fornecem a possibilidade de perscrutar minuciosamente os detalhes preciosos, dando maior nitidez a elementos da educação técnica e profissional feminina.

Sobre as lembranças relacionadas ao cotidiano da escola, a Sra. Ria Breyer, nos fornece um panorama geral da disposição curricular da instituição, nos relatando:

Bom, nós tínhamos um turno de *Cultura Geral*, então: *Matemática, Português...* E nós tínhamos matérias que as outras escolas não tinham... *Puericultura!* Tinha uma matéria, não me lembro o nome dela... (*lembrando*) *Economia Doméstica!* Que depois até teve um curso de 2º grau com esse nome não é? **Na *Economia Doméstica* ensinavam a lavar roupa, passar roupa, a fazer um controle financeiro da casa, essas coisas todas... Havia matérias obrigatórias pelo currículo e as outras eram obrigatórias pelo tipo de escola não é?** (RIA)

No excerto acima, onde a entrevistada faz um breve relato do cotidiano escolar, destacamos a referência feita a disciplina de *Economia Doméstica*, que compreendia um variado número de atividades, dividido-se em sub-disciplinas, como *Culinária, Puericultura, Contabilidade Doméstica, Serviço Doméstico, Artes Domésticas e Dietética Infantil*. A entrevistada refere-se à disciplina como sendo obrigatória, por tratar-se de uma escola profissional feminina. Estas práticas educativas, presentes no currículo da instituição, cumpriam o objetivo de formação para a vida doméstica, para um eficiente desempenho nos papéis de dona de casa, esposa e mãe. Ainda, em relação, ao tema, a Sra. Ria Breyer recorda:

Todo mundo tinha que lavar sua roupa, engomar... Tinha esse detalhe! **Roupas de algodão, blusinhas... Tinham que ser todas engomadinhas! Tudo limpo! Nós tínhamos que esquentar a janta ou o almoço nos domingos... Então era uma continuação, na verdade, da vida da casa...** Aquilo que se fazia em casa, também tinha que fazer lá! Não tinha mordomia! (*risadas*) Tinha que ter todas as coisas em ordem... Tinha uma supervisora! (RIA)

Percebe-se que a *educação doméstica* tinha um papel central nos saberes escolares e era colocada em prática cotidianamente, principalmente, pelas alunas internas da instituição. Para Louro e Meyer (1996):

o fazer doméstico, transformado em disciplina escolar é, altamente complexificado, em um processo de racionalização e tecnificação de tarefas como: o lavar, o cozinhar, o passar e o limpar, minuciosamente desdobrados em passos e sequências, de forma a atender dois requisitos básicos: eficiência e economia nos serviços domésticos (p. 147)

No relato, a entrevistada nos fala acerca do asseio e cuidado em relação ao vestuário, que devendo estar “limpo e engomado”, pela aparência de asseio, seria um indicador de distinção, representado através da *apresentação de si* (BOURDIEU, 2008, p. 174).

Acerca das oficinas, pertencentes ao Curso Industrial de *Corte e Costura*, encontramos no relato da Sra. Claudette Almeida, uma relevante descrição:

Dentro do (curso de) *Corte e Costura*, nós tínhamos uma oficina de *Confecções*... Essa oficina era um complemento muito importante para a costura... Porque nela nós aprendíamos tudo que era tipo de costura manual! O chuleado, os vários tipos de chuleados, sobrecosturas, pesponto, pregar botões, várias maneiras de pregar botões, ponto invisível para as bainhas, *ponto paris!* (CLAUDETTE)

As falas detalham minuciosamente como era o ensino técnico ministrado na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*. A entrevistada ainda nos diz, que, as alunas, nas oficinas de *Corte e Costura*, confeccionavam suas próprias roupas, relatando: “*Nós fazíamos desde a nossa calcinha de baixo, as calcinhas de opaline, com aquele cinturão e os botõezinhos do lado... Tudo, tudo era feito pela gente! As camisolas, as batas...*”. É interessante observar que o ensino técnico propiciava também uma produção de objetos de uso pessoal e vestuário por parte das alunas. Acerca das aulas no Curso Industrial de *Corte e Costura*, a Sra. Ria Breyer, relembra:

Tinham professoras exigentíssimas! E tinham as boazinhas...(rindo) Mas de qualquer maneira, todo mundo era muito consciente, **para ensinar o máximo possível. Era professor, professor mesmo! Por amor, com dedicação... Eu tenho ótimas lembranças! Tinha uma que era muito braba! Era de costura... Dona Ada Torres! Vais ouvir falar nela mais vezes... Aquela, se tinha um pontinho fora do lugar, ela puxava fora assim (*fazendo gesto de quem desfaz uma costura*)... Era fazer de novo!** (RIA)

A fala da Sra. Ria, expressa as características de disciplinamento, exigência e dedicação, transmitidos pela postura das professoras, no exercício de suas funções nas classes e pela instituição, transmitindo ao alunado os ideais de conduta e as representações da “boa educação” desejada. A Sra. Ria, relatando o grau de exigência e perfeição nos trabalhos realizados pelas alunas, reproduz a fala da professora, que desmanchando a costura, dizia “*Não... Isso não é coisa que se apresente...!*” *Tinha que estar impecável!*”.

Na fala da Sra. Elisabetha Fillmann, encontramos outra referência, enfatizando as características da professora:

Era muito enérgica! Muito enérgica! Dizia:“... *a máquina tem tal ponto, em cada centímetro tem que caber tantos pontos...*” Olha! Era uma coisa... “*Agulha na mão direita!*”... **E quem era canhota? Apanhava com ela! Mas muito boa professora!**... (ELISABETHA)

O elevado grau de exigência e disciplinamento, por parte da professora, para com as alunas, impunha uma *hexis* corporal que estivesse adequada ao tipo de trabalho que desempenhavam. A Sra. Claudette Almeida relatou que, nas oficinas do Curso Industrial de *Corte e Costura*, além dos trabalhos próprios da disciplina, também produziam roupas para uso pessoal:

Fazíamos **desde a camisinha de bebê, todos tamanhos, de zero a três meses, de três a seis, de seis a um ano... A roupa de adulto, nós fazíamos tanto a feminina como a masculina...** Desde a camisa de homem, com colarinho, cueca... **Tudo nós fazíamos dentro do *Corte e Costura*! E a roupa feminina, desde a roupa interior até a alta-costura! Tanto é que o meu vestido de formatura foi feito na oficina de *Corte e Costura*!**... Me lembro das mangas, para guarda-roupa de inverno, os casacões eram com mangas de duas folhas, mangas *raglan*, as golas! Gola *smoking*, gola *sport*... **Tudo se aprendia, tudo se fazia dentro da oficina!** (CLAUDETTE)

Quando indagamos sobre o uso de manuais técnicos para o ensino de corte e costura, as entrevistadas, Sra. Ria e Sra. Claudette, afirmaram que o livro oficial, utilizado nas aulas do Curso Industrial, era o *Método Singer de Corte e Costura*. Conforme a fala da Sra. Claudette: “*O método era o Singer! Aprendíamos tudo pelo método Singer... Com as réguas, esquadros! Por sinal, um método muito difícil! Mas exato!...*”.

Sobre as disciplinas de *Culinária* e *Sociabilidade*, a Sra. Claudette Almeida nos comenta acerca das aulas e das atividades desenvolvidas, fazendo referência à professora que ministrava as matérias na instituição:

Era a professora Judith de Nadal⁵⁹! Tinha até o caderno guardado, pena que não achei para te mostrar! Com as receitas dela, velhinho, velhinho... De papel almaço... **Nós fazíamos até bolo artístico! Aprendíamos como arrumar a mesa para um almoço, para um chá, para vários tipos de festas... Tudo! Tudo se aprendia na escola!** (CLAUDETTE)

A Sra. Claudete, ainda nos relatou que as alunas recebiam aulas de etiqueta, dentro da disciplina de *Sociabilidade*, reiterando a educação completa que era ministrada na ETSED. Sobre este tema, nos diz:

Na hora do almoço, no refeitório, nós sentávamos mais ou menos em oito na mesa e **a colocação dos talheres, dos copos, na hora de almoçar tinha que aprender e fazer!... Era uma educação muito completa! E, às vezes, as festas que aconteciam no Palácio (Piratini), nós, alunas do Ernesto, que preparávamos no Palácio!** Os canapés, os bolos artísticos, eram todos feitos na *Ernesto Dornelles!*... Eram aulas maravilhosas! Muito boas!] (CLAUDETTE)

Percebe-se, que a escola técnica feminina possuía, dentro de seu conteúdo disciplinar, um objetivo de oferecer, para além do ensino técnico e profissional, também uma educação voltada para práticas sociais refinadas, através de uma formação para as boas maneiras, as regras de etiqueta e de civilidade. Ainda sobre a apresentação pessoal, a Sra. Claudette Almeida faz referência ao uso do uniforme para as alunas da escola, dizendo:

O uniforme! Tinha de ser IMPECÁVEL! Como militar! Na época, nós usávamos saias de armação, todas engomadas! De véspera, eu já deixava na cadeira, pronta! **Sapatos lustrados, meias brancas, tudo arrumado... A camisa branca com a fita azul e branca!** [grifo nosso] (CLAUDETTE)

Pode-se pensar que o uso do uniforme estabelecia em si um ato de pertencimento ao *corpus* da instituição, submetendo o aluno, além da ordem

⁵⁹ A professora Judith de Nadal Polónia era irmã de Dom Luiz Felipe de Nadal, bispo da Diocese de Uruguaiana/RS, entre 1955 e 1963.

pessoal, também a um disciplinamento corporal. Usando o vestuário próprio de sua escola, apresentando em seu uso o cuidado com sua aparência, o aluno aceita as imposições normativas, acostumando-se a aceitar e obedecer a regras sociais (LONZA, 2005).

Acerca das lembranças sobre o corpo docente da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, pedimos às entrevistadas que nos falassem dos professores e professoras que tivessem marcado suas trajetórias, bem como, da composição do corpo docente da instituição. A Sra. Ingrid Schulze, ao recordar, não fez menção aos nomes de nenhum professor ou professora que tivesse marcado sua passagem pela escola. Sobre sua impressão, nos diz:

E os professores, uns eram mais estimados que outros não é? (*rindo*) Tínhamos uma professora de Química, que chegava com seu caderno, sentava a mesa e lia o que estava escrito no caderno e nada mais! Depois fazia uma prova e aí nos baseávamos nas nossas próprias anotações... E aprendemos um monte de Química! (*risadas*) (INGRID)

Já a Sra. Lydia Gobbato Karl, fez especial referência à diretora e professora Nair Maria Becker, criadora do projeto da escola técnica feminina, conforme citado no capítulo anterior. Recordando outros professores da instituição, diz:

Nós tivemos um professor de *Desenho*, esse não foi no primeiro ano, um professor italiano, Ermanno Ducceschi⁶⁰! Nos dava aula de *Desenho Técnico*, muito interessante, tudo em perspectiva... A gente aprendia muito! Sabe? Tínhamos o professor Jayme (Severo), nos dava outro tipo de desenho, mais livre... (LYDIA)

Ainda, fez referências a outros professores, observando que o nível do corpo docente da escola era muito elevado, citando os nomes de Sonia Ebling⁶¹,

⁶⁰ Ermanno Ducceschi, nascido em Pistoia, Italia, em 1920, faleceu em Porto Alegre em 1998. Pintor, considerado de estilo figurativo moderno, expôs em Florença, Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo. Os críticos Giovanni Colacicchi, Gianni Vagnetti, Angelo Ricci e Aldo Obino escreveram sobre as obras de Ducceschi. Estabelecido no Rio Grande do Sul desde 1947, manteve atelier em Roma e Porto Alegre, cidade onde faleceu (ROSA; PRESSER, 1997).

⁶¹ Sonia Ebling de Kermaal, Taquara/RS 1918, Rio de Janeiro 2006. Escultora, cursou o Instituto de Artes do Rio Grande do Sul e a Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, entre 1944 e 1951. Em 1955, recebeu o prêmio de viagem ao exterior do Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro. De 1956 a 1959, realizou viagem de estudos por vários países da Europa, estudando com Ossip Zadkine, em Paris. Residiu nessa cidade, entre 1959 e 1968, onde casou e adquiriu o título de condessa de Kermaal. Recebeu uma bolsa de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian e participou

professora de *Trabalhos em Metais*, Raul Vagheti, professor de *Encadernação Artística*, Wilbur Olmedo, professor de *Cerâmica*⁶², Helena Camara, professora de *Trabalhos em Couro*, Carmen Severini⁶³, professora de Matemática. Recordou ainda as professoras Anitta Hotton, da oficina de *Flores*, Cenira Gayer, que lecionava *Bordados* e Leny Wondracek, da oficina de *Confecção*:

Nós tínhamos uma professora, Anita Hotton, ela era dinamarquesa... Tinha uma coleção de ferros para flores, ferros para fazer as pétalas, um armário cheio! A coleção de ferros, tudo encarreiradinho, todas as flores... Era muito lindo o trabalho dela, ela foi uma das professoras fundadoras também, trazida pela Nair! A Nair era esperta... Escolhia a dedo! Ela sabia quem sabia! Eu me lembro da Cenira Gayer, que era de *Bordados*... E tinha uma professora, esta vive ainda, *Leny Wondracek*... A Wondracek era de *Confecção*, era a costura à mão! Ela fazia as camisinhas de nenê, com *ponto paris*... Ela fazia toda essa parte do acabamento da costura, era maravilhoso o trabalho dela!

A Sra. Ria Breyer, nos fala de professores e professoras que marcaram sua trajetória na ETSED. A entrevistada citou a professora de *Matemática*, Joana Bender, que considerou “*uma exímia professora*”. Também, neste momento, nos relatou uma certa dificuldade ao ingressar na escola, por falar, praticamente, só o idioma alemão e que encontrou, na ETSED, uma professora que lhe ajudou. Sobre este fato nos disse:

Português, eu tinha muito mais dificuldade, porque em casa se falava alemão... E chegar numa escola onde não se dizia uma palavra em alemão? Ter que ler aqueles livros todos, fazer resumos, escrever textos!... Então, encontrei, não sei em que série

de diversas bienais, salões e exposições internacionais. De volta ao Brasil, executou relevos para o Palácio dos Arcos, do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília. Em 1970, ministrou curso de extensão técnica na Escola de Belas Artes da UFRGS e foi convidada para assumir a cátedra de escultura nessa mesma universidade. É citada em diversos livros sobre artes plásticas e tem obras em importantes museus e galerias do Brasil, Estados Unidos e Europa. Faleceu no Rio de Janeiro (ROSA; PRESSER, 1997).

⁶² Wilbur Soares Olmedo, Cachoeira do Sul/RS 1920, Porto Alegre, 1998. Ceramista. Fez seus estudos no Instituto de Artes do Rio Grande do Sul, Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro e a Escola Nacional de Cerâmica em Buenos Aires. Realizou viagens de estudo e estágios na Espanha, Inglaterra, Itália e França. Foi professor de Cerâmica no Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre de 1972 a 1986. É nome catalogado e verbete em dicionários de artes plásticas. Suas obras fazem parte de acervos nacionais e internacionais. Faleceu em Porto Alegre onde residia e trabalhava (ROSA; PRESSER, 1997).

⁶³ Posteriormente foi professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

foi, mas encontrei a Isolda Paes⁶⁴. Tu debes conhecer de nome, ela foi do colégio de *Aplicação*, uma figura de destaque mais tarde não é? Mas, ela era professora lá na escola... E ela, era assim... Bastante rígida nos comentários! Mas sempre incentivando! E ela também foi uma excelente professora de *Português* (RIA)

A entrevistada, citou, ainda, as professoras Ligia Müller (*Ciências*), Haydée Freire (*Corte e Costura*), Edy Corrêa (*Corte e Costura*), Aimée Postiga (*Rendas*) e Nancy Freitas (*Bordado*).

A Sra. Elisabetha Fillmann, ao lembrar as professoras do Curso Industrial, além das já citadas pela Sra. Ria Breyer, lembrou de Irma Steglich (*Bordados*) e da já citada, Leny Tonon Wondracek (*Confecções*). Ao lembrar as professoras, fez também referência ao funcionamento de uma disciplina, em especial: “*Na parte de Confecção, a gente sempre ficava pensando: o que era Confecção? Era a parte de roupa íntima, fazer camisolas, saias de baixo, as anáguas e coisas assim, era com a Leny Tonon (Wondracek)*”.

Num momento posterior, pedimos às entrevistadas que nos falassem de suas lembranças sobre as relações estabelecidas entre colegas, das amizades feitas na escola e da interação social dentro do grupo em que estavam inseridas na instituição. Neste sentido, destacamos a fala da Sra. Ria Breyer, que do grupo de ex-alunas entrevistadas, foi a única que vivenciou a experiência do internato na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*. A este respeito, a Sra. Ria nos disse:

No início é uma experiência muito difícil... Para uma menina de doze anos?! Sair da família e morar no meio de estranhos? Mas como as “estranhas” eram mais ou menos da mesma idade... Fui me acostumando aos poucos... E as mais novas sempre eram adotadas pelas mais velhas! Então, tinha a “mãe” que ganhava a nova filha! A minha “mãe” se chamava Elda Bisognin! (rindo) Mora em Santa Maria! Mas eu nunca mais vi... Ela me ensinou

⁶⁴ Isolda Holmer Paes, Taquara (27-09-1911), Porto Alegre (26-01-2002). Renomada educadora gaúcha, formada em Letras pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1946, com estágios nos Centre international d'études pédagogiques em Sèvres e Consejo Superior de Pesquisas de Madrid. Foi fundadora, juntamente com a professora Graciema Pacheco, do Colégio de Aplicação, escola-laboratório da Faculdade de Filosofia da UFRGS, em 1954. Exerceu o magistério na Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles, no Instituto de Educação General Flores da Cunha e na Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul, onde recebeu o título de Professora Emérita (HACKMAN, 2004).

como arrumar as gavetas, onde pendurar as coisas no armário, essas coisas todas! Ficava responsável pela novata! Era bem interessante e as pessoas tinham responsabilidade não é? (RIA)

Certamente, as relações de proteção, estabelecidas por parte do grupo de colegas mais velhas sobre as colegas novatas no internato, neste ato simbólico de *adoção* e *disciplinarização* da novata (como arrumar as gavetas, onde pendurar as coisas no armário), amenizaram, em certa medida, os sentimentos de distância do espaço doméstico e familiar e de estranheza diante de sua nova vida, como interna na instituição (FOUCAULT, 1975). Ao interrogarmos a entrevistada sobre a lembrança de alguma colega ou amiga da época em que esteve no internato, nos esclarece dizendo: “*Eu tinha algumas amiguinhas, mas normalmente não eram da minha turma... Quem acabou se tornando amiga, eram as que estavam no internato, porque a gente convivia mais...*”.

A Sra. Ingrid Schulze, quando foi estimulada a lembrar de colegas ou amigas da época em que estudou na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, faz um comentário mais geral, dizendo:

Ah sim! **As colegas ótimas!** Como eu disse, **um calor diferente daquele clima de *Farroupilha* não é?** Assim, **pessoas mais simples, mas muito legais, tanto que nós nos encontrávamos depois da formatura, vários anos...** Eu que fiquei preguiçosa, depois eu não convoquei mais, era eu quem puxava! Nós comemoramos dez anos de formatura, vinte anos de formatura, agora foram cinquenta e eu nem me mexi! (rindo) **Mas, eu sempre cultivei o encontro das colegas, por muitos anos nós tínhamos convívio,** agora, esporadicamente a gente se encontra, com uma e com outra, uma que outra eu até perdi de vista... Mas, **foi, por um bom tempo, muito gostoso!** (INGRID)

No excerto acima destacado, novamente, a Sra. Ingrid classifica o grupo de colegas da escola técnica, como de origem mais simples, em relação ao seu grupo anterior, no *Colégio Farroupilha*, mas de convivência muito agradável, tendo mantido encontros regulares com as ex-colegas da instituição nas comemorações festivas por ocasião do aniversário de formatura de sua turma no Curso Técnico em *Artes Aplicadas*.

Sobre suas amizades, a Sra. Lydia Gobbato Karl, refere-se a Sra. Roswith Mielitz Mohr, que foi sua colega, na primeira turma do Curso Técnico em *Artes*

Aplicadas da instituição. Posteriormente, a Sra. Roswith também viria a ser professora da escola, juntamente com a Sra. Lydia. A entrevistada nos relatou que se reúne regularmente com ex-colegas, professores e professoras do currículo de *Cultura Geral* da ETSED. Também faz referência a sua relação de amizade com uma colega, ex-professora de *Ciências* da escola, Ena Maydano, que, atualmente está com noventa e dois anos.

Interrogamos as entrevistadas, acerca de suas lembranças sobre as atividades promovidas pela escola e das exposições anuais dos trabalhos realizados pelas alunas. Estas exposições, conforme as fontes impressas consultadas, eram muito concorridas pela sociedade, merecendo sempre notas e reportagens nos principais jornais de Porto Alegre. Sobre este tema, a Sra. Ingrid Schulze nos comentou sobre a finalidade das exposições realizadas pela escola:

A escola oferecia todo o material necessário para a execução, para a aprendizagem das técnicas e execução dos trabalhos. Como a escola fazia essa dinâmica, havia, uma vez por ano, uma exposição dos trabalhos realizados pelas alunas para angariar recursos... Para manter o fluxo de compra de material. Havia belas exposições, trabalhos muito bonitos e as exposições eram muito procuradas, muito bem freqüentadas!... A cidade já conhecia essas exposições e já esperavam por ela para fazer compras... (INGRID)

Através das lembranças da Sra. Ingrid, obtivemos a informação de que as exposições, além do objetivo de tornar público os resultados da educação promovida pela escola, expondo os trabalhos realizados nas oficinas dos cursos industriais e técnicos, também tinha por finalidade angariar recursos, através da venda das obras, para a compra dos materiais utilizados nas oficinas da instituição.

A Sra. Lydia Gobbato Karl, contou que, inicialmente, eram realizadas na própria escola, e, que, posteriormente foram realizadas no “Mata-Borrão”⁶⁵. Sobre este tema, a entrevistada nos diz:

⁶⁵ *Pavilhão de Exposições do Estado do Rio Grande do Sul*, conhecido popularmente por “Mata-Borrão” devido ao seu formato, foi projetado pelo arquiteto Marcus David Heckman e inaugurado em 1958. Estava localizado na Avenida Borges de Medeiros, esquina com a Rua Andrade Neves. Considerado um marco do modernismo arquitetônico em Porto Alegre, foi um espaço de exposições artísticas e culturais, tendo abrigado mostras de Iberê Camargo, Carlos Scliar e as exposições de trabalhos de alunas da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*.

Particpei nessas que se faziam dentro da escola, começamos lá, a gente arrumava nas salas, nas oficinas, expondo os trabalhos, tudo bonitinho... **E os professores convidavam só o pessoal da secretaria, gente do governo sabe? Era escola do estado, tinha que mostrar... as do “Mata-Borrão” foram bem posteriores** (LYDIA)

Na narrativa da Sra. Lydia, destaca-se um outro objetivo para as exposições de trabalhos das alunas, realizadas pela escola: o intuito de *prestar contas* ao Governo Estadual do investimento feito na escola técnica feminina. Sobre os trabalhos expostos, a Sra. Lydia nos diz “*nós tínhamos trabalhos bem interessantes, muito bonitos! Faziam muitas coisas... As (alunas) da Costura, também faziam! Os chapéus faziam para vender, os ornatos e flores... Faziam flores belíssimas!...*”. Um interessante fato, acerca de uma exposição realizada no “Mata-Borrão”, será narrado pela Sra. Claudette Almeida:

Houve um ano, em que teve uma exposição, muito famosa! No antigo “Mata-Borrão”! Sobre essa exposição do “Mata-Borrão”, tinha a professora Laura Cesarino, era uma professora da escola, ela desfilava muito bem!... Tinha um porte para desfilava... Então, a parte de chapéus, era ela quem desfilava... **Nessa exposição que teve no “Mata-Borrão”, que foi muito famosa, uma colega desfilou com vestido de noiva!** Tinha as roupas de lã, roupas de inverno, roupas de verão... **Na época, antes de começarem os filmes no cinema, tinha o cine-jornal... A nossa exposição no “Mata-Borrão” apareceu toda no jornal! No cinema! Nós fomos assistir, apareceu o desfile e a exposição toda do “Mata-Borrão”!** (CLAUDETTE)

É possível depreender, do excerto acima, o grau de importância que estas exposições dos trabalhos realizados pelas alunas da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles* alcançaram, merecendo, além dos registros na imprensa periódica, sempre muito elogiosa em relação a instituição e ao modelo de educação ali ministrada, também mereceu o registro fílmico, figurando no cine-jornal, exibido em um grande número de salas de cinema no estado. A respeito das exposições, a Sra. Claudette, ainda diz “*Era famosa aquela exposição! Todo mundo ia! A nossa escola, na época era o top! A exposição era um ponto alto! Tinha banda de música, ia o prefeito...*”.

Um outro ponto interessante a ser observado, refere-se a venda dos trabalhos realizados pelas alunas, que, conforme anteriormente dito, revertiam parte do lucro obtido para a manutenção e compra de materiais das oficinas técnicas da escola, mas, também, parte da renda, revertia-se em pecúlio para a aluna que tivesse trabalhos vendidos durante a exposição. A Sra. Ria Breyer, acerca deste tópico, esclareceu:

Ali, na exposição, se colocava os trabalhos mais bonitos, os trabalhos de costura nos manequins, os de renda e de bordados... Mas **tinha muitos trabalhos à venda, então era uma exposição-feira**. E esses trabalhos, que estavam à venda, eram os que as alunas tinham feito durante o ano. **A aluna tinha preferência na compra. Ela podia até comprar e deixar em exposição...Então esses trabalhos eram vendidos e uma parte revertia em pecúlio da aluna. A aluna ganhava uma parte dessa renda (RIA)**

Podemos observar, neste gesto da instituição, dividindo o lucro do trabalho vendido com a aluna, uma espécie de estímulo ao exercício profissional, a partir de suas produções artísticas e, também como um auxílio para as necessidades pessoais das alunas que fossem internas na escola. A Sra. Claudette, esclarece esta questão dizendo: *“Sobre cada peça vendida, a aluna tinha direito a um pecúlio... Era cobrado um tanto na peça e já se incluía o valor do trabalho da aluna! Quando saía da escola, ela recebia essa importância, se o trabalho fosse vendido...”*.

Sobre este tema, das exposições de trabalhos realizadas pelas escolas profissionais femininas, é possível pensar que estas alunas, futuras modistas, chapeleiras, floristas e artífices, ganhavam, através da exposição pública de suas obras artísticas, além do pecúlio, o valor simbólico de sujeitos criativos, na materialização dos produtos, fruto de seus talentos e habilidades, adquiridos e desenvolvidos na escola (REIS, 1993).

Neste sentido, observamos, nas narrativas das memórias das ex-alunas e ex-professoras da instituição que a “exposição”, para além de ser uma vitrine de seus preciosos trabalhos e o resultado de sua educação especializada, era, ainda uma manifestação pública legitimadora de suas qualificações como profissionais das artes técnicas e industriais.

5.4 AS (QUARTAS) MEMÓRIAS

Na última parte da entrevista, foi proposto que a(s) entrevistada(s) narrassem o desenvolvimento de suas trajetórias após a formação na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*. Indagou-se, por exemplo, se após a conclusão do Ginásio Industrial, continuaram seus estudos na instituição, cursando um dos Cursos Técnicos (*Artes Aplicadas* ou *Decoração de Interiores*), ou, ainda, se ingressaram em um curso superior (*Belas Artes* ou outro).

Do grupo composto pelas cinco entrevistadas, três delas frequentaram, primeiramente, o Ginásio Industrial da ETSED, concluindo o Curso Industrial de *Corte e Costura*: as senhoras Ria Breyer, Elisabetha Fillmann e Claudette Almeida e ao término deste, ingressaram, imeditamente, no Curso Técnico em *Artes Aplicadas*. As outras duas entrevistadas, Sra. Lydia Gobatto Karl e a Sra. Ingrid Schulze, frequentaram, somente o Curso Técnico em *Artes Aplicadas*, buscando, posteriormente a conclusão do curso, uma outra formação.

Começamos, pela narrativa da Sra. Lydia Gobbato Karl, que nos esclarece acerca de algumas questões interessantes de sua formação escolar e acadêmica e, também, de sua trajetória profissional. Formada em dezembro de 1948, juntamente com a Sra. Roswith Mohr, foram as duas primeiras alunas que concluíram o Curso Técnico de *Artes Aplicadas* da ETSED. A solenidade de formatura, foi realizada no *Teatro São Pedro*, juntamente com uma turma de alunos da *Escola Técnica Parobé*. A Sra. Lydia Gobbato, em 1949, recém saída como aluna da instituição, voltava como professora, assumindo o cargo de uma professora que se mudava da cidade. Sobre este fato, a Sra. Lydia nos diz:

Depois que eu saí da escola, a minha professora preferida, predileta, que era a Sonia (Ebling), foi embora pro Rio e me indicou! Disse assim: “*Tu vais ficar no meu lugar!*” e eu: “*Mas como?*” *Como é?*”... Aí ela: “*Tu dá um jeito, tu vais ficar aqui!*” (LYDIA)

Nos explicou ainda, que sem os cursos de formação em *Didática* e *Pedagogia*, foi “*atirada as feras*”, e, que em 1949, ingressou na *Escola Ernesto*

Dornelles como professora, ao mesmo tempo que prestava vestibular para o curso de *História Natural*, pois havia cursado, juntamente ao *Curso Técnico*, também o *Curso Clássico* no *Colégio Júlio de Castilhos*. Ao ser indagada sobre sua formação tão diversificada, nos relatou:

Em 50 ou 51, me ofereceram uma bolsa para ir para o exterior... Era coisa da Sonia! E o outro professor, o italiano (Ermanno Ducceschi) dizia: “Vai para Florença!”... E fiquei um ano em Florença!... Estudando em uma escola de artes lá! Estudando “Metais”, aprendi o metal esmaltado... Aí fiquei um ano lá e voltei... Tinha parado a faculdade, continuei, fui fazendo! Era faculdade, escola, faculdade, escola... Até concluir, em 53, a faculdade! (LYDIA)

A Sra. Lydia Gobbato Karl, ao voltar do estágio na Itália, retomou suas atividades como professora no Curso Técnico de *Artes Aplicadas*, lecionando na oficina de *Trabalhos em Metais*. Conforme seu depoimento, deu aulas até o término do curso técnico, assumindo, posteriormente o cargo de diretora, em 1967, da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*. A entrevistada nos disse ter lecionado até 1970, ficando no cargo de supervisora escolar, até o ano de 1980, quando se aposentou.

A Sra. Ingrid Schulze, após concluir o Curso Técnico de *Artes Aplicadas*, em 1960, foi chamada pela Sra. Wilma Funcke, diretora do *Colégio Farroupilha*, para assumir o cargo de professora no Curso Primário escola. A entrevistada nos relatou que foi necessário fazer um curso de formação pedagógica, pois o Curso Técnico não lhe dava habilitação para lecionar. Contou que, durante um ano, frequentou um curso de formação, oferecido pela Secretaria de Educação, onde cursou disciplinas de *Pedagogia*, *Psicologia* e *Técnicas de Ensino* direcionadas ao Curso Primário. Neste mesmo período, frequentou um curso de formação para *Recursos Audiovisuais*, tendo sido convidada, em 1972, pela direção do *Colégio Farroupilha*, para assumir a montagem do setor de audiovisuais da escola. A entrevistada nos relatou que fez uma viagem de estudos, durante um ano, na Alemanha, onde lecionou *Artes Aplicadas* numa escola primária, na cidade de Essen. Posteriormente, retornou para suas funções na coordenação do setor de recursos audiovisuais no *Colégio Farroupilha*, onde se aposentou.

A Sra. Ria Breyer, conforme esclarecido anteriormente, foi aluna do Ginásio Industrial (*Corte e Costura*) e do Curso Técnico de Artes Aplicadas na ETSED. Ao ser indagada acerca de sua posterior formação acadêmica e atuação profissional, nos relatou que, recém formada no Curso Técnico, em 1959, foi chamada, a convite da direção da ETSED, para assumir a montagem das oficinas de arte na Clínica Pinel: “*Fiz a entrevista com o Marcello Blaya⁶⁶ que estava começando a Clínica Pinel... Ele confiou plenamente em uma guriazinha ‘de nada’, que era pequeninha, magrinha, novinha... (rindo) Mas consegui e me saí bem!*”. Após trabalhar um ano na clínica, foi nomeada para lecionar em uma escola, que não era a ETSED, para qual havia sido designada. Acerca deste ocorrido, nos relatou:

Quando veio a nomeação para o Ernesto Dornelles, eu fui nomeada para cargo duplo não é? Para quarenta e quatro (horas semanais)... Não veio para o Ernesto Dornelles... Veio para outra escola primeiro... Aí eu fui reclamar! Porque eu tinha feito a Didática e tinha sido a melhor colocada! E a promessa do secretário, do diretor do Ensino Industrial... Quem tirasse as primeiras colocações poderia escolher onde ficar! E eu não tinha sido colocada onde havia pedido!... Depois de entrar em detalhes... De onde eu estava trabalhando e o que eu estava fazendo... Aí ele me mudou para o Ernesto! E trabalhei vinte e quatro anos escola... (RIA)

É interessante observar, nos excertos das falas da Sra. Lydia Gobbato Karl e da Sra. Ria Breyer, que, ambas, imeditamente ao término do Curso Técnico em Artes Aplicadas, em um curto período de tempo, são nomeadas para ingressarem como docentes na própria instituição onde haviam se formado. Pode-se pensar, que em certa medida, as alunas da ETSED, após a conclusão dos cursos, acabavam assumindo o exercício profissional como docentes, não trabalhando nas funções de modistas, chapeleiras, bordadeiras ou artífices, mas como professoras de estabelecimentos de ensino técnico e profissional. A Sra. Ria Breyer, posteriormente se formou em Licenciatura em Desenho, no Instituto de Artes da UFRGS e, em 1982, concluiu um curso de especialização em História da Arte, na Faculdade de Música Palestrina (FAMUPA), em Porto Alegre. Aposentada da ETSED, onde lecionou *História da Arte* no Curso Técnico em *Decoração de Interiores*, atualmente leciona na *Escola Artes e Decoração Yedda Difini*, em Porto Alegre.

⁶⁶ Marcello Blaya Perez, médico psiquiatra e psicanalista, fundou a Clínica Pinel em Porto Alegre no ano de 1960.

A Sra. Elisabetha Fillmann, sobre sua formação, após o término do Ginásio Industrial, em 1951, nos disse ter ingressado no Curso Técnico de *Artes Aplicadas*, onde, imediatamente ao término do curso, em 1955, foi também admitida como professora na ETSED, onde lecionou, respectivamente, no curso de *Corte e Costura* do Ginásio Industrial e no Curso Técnico de Artes Aplicadas, ministrando a disciplina de *Trabalhos em Couro*. Posteriormente, assumiu a função de vice-diretora da ETSED, onde se aposentou.

A Sra. Claudette Almeida, após concluir o Curso Técnico de *Artes Aplicadas*, em 1957, prestou concurso para lecionar na *Escola Artesanal Cilon Rosa*, em Santa Maria. Foi nomeada, em 1958, para ser professora de *Rendas e Bordados*, trabalhando na instituição até 1960. Sua volta para Porto Alegre, se deu em função de um concurso para lecionar a disciplina de *Bordados*, na ETSED.

Em 1960, quando retornou para a ETSED como professora, recebeu uma bolsa de estudos da CBAI⁶⁷, para fazer um curso de *Técnicas Industriais* na cidade de Curitiba. Na narrativa da Sra. Claudette, encontramos, um dos pontos cruciais de nossa investigação, que seria a extinção do Ginásio Industrial, em 1961, e, respectivamente do término dos Cursos Industriais de *Corte e Costura* e *Chapéus, Flores e Ornatos* da ETSED. Sobre este fato, a Sra. Claudette diz que ao fim do curso do CBAI, em Curitiba, retornou para a ETSED:

Voltei para Porto Alegre e fiquei como instrutora das minhas colegas, eu tinha que transmitir para elas tudo aquilo que eu tinha aprendido... Eu dava aula para os professores, explicando como seria a educação, dali para frente... Não era mais como o Ginásio Industrial! (CLAUDETTE)

Indagamos, em que momento aconteceram estas mudanças no ensino industrial, que acabaram por influir sobremaneira no funcionamento da ETSED, que a partir de 1961, adaptou-se as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A

⁶⁷ Comissão Brasileira-Americana de Ensino Industrial (CBAI), foi fundada em 1946 e extinta em 1962, tinha por objetivo promover o melhoramento do ensino técnico e industrial no Brasil. Com o apoio norte-americano, foram traduzidos e editados livros técnicos para uso nos estabelecimentos de ensino industrial e promoveu cursos de aperfeiçoamento para professores, no Brasil e nos EUA.

este respeito, a Sra. Claudette afirmou “*Depois que acaba o internato (1957) já vem essa mudança... Tanto que eu saí da escola, pedi transferência, porque nos ginásios comuns já existia a disciplina de Técnicas Domésticas e Técnicas Industriais...*”. Após sua saída da ETSED, passou a lecionar as disciplinas de *Técnicas Domésticas e Técnicas Industriais* no *Colégio Odila Gay da Fonseca*, situado no bairro Ipanema, em Porto Alegre, onde se aposentou.

Sobre as mudanças que ocorreram na ETSED, a partir das Leis de Diretrizes e Bases de 1961, percebe-se na fala, que desde o término do internato na escola e extinção do Ginásio Industrial, o currículo e o sistema de ensino técnico e profissionalizante na instituição já apresentavam algumas transformações. Contudo, não encontramos nenhum registro oficial da ETSED, além deste fato, rememorado pela Sra. Claudette, que esclarecesse quais foram as modificações ocorridas.

No final da década de 1950, as escolas técnicas e industriais encontravam-se em um período de declínio, demandando novas políticas sobre os sistemas de ensino instituídos desde a Lei Orgânica do Ensino Industrial, de 1942. Durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek, a Lei nº 3.552, de 16 de fevereiro de 1959 e o decreto 47.038, de 16 de outubro do mesmo ano, estabeleceram mudanças significativas nos estabelecimentos de ensino industrial de padrão federal. De acordo com Falcão e Cunha (2009):

No que dizia respeito ao curso básico industrial, verificou-se uma mudança completa de objetivos. De "destinado ao ensino, de modo completo, de um ofício que requeira a mais longa formação profissional", passou a ser um "curso com as características de curso secundário do 1º ciclo e com orientação técnica". Deixou de ser um curso com várias especialidades, para se tornar um único curso não especializado. Enquanto a "lei" orgânica determinava que o curso básico formasse operários qualificados e, em segundo plano, candidatos aos cursos técnicos, a nova legislação manteve a formação profissional no 2º ciclo (a nível técnico) (p. 152).

As Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, trouxeram outras alterações ao sistema de ensino técnico e profissionalizante, promovendo a equivalência dos cursos técnicos industriais aos cursos de nível secundário, com a finalidade de ingresso nos cursos superiores. Ainda, a partir da década de 1960, o Ministério da Educação promoveu e inaugurou

os “modernos ginásios orientados para o trabalho”, suprimindo do currículo destes, os cursos de artífices, mais especializados (que objetivavam uma formação em determinado ofício), por disciplinas de caráter mais abrangente, onde os alunos passavam por oficinas de artes industriais, práticas agrícolas e de técnicas domésticas (CUNHA, 2000). Depreendemos que estas mudanças de caráter político sobre o ensino, acabaram por afetar o sistema e o currículo da ETSED que, a partir das inovações propostas para a educação técnica, modificaria o modelo de ensino vigente desde sua fundação.

Em relação as influências dos discursos dominantes sobre a educação da mulher, voltada para o lar e para a família, bem como das estratégias de controle do exercício profissional feminino dentro do espaço doméstico e sua permanência em uma posição submissa ao mandato masculino, esta educação de caráter técnico-profissionalizante, experimentada na ETSED por estas mulheres, em muito contribuiu para que elas garantissem, através de suas funções profissionais, enquanto professoras, uma absoluta autonomia em relação aos ideais projetados pela instituição para uma educação restrita ao espaço doméstico. No entanto, constatamos, através dos relatos sobre as trajetórias profissionais das entrevistadas, um outro caminho, que não aquele de “competente dona de casa” ou de “artífice habilidosa, pois, todas as entrevistadas tornaram-se professoras e não exerceram como profissionais (costureira ou artesã) nenhum dos ofícios aprendidos nos cursos que frequentaram na ETSED. Independente do fato de quatro entrevistadas terem casado e constituído família, para além disso, acabaram por complementar suas formações e tornaram-se professoras na área de ensino técnico ou das artes aplicadas.

Não obstante, diante dos fatos narrados, cabe dizer que a *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles* não deixou de realizar os propósitos previstos para a educação profissional feminina, pois através da formação obtida pelas disciplinas de cultura geral, das técnicas artísticas e das práticas educativas relacionadas a educação doméstica, contribuiu para a formação de professoras especializadas para o ensino das artes aplicadas, técnicas industriais e domésticas.

5.5 AS (ÚLTIMAS) MEMÓRIAS

À guisa de conclusão para os diálogos estabelecidos entre este autor e as entrevistadas, a última parte da entrevista consistiu em uma pergunta reflexiva, onde foram convidadas a fazer uma breve análise acerca de suas trajetórias escolares e profissionais, a partir do significado e da importância que atribuíam a *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles* e das contribuições da formação técnica recebida na instituição para seu desenvolvimento pessoal.

Ao propormos a Sra. Ingrid Schulze, que nos desse sua opinião sobre o ensino técnico ministrado na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, bem como da importância que a formação obtida na instituição teria para sua vida, a entrevistada nos diz “*A importância foi básica e fundamental não é? Em cima do que eu aprendi na Ernesto Dornelles, praticamente a minha vida profissional se desenvolveu...*”. A Sra. Ingrid reflete sobre o fato, dizendo que, nunca, após a saída da escola, fez algum trabalho manual, por iniciativa própria.

Acrescentando os demais cursos que foram feitos... *(pausa)* **E é interessante, que eu nunca fiz trabalhos, por iniciativa minha em metais, madeira ou em couros e encadernação... Que eu tivesse seguido profissionalmente alguma dessas oficinas que cursei...**
(INGRID)

Sobre a reflexão inicialmente proposta, complementou, ao mesmo tempo, interrogando-se: “*Mas acredito, foi fundamental essa formação para a minha profissão, então essa base, esse estímulo inicial que os meus pais me proporcionaram não é? Porque sabe-se lá, se eu ia gostar de fazer Filosofia?...*” Nesta fala final da Sra. Ingrid, novamente nos deparamos entre os pólos que permearam alguns momentos das narrativas, formando um outro binômio, para além do doméstico *versus* profissional, estabelecendo um antagonismo entre a educação intelectual e a educação estética, através da aprendizagem das artes aplicadas.

A Sra. Lydia Gobbato Karl, diante da reflexão proposta, expressou: “*Para mim foi algo muito interessante! Eu não continuei trabalhando (como artista) como muitas*

fizeram, porque me dediquei totalmente a escola... Sempre gostei da escola, nunca quis me afastar de lá...". Na fala da Sra. Lydia, percebemos que sua escolha recaiu sobre o exercício da profissão de professora, afastando-se da atuação artística, mas mantendo-se no magistério, lecionando na escola onde ingressou como aluna, atraída pela proposta inovadora da instituição na época.

Ao propormos a reflexão para a Sra. Elisabetha Fillmann, sobre a importância do ensino técnico recebido na ETSED, a depoente nos diz:

Foi... Perfeito! Foi tudo! Tudo que eu sei, tudo que eu fiz, tudo que eu tenho! Eu devo a (escola) *Ernesto Dornelles!* Eu trabalhei, estudei, casei, sempre soube costurar, bordar e, enfim, tudo! Tudo que transmiti para minha filha, o que ela está fazendo hoje, é aquilo que eu aprendi a fazer! (ELISABETHA)

Através da fala da Sra. Elisabetha, foi possível perceber que a educação simultaneamente doméstica e profissional oferecida através da escola, serviu para o seu desenvolvimento pessoal e profissional, permitindo-lhe atuar, nos papéis de esposa, mãe e, ainda no exercício de sua profissão como docente. Cabe ressaltar que esta educação recebida na escola técnica também permitiu que transmitisse a sua filha os saberes adquiridos na instituição.

A fala da Sra. Claudette Almeida, ao refletir sobre o tema proposto, claramente expressou a ideia que percebemos na fala da Sra. Elisabetha. A Sra. Claudette, ao ser indagada sobre a importância do ensino técnico e da formação obtida na ETSED para sua vida, nos diz: *"Foi tudo não é? Eu amo a minha profissão! Tudo que eu sei, de prático, que me serviu tanto profissionalmente como na minha vida familiar... Eu devo a Ernesto Dornelles!"*

A Sra. Ria Breyer, diante da reflexão proposta, mencionou que, por ocasião de um aniversário da escola, havia pintado uma série de quadros alusivos a festividade, onde, em um tríptico, desenvolveu a seguinte frase, que resumiria poeticamente a importância da escola em sua trajetória. Esta frase seria o saldo de sua formação: *"Em uma tarde da minha juventude abriu-se o portão do futuro... e nos degraus da cultura subiram os passos da minha formação em busca de um ideal*

e de um destino, viver com os outros, pelos outros e em cada um dos meus semelhantes...”

Ao que a Sra. Ria Breyer complementa dizendo: *“E é o que eu estou fazendo até hoje! A escola realmente me propiciou essa entrada no mundo, no mundo profissionalizante não é? Porque quando eu vim para a escola, é que eu não queria ser só uma mulher comum!”. Esta fala reflete as impressões da Sra. Ria sobre os papéis designados as mulheres, no contexto de sua infância e juventude, onde os espaços e funções reservadas ao feminino estavam restritos ao lar e ao ambiente familiar.*

A entrevistada fala da *“entrada no mundo profissionalizante”*, possibilitada através de sua formação na ETSED, rompendo com os discursos de dependência da mulher em relação ao homem e como destino único as tarefas domésticas concernentes aos papéis de mãe, esposa e dona de casa.

Para finalizar, cabe dizer que, o conjunto de narrativas apresentadas neste estudo, nos ofereceu um vasto panorama de representações, ideias e imagens, plenos de detalhes sobre hábitos, comportamentos e costumes que nos falam de um tempo passado, que posto à luz do presente, se multiplica em um universo infinito de possibilidades de reflexão. Para Rego (2003):

Tal como um caleidoscópio, o material empírico sobre o papel da escolarização é multifacetado e pode ser visto de vários prismas. Conforme o ângulo, a figura que se apresenta é diferente das demais, apesar de fazer parte do mesmo todo (p. 408)

Neste sentido, este estudo não pretende dar conta do imenso universo que emerge das memórias das entrevistadas, mas, ainda que, não possamos oferecer verdades absolutas ou resultados definitivos, oferecemos, pelo menos, o esboço de um quadro, que merece mais luz, tirando das sombras, aos poucos, os processos históricos que construíram a educação técnica e profissionalizante voltada para o universo feminino.



**Últimas
palavras**

6. ÚLTIMAS PALAVRAS

*Senhoras e senhores, olhai-nos.
Repensemos a tarefa de pensar o mundo.
E quando a noite vem
Vem a contrafacção dos nossos rostos
Rosto perigoso, rosto-pensamento
Sobre os vossos atos.
A muitos os poetas lembrariam
Que o homem não é para ser engolido
Por vossas gargantas mentirosas.
E sempre um ou dois dos vossos engolidos
Deixarão suas heranças, suas memórias*

Hilda Hilst. In: *Júbilo Memória Noviciado da Paixão* (1974)

Estas *últimas palavras* dizem respeito ao ensino dos *trabalhos de agulha* e da disciplina de *Trabalhos Manuais*, que fizeram parte do currículo escolar brasileiro para a educação primária e secundária feminina desde o século XIX, desdobrando-se no decorrer do século XX, em uma modalidade de formação técnica e profissionalizante, em liceus e escolas especializadas. Estas visavam formar, de acordo com a instituição, as *moças prendadas* que se tornavam “competentes donas-de-casa” e “operárias capacitadas”, para atuar no âmbito das demandas emergentes das indústrias urbanas ou como artífices (modistas, costureiras, chapeleiras, floristas etc.), em oficinas, casas de moda ou no próprio âmbito doméstico.

A educação técnica e profissionalizante no Brasil e, em especial, o ensino secundário feminino de cunho técnico, são ainda considerados tópicos de interesse relativamente recente no campo das investigações da história da educação brasileira. Essa lacuna vem sendo paulatinamente preenchida por pesquisadores que têm olhado para estas *zonas de sombra* da historiografia. Assim, olhar para as memórias femininas também se constitui enquanto um fato digno de mérito, uma vez que buscamos transpor o decurso de histórica invisibilidade e de submissão pela qual passaram as mulheres (PERROT, 2005). Neste sentido, Rocha-Coutinho (1994) lembra que a identidade feminina carrega em si o poder revelador de aspectos

subjetivos que ultrapassam as individualidades, revelando, assim, os anseios, necessidades, normas e expectativas em uma determinada sociedade.

Por este estudo ter assumido um caráter qualitativo, associado a uma busca por fontes externas (jornais, revistas, documentos, arquivos, bibliotecas, entre outros), delinearam-se possibilidades infinitas de análise e reflexão sobre os fatos expostos e as memórias compartilhadas pelas ex-alunas e ex-professoras com este autor. As narrativas, alinhavadas à complexa trama de recordações e memórias escolares das personagens foram mantidas, em sua totalidade, por entendermos que constituem um registro documental importante. Assim, configuram-se como uma fonte adicional, que poderá servir aos futuros estudos que tomem a educação técnica e profissional feminina como tema de investigação.

No decorrer desse estudo, em busca de referências que sustentassem a história que foi aqui narrada, nos deparamos com uma multiplicidade de olhares, pontos de vista e de lembranças particulares, perpassadas por matizes e nuances peculiares. Desta maneira, inúmeros aspectos ainda poderão ser foco de investigações futuras, sobretudo, considerando a importância histórica e social que teve e continua a ter o ensino técnico-profissionalizante no Brasil. Além disso, cremos, que, uma outra justificativa possível para que este tema tão vasto continue a ser estudado, diz respeito às implicações no campo das políticas públicas do ensino e, por que não dizer, das implicações nas histórias de vida daqueles que passaram por estes espaços escolares.

Das histórias de vida das cinco ex-alunas e, algumas delas, docentes da *Escola Técnica Feminina Senador Ernesto Dorneles*, extraímos, ainda, outras muitas informações e relevantes subsídios que nos levam, inevitavelmente, ao encontro de diferentes contextos socioculturais e políticos que serviram como pano de fundo para a emergência e a consolidação do ensino das *artes industriais* e das *artes aplicadas*, no período estudado.

Outro aspecto que atravessou este estudo diz respeito às funções e ao aspecto político do ato de educar, circunscrito em um determinado período histórico e

produtor de subjetividades. É importante mencionar que, durante os anos de 1946 e 1961, substanciais transformações ocorreram no campo do ensino técnico e profissional brasileiro, fato que culminou com a criação de inúmeras escolas profissionais, femininas ou não, em praticamente todas as regiões do país. Percebeu-se o esforço, por parte do Estado, para que tal necessidade fosse suprida. Fica evidente a mensagem de que caberia ao Estado subsidiar e manter a “nobre função feminina”, como dona de casa, esposa e mãe, razão pela qual, o ensino das consideradas *artes femininas*, garantia a transmissão dos conhecimentos necessários para que a mulher pudesse exercer, com êxito, a sua “mais alta missão” na sociedade. Assim como, a partir dos anos 2000, novos impulsos foram dados ao ensino técnico e profissionalizante, agora não somente ao nível secundário, mas configurando-se em formação superior.

A partir das narrativas das ex-alunas da ETSED, encontramos o que podemos considerar um *desvio* à intenção original de sua formação, pois suas trajetórias profissionais transcenderam os limites pretendidos para a educação de cunho técnico e profissional feminino, quando se encaminharam para a opção de tornarem-se professoras, na mesma escola onde foram alunas. Além disso, cabe destacar o fato das senhoras Lydia Gobbato Karl, Ria Breyer Puhl e Claudette Pereira de Almeida buscarem aperfeiçoamentos, após a formação técnica secundária, por meio de cursos de especialização e de pós-graduação, para melhor exercerem suas funções como docentes nas disciplinas de caráter técnico, nos cursos pertencentes ao 1º e 2º ciclo do Ensino Industrial.

É significativo ainda observar, nas trajetórias das entrevistadas, o fato de permanecerem atuando na mesma escola, em que se formaram, até a aposentadoria. Outras participantes mostraram, através de suas trajetórias, que, além da docência, exerceram cargos de direção e de administração, evidenciando que, pela formação obtida, também estavam habilitadas para o exercício de funções de gestão e de administração da instituição escolar.

Neste sentido, ao se refletir sobre as formações obtidas e os processos de profissionalização destas mulheres, pode-se concluir que, dentre as possibilidades

oferecidas pelo ensino ministrado na ETSED, para além dos papéis de mãe, esposa e dona de casa perfeita e de hábil artesã, estava o exercício da docência, sendo este o *outro caminho*, encontrado por nossas entrevistadas. Além disso observou-se que, estas primeiras alunas, formadas no Ginásio Industrial e Cursos Técnicos, durante a primeira década de existência da escola, viriam a se constituir, após a conclusão dos cursos, nas primeiras professoras tituladas e com habilitação específica que compuseram o corpo docente da ETSED.

É possível dizer que a educação obtida na ETSED, enquanto uma instituição matriz, a partir de seu próprio *ethos* e, ainda aliada às experiências pessoais, acadêmicas e profissionais vivenciadas por nossas entrevistadas, acabou por constituir-se em um *habitus profissional*, decorrente das práticas, saberes e fazeres que foram adquiridos no decorrer de suas trajetórias e da formação de caráter *pregnante* produzida pela escola (PERRENOUD, 2001; LOPES, 1990).

Diante do fim, é inevitável a incompletude deste estudo, frente ao universo de infinitas possibilidades que estas memórias nos oferecem. Mas, em certa medida, outras interrogações surgem, prometendo futuras investigações que possam aclarar esta *zona de sombra*, relacionada ao universo da educação da mulher, em especial, a de cunho técnico-profissional.

Na jornada percorrida, olhamos para o passado, não somente contemplando o acontecido, mas também encarando o presente, diante o entendimento das origens, dos contextos e das influências que marcam as práticas educativas atuais. Especialmente, quanto à educação técnica e profissionalizante, ao observarmos, atualmente, a criação de diversos cursos superiores, bacharelados e tecnólogos, que qualificam práticas profissionais, que poucas décadas atrás eram de natureza empírica e pertencentes a um campo eminentemente feminino, mas que adquirem um outro *status* e prestígio, como a *Gastronomia* (originada nos cursos de *Arte Culinária*), e o *Design de Moda*, que têm sua origem nos cursos de *Corte e Costura* e *Chapéus, Flores e Ornatos*, relacionados às *Artes do Vestuário*. Fenômenos estes que merecem um olhar, em seu viés sociocultural, sem perder o fio de sua historicidade.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e Devotas**: mulheres da colônia. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/Edunb, 1993.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Livro das donas e donzellas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves e C.^a, 1906.

AMERICANO, Jorge. **São Paulo naquele tempo (1895-1915)**. São Paulo: Edições Saraiva, 1957.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio. **Guia de História da Arte**. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1994.

BAKOS, Margaret. **Porto Alegre e seus eternos intendent**s. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BARRETO, Carolina Marielli. **Ensino de arte e Profissionalização Feminina**: um diálogo com a Escola Profissional Feminina de São Paulo. 2007. 241 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, IA/UNESP, São Paulo, 2007.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: Del Priore, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BASTOS, Maria Helena Camara; GARCIA, Tania. Leituras de Formação - Noções de Vida Doméstica (1879): Félix Ferreira Traduzindo Mme. Hippeau Para A Educação das Mulheres Brasileiras. **História da Educação**, Pelotas, v. 3, n. 5, p. 77- 92, 1999.

BASTOS, Maria Helena Camara. A imprensa de educação e de ensino: repertórios analíticos. O exemplo da França. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 166-168, 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782007000100013&script=sci_arttext>, Acesso em: 15 abr. 2010.

BASTOS, Maria Helena Camara. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, José Carlos; GATTI JR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados, 2002.

BASTOS, Maria Helena Camara. Leituras das famílias brasileiras no século XIX: o Jornal das Famílias (1863-1878). **Revista Portuguesa de Educação**, v. 15, n. 2, p. 169-214, 2002.

_____, Maria Helena Camara. Reminiscências de um tempo escolar. Memórias do professor Coruja. **Educação em Questão**, v. 25, p. 157-189, 2006.

_____, Maria Helena Camara. Segredos de gênero: feminilidade e virilidade na obra de José de Assis Brasil. In: Raquel Lazzari Leite Barbosa; Monica Appezzato Pinazza. (Org.). **Modos de narrar a vida**: cinema, fotografia, literatura e educação. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIELINSKI, Alba Carneiro. O Liceu de Artes e Ofícios - sua história de 1856 a 1906. **19&20**, v. 4, n. 1, 2009.

BONATO, Nailda Marinho C. Imagens do Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca (1902-1929). In: **V Jornada do HISTEDBR**, 2005, Sorocaba. Cadernos de Resumos da V Jornada do Histedbr - História, Sociedade e Educação no Brasil.

Instituições escolares brasileiras: história, historiografia e práticas. Campo Grande : UNIDERP. v. 1., p. 1-22, 2005.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **A Escola Profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica**. 2003. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2003.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. A Escola profissional para o sexo Feminino através da imagem fotográfica. In: **27ª Reunião Anual da ANPED**, 2004, Caxambú-MG., 2004. v. 1. p. 114-114.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **A distinção**: Crítica social do julgamento. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

_____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAGA, Leonilda d'Anniballe. **As mãos habilidosas**: os técnicos e os artífices. Rio de Janeiro: Edições CEPA, 1967.

BRASIL. Decreto nº 981, de 8 de novembro de 1890. Approva o Regulamento da Instrução Primaria e Secundaria do Districto Federal. **Decreto 981-1890 Reforma Benjamin Constant**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/4_1a_Republica/decreto%20981-1890%20reforma%20benjamin%20constant.htm>. Acesso em: 20 jun. 2010.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Tereza Fachada Levy. Formação de professores para o ensino técnico: o lugar das oficinas femininas na Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz. In: **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação**. Natal: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2002.

CARDOSO, Irene. Narrativa e história. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 3-13, nov. 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, Marta Maria; NUNES Clarice. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos da ANPEd**, Porto Alegre, n. 5, p. 7-64, 1996.

CASTRO, Maria Helena Steffens. **O literário como sedução: a publicidade na revista do globo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORREIO DO POVO, Porto Alegre/RS. 26 mar. 1945. s/p.

CORREIO DO POVO, Porto Alegre/RS. 12 ago. 1945. s/p.

CORREIO DO POVO, Porto Alegre/RS. 02 abr. 1946. s/p.

_____, Porto Alegre/RS. 20 out. 1946. s/p.

_____, Porto Alegre/RS. 28 jan. 1947. s/p.

_____, Porto Alegre/RS. 07 jul. 1947. s/p.

CORSETTI, Berenice. Cultura política positivista e educação no Rio Grande do Sul/Brasil (1889/1930). **Cadernos de Educação** (UFPel), v. 17, p. 55-70, 2008.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**: Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntico, 1999.

CUNHA, Maria, Teresa Santos. **Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal (1920-1960)**. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia/MG. Colubhe 06/ Programação e Resumos. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 2006. v. 01. p. 75-76.

DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre/RS. 26 abr. 1947. s/p.

DUBY, Georges. **O Cavaleiro, a Mulher e o Padre**. Porto Alegre: Dom Quixote, 1988.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs). **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991.

ERMEL, Tatiane de Freitas. **O “Gigante do Alto Da Bronze”**: Um estudo sobre o espaço e arquitetura escolar do Colégio Elementar Fernando Gomes em Porto Alegre/RS (1913 – 1930). 2011. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ERMEL, Tatiane de Freitas; BASTOS Maria Helena Camara. Colégio Elementar Fernando Gomes: o espaço escolar e suas memórias (1913-1946). In: **Anais da IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação PUC-RS**. 4., 2009, Porto Alegre.

Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/issue/archive>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **El pensil de las niñas**: la educación de la mujer, invención de una tradición. Madrid: Edaf, 2001.

EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

FANINI, Michele Asmar. Educação como instrução: os óbices à profissionalização feminina no Brasil da virada do século XIX para o XX. **Desigualdade & Diversidade**, Rio de Janeiro, n.3, p. 92-113, 2008.

FERREIRA, Luiz Otávio; AZEVEDO, Nara; GUEDES, Moema e CORTES, Bianca. Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969). **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 15, p. 43-71, 2008.

FIALHO, Branca. A Educação Secundária no Brasil. 1500-1900, Brasil Colônia, 1500-1882. **Separata dos “Anais” do Terceiro Congresso de História Nacional**. v. 5. Rio de Janeiro: Instituto Histórico / Imprensa Nacional, 1942.

FOLHA DA TARDE, Porto Alegre/RS. 18 dez. 1957. s/p.

FONSECA, Celso Suckow da. **História do ensino industrial no Brasil**. 2 vol. Rio de Janeiro: Escola Técnica Nacional, 1961.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 14^o ed. Revista, São Paulo, Global, 2003.

FREITAS, Anamaria de; NASCIMENTO Ester do; NASCIMENTO Jorge do. Pernambuco, Sergipe, São Paulo: Os caminhos do Colégio Inglês na educação feminina. **Horizontes**, Bragança Paulista, v. 20, p. 1-8, jan./dez. 2002.

GATTI JÚNIOR, Décio. A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: J.C.S. ARAÚJO e D. GATTI JÚNIOR. **Novos temas em História da Educação Brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa, Campinas, Editoras Associadas, 2002, p. 3-24.

GODOY, Leticia Azambuja. **O Instituto de Educação Doméstica e Rural da Escola de Engenharia de Porto Alegre**: uma escola-lar (1920-1934) 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS. Porto Alegre, 2000.

GOELLNER, Silvana V. . A produção cultural do corpo. In: Silvana Vilodre Goellner; Guacira Lopes Louro; Jane Felipe Neckel. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

GUIMARAENS, Rafael. **Rua da Praia**: um passeio no tempo. Porto Alegre: Libreto, 2010.

GUIMARÃES, Maria Alice Pinto. **Saberes, modas & pó-de-arroz**: Modas & Bordados. Vida Feminina (1933-1955). Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HACKMANN, Berenice Gonçalves. Isolda Holmer Paes: a constante aprendiz, a eterna educadora. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Identidade e vida de educadores rio-grandenses**. Narrativas na primeira pessoa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. Oportunidades de preparação no Ensino Industrial. Publicação nº 43. Rio de Janeiro: 1949.

ÍRIS: Revista mensal de Letras, Ciências e Artes. São Paulo: Tip. Andrade & Mello, ano I, n.1, p.16-17, nov. 1905.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher**: a moral e o imaginário 1889-1930. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

JACOMETTI, Márcio. Reflexões sobre o contexto institucional Brasileiro contemporâneo e as transformações na educação profissional. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 32, p. 233-250, 2008.

LAURETIS, Teresa de . A tecnologia do gênero. In HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.) Tendências e impasses. **O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Helena Ibiapina. O Ensino Profissional na Segunda Metade do Século XIX: um estudo sobre duas experiências. In: **II Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2002, Natal / Rio Grande do Norte. História e Memória da Educação Brasileira, 2002. v. 1. p. 398-399.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Uma Contribuição da História para a História da Educação. **Em Aberto**, n. 47, p. 29-36, 1990.

LOURO, Guacira Lopes; MEYER, Dagmar. A escolarização do doméstico: a construção de uma escola técnica feminina (1946-1970). **Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, n. 87, p. 45-57, nov. 1993.

LOURO, Guacira Lopes; MEYER, Dagmar. A escolarização do doméstico. A construção de uma escola técnica feminina (1946-1970) . **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, Portugal, v. 5, p. 129-159, 1996.

_____, Guacira Lopes. **Prendas e Antiprendas**: uma escola de mulheres. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1987.

_____, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Del Priore, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**- Um Estudo Sobre a Cidade de Pelotas (1860 - 1890). 2º ed. Pelotas: Editora da UFPel-Livraria Mundial, 1993.

MALERONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda**: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950). São Paulo: Editora SENAC, 2007.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (Org.). **Historia da Vida Privada No Brasil**. República: Da Belle Époque à Era do Rádio. v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e Educação Feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

MARIZ, Celso. **Ibiapina: um apóstolo do nordeste**. João Pessoa: A União Editora, 1942.

MARTINS, Evandro Silva. A etimologia de alguns vocábulos referentes à educação. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, n. 6, p. 31-36, 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olhases trilhas/issue/view/296>> Acesso em: 25 maio 2010.

MAUAD, Ana Maria. Fontes de memória e o conceito de escrita videográfica: a propósito da fatura do texto videográfico Milton Guran em três tempos (LABHOI, 2010). **História Oral** (Rio de Janeiro), v. 1, p. 141-151, 2010.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História: Interfaces. **Tempo**, Niterói, v. 2, n. 1, p. 26-46, 1996.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: histórias e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NOSSO SÉCULO: A era dos Bacharéis (1900-1910). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

NOSSO SÉCULO: A era de Vargas (1930-1945). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de Professores**. Porto Editora: Portugal, 1995.

OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

PAIVA, Geraldo José. Representação social da religião em docentes-pesquisadores universitários. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 229-242, 1999.

PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estudos Avançados**, v. 13, n. 35, p. 167-198, 1999.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: Del Priore, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PERRENOUD, Philippe. **Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

QUELUZ, Gilson Leandro. **Concepções de ensino técnico na República velha: estudo dos casos da Escola de Aprendizes Artífices do Paraná, do Instituto Técnico Profissional de Porto Alegre e do Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico (1909-1930)**. São Paulo, 2000. 274 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

REIS, Maria Cândida Delgado. **Tessitura de Destinos: mulher e educação, São Paulo 1910/20/30**. São Paulo: EDUC, 1993.

REVEL, Jacques. **A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

REVISTA A CIGARRA. São Paulo-Rio de Janeiro, 19 de julho de 1945.

REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, 22 de setembro 1938.

REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, n. 471, 20 de novembro de 1948.

REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, n. 475, 20 de novembro 1948

REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, n. 480, 02 de abril de 1949.

RIZZINI, Irene. **A institucionalização de crianças no Brasil:** percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos:** a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROSA, Renato; PRESSER, Decio. **Dicionário de artes plásticas no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e Educação Feminina na Geografia Cultural. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 116-120, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANT'ANNA, Tiago. Construindo escolas para meninas, construindo meninas nas escolas: experiências femininas na educação em Goiás (1870-1930). **Em tempo de histórias**, Brasília, n. 7, p. 1-14, 2003. Disponível em: < <http://seer.bce.unb.br/index.php/emtempos/article/view/2662/2211> >. Acesso em: 11 Jul. 2011.

SANTOS, Claudia Medianeira Gomes dos. **A educação feminina: Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha no município de Santa Maria/RS – um estudo de caso**. Santa Maria, 2004. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SCHNEIDER, Regina Portella. **A instrução pública no Rio Grande do Sul: 1770-1889**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EST, 1993.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY Helena; COSTA Vanda. **Tempos de Capanema**. 1 ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra; Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1984.

SILVA, Ursula Rosa da; LORETO, Mari Lúcie. **História da Arte em Pelotas: a pintura de 1870 a 1980**. Pelotas: Educat, 1996.

SILVEIRA NETO, Olavo Amaro da. **Cinemas de rua em Porto Alegre: do Recreio Ideal (1908) ao Açores (1974)**. 2001. 299 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SPOHR, Rui; VIÉGAS-FARIA, Beatriz. **Memórias Alinhavadas**. Porto Alegre: Pallotti, 1997.

STEPHANOU, Maria. Aprender trabalhando: a experiência do Instituto Técnico-Profissional Parobé (1907-1930). In: BASTOS, Maria Helena Camara; TAMBARA Elomar; KREUTZ, Lúcio (Orgs.). **Histórias e Memórias da Educação do Rio Grande do Sul**. Pelotas/RS: Seiva Publicações, 2002. p. 247-276.

STEPHANOU, Maria. **Forjando novos trabalhadores: a experiência do ensino técnico-profissional no Rio Grande do Sul (1890-1930)**. 1990. 436 f. Dissertação

(Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Porto Alegre, 1990.

TÉCNICA E CULTURA, Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Ano 1, v. 1. Porto Alegre: SUEPRO, 1958.

TELLES, Leandro. **Do Deutscherhilfsverein ao Colégio Farroupilha 1858/1974**. Porto Alegre: Associação Beneficente e Educacional, 1974.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: Introdução à história oral. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VAZ, Eulalia. **A sciencia no lar moderno**. São Paulo: A autora, 1912.

WERLE, Flávia Obino Corrêa, DORNELLES, Rute Vieira, AUZANI, Luciana, BACKES, Luciana, KOCH, Vivian, TOIGO, Greyce. Processos de feminização do magistério. In: **Programas e Resumos** - 24ª. Reunião anual da ANPED: intelectuais, conhecimento e espaço público. Caxambú: ANPED, 2001. Disponível em: < www.anped.org.br/reunioes/24/T0279896878202.doc > Acesso em 10 Out 2011.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Práticas de gestão e feminização do magistério. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 35, p. 609-634, 2005.

ANEXOS

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA: MEMÓRIAS (ENTRE) LAÇADAS: MULHERES, LABORES E MODA NA ESCOLA TÉCNICA SEN. ERNESTO DORNELLES DE PORTO ALEGRE/RS (1946-1961).

Prezada participante:

Sou estudante do curso de Mestrado em Educação na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora Maria Helena Camara Bastos, cujo objetivo é compreender as trajetórias profissionais de alunas egressas da Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles.

Sua participação envolve colaborar com suas memórias, percepções e opiniões, de modo livre, por meio de uma entrevista com o autor desse estudo. A entrevista será gravada para fins de posterior análise e, sob hipótese alguma, sua identidade será revelada quando da publicação dos resultados desse estudo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Não há riscos envolvidos em sua colaboração com esse estudo. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es), pelos seguintes telefones: (51) 3352 6974 (Raphael Scholl - Mestrando) e (51) 3320 3620 (Maria Helena Camara Bastos - Orientadora), ou pela entidade responsável por esse estudo: Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), através do telefone (51) 3320 3345.

Atenciosamente,

Nome e assinatura do(a) estudante

Raphael Castanheira Scholl

Matrícula: 10190415-9

Local e data

Nome e assinatura do(a) professor(a) supervisor(a)/orientador(a)

Maria Helena Camara Bastos

Matrícula: 072840

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

ANEXO II - ROTEIRO DA ENTREVISTA

Dados de identificação (I)

1. Qual o seu nome completo?
2. A senhora poderia me dizer a data e o seu local de nascimento?
3. Gostaria de saber o grau de escolaridade de seus pais?
4. Qual era a profissão de seus pais?
5. Em que escola a senhora fez sua educação primária?

A chegada na Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles (II)

6. De quem partiu a ideia de continuar sua educação na Escola Tec. Ernesto Dornelles?
7. Como conheceu a Escola Tec. Ernesto Dornelles?
8. Por que escolheu estudar lá e fazer um curso técnico?
9. A senhora já havia percebido anteriormente a entrada na escola ETSD uma aptidão para os trabalhos manuais?
10. Já tinha tido aulas ou noções de corte e costura, bordado ou outros trabalhos manuais antes de entrar para a ETSD?
11. Qual o curso que a senhora fez? “Corte e Costura” ou “Chapéus, Flores e Ornatos”?
12. Na escola a senhora era aluna interna ou externa?

Memórias sobre a escola (III)

13. Quais as lembranças que a senhora tem do cotidiano (rotina) da escola?
14. A senhora poderia me falar um pouco sobre como era a formação dada na ETSD?
15. Gostaria que a senhora me falasse sobre os professores da escola?
16. A senhora tem lembranças das colegas?
17. Como eram as aulas?
18. Havia oficinas específicas para o ensino de cada trabalho? Salas de costura? Sala para confecção de chapéus, flores e bordados?
19. A escola promovia exposições dos trabalhos realizados pelas alunas? Como eram as exposições e onde aconteciam?

A saída da escola e atuação profissional (IV)

20. Após a formação na ETSD, qual profissão a senhora exerceu?
21. Onde a senhora trabalhou? Até quando?
22. Fez cursos aperfeiçoamento após a formação na ETSED?
23. Gostaria de saber sua opinião sobre o ensino técnico na ETSED?
24. Qual a importância da sua formação, industrial ou técnica, recebida na ETSED, para a sua vida?

ANEXO III - ENTREVISTA COM INGRID SCHULZE

Entrevista concedida pela Sra. Ingrid Schulze, aposentada, sessenta e nove anos, realizada no dia quatro de maio de 2011, em sua casa, na cidade de Porto Alegre/RS.

Qual é o seu nome completo?

Meu nome completo é Ingrid Schulze.

A senhora poderia me dizer qual a data e o seu local de nascimento?

Eu nasci em 2 de outubro de 1941, o ano da enchente, em Porto Alegre, no Hospital Moinhos de Vento.

O seu estado civil?

Solteira.

Eu gostaria de saber qual o grau de escolaridade dos seus pais?

Meus pais, vejamos... Minha mãe tem o que na época, seria até a sétima série, mais ou menos... O meu pai fez o curso de contador, quer dizer, ele tinha o curso superior de contabilidade.

E qual era a profissão dos seus pais?

Minha mãe sempre foi das atividades do lar. Em solteira, ela trabalhou num *atelier* fotográfico, o *atelier* Victoria, que era muito conceituado na época e muito procurado também pelas pessoas da sociedade, quem queria tirar fotografias dos seus nenês e fotografias de casamento e tal... Então ela trabalhou muitos anos, até casar, nesse *atelier* Victoria. Meu pai tinha atividades variadas, ele era um pequeno empresário, tinha uma empresa de material de escritório, máquinas de escrever, de calcular, mimeógrafos e tal... Mas ao mesmo tempo, ele tinha uma visão muito humanista também, ele sempre foi muito ligado a cooperativismo, ele trabalhou também muitos anos também no SESI, no setor de cooperativismo... Ele era muito envolvido assim, com uma preocupação sobre a formação profissional e técnica e, junto com um grupo de colegas, ele fundou a *Escola Técnica de Comércio*

*Farroupilha*⁶⁸. Ele foi, durante muitos anos, professor de *Mecanografia* e, os demais professores da escola também eram profissionais das diferentes áreas, nas disciplinas em que lecionavam, afora o professor de *Português*, que era então formado na de *Filosofia* não é? Mas os demais, todos eram professores dentro da área que atuavam profissionalmente. Essa *Escola Técnica de Comércio Farroupilha* funcionou, enquanto havia condições no Centro, porque era uma escola noturna. Quando o *Colégio (Farroupilha)* se transferiu para as Três Figueiras, houve um período muito curto da *Escola (Técnica)* funcionando lá, porque na época, era uma situação muito complicada o acesso dos alunos... Então a *Escola Técnica de Comércio* foi extinta. Bom, era nessa área que o pai atuava, tinha essa firma de material de escritório e máquinas, tinha uma oficina... E ele era escoteiro também! Era chefe escoteiro, até a época que ele casou, foi chefe escoteiro do *Grupo Georg Black* da SOGIPA.

Em que escola a senhora fez sua educação primária?

A minha formação primária e ginásial é toda realizada no *Colégio Farroupilha*. Eu ainda fui aluna do “Velho Casarão” (*sorrindo e lembrando*) com todas as experiências do “Velho Casarão”, muito interessantes... Quando eu terminei o Ginásio, os meus pais perceberam que eu não estava assim, digamos inclinada a seguir algum estudo muito “intelectual”, o *Clássico, Científico*... Aí meu pai descobriu a *Escola Técnica Ernesto Dornelles*, decerto, fez alguma pesquisa, isso ele nunca me revelou... Ele achou que talvez fosse interessante, uma coisa que eu gostasse de fazer... Porque naquela escola eu poderia fazer coisas com as mãos! (*enfática*) E isso foi muito bom pra mim... Eu realmente gostei! Então foi feito o exame de seleção, eu cursei os 3 anos da escola técnica... Tive uma turma muito gostosa, muito simpática e um relacionamento entre colegas diferente do que era no *Farroupilha*... Porque no *Farroupilha* era uma classe sócio-econômica diferente assim... Mais elevada! O pessoal da *Ernesto Dornelles* era uma turma mais simples, mas de um coração muito generoso e isso foi muito bom! Quando eu estava terminando a *Escola Técnica Ernesto Dornelles*, no Curso de *Artes Aplicadas*, a diretora do *Farroupilha* então, a dona Wilma Funcke já estava me convidando para

⁶⁸ A *Escola Técnica de Comércio Farroupilha* (ETC) iniciou, em 1950, no horário noturno, com 32 alunos matriculados. Foi uma escola profissional equivalente ao Curso Colegial.

ser professora de *Artes* no primário do *Colégio Farroupilha*. Uma mulher com visão não é? Para cativar gente do *Ernesto Dornelles*! Já tinha no *Farroupilha*, uma egressa da *Ernesto Dornelles* dando aulas de *Artes*, a Rosemarie Villa-Boas... E como a dona Wilma já conhecia o meu histórico, conhecia meu pai também, tinham um vínculo bastante forte... Então ela me convidou... E aconteceu que entrei direto, assim que saí da *Ernesto Dornelles* para dar aula de *Artes Aplicadas* no *Farroupilha*.

Antes do seu ingresso na Escola Ernesto Dornelles, a senhora já realizava trabalhos manuais ou já tinha demonstrado aptidão para estes trabalhos?

Isso é difícil de dizer... Eu gostava das disciplinas de *Desenho*, gostava de fazer coisas com as mãos... E tenho um histórico também, de ter um avô, o avô materno que trabalhava com a escultura em madeira! Eu tenho um trabalho dele aqui (*aponta para uma caixa esculpida que está exposta em uma prateleira na sala*) E isso era uma atividade manual não é? Era bem interessante conviver com o trabalho desse avô... E por parte do pai, a minha avó paterna era professora de música, então a música também era uma coisa com a qual eu cresci! E música erudita... Basicamente! Apesar de que também, nós ouvíamos música popular... (*em voz baixa*) **alemã!** (*rindo*)

Qual o curso que a senhora fez na Escola Técnica Ernesto Dornelles?

A *Escola Técnica Ernesto Dornelles*, na época em que eu me candidatei, oferecia dois cursos, o Curso de *Decoração de Interiores* e o Curso de *Artes Aplicadas*. O meu interesse e de outra colega, também “farroupilhense”, era o de fazermos o Curso de *Decoração de Interiores*, mas como éramos as únicas interessadas, a Escola propôs que nós duas também fizéssemos parte da turma que iria cursar *Artes Aplicadas*. Aí nós concordamos e então fizemos o *Artes Aplicadas*.

Uma pergunta que não fiz antes, em que ano a senhora entrou para a escola?

Eu entrei em 1957, em 60 eu já estava trabalhando no *Farroupilha*...

Então a senhora era aluna externa na Escola...

Sim! Naquela época não havia mais internato... Era um semi-internato! Era interessante, porque nós ficávamos o dia inteiro lá dentro. A gente entrava de manhã, ao som de uma sineta, movida por uma senhora - *blém, blém, blém, blém...* Era muito moderno! (*rindo*) Entrávamos e tínhamos, pela manhã, os períodos todos nas oficinas. As oficinas duravam uma quarta parte do ano escolar... Nós fazíamos uma oficina após a outra, fazia um período na *Oficina de Couros*, outro na de *Madeiras* e depois alguns meses na de *Metais*, depois na *Encadernação*, a de *Cerâmica* ficava embutida num horário extra. Tínhamos, veja só, na época... Uma merenda na hora do recreio da manhã! Um pão, leite com Nescau... Não lembro bem o que era... Nós tínhamos, ao meio-dia, um almoço... Bem lá no fundo, no térreo, funcionava a cozinha e era o refeitório. Tínhamos um intervalo e, à tarde, aconteciam as aulas teóricas, então tinha *Física, Química, Português, Matemática...* Várias disciplinas de *Desenho, Desenho Decorativo, Desenho Artístico...* Tinha mais outro *Desenho*, agora não lembro qual era?... Eram três tipos de *Desenho* e as matérias normais assim, em um curso de 2º Grau não é? (*toma, entre o material que havia separado para me mostrar, um convite de formatura para lembrar as disciplinas*) E História e Geografia também! (*complementando*)

Que lembranças a senhora têm do cotidiano da escola e como era a rotina, o cotidiano na escola?

É como eu falei, pela manhã tinham as matérias nas oficinas, o intervalo do recreio... Tínhamos, por exemplo, o intervalo do meio-dia... Que dava tempo da turma se reunir no pátio, sentar ao sol, conversar, fazer alguma coisa assim... Relaxar!... Quando nós estávamos preparando a nossa viagem de formatura, eu buscava fitas lá no *Zaniratti Filmes!*... Aí nós tínhamos sessão de cinema! Cobrando um “mini-ingresso” das gurias que estavam interessadas, nós podíamos fazer a projeção no auditório da *Escola*... Eles permitiam isso, que fizéssemos no auditório... Assim nós juntamos uns trocados, as gurias faziam bolo, vendiam como merenda na hora do recreio e aí fomos juntando os “troquinhos” para fazer a nossa viagem de formatura!

A senhora poderia me contar um pouco sobre as aulas, como eram? E também sobre os professores?

Nós tínhamos, por exemplo, nas oficinas, espaços diferenciados. Cada oficina tinha seu próprio espaço, seus próprios instrumentos e equipamentos... Na *Oficina de Couros*, por exemplo, não precisavam muito equipamento, mas nas de *Metais* e *Madeiras*, já tinha serra, prensa... Na de *Encadernação*, tinha guilhotina, esses equipamentos necessários pra cada modalidade! A *Oficina de Couros* era a que ocupava menos espaço físico, não era nas salas maiores, mas, as demais, sim... E a rotina das matérias teóricas, nós tínhamos uma salinha, quase embaixo do telhado, era uma mini-sala para a nossa turma, que era pequena, ali tinha as mesas, o quadro... E os professores, uns eram mais estimados que outros não é? (*rindo*) Tínhamos uma professora de *Química*, que chegava com seu caderno, sentava a mesa e lia o que estava escrito no caderno e nada mais! Depois fazia uma prova e aí nos baseávamos nas nossas próprias anotações... E aprendemos um monte de *Química*! (*risadas*) Mas gostávamos de *Inglês*, *Geografia*, *História*... *Português* também! Tinham professoras boas... Ah! Tínhamos *Contabilidade* também! O professor Udrich, era quem dava noções de *Contabilidade*, esse era conhecido do meu pai...

A senhora tem alguma lembrança especial de algum professor?

Bom, tenho lembranças agradáveis, mas alguma coisa que se destaque... Assim, não tenho...

Quem era a diretora da escola na época?

Naquela época, era a professora Adália Hilgert, a diretora da Escola...

Ela lecionava em alguma cadeira?

Naquele momento, ela não estava em sala de aula, era apenas a diretora, não estava lecionando naquela época... Era professora de *Chapéus*!

E lembranças das colegas?

Ah sim! As colegas ótimas! Como eu disse, um calor diferente daquele clima de *Farroupilha* não é? Assim, pessoas mais simples, mas muito legais, tanto que nós nos encontrávamos depois da formatura, vários anos... Eu que fiquei preguiçosa, depois eu não convoquei mais, era eu quem puxava! Nós comemoramos dez anos de formatura, vinte anos de formatura, agora foram cinquenta e eu nem me mexi! (*rindo*) Mas, eu sempre cultivei o encontro das colegas, por muitos anos nós tínhamos convívio, agora, esporadicamente a gente se encontra, com uma e com outra, uma que outra eu até perdi de vista... Mas, foi, por um bom tempo, muito gostoso! A Ria (Breyer Puhl), por exemplo, faz horas que não falo com ela, a última vez que encontrei ela, foi no dentista! (*rindo*)

A senhora poderia me falar um pouco sobre as exposições dos trabalhos, que eram realizados pelas alunas?

A escola oferecia todo o material necessário para a execução, para a aprendizagem das técnicas e execução dos trabalhos. Como a escola fazia essa dinâmica, havia, uma vez por ano, uma exposição dos trabalhos realizados pelas alunas para angariar recursos... Para manter o fluxo de compra de material. Havia belas exposições, trabalhos muito bonitos e as exposições eram muito procuradas, muito bem freqüentadas!... A cidade já conhecia essas exposições e já esperavam por ela para fazer compras... Eu, por exemplo, o que eu gostei dos meus trabalhos, eu me propunha a comprar... Então tenho vários trabalhos aí ainda! As exposições eram muito bem conceituadas!

Onde aconteciam as exposições?

As exposições aconteciam nas próprias salas de aula!... Então dava aquela trabalhadeira que sempre dá, montar exposição... Fazer um ambiente simpático, acolhedor e ter uma exposição apropriada para cada trabalho... Dar o seu destaque e tal... E eu nem sei, se era manhã e tarde que abria a exposição? Não me lembro dos detalhes, do momento e da duração da exposição, não lembro mais...

A senhora já tinha me falado da sua atuação posterior a Escola Ernesto Dornelles, mas eu gostaria que a senhora me contasse como se deu, após a saída da Ernesto Dornelles, onde a senhora foi exercer a sua profissão...

Eu estava terminando o curso e, a diretora do *Colégio Farroupilha*, a professora Wilma Funcke, já estava me convidando para trabalhar no Curso Primário do *Farroupilha*... Entretanto, o Curso Técnico (da ETSED) não dava formação pedagógica... Devido a isso, a Secretaria de Educação fazia de tempos em tempos, um curso de formação de professores para todas essas alunas que saíam das escolas técnicas ou profissionais, como tinham outras escolas profissionais na cidade... Então, durante um ano praticamente, a gente cursava as disciplinas de *Pedagogia*, *Psicologia* e, inclusive, *Técnicas de Ensino* direcionadas para o Ensino Primário. Eu, mais tarde, também fiz esse curso de formação para o Ensino Industrial, mas nunca me propus a trabalhar em escolas industriais não é?... Esse curso para mim foi só um enriquecimento e, naquela época, também eles ofereceram um curso de *Recursos Audiovisuais*. Então, houve um primeiro curso, que tinha as matérias mais específicas, era um conjunto de disciplinas bem interessante! Houve depois uma segunda etapa, que eu fiz também... Com esta formação, mais tarde, fui convidada pela direção do *Farroupilha* para montar o setor de recursos audiovisuais do colégio. Em 72, quando eu retornei de um período de intercâmbio de professores na Alemanha, tinha acontecido a Lei de Diretrizes e Bases⁶⁹, morria o Primário e o Ginásio e entrava o ensino de primeira à oitava série. Com essa mudança de dinâmica, as diferentes secretarias, porque havia secretaria do primário, secretaria do ginásio, secretaria do científico e assim o material didático estava todo espalhado. Com essa mudança, a escola me propôs fazer a organização, o material foi todo reunido e criamos o setor, oferecendo aos professores mais um recurso didático.

A senhora tinha falado sobre a viagem de formatura que fizeram na Ernesto Dornelles, eu gostaria que me falasse para onde foram e como foi a viagem...

Ah! Eu tenho um relatório! E tenho as fotografias!...

⁶⁹ Refere-se à LEI N. 5.692, de 11 de agosto de 1971, publicada durante o regime militar pelo presidente Emílio Garrastazu Médici.

Que ótimo!

(*Dona Ingrid me traz o relatório e um álbum de fotografias que estavam separados sobre a mesa*)

Nós fizemos essa viagem de formatura com apoio, digamos assim, de outras escolas técnicas de outros estados... Nós fizemos Porto Alegre/Curitiba, onde ficamos na *Escola Técnica*, depois fomos ao Rio de Janeiro, mas aí ficamos no *Instituto de Surdos e Mudos*, onde eles reuniam estudantes de vários lugares do Brasil. Fomos até Vitória, no Espírito Santo e lá ficamos na *Escola Técnica*. No retorno, fomos a São Paulo, onde ficamos no alojamento dos atletas do Pacaembu e daí voltamos para Porto Alegre. Então toda a viagem teve esse suporte oferecido pelas escolas técnicas e os governos, que nos ofereciam facilidades. Juntamos os “troquinhos”, mais as facilidades e fizemos uma belíssima viagem!

Que atividades fizeram durante a viagem?

Bom, na viagem, não tínhamos um ônibus especial, usávamos ônibus de linha! Então nós brincávamos muito no ônibus! E nas cidades nós visitávamos, guiadas pelos professores locais e que estavam disponíveis, fazíamos turismo cultural, conhecendo em primeiro lugar, claro, a própria escola onde estávamos alojadas não é? Em Vitória foi muito bom, nos passeamos muito, pelos arredores e tal... Em São Paulo é que foi menos, ficamos no Pacaembu e aí fomos mais conhecer a cidade... Mas foi muito bom!

Bom, a senhora me dizia que começou no Farroupilha lecionando Artes para o primário, depois lecionou para as outras séries?

Não... Porque a minha titulação se limitava para o primário. Aquela formação que a Secretaria de Educação oferecia, era especificamente para primário. Quem quisesse ensinar no Ginásio tinha que ter *Escola de Artes*, essa era a exigência. Eu nunca lecionei para a primeira série, ali era uma professora para todas as matérias, mas de segunda até quinta série, eu migrei por todas!

A senhora chegou a ter intenção de fazer o Instituto de Artes?

Eu tinha intenção... (*pausa*) na verdade, de fazer *Línguas*! Porque quando eu estava na *Ernesto Dornelles*, a professora de *Inglês* achava que eu tinha condições,

casualmente o *Inglês* que estavam dando na *Ernesto Dornelles* era uma repetição do que tinha feito no Ginásio, então era fácil pra mim! Então ela me estimulou, mas na época, para entrar (no *Instituto de Letras* da UFRGS) tinha que fazer exame de *Francês* também! E meu *Francês* não era suficiente, apesar de ter tido no Ginásio, mas como não fiz o (curso) *Clássico*... Onde teria o *Francês*, o *Latim* e tudo mais... Então entrei na *Aliança Francesa*... Fiz todo curso da *Aliança Francesa*, cursei o *Goethe* (Instituto), *Inglês* fiz um pouco no *Cultural*... Mas nunca fiz *Línguas*! A faculdade (de *Línguas*) não é? E como estava trabalhando, não fiz a *Escola de Artes*... Eu comecei, inclusive, em 1960, a trabalhar numa outra escola, em São Leopoldo, era a *Escola Normal Evangélica*. É uma escola de formação de professores! Lá trabalhei 3, 4 anos, até eles transferirem a escola para Ivoti. Agora é o *Instituto de Educação Ivoti*, eles trabalham muito com música! Quando houve essa mudança, não havia como me transportar para lá, porque eu trabalhava só pela manhã no *Farroupilha* e ia duas tardes para São Leopoldo e dava aula lá. Ali os alunos eram de nível ginasial, estavam se preparando para o *Magistério*, como eu tinha a experiência de *Magistério* e das *Artes Aplicadas*, tinha a prática na escola, eu transmitia para eles uma instrumentalização para que eles aproveitassem nas escolas que fossem atuar. Foi muito interessante, eram alunos mais velhos, tinha gente até mais velha do que eu... Eu comecei com 18 anos não é? Foi uma experiência muito boa!... Ainda trabalhei lá em cursos de férias, era um período que eu ficava lá, mais ou menos uma semana. Mais tarde, quando voltei da Alemanha em 72, com a formação em audiovisual, eu trabalhava dobrado, manhã e tarde... Aí eu comecei a reduzir em sala de aula para atender mais o setor de audiovisual...

E atuou em sala de aula ainda?

Eu me desliguei da escola em 65, aí eu não tinha mais turma, tinha só o setor. Quer dizer que, por fim foi o curso de recursos audiovisuais que mais tempo me fez trabalhar no *Farroupilha* não é?

Nessa viagem que fez para a Alemanha, quanto tempo ficou lá?

Na Alemanha foi um ano, trabalhei em uma escola primária com *Artes Aplicadas*. Na cidade de Essen!

Eu queria que a senhora me desse a sua opinião sobre o ensino técnico ministrado na Ernesto Dornelles e que importância esta formação teve em sua vida...

Bom, a importância foi básica e fundamental não é? Em cima do que eu aprendi na *Ernesto Dornelles*, praticamente a minha vida profissional se desenvolveu... Acrescentando os demais cursos que foram feitos... *(pausa)* E é interessante, que eu nunca fiz trabalhos, por iniciativa minha em metais, madeira ou em couros e encadernação... Que eu tivesse seguido profissionalmente alguma dessas oficinas que cursei... Porque tem muitas colegas que fez cerâmica depois, encadernação acho que ninguém fez... Mas as outras colegas que vinham do Ginásio Industrial, essas continuam com seus crochês, com seus bordados, coisas assim não é? A Ria (Breyer Puhl), por exemplo, ela fez mais!... Ela fez a *Escola de Artes* (Instituto de Artes da UFRGS)! Mas acredito, foi fundamental essa formação para a minha profissão, então essa base, esse estímulo inicial que os meus pais me proporcionaram não é? Porque sabe-se lá, se eu ia gostar de fazer *Filosofia*?... *(o telefone toca e o diálogo é interrompido, sendo retomado alguns minutos depois)*

Eu fico muito triste que as escolas técnicas e profissionais tenham sido eliminadas, porque tem tanta gente que não quer se desenvolver ou não tem condições de se desenvolver intelectualmente, mas que tem assim... Um talento manual? Um talento para usar as mãos fazendo trabalhos criativos e profissionais também poderia receber uma formação super aperfeiçoada e ter uma profissão rendosa, que pudessem se sustentar bem, sem precisar, por exemplo, fazer um curso superior! Eu lembro que o *Parobé*, a *Escola Técnica Parobé*, tinha seus alunos solicitados antes de estarem formados para trabalhar nas empresas e com salários que muitas vezes podiam ser melhores até que o dos engenheiros...

De certa maneira, é o que acontecia com as alunas do Ernesto Dornelles não é? Como foi no seu caso, de ter sido solicitada...

Direto! Esse eliminar das escolas técnicas e escolas profissionalizantes, no meu entender, foi um erro muito grande! Grave...

Em que época a senhora observou essa mudança sobre as escolas técnicas?

No meu ver, foi quando entrou a Lei de Diretrizes e Bases (de 1971), aquela alteração do curso primário, do ginásio técnico, do clássico, científico ou normal... Aí eles fizeram um segundo grau profissionalizante, as escolas “comuns”, digamos assim, tinham que, de repente, oferecer instalações com oficinas e com equipamentos que não tinham! E o quanto de qualidade esses cursos ofereceram para os alunos? Fica em aberto isso!... Quais escolas tinham condições de formar um tradutor-intérprete? Um desenhista de publicidade? Um auxiliar de laboratório e etc.? Então, se houvesse escola técnica para esses alunos, eles teriam uma formação mais sólida e poderiam ser profissionais mais bem sucedidos!

Em relação às artes aplicadas, que hoje é um termo que praticamente caiu no ostracismo... Poucas pessoas hoje sabem o que são artes aplicadas! Como a encadernação, os trabalhos com metais, a cerâmica... Me parece que em um determinado momento, essas artes perderam um pouco de espaço não é?

Sim e não! Porque eu sei que havia a *Escola do Livro*⁷⁰, eles trabalhavam com encadernação, onde se podiam mandar livros para encadernar. Então no momento que não existia mais a *Escola do Livro*, quem é que fazia encadernação? Como as bibliotecas iam restaurar seus livros? Então, claro que ainda existe alguma coisa, mas em um determinado momento, aquilo se perdeu, ficou um buraco... Tu vê que as outras artes estão muito modernas! Se faz crochê, faz bordado, faz pintura em madeira, então de repente tudo voltou à moda não é?

Acho que existe sim, um retorno as artes aplicadas, mas que agora se chama artesanato...

Volta o interesse! As pessoas valorizam o trabalho manual, não querem mais comprar uma coisa industrializada...

⁷⁰ A *Escola Artesanal Arte do Livro* existiu e funcionou em Porto Alegre até meados dos anos 1990. Oferecia os serviços de restauro e encadernação de livros e a formação técnica em encadernação artística.

Acho que em determinado momento, as artes aplicadas saem do âmbito da escola, como algo institucionalizado e passam a ser artesanato, uma função mais ligada ao lazer... Prazer em fazer o artesanato e mais distanciado de profissão...

Exatamente! Tem que saber o que é um técnico em artes aplicadas e uma pessoa que faz artesanato! E as escolas que ensinam a fazer artesanato e as escolas técnicas, profissionalizantes, de profissões que não morreram - mecânica, eletricidade, hidráulica... O *Parobé* tinha curso de *Pontes e Estradas*, e mesmo na área de *Contabilidade*, tem a *Computação* agora... (pausa) Funileiro? Sapateiro? Daqui um pouco tu não vais encontrar mais profissionais dessas áreas! Marcenaria, carpintaria... Eu acredito muito no profissional, digamos assim, um ofício, aquele que tem um ofício! Claro que precisamos das profissões intelectuais também, mas não são todas as pessoas que tem condições... E as *artes aplicadas*, tu podes usar também como *hobby*, lazer, se tens uma profissão muito exigente intelectualmente, chega um momento que precisas fazer algo mais manual, extravasar!

Muito obrigado dona Ingrid...

Gostou não é? (*rindo*)

ANEXO IV- ENTREVISTA COM RIA BREYER PUHL

Entrevista concedida pela Sra. Ria Breyer Puhl, professora, sessenta e nove anos, realizada no dia dez de maio de 2011, em sua casa, na cidade de Porto Alegre/RS.

Eu gostaria que a senhora me dissesse seu nome completo...

Ria Breyer Puhl. De solteira, Ria Breyer...

A senhora pode me dizer sua data e local de nascimento?

1º de dezembro de 1940, em Canela.

Eu gostaria de saber qual o grau de escolaridade dos seus pais...

Olha... A minha mãe estudou “em alemão”! E, não teria além do quinto ano, o que equivale a quinta série não é? Mas isso nem era bem reconhecido pelo governo... Era numa colônia! Mas, além disso, ela não tinha mais nada... Ela, depois fez, aqui em Porto Alegre, depois que nós já éramos adultos, ela quis fazer um curso supletivo... Não chegou a acabar, o curso era em português... E ela aprendeu o português conosco, a falar conosco! E o meu pai? Meu pai... Não tenho a mínima ideia de que instrução ele tinha! Eu convivi pouco com ele... Provavelmente, como era da mesma região, também não passou do primário. Só que o meu pai era músico, ele tinha uma cultura musical, mas também não de escola...

E a profissão dos seus pais? O seu pai exercia música profissionalmente?

Não! Meu pai, profissionalmente, era ferreiro... A minha mãe era dona de casa... Bom, ela era chacreira, cuidava de uma chácara em Canela... Mas fora isso, não tinha uma profissão especializada, era (*com ênfase*): DONA DE CASA! DO LAR!
(*rindo*)

Em que escola a senhora fez sua educação primária?

No Grupo Escolar João Corrêa, em Canela...

Com que idade entrou para a escola?

Devia ter sete?... Acabei aos doze. Aliás, não aceitavam antes dos sete! Não havia jardim, não havia nada! Entrava-se direto para a escola!...

Eu quero que a senhora me conte de quem partiu ou como surgiu a ideia de continuar sua educação na escola Ernesto Dornelles...

Bom, eu sempre gostei de estudar! E sempre tive boas notas!... Eu queria ser alguém, mais do que viver no meio do mato, onde nós vivíamos... E gostava de estudar! Então eu fiquei sabendo que havia uma escola aqui em Porto Alegre, que era do governo, não precisava pagar... Porque nós éramos muito pobres, não tínhamos condições mesmo... E havia uma veranista, era vizinha, a nossa mãe cuidava a chácara para ela, mas que não era onde nós morávamos... Eu cuidava do jardim dela... E ela ofereceu, se eu quisesse vir, se a mãe deixasse, ela compraria o enxoval e tudo... Se eu passasse no admissão! Que era quase um vestibular! Era uma coisa muito puxada, não era para qualquer um entrar! (*rindo*) Se eu passasse no admissão, ela cobriria os gastos! A mãe já tinha sofrido bastante sozinha... Meu pai era doente, não estava junto... Aí ela disse: “Se ela quiser ir, então ela vai...” Eu vim, passei no admissão, fiquei quatro anos no Ginásio Industrial e mais três no Curso Técnico de *Artes Aplicadas*... Mas, eu sempre queria estudar! Eu já brincava com as minhas bonecas de ser professora! Antes de entrar para a escola... (*rindo*) Está aí o sonho realizado! Até hoje!...

Então a vocação já vinha de criança!... Antes do ingresso na Ernesto Dornelles, a senhora fazia trabalhos manuais? Tinha aprendido ou teve aula de trabalhos manuais?

Olha... Aula de trabalhos manuais não... Mas em casa a gente tinha que costurar um botão, tinha que lavar a roupa!... Tinha que costurar as roupinhas de boneca! (*sorrindo*) Se quisesse que ela ficasse bem vestida!... O cotidiano de uma criança de interior, naquela época, era aprender da mãe o que ela sabia... Então um pouquinho de crochê... Aquela “tracinha” que é o começo do crochê, isso eu aprendi em casa!... Na escola tinha alguma coisa, algum trabalho manual, mas eu não lembro mais o que era! Era mais *Desenho*, eu acho?... Ah! Eu tinha, nesse

tempo também, aulas de flautim! Eu toquei flautim nesse tempo... Teve até uma apresentação no teatro, uma coisa da escola não é? Mas por iniciativa do meu pai...

Em qual curso a senhora ingressou na Escola Ernesto Dornelles?

Bom, quando a gente entrava na escola, não nos matriculávamos exatamente em um curso. Era no Ginásio Industrial! Aí nós tínhamos, durante, me parece... Três meses ou um semestre? Não lembro quanto tempo era... Um rodízio por todas as oficinas dos dois Cursos, que eram o *Chapéus, Flores e Ornatos* ou *Corte e Costura - Rendas e Bordados*. Então a gente aprendia um pouquinho de cada um, para depois escolher o curso que queria. Depois desse rodízio, eu fiquei no *Corte e Costura - Rendas e Bordados*... Que pra mim parecia que teria mais futuro não é? Porque *Chapéus, Flores e Ornatos*? Não era uma coisa para todo mundo! E *Corte e Costura* sim!

A senhora foi interna na escola então?

Eu era interna. Fiquei quatro anos!... E nós tínhamos aulas em turno integral não é? De manhã e de tarde...

E como era viver na escola? Além de estudar, também viver ali...

Bom, no início é uma experiência muito difícil... Para uma menina de doze anos?! Sair da família e morar no meio de estranhos?... Mas como as “estranhas” eram mais ou menos da mesma idade... Fui me acostumando aos poucos... E, as que já estavam há mais tempo iam ensinando as tarefas... Todo mundo tinha que lavar sua roupa, engomar... Tinha esse detalhe! Roupas de algodão, blusinhas... Tinham que ser todas engomadinhas! Tudo limpo! Nós tínhamos que esquentar a janta ou o almoço nos domingos... Então era uma continuação, na verdade, da vida da casa... Aquilo que se fazia em casa, também tinha que fazer lá! Não tinha mordomia! (*risadas*) Tinha que ter todas as coisas em ordem... Tinha uma supervisora! Eu, graças a Deus, não tive nenhuma experiência ruim... Nenhuma! Para mim, no internato, foi tudo ótimo! Porque eu ouço tantas narrativas, assim, de pessoas que... (*faz um ar de sofrimento, caricaturando a fala*) sofreram no internato... Que nada! Eu até tinha levado minhas bonecas... As duas que eu tinha! E ainda brincava (*com voz baixa*) de bonecas, escondida... Isso nos dois primeiros

anos... E flautim também! Mas o flautim tive de deixar... Não tinha mais professor não é? (*pausa,rememorando*) Mas eu tenho ótimas lembranças... De reuniões dançantes, de bailes, de concertos da OSPA que a gente ia! Missas na Catedral, na Igreja das Dores!... Era sempre uma saída em grupo! Era muito divertido, as mais velhas já ficavam de olho nos namoradinhos, tudo de longe, claro! Mas era bem divertido! E as mais novas sempre eram adotadas pelas mais velhas! Então, tinha a “mãe” que ganhava a nova filha! A minha “mãe” se chamava Elda Bisognin! (*rindo*) Mora em Santa Maria! Mas eu nunca mais vi... Ela me ensinou com arrumar as gavetas, onde pendurar as coisas no armário, essas coisas todas! Ficava responsável pela novata! Era bem interessante e as pessoas tinham responsabilidade não é?

Tenho certeza que foi uma experiência muito interessante mesmo! Eu gostaria que a senhora me falasse como era o cotidiano da escola, como funcionavam as aulas?

Bom, nós tínhamos um turno de *Cultura Geral*, então: *Matemática*, *Português*... E nós tínhamos matérias que as outras escolas não tinham... *Puericultura*! Tinha uma matéria, não me lembro o nome dela... (*lembrando*) *Economia Doméstica*! Que depois até teve um curso de 2º grau com esse nome não é? Na *Economia Doméstica* ensinavam a lavar roupa, passar roupa, a fazer um controle financeiro da casa, essas coisas todas... Havia matérias obrigatórias pelo currículo e as outras eram obrigatórias pelo tipo de escola não é? À tarde, normalmente, ficavam as aulas práticas, as aulas de oficina. Então se era o curso de *Corte e Costura*, se passava, me parece, três ou quatro meses em *Corte e Costura*. A grande turma era dividida em três, quatro oficinas, elas iam trocando daí. Depois da *Costura*, se passava pra *Rendas*, de *Rendas* se passava para os *Bordados*... As dos *Chapéus* passavam para as *Flores*, de *Flores* para *Ornatos*... Quando chegava o fim do ano, tinha-se feito todas (as oficinas)... E tinham professoras exigentíssimas! E tinham as boazinhas...(*rindo*) Mas de qualquer maneira, todo mundo era muito consciente, para ensinar o máximo possível. Era professor, professor mesmo! Por amor, com dedicação... Eu tenho ótimas lembranças! Tinha uma que era muito braba! Era de costura... Dona Ada Torres! Vais ouvir falar nela mais vezes... Aquela,

se tinha um pontinho fora do lugar, ela puxava fora assim (*fazendo gesto de quem desfaz uma costura*)... Era fazer de novo!

Desmanchava a costura?

(*acenando positivamente com a cabeça, reproduzindo a fala da professora*)

“Não... Isso não é coisa que se apresente...”! Tinha que estar impecável! E nós aprendemos a costurar, primeiro: roupinhas de bebê, depois as roupas femininas, tanto a *lingerie* como os vestidos. Depois, roupas masculinas... Nós aprendíamos, pelo menos a costurar uma camisa! Camisa e cueca!

Camisa não é coisa fácil!

Não é coisa fácil mesmo! Aqueles colarinhos? Ai, não era mesmo! Mas, tudo deve de ser feito!...

Na Oficina de Rendas, o que aprendiam?

Era crochê, *nhanduti*, macramê, *bilros*... (*pausa, rememorando*) Aquela outras meio bordadas sabe? Todos os tipos de rendas! As conhecidas na época, a gente aprendia... A (renda) de *bilros*, eu acho que levei uma semana para fazer dois centímetros! (*rindo*) Aquele jogo de pauzinhos, pra cá e pra lá (*fazendo o gesto de quem maneja os bilros*) e formar o desenho correto? Se erra? Volta tudo e recomeça! Não era fácil... Ah! E *frivolité*! Era uma das mais difíceis! Mas era linda... Eu fiz bastante *frivolité*... Achava lindo aquilo! Mas era muito demorado... Não se pode errar um nozinho! Senão não corre, não fecha... Se errar, para desmanchar é muito mais difícil que fazer... Mas fiz lindos guardanapos de *frivolité*!

E depois passavam para a Oficina de Bordados?

De *Bordados*, sim! Aí era *pintura de agulha*, *pintura de agulha mexicana* ou *japonesa*, sei lá! E *ponto sombra*, *ponto atrás*, *ponto corrente*... Tudo! O *richelieu*, as coisas bem complicadas... Mas se fazia tudo primeiro em amostra! Quando se apresentava uma amostra decente... Aí passava então para um trabalhinho! E esse trabalho, conforme o tempo que se tinha, era maior ou menor. Podia, depois, vender no fim do ano, na grande feira não é?

Esses trabalhos, depois de feita a amostra, os trabalhos maiores eram feitos fora do horário da aula?

Eu não me lembro de fazer trabalho manual fora do horário de aula... Porque não sobrava horário! A gente tinha aula de manhã e de tarde, depois era hora de banho, hora de jantar e depois hora de descanso, depois hora de estudo! E daí (*tomando fôlego*) era hora de dormir! (*rindo*) Levantar de manhã e já direto para o café e a aula não é? Às vezes, a costura, a gente fazia pra si, não para trabalho da escola... Normalmente o trabalho ficava na sala de aula. Se não me engano, era isso...

Eu gostaria que a senhora me falasse um pouco mais sobre as professoras, do que a senhora se lembra das aulas práticas e do currículo, digamos, mais geral?

Bom, do currículo geral, eu tive uma professora de *Matemática* excelente! Dona Joana Bender... Eu acho que era uma exímia professora! Não sei se eu tinha dificuldade ou não, mas eu acabei gostando muito de matemática e tirava notas ótimas! *Português*, eu tinha muito mais dificuldade, porque em casa se falava alemão... E chegar numa escola onde não se dizia uma palavra em alemão? Ter que ler aqueles livros todos, fazer resumos, escrever textos!... Então, encontrei, não sei em que série foi, mas encontrei a Isolda Paes. Tu deves conhecer de nome, ela foi do *Colégio de Aplicação*, uma figura de destaque mais tarde não é? Mas, ela era professora lá na escola... E ela, era assim... Bastante rígida nos comentários! Mas sempre incentivando! E ela também foi uma excelente professora de *Português*... A de *Ciências* era a Ligia Müller, ela também fazia o impossível, com o mínimo laboratório que a gente tinha não é? Ela era uma excelente professora também. Ela, um bom tempo depois até, eu ia à casa, conheci a casa dela... Mas aí já como professora na escola, como colega... Me deu duas xicrinhas de coleção dela! Fez questão de me dar! Também faleceu um pouco depois e a coleção se ficou pros filhos, ficou desfalcada! (*risos*) As (professoras) de *Cultura Geral*, assim do Ginásio Industrial, as que eu lembro mais são essas... Na parte de oficinas, na de *Costura*, nós tínhamos mais de uma, dependendo do ano. Uma era a Ada Torres... Muito exigente! Mas se reconhece que quem queria aprender mesmo, tinha que cair nas mãos dela! (*rindo*) Outra era a Haydée Freire, que também foi quem cuidou o

internato. Era uma boa professora! Tinha outra... (*pausa rememorando*) Edy? Edy Corrêa... Acho que era? Essa era uma professora... Que tinha um jeito, assim... De mais “gabarito”! Era mais social! Ela fazia cursos no Rio, de *Corte e Costura*... Fez curso com o Gil Brandão⁷¹, depois trouxe os livros do Gil Brandão e adotou o método lá, por um tempo... Era inovadora, com ela se aprendia a fazer direitinho... mas não era assim tão exigente quanto a Ada! De *Costura* eram essas... De *Rendas*? (*relembrando*) Tinha uma que era... Era uma artista! Eu tinha aqui (*aponta para um móvel próximo*) um guardanapo, um redondo, que foi feito por ela... Aimée Postiga! Ela já tinha, assim, mais idade... Mas era exímia! Nas rendas, principalmente o crochê! Inacreditável o que ela conseguia fazer... Essa é a que lembro... Que outras eu posso lembrar? *Rendas*? *Bordados*?... De *Bordados*, eu acho que foi Nancy Freitas... a Nancy deve viver ainda... Ela morava perto da escola. Se não me engano, a Nancy era de *Bordados*. Mas ela era mais quietinha... Era um corpo docente bem gabaritado, sabe? Bom... naquela época, mulher tinha que saber tudo isso! Todas! Independente da escola que fosse... Tinha que aprender, de algum jeito tinha de saber fazer tudo!

Em casa ou na escola tinham que aprender...

Em casa ou na escola! Ou em qualquer lugar! Tinha que aprender! Mulher era pra ficar em casa, cuidando do marido, dos filhos e enfeitar a casa e arrumar a casa! Uma das primeiras, que saiu fora disso, foi a Lydia (Gobbato Karl)! Que foi estudar... Que era da primeira turma da escola não é? Essas enfrentaram muito mais dificuldades... Porque eu já não sou da primeira turma, sou bem posterior! E ela foi só do curso técnico, não do industrial, esse industrial básico, ela não chegou a fazer... Veio de alguma outra escola!

⁷¹ Gil Brandão, modelista brasileiro, tinha formação em Arquitetura. Lançou na década de 1950, através do Jornal do Brasil, colunas dedicadas ao ensino de corte e costura. Assinando seções como: *Aprenda a Costurar*; *Escolha seu Modelo*; *O Modelo da Semana*, *Interpretação de um Modelo* e *Correspondências de Gil Brandão*, tornou-se extremamente popular por meio de suas lições em série, sistemas de moldes e de seus métodos para a aprendizagem do corte, modelagem e costura de roupas femininas e infantis.

A senhora me falou dos métodos, os que a professora de Corte e Costura tinha adotado, existiam outros métodos além desse?

O *Singer*! Era o oficial da escola! Era o *Método Singer*... Nós tínhamos o livro, depois nós ganhamos, não sei o nome do método, mas eram livros editados pela Nair Becker⁷², que foi a fundadora da escola, todas as alunas ganhavam uma coleção completa, onde tinha o de *Corte e Costura, Rendas e Bordados*... Ali tinha tudo, os primeiros passos de todas essas matérias... Eu não sei quando mudou para o *Singer* e, em determinada época mudou para o Gil Brandão... Eu cheguei a ser professora de *Corte e Costura* da *Ernesto*! Mas aí nós já tínhamos feito uma simbiose do *Singer* com o Gil Brandão! Nós simplificamos o que era mais difícil e adaptamos, criamos um método! Funcionava bem!

Eu gostaria que a senhora me falasse sobre as colegas, o que se lembra da época do Ginásio...

Hmm... Isso já é um pouco mais difícil! Da minha turma mesmo, eu só me lembro de uma, que foi oradora da turma, se chamava Lidia... Mas também não me lembro o sobrenome, declamou um poema... Um que fala sobre o livro? (*lembrando, recita*) "... *Livros... livros à mão cheia...*"⁷³ não é? Foi assim EMOCIONANTE! Ela declamava muito bem e declamou isso na formatura... Essa eu me lembro. Eu tinha algumas amiguinhas, mas normalmente não eram da minha turma... Quem acabou se tornando amiga, eram as que estavam no internato, porque a gente convivia mais... Dilma era uma, que depois foi morar em Viamão, mais tarde... Ela me telefonou, a gente conversou, mas não chegamos a nos encontrar... A Edith Hauptenthal, lá de Cerro Largo... Eva Gravina, que era de Triunfo, se não me engano? Essas todas não eram da minha turma, mas eram do internato... A minha maior amiga no Industrial (Ginásio), não era a maior amiga naquele tempo, mas passou a ser depois, era a Magda Ramos... Ela acabou sendo da minha turma no curso técnico e nós fizemos o mesmo curso, fomos lecionar na mesma escola... Só que ela faleceu cedo. Ela fez *Belas Artes* também...

⁷² Nair Maria Becker, foi a fundadora e primeira diretora da *Escola Técnica Feminina de Porto Alegre* (ETSD). Publicou através do Ministério da Educação e CBAI (Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial) uma série de quatro manuais de tecnologia de corte e costura, chapelaria, rendas e flores artificiais para serem adotados pelas escolas técnicas femininas do país.

⁷³ Refere-se à "*O livro e a América*", primeiro poema do livro "*Espumas flutuantes*" (1870) de Castro Alves.

Ela fez também o Instituto de Artes?

É... Só que ela não era da minha turma também! Mas nós éramos colegas como professoras não é? Ela era professora de *Cerâmica*... Aquela obra é dela, lá! (*apontando para uma escultura em cerâmica*)

Eu gostaria que me falasse sobre as exposições que a escola promovia, onde aconteciam as exposições?

Bom... As mais famosas foram as exposições no antigo “Mata-Borrão”⁷⁴, sabe onde era? Era na frente do cinema *Victoria*...

Sim! Já vi em fotografias o prédio...

Parecia um mata-borrão mesmo! O formato não é? E ali, nós tínhamos uma professora que lecionava *Decoração*, que era a Branca Schneider, ela era uma das que mais organizava, determinava as coisas lá dentro, onde cada coisa deveria ficar... Todo mundo tinha que trabalhar muito para a exposição! Ali, na exposição, se colocava os trabalhos mais bonitos, os trabalhos de costura nos manequins, os de renda e de bordados... Mas tinha muitos trabalhos à venda, então era uma exposição-feira. E esses trabalhos, que estavam à venda, eram os que as alunas tinham feito durante o ano. E durante o ano se faziam vários (trabalhos), se passava por várias oficinas... A aluna tinha preferência na compra. Ela podia até comprar e deixar em exposição, podia comprar antes... Mas como muitas eram pobres, como era o meu caso, eu não poderia comprar o meu trabalho. Então esses trabalhos eram vendidos e uma parte revertia em pecúlio da aluna. A aluna ganhava uma parte dessa renda... Essa exposição era muito concorrida, muito visitada! Era esperada pela cidade! Principalmente pelos trabalhos do Curso Técnico, os trabalhos de *Artes Aplicadas* em couro, metais, madeira e encadernação... lam tudo no primeiro dia! Era muita criatividade, era muita coisa diferente! Porque se

⁷⁴ *Pavilhão de Exposições do Estado do Rio Grande do Sul*, conhecido popularmente por “Mata-Borrão” devido ao seu formato, foi projetado pelo arquiteto Marcus David Heckman e inaugurado em 1958. Estava localizado na Avenida Borges de Medeiros, esquina com a Rua Andrade Neves. Considerado um marco do modernismo arquitetônico em Porto Alegre, foi um espaço de exposições artísticas e culturais, tendo abrigado mostras de Iberê Camargo, Carlos Scliar e as exposições de trabalhos de alunas da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*. Considerado uma obra arquitetônica efêmera, pois fora construído em madeira e vidro, como um pavilhão temporário, sua imagem permanece viva e é tema frequente nos relatos e lembranças das ex-alunas da ETSED.

inventava, era obrigado a criar um projeto, recriar... Até que estivesse à altura não é? Então era muito requisitada, a tal da feira! Não lembro quantos dias durava... Muitos não eram! Porque não sobrava nada! Trabalhos para se vender por muitos dias... Chegou-se a fazer, me parece, feira na escola também...

Eram sempre anuais essas exposições?

Eram anuais! Guardavam-se os trabalhos para o final do ano...

Eu gostaria de saber qual foi sua formação posterior ao Ginásio Industrial? A senhora foi para o Curso Técnico não é?

É. O curso técnico tinha duas opções, podia ser esse de *Artes Aplicadas* e tinha outro chamado *Economia Doméstica*... Só que o ingresso não era simplesmente passar do Industrial para o Técnico! Tinha que fazer outro admissão não é? Porque as turmas do Industrial eram bem maiores dos que as do Técnico. Eu escolhi o de *Artes Aplicadas*, fiz o admissão de novo... Se passasse, eu teria direito a uma bolsa da escola para ficar em algum lugar, pois nesse ano a escola não teria mais internato... No ano que eu terminei o ginásio, foi o último ano de internato! Aí eu fiz todo o Curso Técnico, passando o dia inteiro na escola, mas morando na casa de uma família... Ele era médico, ela era professora, lá da escola mesmo. Ela era filha daquela senhora que me levou para a escola! Lá de Canela, a veranista... A filha dela me conhecia desde pequena também, aí ela disse: "*Não! Em vez de ir para um internato, podes ir lá pra casa!*". Aí convivi com eles, uns quatro ou cinco anos, porque mesmo depois de formada fiquei mais uns dois anos lá... Ajudava a cuidar os três filhos deles! Depois veio mais uma, mas com ela não cheguei a conviver... Aos sábados e domingos, eu ajudava a fazer o almoço... Como o médico tinha que sair à noite, atender os chamados, eu ficava com as crianças... Costurei muita roupinha chique para as meninas! Eu sabia não é? Gostava de fazer roupa de criança... Então fazia umas roupas bem bonitas! Para o menino eu não cheguei a costurar...

Então após a formação no curso técnico, onde a senhora foi atuar profissionalmente?

Bom, eu me formei em 59, em dezembro... Em janeiro, a escola me chamou! Havia uma colocação, uma oferta para a *Clínica Pinel*... Para montar todas as

oficinas da *Pinel*. Porque quem tirasse as melhores notas, seriam as primeiras indicadas... Eu já tinha caprichado por isso mesmo, desde que eu saí de Canela... Eu queria ser alguém! E realmente eu consegui... Fiz a entrevista com o Marcello Blaya⁷⁵ que estava começando a *Clínica Pinel*... Ele confiou plenamente em uma guriazinha “de nada”, que era pequeninha, magrinha, novinha... (*rindo*) Mas consegui e me saí bem! Depois de um ano de funcionamento, a clínica aumentou e ele me pediu que indicasse outra pessoa, eu indiquei essa minha amiga, que também foi trabalhar lá... a Magda Ramos. Nesse meio tempo, em que eu estava na *Pinel*, à noite eu já fazia *Didática* do Ensino Industrial! E depois de um ano e meio, eu fiquei na *Pinel*, terminei a *Didática* e fui nomeada!

E esse curso de didática, onde acontecia?

Era na frente da antiga (cervejaria) *Brahma*, onde é o shopping hoje... Havia um pequeno espaço, ali, onde se fazia esse curso. Depois mudou pra Avenida Beira-Rio, por ali... Antes era lá, era longe, eu morava no Menino Deus! E fazia o curso de noite lá... Mas naquele tempo, se podia fazer não é? Ia a pé, ia de ônibus, de bonde... Sei lá de quê! Nunca aconteceu nada! Voltava às dez horas da noite e sozinha... Imagina isso hoje?

Quanto tempo esteve trabalhado na Pinel? E depois dessa experiência na clínica, onde foi trabalhar?

Eu não sei bem, não sei se foi um ano e meio ou dois anos na *Pinel*. Quando veio a nomeação para o Ernesto Dornelles, eu fui nomeada para cargo duplo não é? Para quarenta e quatro (horas semanais)... Não veio para o *Ernesto Dornelles*... Veio para outra escola primeiro... Aí eu fui reclamar! Porque eu tinha feito a *Didática* e tinha sido a melhor colocada! E a promessa do secretário, do diretor do Ensino Industrial... Quem tirasse as primeiras colocações poderia escolher onde ficar! E eu não tinha sido colocada onde havia pedido!... Depois de entrar em detalhes... De onde eu estava trabalhando e o que eu estava fazendo... Aí ele me mudou para o *Ernesto*! E trabalhei vinte e quatro anos escola...

⁷⁵ Marcello Blaya Perez, médico psiquiatra e psicanalista, fundou a Clínica Pinel em Porto Alegre no ano de 1960.

Vinte e quatro anos?! Não é pouco tempo...

Vinte e quatro! Porque um ano, eu dobrei a licença-prêmio, daí ficou vinte e cinco...

Quantos anos como aluna da escola?

Sete... E mais vinte e quatro como professora!

Quando a senhora retornou para escola como professora, tinham outras colegas professoras que foram suas companheiras na escola, que haviam sido alunas também?

Olha, eu fui colega de professoras minhas, de colegas minhas... Porque eu voltei para a escola... Um ano, um ano e meio depois não é? Foi um intervalo muito curto, só esse tempo da *Pinel* mesmo e de fazer o curso de *Didática*...

(toca a campainha e interrompemos a conversa por um instante)

Quando a senhora começa a lecionar na escola, em qual curso trabalhou?

Primeiro, me colocaram em *Rendas e Bordados*... Não gostava de *Rendas* e nem sabia fazer algumas! *(rindo)* Mas aprendi para ensinar! Me colocaram para cuidar das alunas na hora do almoço, porque todo mundo almoçava lá... Era a pior coisa que tinha pra fazer! Querer que fiquem em silêncio?! Uma imensa turma! Sei lá quantas mesas eram no refeitório... Pelo menos doze mesas com oito pessoas em cada uma! Querer que ficassem quietas? Depois de ficarem quatro horas sentadas sem falar nada? *(risadas)* Já imaginastes? Só mulheres!...

E eram só mulheres que estudavam na escola?

Só mulheres! No Curso Industrial Básico eram só mulheres! Enquanto eu estudei lá, eram só mulheres... Depois é que a escola passou a ser mista. Quando eu fui lecionar, um tempo depois, é que começaram as turmas mistas... Principalmente o curso de *Decoração*, havia um de *Decoração Profissionalizante* e outro... *(lembrando)* Nem sei! Não sei como era chamado, era um em que se tinham só noções, era só uma “tinta”! E tinha o de *Decoração* que era “pra valer”! Esse, realmente... Eu dava *História da Arte*! Dois períodos no primeiro ano, dois no

segundo e três no terceiro! Saíam FORMADAS em *Arte*! O que eu lecionei na escola? (*lembrando*) Entrei como professora de *Rendas, Rendas e Bordados...* Depois eu lecionei *Corte e Costura...* Que mais? Ornatos eu não lecionei...

Quando se refere a Ornatos, em que consistiam as técnicas?

Ah, era aprender a fazer flores, fazer quadrinhos, eram as “bugiganguinhas” de botar na casa... Uma porção de coisas que faziam! Mas eu não me lembro de nenhum trabalho que eu tenha feito em *Ornatos...* Algum que tenha me chamado a atenção. Eram tudo coisinhas pequenas. Claro que se vendia bem não é? Porque era a moda... Lembro que a gente fazia umas florzinhas, mas as “flores” mesmo eram no curso de *Chapéus, Flores e Ornatos...* Mas faziam umas florzinhas de couro para usar como pregador, mas não me lembro muito disso...

E a senhora ficou lecionando História da Arte?

Eu comecei lecionando *História da Arte* no Curso Técnico em *Decoração*. Mas havia outra professora, a Branca Schneider. As turmas, depois, começaram a aumentar... Só que eu não tinha titulação ainda... Eu não estava formada (no *Instituto de Artes*), então eu tinha aquelas licenças que davam, conforme o adiantamento na *Escola de Artes*, o ano que se estava e tal... Então comprovava e podia lecionar, mas tinha que renovar essa licença até que eu me diplomasse!

Então após a sua formação na Ernesto Dornelles, a senhora foi fazer o Instituto de Artes?

Sim, mas bem mais tarde, bem mais tarde!... Não foi logo no começo... Eu nem tinha, vamos dizer, dinheiro para fazer pagar cursinho... Tanto que para fazer o vestibular todo mundo fazia cursinho... Eu peguei uma lista das coisas que tinha que aprender e assim estudei... A única coisa que eu tive que aprender um pouquinho foi escultura... Tu imaginas que para eu entrar no (curso de) *Belas Artes*, o que me caiu... Foi (modelar) um rosto de uma estátua do Aleijadinho? Tinha de copiar igual! PARA ENTRAR! Não era para sair! (*risadas*)

Meu Deus! Isso foi a prova de admissão para o Instituto de Artes?

É! É! Tu vês?!

Então se para entrar era assim, quando saísse tinha que ser o Michelangelo?!

(risadas) Só que eu fiz o professorado em *Desenho*... Então não cheguei a fazer escultura!

O professorado seria o equivalente ao bacharelado hoje?

Sim, podia escolher *Escultura*, *Pintura* e não sei o que mais... E o professorado é que podia lecionar... O escultor era artista, o pintor...

Ah! Então seria uma licenciatura em Desenho...

Foi o que eu fiz não é? Porque esse me dava condições e a titulação que eu queria para o Ernesto... Depois eu fiquei esperando um (curso de) pós-graduação, dentro da área de *História da Arte*. Não precisaria, mas isso me daria outra faixa, outro patamar... Muita gente fez cursos de pós-graduação naquela época, por causa disso! Eu demorei em fazer porque não tinha nada em *História da Arte*... Então quando surgiu! Eu pensei “é agora ou nunca”! ...

E o curso não era na universidade não é?

Não... Ele era no *Palestrina*, no *Instituto Palestrina*... Eles tinham vários! Tinham um de *Folclore* também, dizem que era bem bom. Como eu queria *História da Arte*... Nunca li tanto! Cada professor indicava os livros, indicavam os trabalhos numa semana e era já pra próxima semana!

Continua sendo assim!

(risadas) É?! Nesse período, o meu marido sofreu um acidente, aí eu lia os livros todos vindo no ônibus para cá e para lá (Canela)... Foi muito feio o acidente... Com um botijão de gás, eu tinha o filho pequeno... Mas a pós-graduação passou, na época não foi fácil! Foi tumultuada...

Eu tenho visto isso acontecer com muitas pessoas... Chegando na pós-graduação surgem mil empecilhos, uma série de coisas inesperadas para dificultar... Mas tenho visto que as pessoas superam e vencem no final...

É!... A única coisa que a gente sempre lamenta é que poderia ter lido mais, poderia ter se aprofundado mais se não fossem todas as coisas... Mas, na verdade, não me fez muita falta... Pouca gente sabia muita coisa... Eu já lecionava há tanto tempo *História da Arte*...

Que tinha total intimidade com os temas todos...

Sim! Já... A pós-graduação, na verdade, não me acrescentou muito mais conhecimento... Mas financeiramente valeu a pena! Mudei de nível!

Interessante foi que eu já tinha tido acesso ao seu trabalho de pós-graduação, onde a senhora trata sobre a escola Ernesto Dornelles⁷⁶ ...

Podia escolher qualquer assunto não é? Mas eu pensei, trabalhei tanto tempo, morei lá dentro, por que eu vou pegar um prédio qualquer? Vou pegar esse que ninguém estudou! E fiz então sobre ele...

Realmente é um prédio maravilhoso...

Então valeu a pena investigar não é?

E além da pós-graduação, a senhora fez ainda outros cursos de aperfeiçoamento?

Olha, enquanto eu estava no *Belas Artes*, eu fiz muitos cursos... Fiz curso até com o Carlos Cavalcanti, que escreveu livros e tal... Tudo que eu podia fazer de cursos, assistir a palestras, tudo isso eu aproveitava, no tempo que me era possível... E também não era muito! Primeiro, mesmo quando solteira, eu já trabalhava dois turnos... Ainda nesse tempo, eu já comecei a trabalhar na *Escola de Artes e Decoração da Yeda Diffini*. Então eu tinha quarenta e quatro horas na

⁷⁶ Refiro-me a monografia de conclusão do Curso de Especialização em História das Artes, intitulada *Análise do prédio n.º 385 da Rua Duque de Caxias em Porto Alegre, Rio Grande do Sul* e apresentada por dona Ria Breyer Puhl a Faculdade de Música Palestrina (FAMUPA) em dezembro de 1982.

Ernesto Dornelles e mais um turno na escola da Yeda Diffini, onde eu continuo até hoje não é? Eu completei cinquenta anos de magistério no ano passado!

Ah! Fez então bodas de ouro como professora! E qual é o saldo destes cinquenta anos de magistério?

Olha... Se eu continuo lecionando até hoje? (*rindo*) É porque foi muito positivo! Me sinto, assim, recompensada! Mesmo sendo encarada como uma professora “caxias”, a professora que exige e que marca hora, dia para os trabalhos... Eu fui paraninfa de quinze turmas! Então, no final, se vê que exigir é melhor do que largar não é? E é o que eu gosto de fazer! Eu ensinava para as bonecas... (*rindo*) Minhas bonecas agora estão crescidas! E tenho meus bonecos também! Agora tem meninos nas turmas...

Então, para finalizarmos, qual é a sua opinião sobre o ensino técnico que era ministrado na escola Ernesto Dornelles? E qual é a importância desse ensino na sua formação?

Bom, houve em uma época, um concurso, não era exatamente um concurso, era uma festividade pelo aniversário da escola... Eu participei na parte de pintura, fiz três quadros... No primeiro, coloquei o portão da escola abrindo... Levemente aberto e ali, embaixo, eu escrevi: “*Em uma tarde da minha juventude abriu-se o portão do futuro...*” Depois eu desenhei um anjo que tem lá, como uma luminária e a escadaria... “*e nos degraus da cultura subiram os passos da minha formação...*” e o último, parece, coloquei a porta de entrada, lá em cima... Ali eu coloquei: “*em busca de um ideal e de um destino, viver com os outros, pelos outros e em cada um dos meus semelhantes...*”, ou seja, deixar um pouco de mim em cada um que cruzasse o meu caminho... Então, o texto completo seria o saldo da minha formação: “*Em uma tarde da minha juventude abriu-se o portão do futuro... e nos degraus da cultura subiram os passos da minha formação em busca de um ideal e de um destino, viver com os outros, pelos outros e em cada um dos meus semelhantes...*” E é o que eu estou fazendo até hoje! A escola realmente me propiciou essa entrada no mundo, no mundo profissionalizante não é? Porque quando eu vim para a escola, é que eu não queria ser só uma mulher comum! Ter filhos para sustentar e ainda apanhar dos maridos! Não! Eu queria outra coisa... E realmente, tive outra coisa! Tive e tenho um

bom marido e um bom filho... Tenho muitos filhos espalhados pelo mundo, em cada um dos alunos...

Dona Ria, eu quero lhe agradecer por ter me dado essa entrevista, por ter me contado muito da sua vida... É brilhante, o exemplo para quem quer que seja, escutar as suas memórias... Muito obrigado!

Para mim também! Foi um prazer te ajudar, te auxiliar no teu trabalho e espero que tu tenhas muito sucesso!

Obrigado!...

ANEXO V - ENTREVISTA COM LYDIA ANNA GOBBATO KARL

Entrevista concedida pela Sra. Lydia Anna Gobbato Karl, professora aposentada, oitenta e dois, realizada no dia trinta de setembro de maio de 2011, em sua casa, na cidade de Porto Alegre/RS.

Eu gostaria que a senhora me dissesse seu nome completo...

Lydia Anna Gobbato... Gobbato de solteira e Karl de casada, K-A-R-L...

A senhora poderia me dizer sua data e local de nascimento?

Caxias do Sul, em 8 de junho de 29. Tenho oitenta e dois anos!

Estado civil? Filhos?

Viúva, dois filhos.

Eu gostaria de saber o grau de escolaridade de seus pais?

Meu pai⁷⁷ era grau superior, ele era engenheiro agrônomo, italiano... Ele veio, convidado pela faculdade de *Engenharia*, na época não havia ainda a *Universidade* aqui, em Porto Alegre. Ele veio para trabalhar na *Escola de Agronomia* daqui, em 1912, exatamente. E minha mãe era do lar...

Em que escola a senhora fez sua educação primária?

Ai! Várias escolas! (*rindo*) Eu comecei no *Colégio São José*, em Caxias do Sul... Mas saímos de lá quando eu estava com 10 anos e viemos para cá. Aí, aqui fiquei um tempo na *Marienschule*, do lado da Igreja São José, depois fiquei, mais um ano, interna no *Colégio Santa Catarina* me preparando para o admissão! Era o quinto ano primário. O *Santa Catarina* era um colégio católico, em Novo Hamburgo. E havia um internato, aí fiquei lá! No fim do ano, voltei, fiz o admissão no *Bom*

⁷⁷ Celeste Gobbato, nascido na Itália em 1890, formou-se em Enologia e Viticultura na *Scuola di Conegliano* e fez doutorado em Ciências Agrárias na *Università di Pisa*. Veio para o Brasil em 1912 a convite do Governo do Estado do Rio Grande do Sul a fim de ensinar Enologia e Viticultura na Escola de Engenharia de Porto Alegre. Colaborou na criação e edição da revista *Egatéa*, publicada pela Escola de Engenharia, a partir de 1914. Foi eleito em 1924 para o cargo de Intendente Municipal da cidade de Caxias do Sul/RS. De acordo com Monteiro (200, p.6) “entre 1929 a 1938 dirigiu a Estação Experimental de Caxias do Sul e atuou como engenheiro agrônomo do Ministério da Agricultura. Em 1934, recebeu o título de *Cavaliere* de S.M. Vittorio Emanuele III, rei da Itália. Na década de 1940 foi titular da cátedra de Vinicultura da Escola de Agronomia e Veterinária da Universidade de Porto Alegre. Em 1947 foi eleito Deputado Estadual, participando da Constituinte de 1947. Faleceu em Porto Alegre em 1958.

*Conselho*⁷⁸ e fiquei lá até completar o ginásio... Na ocasião, eu morava na frente do *Colégio Farroupilha*... Mas meu pai, muito cioso não é? (*rindo*) disse: “*Não! Uma escola mista? Vai para o Bom Conselho!*”... O meu irmão ia para o *Farroupilha* só atravessando a rua! Eu tinha que ir até não sei onde! (*rindo*) Nós morávamos na Alberto Bins! Mas eu fui para o *Bom Conselho*, foi um bom colégio! (*pausa, lembrando*) Havia uma professora de *Português* excelente!... Era a Carmen Santos⁷⁹, me lembro até hoje! A professora de *Inglês* era uma alemã... Nos ensinava muito mais o inglês britânico que o inglês americano evidentemente não é? Eram muitos bons professores... Matemática, era o professor Thys, de Francês também, porque ele era francês... Me dei bem no *Bom Conselho*, gostei...

Com que idade a senhora entrou para a escola, para o primário?

Eu acho que com sete anos não é? Seis ou sete anos... Por aí! Não lembro mais!

De quem partiu a ideia de continuar sua educação na Ernesto Dornelles?

A notícia dessa escola, na verdade, foi trazida pelo meu pai... Aí se conversou, dentro de casa, me explicaram o que seria... Eu achei interessante! Eu sou assim, sempre fui uma pessoa assim! Me interessei pelas coisas um pouco diferentes!... E eu me interessei, mas pensei: “*É uma escola nova... Será que vai continuar? Vai ter validade como segundo grau ou não?*” Era essa a dúvida... Aí eu decidi, eu vou, faço a escola, mas continuo, à noite, o *Júlio de Castilhos*⁸⁰! Eu fazia o *Clássico*⁸¹ na ocasião...

⁷⁸ O Colégio *Nossa Senhora do Bom Conselho* é uma das mais tradicionais instituições de ensino para o público da elite feminina gaúcha. Foi fundado em 1905 pela Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã e está localizado no bairro Moinhos de Vento em Porto Alegre/RS.

⁷⁹ Carmen de Souza Santos foi professora de Língua Portuguesa do *Colégio Bom Conselho* desde 1937 e ministrou essa disciplina durante cinco décadas. Teve a seu encargo também as disciplinas de *Literatura, História, Geografia e Francês*. A biblioteca do *Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho*, por ocasião de seu jubileu de ouro, em de março de 2010 passou a chamar-se “Biblioteca Prof^a. Carmen de Souza Santos”.

⁸⁰ *Colégio Estadual Júlio de Castilhos*, conhecido como “Escola-Padrão” e “Julinho”, instituição que foi o símbolo mais representativo do ensino público, considerado de altíssima qualidade, no Rio Grande do Sul. Foi fundado em 23 de março de 1900, sob o nome de *Gymnásio do Rio Grande do Sul*. Em 1905 passou a chamar-se *Instituto Gymnasial* do Rio Grande do Sul. Em 1923, passou a chamar-se *Instituto Júlio de Castilhos*. O prédio original, de estilo eclético inspirado na renascença alemã, localizado na Avenida João Pessoa, entre os bairros Santana e Azenha, foi destruído por um incêndio

Então era uma vida totalmente dedicada aos estudos!

Bah... Deus nos livre! (*rindo*) Era manhã, tarde e noite!

Sim, porque na Ernesto Dornelles eram dois turnos não é?

Era o dia todo! Almoçava-se lá... Nós tínhamos o almoço, entrávamos pela manhã e saíamos quase à noite... À tardinha, cinco horas... E às sete horas já começava o *Júlio de Castilhos*! Na época que o *Júlio* era aquela beleza de prédio... Maravilhoso! Lindíssimo! Era o meu encanto aquela escola... E hoje em dia, aquela coisa horrorosa, coisa moderna...

Na ocasião que a senhora entrou para o Ernesto Dornelles, o seu pai era deputado não?

Sim! Ele foi da “Constituinte” em 46... Celeste Gobbato, foi deputado estadual!

A senhora entrou para a Ernesto Dornelles para qual curso?

De *Artes Aplicadas*! Tinha o curso, naquela época, de *Decoração de Interiores* também! Até eu me interessei por *Decoração*... Mas eu senti que a *Decoração* era um curso, que não tinha, assim... (*buscando o termo*) Muita consistência! Não era uma coisa bem fundamentada ainda, até pela situação da época... Não havia gente especializada! Uma das professoras era a Zuila Maluf... Era uma rica pessoa, ela que dava a parte de *Decoração*, mas era assim de uma forma um tanto primária, por falta de conhecimentos mesmo... Então eu desisti, gostei mais de *Artes Aplicadas*, vi a produção em metais e cerâmica, achei muito mais interessante! Fazíamos trabalhos em madeira, encadernação...

em 1951. Foi erguido um novo edifício, em estilo moderno, no mesmo local do antigo prédio, onde a escola mantém-se em funcionamento até hoje.

⁸¹ A Lei Orgânica do Ensino Secundário nº 4.244, de 09 de abril de 1942, conhecida como *Reforma Capanema*, reorganizou o ensino secundário, dividindo-o em dois ciclos: o primeiro chamado Ginásio, com a duração de quatro anos e o segundo, com a denominação Colégio, com três anos de duração. Este último oferecia aos estudantes duas opções: o curso *Clássico*, orientado para uma formação intelectual e um maior conhecimento de Filosofia e acentuado estudo das letras antigas, voltado mais para humanidades e o curso *Científico* voltado mais para a Matemática e as Ciências.

Quando a senhora entrou para o curso técnico na Ernesto Dornelles, o Ginásio Industrial também começou nesse período?

Começou junto, na mesma época! O Ginásio Industrial tinha mais alunas não é? Não eram muitas também, eram poucas... Começou no meio do ano, em maio, então estava todo mundo já direcionado, mas eram turmas pequenas. Mas o Ginásio Industrial era bastante interessante... Havia dois tipos de cursos, o *Chapéus, Flores e Ornatos* e o de *Corte e Costura*... Elas já entravam escolhendo, qual seria o curso que fariam... Eu tenho uma colega, do coral da SOGIPA, que foi aluna da escola! E até hoje, essa menina, a Terezinha, sempre apresenta em feiras de artesanato, os trabalhos que ela faz e que aprendeu na escola...

Ela foi aluna do Ginásio?

Foi do Ginásio e da *Economia Doméstica*... Quem fazia os dois ficava com um conhecimento excelente! Aprendiam bordado, tapeçaria, muitas coisas... De fato, era muito completo!

Como era o funcionamento do curso técnico de Artes Aplicadas?

Eram cinco oficinas diferentes... Então tínhamos que passar, durante um ano, por todas as oficinas... Era uma espécie de rodízio, depois se dividiriam os grupos. Mas no princípio era só nos duas⁸²! Eu nem lembro por qual começamos, acho que foi *Metais* e *Couros*, tenho a impressão de que estes professores já estavam lá. A de *Madeiras* começou posteriormente... A professora era uma ex-irmã franciscana, Elsa Matukait... Trabalhava muito bem escultura, baixo-relevo em madeira... Ela entrou um pouco mais tarde, não foi das professoras fundadoras da escola.

Na ocasião do seu ingresso na escola, a diretora era a Dona Nair Becker, que foi a fundadora da escola não é? A senhora poderia me falar um pouco sobre ela?

Olha, ela era uma pessoa muito determinada!... Muito atenta a tudo que havia, estava sempre nos controlando, tinha uma linha um pouco “germânica” na maneira de atuar, sabe? (*rindo*) Nunca me esqueço, um dia eu subi a escada,

⁸² Referindo-se a Sra. Roswit Mielitz, que formou, em 1946, juntamente com Dona Lydia, a primeira turma de alunas do Curso Técnico em *Artes Aplicadas* da *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*.

pulando de três em três degraus!... E quem é que eu encontro na ponta da escada? Nair Becker! (*risadas*) E modos! Ela queria saber da maneira da gente se portar, ela se propunha a nos ensinar... Então, na hora do almoço, era aquela coisa: “*Comer com a esquerda e tá ti tá ta...*”! Até hoje eu faço isso não é? Eu agradeço a Nair Becker... Nós tínhamos *Culinária* também! Mas era como uma *Prática Educativa*, não era uma das oficinas básicas. Ali a gente fazia alguma coisa... Ela, às vezes, convidava uma pessoa de fora, e tínhamos que servir a mesa e tal... Ela era muito severa! Mas uma pessoa muito justa, eu achava! Devia ser uma pessoa absolutamente honesta... Porque hoje em dia honestidade é uma coisa que anda escassa por aí! Então essas coisas chamam a atenção não é?

E ela vivia junto com a mãe na escola?

Elas moravam na escola! Porque lá, bem na parte de cima, onde era o internato, tinha uma parte que podia servir como moradia, deve ter servido mesmo para o zelador, não sei anteriormente como era, mas elas conseguiram arrumar muito bem, tudo direitinho... E a mãe dela, cuidava do internato! Wilma?... Parece que era o nome dela, cuidava das meninas do internato... Elas tinham certa liberdade, a mãe era uma pessoa muito bondosa e a Nair Becker, uma pessoa muito interessada no trabalho! Realmente, eu nunca entendi... Houve um problema político ali, o porquê de ela sair? Eu até hoje não sei, também não me interessei saber... Mas foi uma pena, se ela tivesse continuado, teria sido muito bom... Aí, depois, entrou uma professora, Zilda Denardin, era de Santa Maria, ela era do almoxarife? Uma coisa assim... Tinha um trabalho desses... E ela ficou na direção, no lugar da Nair Becker!

Então ela ficou pouco tempo no comando da escola...

Ah, uns dois anos, um ano e meio, eu acho... Muito pouco tempo!

Na escola que ela projetou não é...

Sim! Era a *Escola Técnica Feminina*, como ela chamou... Depois deram o nome do senador Ernesto Dornelles e ficou.

É interessante saber algo mais sobre ela, os dados que eu tenho conseguido são poucos...

É, ela ficou muito pouco tempo...

Mas a memória sobre a Dona Nair é muito presente, até alunas que não conheceram ela, fazem referência...

Ah! Acredito! Porque todo mundo falava na Nair Becker...

E ela publicou uma série de métodos de ensino para as oficinas das escolas femininas, publicados pelo MEC e CBAI...

Ela fez vários! Tinha uma série de livrinhos... Tinha um sobre *Metais*, sobre *Couros*, trabalhos em bambu!... Era muito interessante! Ela era assim, acho que a vida dela, ela dedicava a esse tipo de trabalho, ela era uma pessoa solteira, não tinha vínculo familiar, além da mãe, que apoiava muito ela...

Qual seria a formação dela?

Ah, naquela época... Não tinha pedagogia, nem mestrados! Talvez ela tivesse o curso *Normal*! Era *Normal* naquela época não é?

Talvez fosse o Curso Normal e ela tenha, com as habilidades dela, se especializado de maneira autodidata...

Eu acho que era isso... Ela era uma pessoa que se dedicava integralmente ao trabalho! Era super interessada! Eu lamentei muito quando ela saiu!... Também não deu explicação nenhuma, assim como entrou, saiu! Germanicamente! Muito discretamente... Mas era uma pessoa de alto valor! Podes crer!

Eu estou lhe explorando um pouco sobre esse tema da Nair Becker... Porque realmente me interessei em saber mais sobre ela, fiquei muito interessado nos métodos que ela escreveu... Eles foram adotados em todas as escolas industriais femininas no país, até porque não existia nenhum método para esses trabalhos, tão específicos...

Ela era a única que se dedicava a esse tipo de coisa... Eu não sei, se ela esteve na Alemanha e trouxe de lá ou se ela se informou através de livros,

realmente não sei a formação dela... Que ela era super dedicada, era! Com certeza! Eu gostaria até de saber, o que houve com ela, nem isso nós ficamos sabendo! Eles nos cortaram completamente o contato com a Nair Becker...

Ela foi embora de Porto Alegre?

Sim! Eu acho que ela voltou pro Rio... Porque ela tinha vindo de lá! Ela veio, trouxe essa ideia do Rio de Janeiro pra cá...

Mas ela era gaúcha não?

É! Era gaúcha, mas de onde ela era? Realmente não sei...

Mas eu vou atrás, vou descobrir de onde são esses Becker! Pelo fato de ela ser solteira, não ter descendência fica mais difícil, mas se teve uma irmã, um irmão...

Eu não sei se ela era parenta do arcebispo, do Dom João Becker, que era arcebispo na época... Mas, seria muito interessante saber detalhes da vida dela... A gente ficou sem saber, foi a coisa mais interessante, sabe? Ela sumiu! Como apareceu, ela também sumiu! Não ficamos sabendo nada... Bom, éramos alunas não é? Então tínhamos pouca possibilidade de saber alguma coisa na ocasião... Liberdade? Não! Era bem ao estilo alemão... Uma pena! Aquela escola deve-se a ela!

Quando se senhora ingressou na escola, teve de fazer algum teste de admissão?

Pois sabes que fizemos? Um teste de aptidão! Fizemos um testezinho, para ver se tínhamos aptidão para o trabalho não é? Mas é claro que passamos as duas! *(risadas)* Agora se merecemos mesmo? Passar ou não? Até hoje eu não sei! *(rindo)*

A senhora já fazia algum trabalho manual antes de entrar para a ETSD?

Tu sabes que a gente fazia aquelas coisas assim, bordado, aprender a colocar botão, mas eu não passava disso, porque nunca fui muito da agulha, como não sou até hoje! Serviço de agulha não é muito comigo! *(rindo)* É uma coisa que tem que ter muita paciência, leva muito tempo, tem que ser muito precisa... Eu

gostava de coisas mais rápidas, então, para mim calhou o curso de *Artes Aplicadas*... Me dei bem!

A senhora poderia me contar um pouco do cotidiano da escola?

De manhã, nossas aulas eram teóricas, à tarde, eram as práticas... Eram muito severos com a pontualidade na escola... E usávamos um uniforme, nós tínhamos um uniformezinho, era uma saia azulão e uma blusinha branca, com um bordado no bolso... Depois mudaram o uniforme, mas no meu tempo era esse que a gente usava. Eu nunca achei ruim usar o uniforme, sempre achei uma coisa prática e econômica... Não lembro se começávamos a aula às sete e meia, porque a gente ia de bonde até lá! Não tinha outro jeito de ir, era de bonde! Eu pegava um até o Mercado, de lá eu pegava a “gaiolinha”, era um bonde que parecia uma gaiola, fazia a linha da (rua) Duque (de Caxias)... Tinha um cobrador muito educado, ele agradecia toda vez que se pagava, era uma coisa que me chamou a atenção, aquele rapaz que nos atendia sempre... Às vezes, a parada era próxima a escola, eles paravam na frente do colégio para gente descer! Já descia uma leva ali... Aí íamos para a aula, havia professores que não deixavam entrar com atraso! Se chegava tarde por alguma razão... Não havia jeito! A professora de *Química* era uma delas... Aí tínhamos as aulas teóricas e de *Desenho*... Nós tínhamos muitas aulas de *Desenho*... Nós tivemos um professor de *Desenho*, esse não foi no primeiro ano, um professor italiano, Ermanno Ducceschi⁸³... Nos dava aula de *Desenho Técnico*, muito interessante, tudo em perspectiva... A gente aprendia muito! Sabe? Tínhamos o professor Jayme (Severo), nos dava outro tipo de desenho, mais livre... À tarde, as aulas de oficina, que era como nós chamávamos... Aí fazíamos vários tipos de trabalhos... Com metais, por exemplo, nós trabalhamos muito em cobre, é uma material mais flexível, mais macio para trabalhar que o latão, metal amarelo é mais duro, mais difícil de trabalhar, se faziam vários trabalhos... A Sonia que trouxe isso, do Rio de Janeiro, ela era muito criativa...

⁸³ Ermanno Ducceschi, nascido em Pistoia, Itália, em 1920, faleceu em Porto Alegre em 1998. Pintor, considerado de estilo figurativo moderno, expôs em Florença, Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo. Os críticos Giovanni Colacicchi, Gianni Vagnetti, Angelo Ricci e Aldo Obino escreveram sobre as obras de Ducceschi. Estabelecido no Rio Grande do Sul desde 1947, manteve *atelier* em Roma e Porto Alegre, cidade onde faleceu (ROSA; PRESSER, 1997).

Qual era o nome dela?

Sonia Ebling⁸⁴! Essas esculturinhas (*aponta para uma série de pequenas esculturas expostas em uma estante na sala*) são dela... Ela fez carreira depois, como escultora, ganhou uma bolsa, não sei se no Museu de Arte de São Paulo e foi para Paris! Ela ficou uns dez anos em Paris, aí ela quando voltou já era bastante conhecida e continuou trabalhando no Rio de Janeiro...

Me impressiona o nível dos professores da escola...

Ah, realmente... Tinha o professor de *Encadernação*, era um rapaz que não tinha uma formação, talvez tivesse um curso técnico, naquela ocasião existia a *Escola Técnica de Agricultura*, não sei se tu sabes? Era a *Escola Técnica de Agricultura* de Viamão... Ele, eu acho, tinha esse curso... Mas ele era um artista, na arte e na técnica da encadernação de livros! Ele que encadernou toda a biblioteca do Brossard⁸⁵...

A senhora lembra o nome?

Raul Vagheti! Claro! Quando ele faleceu, o Brossard fez até um artigo no jornal, em nome de Raul Vagheti, falando sobre ele... Ele era um artista sabe? Ele fazia, não só a encadernação em si, que é uma coisa mecânica, mas a decoração em ouro, os dourados dos livros... Ele era um gênio sabe? Muito bom professor... Tivemos, depois, na *Cerâmica*, o Olmedo⁸⁶, que também era muito conhecido, ceramista, ele era... Mais “modernão”! Não tinha aquela pedagogia de aula assim...

⁸⁴ Sonia Ebling de Kermoal, Taquara/RS 1918, Rio de Janeiro 2006. Escultora, cursou o Instituto de Artes do Rio Grande do Sul e a Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, entre 1944 e 1951. Em 1955, recebeu o prêmio de viagem ao exterior do *Salão Nacional de Arte Moderna* do Rio de Janeiro. De 1956 à 1959, realizou uma viagem de estudos por vários países da Europa, estudando com Ossip Zadkine, em Paris. Residiu nessa cidade, entre 1959 e 1968, onde casou e adquiriu o título de condessa de Kermoal. Recebeu uma bolsa de estudo da *Fundação Calouste Gulbenkian* e participou de diversas bienais, salões e exposições internacionais. De volta ao Brasil, executou relevos para o Palácio dos Arcos, do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília. Em 1970, ministrou curso de extensão técnica na Escola de Belas Artes da UFRGS e foi convidada para assumir a cátedra de escultura nessa mesma universidade. É citada em diversos livros sobre artes plásticas e tem obras em importantes museus e galerias do Brasil, Estados Unidos e Europa. Faleceu no Rio de Janeiro (ROSA; PRESSER, 1997).

⁸⁵ Refere-se ao ex-ministro da Justiça, Paulo Brossard de Souza Pinto.

⁸⁶ Wilbur Soares Olmedo, Cachoeira do Sul/RS 1920, Porto Alegre, 1998. Ceramista. Fez seus estudos no Instituto de Artes do Rio Grande do Sul, Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro e a Escola Nacional de Cerâmica em Buenos Aires. Realizou viagens de estudo e estágios na Espanha, Inglaterra, Itália e França. Foi professor de Cerâmica no Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre de 1972 a 1986. É nome catalogado e verbete em dicionários de artes plásticas. Suas obras fazem parte de acervos nacionais e internacionais. Faleceu em Porto Alegre onde residia e trabalhava (ROSA; PRESSER, 1997).

Era um artista não é? Ele incutia isso na turma, a cerâmica é algo mais livre, tu sabendo a técnica, como fazer... Tens que dar margem a imaginação, a tua criação... Tinha a Helena Camara, era de *Couros*, que também ficou muito pouco tempo... Ela veio trazida pela Nair Becker... Não sei se ela saiu porque a Nair havia saído, isso eu nunca soube... Então tínhamos as nossas aulas, das variadas técnicas, o que nos sugeriam... Era uma coisa assim, não havia um programa rígido, conforme se tinha o material, se trabalhava... Compreende?

Me parece que a escola tinha um currículo, mas que esse currículo foi se formando junto com as alunas...

Sim! Com as alunas e conforme o material... Porque o material não éramos nós que levávamos... O material era todo da escola! Então quando se acabava um trabalho, o trabalho não era nosso, era da escola! Aí faziam as feiras no fim do ano... No princípio, eram mais simples, mais para o pessoal da secretaria, até que, finalmente, fizemos as feiras no “Mata-Borrão”, que não existe mais, infelizmente... Era um lugar muito interessante aquele! A escola também era muito interessante, sabe? Muito!

E que lembranças tem das colegas? Além da Roswith...

Ah, sim! Com ela eu tenho contato até hoje! Ela mora em Osório... Nós temos um grupo de professores da escola, mas não do Técnico, os de *Cultura Geral*, que se reúne uma vez por semana... Mas são pessoas que não são da época, são bem mais jovens do que nós... Tem uma, que é a mais velha do grupo, que é daquela época, ela veio de Santa Maria, veio pra lecionar *Ciências*, a Ena (Maydano)... Está com noventa e dois anos!

A senhora poderia me falar um pouco mais sobre as exposições?

Bom, as do “Mata-Borrão” foram bem posteriores, eu participei nessas que se faziam dentro da escola, começamos lá, a gente arrumava nas salas, nas oficinas, expúnhamos os trabalhos, tudo bonitinho... E os professores convidavam só o pessoal da secretaria, gente do governo sabe? Era escola do estado, tinha que mostrar... Mostrar onde ia o dinheiro que se investia lá dentro! (*rindo*) No início não era pro público, às vezes apareciam os pais... Mas nós tínhamos trabalhos bem

interessantes, muito bonitos! Faziam muitas coisas... As da *Costura*, também faziam! Os chapéus faziam para vender, os ornatos e flores... Faziam flores belíssimas!... Nós tínhamos uma professora, Anita Hotton, ela era dinamarquesa... Tinha uma coleção de ferros para flores, ferros para fazer as pétalas, um armário cheio! A coleção de ferros, tudo encarreiradinho, todas as flores... Era muito lindo o trabalho dela, ela foi uma das professoras fundadoras também, trazida pela Nair! A Nair era esperta... Escolhia a dedo! Ela sabia quem sabia! Eu me lembro da Cenira Gayer, que era de *Bordados*... E tinha uma professora, esta vive ainda, Leny Wondracek... A Wondracek era de *Confecção*, era a costura à mão! Ela fazia as camisinhas de nenê, com *ponto paris*... Ela fazia toda essa parte do acabamento da costura, era maravilhoso o trabalho dela!

Em que ano a senhora se formou na escola?

Quarenta e oito! Em quarenta oito me formei na *Ernesto Dornelles*... Até eu achei, mexendo em algumas coisas, achei o meu convite de formatura... *(levantando-se, vai em direção a outro cômodo para buscar o material que havia separado)*

Ah! O convite para a formatura!

É! Meu convite de formatura!... *(rindo)* Foi lá no Theatro São Pedro! Nos juntamos com o *Parobé*! Éramos duas! Junto com mais quinze ou dezesseis do *Parobé*! Nós fazíamos muita coisa em conjunto com eles, tínhamos o *Canto Orfeônico* junto com o *Parobé*, sabe? Era muito interessante...

(nos detemos um tempo olhando o convite de formatura e faremos comentários a partir deste momento)

Aí já não estava mais a Nair Becker... *(referindo-se ao convite de formatura)*

Sim!... Aqui a diretora já é a Zilda Denardim...

Por isso eu te digo uma coisa... Foi uma coisa misteriosa isso! Da Nair... Não tenho nenhuma fotografia dela...

Aqui tem os professores homenageados! Lúcia Fróes, Helena Camara e Rubião Hoefel...

A Fróes era de *Português*! Faleceu bem jovem... A Helena Camara era de *Couros*!...O Rubião Hoefel era nosso professor de *Puericultura*! Tínhamos aulas até com bebezinhos! Tinha um setor lá (na *Escola Ernesto Dornelles*) que era tipo uma enfermaria, então nós tínhamos as aulas de *Puericultura*... Às vezes, conseguiam um bebezinho para fazermos a mamadeira, a sopinha...

(entre os documentos relacionados à escola, dona Lydia me mostra uma caderneta, espécie de boletim não oficial, onde apontou os seus horários de aulas e as notas de um ano letivo)

Isso aqui... *(mostrando a caderneta)* A gente mesmo fazia, sabe? Para saber as matérias: *História da Arte, História Universal, Matemática, Português, Inglês, Desenho, Francês*... Nós tivemos?... Nem lembro!... Tivemos com a Isolda Paes⁸⁷!... Nós tínhamos professores assim, de alto gabarito!... *Dietética Infantil e Puericultura, Organização do Trabalho, Educação Física, Higiene Industrial*... *(rindo)* Tem umas notas que não são lá essas coisas! *(risadas)*

(Dona Lydia encontra, entre os documentos, um recorte de uma notícia sobre um evento acontecido na Escola Técnica Parobé e comenta)

Não tem a data aqui... Mas era quando nós íamos ao *Parobé* para fazer *Educação Física*...

⁸⁷Isolda Holmer Paes, Taquara (27-09-1911), Porto Alegre (26-01-2002). Renomada educadora gaúcha, formada em *Letras* pela *Faculdade de Filosofia* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1946, com estágios nos *Centre international d'études pédagogiques* em *Sèvres* e *Consejo Superior de Pesquisas de Madrid*. Foi fundadora, juntamente com a professora Graciema Pacheco, do *Colégio de Aplicação*, escola-laboratório da *Faculdade de Filosofia* da UFRGS, em 1954. Exerceu o magistério na *Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles*, no *Instituto de Educação General Flores da Cunha* e na *Faculdade de Educação* da Universidade do Rio Grande do Sul, onde recebeu o título de Professora Emérita (HACKMAN, 2004).

A senhora realizou viagem de formatura com a escola?

Sim! Fizemos no fim do (último) ano! Foi o primeiro vôo que fiz de avião! Nós fomos a Montevideo e Buenos Aires... Só que foram mais professores que alunas! Éramos só duas alunas! Foram mais alguns alunos do *Parobé*... A gente procurava fazer as coisas em conjunto, o grupo era tão pequeno não é? Então fomos com as professoras, foi a Sonia (Ebling) e outras que não me recordo... Foi a viagem de formatura... A primeira viagem que fiz de avião!... Fomos de *Pluna*! Nem sei se existe ainda!... Ah! Deixa te contar... Uma ocasião, nós tínhamos um grupo de teatro, em conjunto também com o *Parobé*! E o *Parobé* organizou uma excursão para São Gabriel e fomos pra lá! Ficamos nas casas das famílias dos estudantes, essa foi outra excursão que fizemos, com nosso teatro... Teatrinho não é? (*rindo*)

Vocês tinham um orfeão na escola não é?

Nós tínhamos, em conjunto com o *Parobé*... A nossa professora era a Maria Moritz e o do *Parobé*, era o professor Taveira... Mas tínhamos uma beleza de orfeão!... Porque o *Instituto de Educação* tinha, essas escolas maiores todas tinham... Nós tínhamos que ter também! (*rindo*) Então juntaram as duas escolas, porque no *Ernesto* era um grupo pequeno...

O orfeão do Instituto de Educação, me parece, foi bem famoso...

Era famoso! Muito bom... Tinha bons professores lá! Mas eu nunca estudei no *Instituto de Educação*... Não sei o porquê! Fiquei sempre em escolas particulares... Era um pouco de coisa dos pais isso!... Aí, quando acabei o (Colégio) *Bom Conselho* eu disse: “*É agora!*”... E me mandei pro *Júlio*!... Começar a minha independência! (*rindo*) Naquela época era difícil, andar por aí! Não era assim como hoje não é?

Após ter concluído o curso técnico onde a senhora foi trabalhar?

Depois que eu saí da escola, a minha professora preferida, predileta, que era a Sonia, foi embora pro Rio e me indicou! Disse assim: “*Tu vais ficar no meu lugar!*” e eu: “*Mas como?*” *Como é?*”... Aí ela: “*Tu dás um jeito, tu vais ficar aqui!*”... Então, a Roswith ficou no lugar da Helena (Camara), que indicou ela... Porque, na verdade, não tinha ninguém que soubesse essas coisas...

Então formaram as duas alunas para substituir elas...

Praticamente! Elas nos formaram para nós ficarmos depois... A Sonia já sabia que iria para o Rio de Janeiro, ela sempre dizia... Foi, conseguiu a bolsa para Paris e tal... E então nós fomos, ainda sem o curso de *Didática, Pedagogia*, nos “atiraram as feras”! Em 49 eu já estava lecionando... E eu continuei, tinha parado um ano, o *Júlio* (de Castilhos), voltei para completar e fiz o vestibular para *História Natural*! O vestibular era uma maravilha! Trinta vagas para nove alunos! (*rindo*)

Bons tempos! Hoje são nove vagas para trinta alunos por vaga!

(*risadas*) Então! Eram trinta vagas para nove alunos! Passaram todos para *História Natural*! E eu tinha feito o *Clássico* não é?

Já fugiu um pouco do que era esperado! Do curso Clássico para História Natural...

Sim, porque eu pensei... Vou fazer *Belas Artes*? Ou qualquer coisa assim... E o pessoal dizia para fazer um curso na *Faculdade de Filosofia*... Eu não tinha muita vontade de fazer, na verdade, sabe? Aí, a família diz: “*Tem que estudar! Que barbaridade! Ficar em casa? Não! Nem pensar!*”... Essas coisas... O que não era muito comum na época... Porque mulher não ia muito adiante nos estudos, ficavam no segundo grau, quando muito...

E a senhora, além disso, já estava lecionando não é?

Sim, já estava lecionando! Por essa razão, eu não estava muito inclinada... Mas, bom, tem que fazer alguma coisa! Então fui lá! Me entusiasmarei com *História Natural*! Me formei, mas nunca lecionei... Vou te contar... O curso de *História Natural*, na época, nós aprendíamos TUDO! Era *Geologia, Petrografia, Paleontologia*... Era uma loucura! Tu tinhas um “verniz” de cada coisa! Depois te formavas para lecionar o quê? Em profundidade tu não conhecias nada! Não tinha!... E *Biologia, Botânica*... As aulas de *Botânica* com o Alarich Schulz! Eram verdadeiras obras-primas! Era um professor maravilhoso... No fim, fiz, mas nunca me dediquei... Eu gostava do outro trabalho não é? Continuei na *Ernesto Dornelles*! Mas valeu para

subir de nível no plano de carreira! Para isso valeu o curso superior... Depois, fiz outra pós-graduação, aquelas coisas que todo mundo fazia... Em 50 ou 51, me ofereceram uma bolsa para ir para o exterior... Era coisa da Sonia! E o outro professor, o italiano (Ermanno Ducceschi) dizia: “*Vai para Florença!*”... E fiquei um ano em Florença!... Estudando em uma escola de artes lá! Estudando *Metais*, aprendi o metal esmaltado... Aí fiquei um ano lá e voltei... Tinha parado a faculdade, continuei, fui fazendo! Era faculdade, escola, faculdade, escola... Até concluir, em 53, a faculdade... Em 2013, vou fazer sessenta anos de formada! Parece mentira! (*rindo*)

E como foi essa experiência em Florença?

Ah... Nem preciso te dizer! Uma maravilha! Aquilo lá é um canteiro de obras de arte! Tem uma gama de coisas lindas para se ver! Além dos cursos que eles têm, cursos técnicos lá... Os materiais, as cores dos esmaltes, as maravilhas que eles podem usar e que, aqui, nós não temos...

A senhora ficou lecionando na oficina de Metais do Ernesto Dornelles?

Sim! Toda vida!... Até desaparecer o curso! Aí, fiquei fazendo supervisão de estágio, eu fiquei como diretora por quatro anos... Substituí a Adália Hilgert...

Ah, ficou como diretora?

Péssima! Época que eu prefiro esquecer! (*rindo*) Não gostei! Não gosto...

Então foi ruim ter o cargo de diretora?

Ser! Ter uma chefia!... Tu jamais consegues contentar gregos e troianos! JAMAIS! Com os alunos, tu não tens problemas, mas os professores? Faltas, licenças... É um caos dentro da escola, muita preocupação...

Em relação às mudanças no Ginásio Industrial e no curso de Artes Aplicadas, quando começam a acontecer mudanças? Quando começa a mudar o perfil dos cursos?

Foi quando eu saí... Isso foi por 70, 72... Por aí mudou! A Secretaria de Educação também renovou o pessoal lá de dentro, então mudou muito... Eles

queriam que a escola se transformasse num canteiro de obras, por assim dizer... Que formasse gente para... Realmente, o que estava certo, para aprender uma profissão e ganhar a vida com aquilo... O artesanato, de fato, não te dá um grande resultado, é muito bonito, muito interessante, mas não te garante uma renda...

Me parece que a ideia inicial para a escola, na sua fundação, era dar para a mulher a possibilidade de ter e exercer uma profissão sem sair de casa...

Eu acho que a ideia da escola, certamente, quando foi fundada teria sido essa. Especialmente o curso de *Economia Doméstica*... E os outros também! Por que não? Encadernação! Muita gente fazia em casa... Tenho amigas que ainda fazem, ex-alunas que fazem... Em Canela, a Vera Poli Messinger, ela trabalhou muito com encadernação! Inclusive, fazia para a Biblioteca Pública, para colaborar! Mas na escola, mudou muito, aí já tinha o curso de próteses, o de decoração não é? E surgiu o curso de nutrição... Não sei se existe ainda. Mas dava uma base muito boa para quem fizesse o curso superior de *Nutrição*...

Quantos anos a senhora lecionou na escola?

Olha... Lecionei até 70! Depois da direção fiquei com a supervisão de estúgios. Em 80 eu me aposentei... Nunca quis sair da escola! Mil vezes me sugeriam: “Ah, vai para tal...”! Não, não! Eu gosto é da *Ernesto*... Mesmo longe de casa!

Para finalizar, eu gostaria que a senhora me falasse a sua opinião sobre o ensino técnico e qual foi a importância da formação na escola Ernesto Dornelles na sua vida...

Para mim foi algo muito interessante! Eu não continuei trabalhando (como artista) como muitas fizeram, porque me dediquei totalmente a escola... Sempre gostei da escola, nunca quis me afastar de lá... É um sinal de que devo ter me sentido muito bem lá... Eu acho que fazer um curso de artes, com finalidades de ter uma renda, aí já não é muito fácil mesmo... Então, esses cursos, o de prótese, decoração são muito mais (rentáveis)... Foi uma pena terem acabado os cursos (do Ginásio Industrial e o Técnico em *Artes Aplicadas*), eram muito interessantes... Tinham pessoas que gostavam, tinham prazer... Eu lamentei profundamente quando

acabaram com os cursos! Mas não dependia de mim, eram coisas da lei! Mas para mim, foi muito valioso! Acho que, se voltasse no tempo, faria de novo! (*rindo*)

Muito obrigado Dona Lydia pelo seu depoimento!

Imagina... Foi um prazer te conhecer e espero que essas informações te ajudem!

ANEXO VI - ENTREVISTA COM ELISABETHA FILLMANN

Entrevista concedida pela Sra. Elisabetha Fillmann, professora aposentada, setenta e sete anos, realizada no dia três de outubro de 2011, em sua casa, na cidade de Porto Alegre/RS.

Eu gostaria que senhora me falasse o seu nome completo...

De solteira ou de casada? De casada, Elisabetha Fillman, F-I-L-L-M-A-N, e de solteira, von Endt!

A senhora poderia me dizer a sua data e local de nascimento?

Vinte e seis de março de 1934, em Estrela, Rio Grande do Sul.

Estado civil?

Separada.

Filhos?

Dois...

Eu gostaria de saber o grau de escolaridade dos seus pais...

Olha, eles vieram da Alemanha. Eles eram uns aventureiros! O meu pai e a minha mãe eram considerados loucos! Viviam viajando! Eram uns andarilhos! (*rindo*) O que eles, realmente, estudaram, eu não sei... Porque era na Alemanha, era tudo bem diferente daqui...

E qual era a profissão dos seus pais?

O meu pai era técnico, ele era técnico em refrigeração... Ele, primeiro, teve uma fábrica de gelo e depois dava assistência a empresas que tinham refrigeração. A minha mãe era dona de casa mesmo, naquela época era difícil para uma senhora trabalhar... Os dois vieram da Alemanha, minha mãe tinha uns dezessete, dezoito anos, meu pai talvez vinte... Se instalaram em Estrela, lá meu pai já começou a trabalhar com o negócio de refrigeração...

Em que escola a senhora fez a sua educação primária?

Na escola *Dom Pedro I*, lá na Rua Dom Pedro mesmo, perto da igreja evangélica que tem lá em cima... Foi lá que eu estudei, fiz todo o primário lá!...

Com que idade entrou para a escola?

Ah, devia ter sete anos!...

Como surgiu a ideia de continuar a sua educação na Escola Técnica Ernesto Dornelles?

A minha mãe ouviu alguém comentar, hoje não lembro quem foi. A gente nunca mais comentou, porque a minha mãe morreu muito cedo, também... Ela teve curiosidade em saber, me comentou... Que idade eu tinha ali? Uns doze anos talvez, doze para treze anos... Quando eu fui lá para conhecer a escola, já fiz a matrícula! Era uma escola bem interessante, diferente para a época! Aí eu já fiquei lá!...

Por que a sua mãe escolheu essa escola?

Porque era uma escola que te dava uma profissão, não era só um estudo “literário” de cadernos, cadernos... Te dava mais alguma coisa! Inclusive nós tínhamos aulas de *Culinária*, era uma escola muito completa! Nós passávamos o dia inteiro lá dentro! É o que falta hoje para essa gurizada... Tu estavas num lugar seguro, aprendias tudo, saía de lá sabendo tudo, com bastante prática, inclusive... Era muito bacana, muito bom!

Fez alguma prova para ingressar na escola?

Sim, era tipo um vestibular, era o admissão... Tinha uma média “x”, tinha que passar, muita gente ficou por ali mesmo...

A senhora lembra em que ano entrou para a escola?

Entre com treze para quatorze, lembro mais ou menos... Eu era uma das mais velhas até... Porque se entrava com doze! Eu lembro que tinha mais um pouco...

Então foi entre 47 e 48...

É... Isso!

E antes de entrar para a escola, a senhora fazia algum trabalho manual?

Naquela época tu já aprendias a bordar em casa, fazer tricô, crochê... Essas coisas sempre se faziam em casa... Já tinha algum conhecimento de bordado, de cortar, já fazia isso...

Na escola a senhora foi aluna externa?

Externa sim, o internato era só para quem morava longe... Longe era ali em Guaíba! (*rindo*)

Quando a senhora entrou para a escola, quem era a diretora? Ainda era a Nair Becker?

Não! Ela tinha saído no ano anterior, eu não cheguei a conhecer a Nair! Já era diretora a Adália Hilgert... Eu não conheci a Nair e todo mundo falava maravilhas dela!

É engraçado, porque eu tenho escutado muito falar dela, afinal foi ela quem projetou a escola, mas ela ficou muito pouco tempo lá...

Sim... Mas houve alguma coisa! Porque a ideia dela, eu acho, era muito avançada para a época... Porto Alegre era uma colônia! Sabe? Tu vê, a Roswith (Mielitz) e a Lydia (Gobatto Karl) eram duas só! As primeiras da escola... Onde tu ias encontrar uma escola que ensinasse esses trabalhos em metais, madeiras e encadernação? Um curso técnico... Minha turma, se tinha trinta (alunas) era muito!

Quando a escola começa, o curso técnico só tinha duas alunas...

Sim, a Roswith e a Lydia! Depois vem a Branca (Schneider)... Realmente, a Nair, pelo que eu sei, tinha uma ideia avançada para época... Ela tinha muito conhecimento para fazer uma escola como essa, não era qualquer pessoa para fundar a escola que ela fundou! Ela teve o tino, digamos assim, em fundar essa escola, uma novidade muito grande... Quando eu entrei, ela já não estava mais lá!

Qual curso a senhora fez no Ernesto Dornelles?

Foi o Ginásio Industrial, *Corte e Costura - Rendas e Bordados*... Fazia parte, tanto no curso de *Ornatos* ou do *Corte e Costura*, sempre tinha *Rendas e Bordados*... Aprendi muito crochê! *Frivolité* não, que eu já sabia fazer! Mas crochê, tricô...

Quais lembranças a senhora têm do cotidiano da escola?

Olha, lembro de chegar na escola e tomar um café da manhã! Na época de frio, íamos primeiro no refeitório, tomar um café bem quentinho! (*rindo*) A escola era muito alegre, foi uma convivência muito boa! Uma coisa sólida, tu tinhas o que aprender ali! Uma convivência com diferentes pessoas! Os professores eram muito amigos da gente, mas sabiam se impor... Era muito bom! Foi uma época muito bacana...

Como era o sistema de ensino de ensino no Ginásio Industrial? Como funcionavam as aulas na escola?

Era tempo integral não é? Pela manhã, as aulas teóricas e, à tarde, nós íamos para as oficinas... Passávamos a tarde inteira! Tínhamos o almoço na escola também... Nós não sentíamos o tempo passar... Os professores não faltavam, eram bem assíduos! Eu saía de lá as cinco da tarde, chegava em casa quase sete horas... Na escola tudo foi sempre lindo, belo e maravilhoso! (*risos*) Foi uma época muito, muito boa! Não tenho traumas, lembranças ruins... Foi tudo um mar de rosas! Uma época muito boa!

E me fale um pouco sobre as oficinas...

Tinha a oficina de *Costura*, oficina de *Corte*... Na de *Corte*, tinha as mesas grandes, a gente mal alcançava... Tinha a de *Bordados*, a de *Rendas*, cada uma tinha a sua sala, com seus armários e tudo bem organizadinho... Tudo ficava lá, o material estocado, a escola fornecia tudo... (*pausa, lembrando*) Eu lembro quando começaram a desmontar (as salas), eu estava lá e vi, me deu aquela dor no peito... Ver sair tudo, acabar com os cursos! Em uma época que se precisava tanto!... As meninas precisavam aprender uma profissão como costureira, bordadeira!... Fechar, acabar isso tudo?

Que método era utilizado na escola? Usavam algum livro para o ensino do Corte e Costura?

O *Singer*! O livro da *Singer*... Tudo era pelo (método) *Singer*...

A senhora lembra quais trabalhos aprendeu nas oficinas de Rendas e Bordados?

Sim, muitos! Mas eu já sabia alguma coisa quando cheguei na escola... E faço até hoje! Tricô, crochê! O *frivolité* que eu já tinha aprendido com a minha mãe... O filé⁸⁸, aquela renda que parece uma rede de pescador... Eu aprendi também! Fazia isso...

Que maravilha! Aqui no sul é um trabalho totalmente esquecido...

Completamente!... Uma luva de filé?! Fiz muita luva de filé! Bem trabalhadas... Era luva para baile de debutantes! Fiz muitas luvas... Vai ver se encontra quem faça hoje?... A indústria tomou conta! Mas, tinha de ser, se não as coisas não avançam... O progresso!

A senhora tem lembrança das colegas? Poderia me falar algo...

Ah! Tenho... Algumas eu nunca mais vi! Às vezes eu fico sabendo notícias delas... Eu tenho um grupo, lá da escola, tem a Roswith que foi minha professora, a Maria Regina, ela foi de uma turma antes de mim, nos encontramos e juntamos a turma! Tem outras que entraram bem depois também...

E as exposições que a escola promovia? A senhora lembra?

Sim! A exposição que fizemos no “Mata-Borrão”! É onde está o *Tudo Fácil*, naquela esquina lá... Nós vínhamos da escola, lá de baixo, por toda a (rua) Duque de Caxias, carregando as coisas para levar para lá! Ah, era divertido! (*risos*) Me lembro de ser dois anos seguidos lá, que fizemos no “Mata-Borrão”... Quando fomos

⁸⁸ Renda de *filet*, filé ou filê. Trabalho de agulha de origem européia, executado sobre uma malha ou rede presa a um bastidor. Os desenhos de motivos geométricos ou figurativos são formados preenchendo-se com linha os espaços vazios da rede. Outrora bastante popular dentre os trabalhos de rendas, hoje sua produção se restringe as regiões Norte e Nordeste do Brasil.

para fazer outra vez, nos disseram: “*Não dá mais, estão desmanchando o Mata-Borrão!*”. Também se fez na escola, muitas vezes, onde vendiam os trabalho...

Eram muito concorridas as exposições não é?

Ah! Uma barbaridade!... Ficava assim de gente! Vinha gente de longe para ver os trabalhos! Todo mundo ali ajudando... Ficávamos cuidando as bancas! Todo mundo botava a mão na massa! Todas cooperavam...

Depois de concluir o Ginásio Industrial, onde fez o Corte e Costura, seguiu na escola e fez o Curso Técnico?

Sim, fiz o *Artes Aplicadas!* Continuei mais três anos na escola, me formei e já fui nomeada! Em seguida! Já me aproveitaram... Aí, fui lecionar primeiro, *Corte e Costura* não é? Depois fui lecionar *Trabalho em couros*... Aí já tinha muito mais alunas e depois acabou...

Na parte do Ginásio Industrial, que professoras a senhora tem lembrança?

Eu tive a Edy Corrêa e a Aimée Postiga... A Aimée foi um caso interessante, ela entrou para a escola como funcionária, ela começou a fazer cursos e, de repente, estava na escola como professora, foi nomeada... Ótima professora! Muito boa! Nas *Rendas*, tinha a Irma Steglich, nos *Bordados*, a Nancy Freitas, que está viva ainda... Na parte de *Confecção*, a gente sempre ficava pensando: o que era *Confecção*? Era a parte de roupa íntima, fazer camisolas, saias de baixo, as anáguas e coisas assim, era com a Leny Tonon (Wondracek). *Costura* era com a dona Ada... Ada Torres! Como aquela velhinha era chata!... (*risadas*) Sentada naquela mesa, lá em cima e a gente lá embaixo, ela olhava assim e dizia: “*Fulaaaaana!*”... Era bem “*daquele tempo*”, *daqueles colégios*, sabe? A dona Ada!... Mas a gente gostava dela, coitadinha... Também sofria conosco! Sofria! (*rindo*) Era muito enérgica! Muito enérgica! Dizia:“... *a máquina tem tal ponto, em cada centímetro tem que caber tantos pontos*...” Olha! Era uma coisa... “*Agulha na mão direita!*”... E quem era canhota? Apanhava com ela! Mas muito boa professora!... Ali era mais a costura em si, os tipos de bainhas, os tipos de costura, os pontos...

Era a base de tudo então!...

É a base de tudo! Porque, se tu fazias uma anágua, por exemplo, então tinha de ser uma costura fechada, uma sobrecostura... Tudo era técnica, tecnologia, era tudo com aulas escritas... Ela era turrona! Já era uma senhora não é? Ela trabalhava em um *atelier* de um costureiro bem famoso, naquela época, nunca gravei o nome do homem...

A senhora chegou a fazer alguma viagem de formatura com a escola?

Com o Industrial!... Fomos para Santa Maria! Havia a Escola Industrial (*Cilon Rosa*) de Santa Maria, nós ficamos lá, uns três dias...

Depois que terminou o curso técnico, que se formou, a senhora é nomeada para lecionar na escola não é?

É, eu comecei dando o *Corte e Costura* (no Ginásio Industrial), em seguida passei para o (curso) Técnico, onde tinha *Encadernação*, eu lecionei mais *Trabalhos em Couro*... Foi nisso que fiquei mais tempo... Aí, depois, já no fim, fui chamada para ser vice-diretora, foi onde depois me aposentei...

A senhora fez cursos de aperfeiçoamento? Como fazia para aperfeiçoar o seu ensino?

Olha, nem tinha! De primeiro, nem tinha! Eu lembro que quando aparecia algum, a gente se prontificava a fazer, íamos em duas e três, mas saíamos e perguntávamos: "*O que tu aprendeu aqui hoje?*"... Elas tinham boa vontade, mas muitas vezes nós é que ensinávamos! Íamos para aprender uma coisa nova, mas acabávamos ensinando outras! Depois desisti de fazer esses cursos... Fazia para ter mais um diploma! A Secretaria de Educação exigia o aperfeiçoamento, uma renovação... Mas na escola, entre si, nós trocávamos ideias e assim tínhamos o aperfeiçoamento! Nós criávamos uma formação entre nós mesmos... Eu, por exemplo, já sabia costurar quando entrei na escola, mas lá aprendi na regra, como deve ser, tudo bonitinho...

Eu gostaria que a senhora me dissesse, para finalizar, qual a sua opinião sobre o ensino técnico e industrial dado na Escola Ernesto Dornelles e a importância dele na sua vida?

Nossa mãe! Foi... Perfeito! Foi tudo! Tudo que eu sei, tudo que eu fiz, tudo que eu tenho! Eu devo a (escola) *Ernesto Dornelles*! Eu trabalhei, estudei, casei, sempre soube costurar, bordar e, enfim, tudo! E também tudo que transmiti para minha filha, o que ela está fazendo hoje, é aquilo que eu aprendi a fazer, o que eu sei fazer... Melhorado até! Tem novas técnicas não é? Novas maneiras, novas máquinas... Na minha época não existia uma máquina de chulear! Uma *overlock*? Nem se fala! Então, tudo isso, a pessoa tendo uma base, fica mais fácil aprender... a Carla (a filha) é a continuação do que eu aprendi! Eu, hoje em dia, não faço mais nada! Só um crochêzinho, um tricô... A preguiça bateu! (*rindo*) Por passatempo, nada mais que um passatempo!

Dona Elisabetha, muito obrigado pelas suas lembranças, pela sua disposição em me contar um pouco da sua história...

Imagina... A gente sabe que se é para progredir, fazer um bom estudo, fazer uma boa história!...

ANEXO VII - ENTREVISTA COM CLAUDETTE PEREIRA DE ALMEIDA

Entrevista concedida pela Sra. Claudette Pereira de Almeida, professora aposentada, setenta e três anos, realizada no dia três de outubro de 2011, em sua casa, na cidade de Porto Alegre/RS.

Eu gostaria que a senhora me dissesse o seu nome completo...

É Claudette Pereira de Almeida...

A sua data e local de nascimento?

É Porto Alegre, em 10 de dezembro de 1937...

Estado civil? Filhos?

Casada... Duas filhas e uma netinha! *(sorrindo)*

Eu queria, antes, saber o grau de escolaridade dos seus pais...

Segundo grau incompleto, o pai, ele era militar... E a mãe, só o primeiro grau.

Em que escola a senhora fez a sua educação primária?

(pausa) Foram várias!... Estudei na *Escola Mãe de Deus*, na Tristeza, estudei no *Grupo Escolar 3 de Outubro*, também na Tristeza... Estudei, nos primeiros anos, em uma escola que tinha próxima ao Hospital da Brigada, era um colégio de freiras... Os primeiros anos foram ali! Depois, então, fui para a Tristeza e *Ernesto Dornelles*...

Lembra com que idade entrou para a escola?

Sete anos completos!

De quem partiu a ideia de continuar a sua educação na Escola Ernesto Dornelles?

Bom, na época, se falava muito que as meninas que iam para a *Ernesto Dornelles* eram, assim, umas donas de casa completas! Outra coisa, também, que o estudo era gratuito e que nós passávamos o dia inteiro na escola... Além de toda a educação geral, nós tínhamos essa parte técnica, nas oficinas!

Em que ano a senhora entrou para a Ernesto Dornelles?

Eu entrei para a *Ernesto Dornelles* em 1950!... Na época nós tínhamos que fazer o exame de admissão... O famoso exame de admissão! Graças a Deus passei no exame de admissão e comecei em 1950... Eram quatro anos de Ginásio Industrial, terminei em 54... Continuei em 55, 56 e 57, onde fiz o Curso Técnico, nós podíamos optar no Curso Técnico por *Artes Aplicadas* ou *Decoração de Interiores*... Eu escolhi o técnico em *Artes Aplicadas*!

Como tomou conhecimento da Escola Técnica Ernesto Dornelles?

Através de conversas com amigas... Outras amigas já tinham ido! E meu pai era militar, então tinha filhas de militares que já estudavam lá, então, através delas que eu fui para a *Ernesto Dornelles*...

Antes de entrar para a Ernesto Dornelles, a senhora já fazia algum trabalho manual?

Não!... Não tinha quase conhecimento nenhum de trabalhos manuais! Sempre vivi muito junto da mãe... Apesar de que, na época, as escolas de freiras também ensinavam alguma coisa... Muito pouco não é? Mas ensinavam um bordado, coisas básicas, a gente tinha uma noção no primário...

Qual curso a senhora fez, quando entrou para a escola Ernesto Dornelles?

No Ginásio Industrial, o *Corte e Costura*... No segundo grau, o Técnico em *Artes Aplicadas*!...

A senhora foi aluna externa da escola?

Naquela época havia o internato e o semi-internato. Eu sempre fui do semi-internato, ia de manhã e voltava, chegava em casa à noite...

A escola funcionava em turno integral...

Era turno integral! Tinha, pela manhã, as aulas de *Cultura Geral* e, de tarde, as oficinas...

Que lembranças a senhora têm do cotidiano da escola? Como era a rotina na Ernesto Dornelles?

Bom, o principal, que eu queria te dizer é que a escola era estadual, nós tínhamos todo o ensinamento de graça! Os cursos, na época, nós podíamos optar... Entrávamos para lá e fazíamos um rodízio em todas as oficinas! Em todas as oficinas que tinha! *Corte e Costura* que abrangia *Rendas, Bordados, Confecções* e *Culinária*... E o curso de *Chapéus, Flores e Ornatos* também tinha *Rendas, Bordados, Ornatos* e *Culinária*... Eu escolhi *Corte e Costura*, durante os quatro anos do ginásio... Nesse curso de *Corte e Costura*, nós fazíamos um rodízio nas oficinas, mais ou menos uns trinta dias em cada oficina... Os trabalhos iam aumentando gradativamente a dificuldade! Dentro da oficina de *Rendas*, nós aprendíamos desde os pontos básicos de crochê, tricô, crochê *filet*, crochê *tunisiano*, o crochê *guipure*... É aquele das rosinhas! Como lavar e engomar os trabalhos, isso eu lembro muito bem... Os trabalhos de rendas eram engomados! Nós tínhamos que subir no sótão da escola, lá tinha uns papelões imensos, a gente lavava a renda, engomava e tudo era esticado com alfinetes... Na ponta de cada guardanapo de renda! Aquilo ficava esticadinho no papelão até secar! Quando saía dali, estava prontinho! Não se passava! A renda de *frivolité*⁸⁹, eu até pouco tempo tinha a minha navete guardada... Renda de *bilro*! Eu ainda tinha amostrinhas... Se fazia com a almofadinha, os pauzinhos, tudo isso nos fazíamos! Na oficina de *Bordados*, nós aprendíamos os pontos básicos, aqueles bem simplezinhos! *Ponto corrente, ponto margarida, ponto haste, ponto cruz*! Cada época, em cada oficina que se fazia, ia aumentando a dificuldade dos trabalhos... Me lembro muito bem, fazíamos *pintura de agulha*! Tudo em amostrinhas, para depois montar um álbum! Era *pintura de agulha mexicana, pintura de agulha japonesa*, aquela outra que se faz em talagarça... *Gobelin*! E aprendíamos desde o bordado mais simples até o bordado branco! Se fazia o ponto *richelieu*, o *ponto de ilhós*, o *crivo*... Se fazia muito trabalho de *crivo*, me lembro! Como eu te falei, todos eram feitos em amostras e colocados em álbum! Dentro do (curso de) *Corte e Costura*, nós tínhamos uma oficina de *Confecções*... Essa oficina era um complemento muito importante para a costura... Porque nela nós aprendíamos tudo que era tipo de costura manual! O chuleado, os vários tipos de

⁸⁹ Espécie de trabalho de renda, onde por meio de nós e laçadas feitos com o auxílio de uma navete, se formam tramas rendadas circulares.

chuleados, sobrecosturas, pesponto, pregar botões, várias maneiras de pregar botões, ponto invisível para as bainhas, ponto paris! Para prender as rendas! Antigamente era tudo feito à mão, a renda era presa à mão, tanto na roupa interior, se usava muito o cetim *lingerie* naquela época, e nas roupinhas de bebê! Tudo era preso com *ponto paris*... E na época existia renda *valenciana*! Hoje tu procuras e não encontras mais a *valenciana*! Nós fazíamos desde a nossa calcinha de baixo... As calcinhas de *opaline*, estampadinho, com aquele cinturão e os botõezinhos do lado... Tudo, tudo era feito pela gente! As camisolas, as batas... Tudo em cetim *lingerie*! E tudo com aquela renda cor de pele, para combinar... Uma coisa muito importante que nós tínhamos em *Confecções* era o conhecimento do tecido! Então tu tinhas que saber de onde ele vinha, se era do bicho da seda... Nós fazíamos diversas amostras com diversos tipos de tecido! O cetim *lingerie*, a cambraia, linho, o algodão, se aprendia sobre a urdidura e a trama do tecido! Tudo isso era dado dentro de *Confecções*, para quando nós fôssemos trabalhar na costura, sabermos tudo sobre o tecido que nós estávamos usando... Amostras de tudo! Percal, hoje é difícil de encontrar... A cambraia para roupinha de nenê, a “pele de ovo”?... Também não se encontra mais!... O que mais posso te contar?... Bom, agora sobre a oficina de *Costura*... O método era o *Singer*! Aprendíamos tudo pelo método *Singer*... Com as régua, esquadros! Por sinal, um método muito difícil! Mas exato!... Trabalhei depois que saí da escola, tentei vários outros, desses que vendiam com régua de papelão... Não adianta! Até hoje eu gosto do método *Singer*! O livro antigo, azul, de capa dura... Antes de qualquer coisa, tínhamos que fazer tudo em papel de seda e montar a roupa todinha, toda colada em papel de seda... Depois que aquilo tudo estava armado no papel é que nós íamos fazer no tecido!

Era feita a modelagem toda sobre um manequim?

Colava-se tudo e colocava sobre o manequim, para ver se dava certo! Depois é que se passava para o tecido... Toda a modelagem feita no papel de seda! Era uma das exigências do curso!... Nós fazíamos desde a camisinha de bebê, todos tamanhos, de zero a três meses, de três a seis, de seis a um ano... Tudo no papel de seda! Já no papel já desenhávamos o babeirinho com o desenho que seria bordado, o festonê... Tudo, tudo ali desenhado! A roupa de adulto, nós fazíamos tanto a feminina como a masculina... Desde a camisa de homem, com colarinho,

cueca... Tudo nós fazíamos dentro do *Corte e Costura*! E a roupa feminina, desde a roupa interior até a alta-costura! Tanto é que o meu vestido de formatura foi feito na oficina de *Corte e Costura*!... Me lembro das mangas, para guarda-roupa de inverno, os casacões eram com mangas de duas folhas, mangas *raglan*, as golas! Gola *smoking*, gola *sport*... Tudo se aprendia, tudo se fazia dentro da oficina!... O aluno não tinha como levar o material, a escola fornecia... Todo o trabalho que era feito, no fim do ano tinha uma exposição! Era famosa aquela exposição! Todo mundo ia! De todas as oficinas! Era lindíssima! Era belíssima!... Saía no jornal, era aquela quantidade de gente para ver! Sobre cada peça vendida, o aluno tinha direito a um pecúlio... Era cobrado um tanto na peça e já se incluía o valor do trabalho do aluno! Quando saía da escola, ele recebia essa importância, se o trabalho fosse vendido... Vamos ver o que mais posso te dizer... Houve um ano, em que teve uma exposição, muito famosa! No antigo “Mata-Borrão”! Onde hoje é o *Tudo Fácil*, ali era o antigo *Cinema Victoria*... Era lindo, lindo! O prédio! A nossa escola, na época era o *top*! A *Ernesto Dornelles*, o *Parobé* e o *Instituto de Educação*! Tanto é que havia uma rivalidade muito grande entre as meninas da *Ernesto Dornelles* e as meninas do *Instituto de Educação*! Eu tenho várias amigas que eram do *Instituto de Educação*, o uniforme era até parecido! Só mudava a gravatinha... Elas se achavam o máximo! De nariz empinado quando passavam pela gente! (*rindo*) Elas tinham a fama de namorar os cadetes do *Colégio Militar*, que era ali perto! E nós namorávamos os do *Parobé*, que era perto da nossa escola! Várias, inclusive eu, sou casada com um professor do *Parobé*! Era aluno na época... Tenho outras amigas que também casaram com alunos do *Parobé*!...

Era uma associação muito grande da Ernesto com o Parobé!

Muito grande! Inclusive o coral era junto! O coral masculino e feminino, os jogos, as competições... Eles participavam e nós também! Deixa ver o que mais tenho para te dizer?... (*lendo um roteiro que previamente havia preparado como guia para a entrevista*) Sobre essa exposição do “Mata-Borrão”, tinha a professora Laura Cesarino, era uma professora da escola, ela desfilava muito bem!... Tinha um porte para desfilar... Então, a parte de chapéus, era ela quem desfilava... Nessa exposição que teve no “Mata-Borrão”, que foi muito famosa, uma colega desfilou com vestido de noiva! Tinha as roupas de lã, roupas de inverno, roupas de verão... Na época,

antes de começarem os filmes no cinema, tinha o cine-jornal... A nossa exposição no “Mata-Borrão” apareceu toda no jornal! No cinema! Nós fomos assistir, apareceu o desfile e a exposição toda do “Mata-Borrão”!...

Nossa! Imagina encontrar esse filme!? Certamente deve ter sido algo feito pelo governo do estado...

Eu acho que deve ser do estado! Algo relacionado ao governo, ao Palácio... Alguma coisa assim!... A exposição era um ponto alto! Tinha banda de música, ia o prefeito... O que mais posso te dizer? Deixa ver... Ah! Nós bordávamos até no filó... Filó bordado em lã!... Bom, agora sobre a oficina de *Culinária*, era a professora Judith de Nadal... Tinha até o caderno guardado, pena que não achei para te mostrar! Com as receitas dela, velhinho, velhinho... De papel almaço... Nós fazíamos até bolo artístico! Aprendíamos como arrumar a mesa para um almoço, para um chá, para vários tipos de festas... Tudo! Tudo se aprendia na escola!...

E quem dava as aulas de etiqueta?

Era a própria professora de *Culinária*... Ela mesma dava! Inclusive, na hora do almoço, no refeitório, nós sentávamos mais ou menos em oito na mesa e a colocação dos talheres, dos copos, na hora de almoçar tinha que aprender e fazer!... Era uma educação muito completa! E, às vezes, as festas que aconteciam no Palácio (Piratini), nós, alunas do *Ernesto*, que preparávamos no Palácio! Os canapés, os bolos artísticos, eram todos feitos na *Ernesto Dornelles*!... Eram aulas maravilhosas! Muito boas! No Ginásio Industrial, nós tínhamos aula no *Lactário*, aula de *Puericultura*! Era o doutor Rubião (Hoefel), uma pessoa maravilhosa! A esposa dele lecionava *História* e ele nos dava aula de *Puericultura*... Nessa parte de *Puericultura*, tinha a sala especial, Nós aprendíamos a preparar mamadeira, fazer mingau, sopinha, trocar fralda, dar banho no bebê! Às vezes era um boneco e outras as próprias colegas traziam a criança! Filho ou parente! Para a gente praticar... As doenças, as vacinas! Tudo era ensinado dentro da aula de *Puericultura*! Era por isso que os homens só queriam casar com moça da *Ernesto Dornelles*! O meu marido sempre dizia: “*A minha tem que ser aquela lá, aquela é dona de casa!*”. Isso tudo eu aprendi lá! Quando eu entrei para a escola não sabia nada... As minhas filhas me

perguntam: “Mãe como tu sabes tudo isso?”... Ah! Eu fui aluna da Ernesto Dornelles! A gente saía de lá sendo uma dona de casa completa! Em todos os sentidos!...

E com a possibilidade de exercer uma profissão...

Exatamente! Naquela época era muito difícil! Muito difícil mesmo! As escolas eram poucas... E escolas técnicas? Eram poucas! Não havia professores especializados para trabalhar nas escolas! Tanto que, na época, eu me arrependo amargamente, eu adoro pintar! Já pintei quadros, porcelana... Na época, com o curso (técnico) que nós tínhamos, entrávamos direto, sem vestibular para o *Belas-Artes*! As alunas da *Ernesto Dornelles* não precisavam fazer o vestibular! Tinham toda a base! *Desenho*? Nós tínhamos três ou quatro tipos de desenho! *Desenho técnico*, *Desenho Artístico*, *Desenho Ornamental*... Com modelo vivo! Com o professor Ermanno (Ducceschi) era com modelo vivo... No desenho geométrico, o professor Jayme (Severo) era muito exigente! Todos os nossos trabalhos do curso técnico, primeiro, eram desenhados na aula de *Desenho Técnico*! Depois que se ia executar... Cada trabalho que tu fazias tinha um projeto! Qualquer trabalho em madeira, tinha que ter desenhado lá para a professora ver... Na oficina de *Metais*, que era com a professora Lydia Gobbato... Por sinal, muito exigente! Das mais exigentes! Nós tínhamos a técnica de metal corroído... Tínhamos que fazer um prato de cobre, todo vazado à mão, era uma renda em volta do prato!... E o desenho tinha que vir pronto da aula do Jayme... Tinha que idealizar no desenho e trazer! No Ginásio Industrial, nós tínhamos a oficina de *Artes Domésticas*! Nessa oficina, que era com a professora Amélia Teixeira, ela era casada com um deputado... Na época, tu deves saber, houve um acidente de avião, no Morro do Chapéu, onde o marido dela faleceu... Ela era a nossa professora de *Artes Domésticas*! Nós fazíamos o cerzido... Desde o mais simples até aqueles com lã, em xadrez... Tinha que ficar perfeito!

Que interessante! O que mais tinha nessa parte das Artes Domésticas?

Era mais essa parte dos cerzidos, os trabalhos em lã, o bordado de lã sobre o filó... Essa parte mais de trabalhos para o lar! Ah, uma coisa importante que não falei... O uniforme! Tinha de ser IMPECÁVEL! Como militar! Na época, nós usávamos saias de armação, todas engomadas! De véspera, eu já deixava na

cadeira, pronta! Sapatos lustrados, meias brancas, tudo arrumado... A camisa branca com a fita azul e branca! Antes de entrar (para a aula) era obrigatório, todas perfiladas, cantando o Hino Nacional! Todos os dias! Isso era muito importante... As aulas começavam as oito, tinha um intervalo as dez e almoço ao meio-dia... Eram oito alunas em cada mesa, era um “bandejão”, cada uma pegava o seu em uma ponta da mesa... No intervalo, após o almoço, nós íamos ali para aquela pracinha (Praça General Osório), sempre acompanhadas de uma auxiliar de disciplina! Era a Dona Otilinha! Tinha a Otilião e a Otilinha! (*rindo*) Essa dona Otilinha, nós apelidamos de “Pulga”! (*risadas*) Ela não largava do nosso pé! E tinha que ir todo mundo em fila... Eu e uma turma dávamos um jeito de escapar para a Praça da Matriz! Ficávamos sentadas na Praça da Matriz... Quando dava a hora de voltar para o colégio, tinha que ir correndo! A gente sempre dava um jeito de fugir da Dona Otilinha! (*rindo*) Às vezes, nessas horas de recreio, os alunos do *Parobé*, sabiam que nós estávamos na praça... Iam lá! Rondar! Namorar as gurias! Eu nunca fiz isso... Às vezes estávamos na aula e jogavam papelzinhos pela janela! A gente já sabia... “*Olha o fulano está lá embaixo...*”! Essas coisas de gurias, de tempos de colégio!... (*pausa, lendo o roteiro*) Bom, no curso Técnico, a gente podia optar entre *Decoração* ou *Artes Aplicadas*... No de *Artes Aplicadas* nós tínhamos a *Cerâmica*, com o professor Olmedo... Maravilhoso! Sinto até hoje, quando fui à escola, depois que terminaram o curso... Tristeza!... Aquelas máquinas maravilhosas, o forno de cerâmica! As máquinas vinham todas da Alemanha! As oficinas completas... Aquilo tudo atirado, jogado pelos corredores! Na oficina de *Cerâmica*, nós aprendíamos desde a peça básica, a primeira queima até chegar na esmaltação... Fazíamos obras de arte! Na oficina de *Madeira*, era a professora Elsa Matukait, ela foi freira!... Muito exigente também! Fazíamos desde a pintura simples em prato até pés para abajur! A Oficina de *Metais* com a Lydia Gobbato... Já falei!... Fazíamos a esmaltação, o metal corroído... Nós tínhamos uma sala especial, fora da oficina, com aqueles tanques com ácido... Ali se colocava a peça para ser corroída... Além da *Madeira* e *Metais*, nós tínhamos a *Encadernação*! O professor Raul (Vagheti)... Ótimo! Trabalhou muito tempo na Escola do Livro, ali na Cidade Baixa... Um verdadeiro artista! Muito exigente! Aprendíamos a consertar a folha de um livro, do livro brochura até a encadernação com ouro! Fazia-se o livro comum, o “ $\frac{3}{4}$ ”, álbuns de fotografia... Tínhamos a prensa para encadernar, tudo na oficina! E a oficina de *Couros*! Era com

a Roswith... Aí também, desde coisas simples de couro, capas de livros, bolsas e até móveis trabalhados em couro... Muito produtivo o trabalho! No fim do curso (Técnico) nós tínhamos que optar por uma oficina para fazer nosso trabalho de conclusão. Cada aluno escolhia a oficina e o trabalho que queria fazer... Eu fiz uma mesinha, em estilo *Chippendale*, com a parte de cima toda trabalhada em couro, eram três vitórias-régias e umas garças... Muito bonita! Meu trabalho de conclusão foi na oficina de *Couros*...

No Ginásio Industrial havia trabalho de conclusão?

Não, não... Era só no Técnico. No Ginásio não tinha trabalho de conclusão...
(*pausa, lendo seu roteiro*) Falei quase tudo já! (*rindo*)

Mas foi muito bom esse roteiro heim? Me respondeu sem eu perguntar!

(*risadas*)

Mas eu vou abusar e pedir que a senhora me fale um pouco mais sobre os professores da escola, dos que se recorda mais...

Olha, eu acho que todos marcaram muito! Foram ótimos professores... Mas a Roswith, por ter sido minha professora e depois colega... Foi a mais amiga, sabe? Tinha mais relacionamento com ela... E a mais enérgica, a Lydia! Era a mais enérgica... Do Ginásio Industrial, quem eu lembro, que foi nosso paraninfo, era o professor Enio Espellet, professor de *Matemática*! Era uma pessoa maravilhosa! Muito querido, muito amigo sabe? Tinha uma facilidade para transmitir o conteúdo... Tanto que nos convidamos para paraninfo na formatura!

E onde foi a formatura do Ginásio?

Ah! Nossa formatura! Naquela época se fazia até viagem! Nossa formatura do Ginásio e do Técnico foi na UFGRS, no salão de atos da UFRGS!... A viagem de formatura do Industrial foi a Passo Fundo! Ficamos hospedadas na *Escola Notre-Dame*... No Curso Técnico, nós fomos para São Paulo, de trem! De São Paulo fomos para o Rio... E pegamos carona de volta com um avião da FAB! Entrava até água por baixo da porta! (*risadas*) Fomos de trem e voltamos de avião... Me lembro bem! No trem, a professora ia embaixo e nós em cima, nos beliches, para dormir... Uma

viagem muito boa! Para a formatura do Industrial, usamos vestido de gala... Do curso Técnico, de toga... De beca! Tudo isso...

Após ter se formado na escola, onde concluiu o Curso Técnico... Que profissão a senhora foi exercer?

Bom, aí vou te contar uma história! Eu me formei em 57, no curso Técnico... No fim de 57, surgiu um concurso para lecionar em Santa Maria... Eu tinha dezoito anos na época! Para lecionar na *Escola Cilon Rosa*... Era uma escola industrial semelhante a nossa, só não tinha o Curso Técnico... A vaga era para professora de *Rendas e Bordados*, mas já tinha uma professora lecionando. Eles queriam uma nomeada! Eu, “filhinha de mamãe”, nunca tinha saído da barra da saia da mãe... O pai e a mãe ficaram apavorados! Eu disse: “*Vou fazer o exame!*”... Era o exame de suficiência, como chamavam... Havia dentro da Secretária de Educação, a Divisão do Ensino Técnico, eram os responsáveis pelas escolas técnicas... Eles ficaram com pena de tirar a que já estava lá lecionando e nomearam as duas! E eu fui! Me formei em 57, em julho de 58 eu estava tinha sido nomeada e estava em estágio probatório! Meus pais ficaram apavorados e eu disse: “*Eu vou!*”... Eu não tinha onde ficar em Santa Maria, mas elas lá na escola, a diretora, a dona Hilária disse: “*Nós vamos arranjar acomodação para ti!*”... Me conseguiram um lugar para morar, junto com a professora Maria Agostini, que já era professora da escola (*Cilon Rosa*) e, já tinha, uma outra colega morando lá... Fiquei mais de um ano morando lá! E era para ir por pouco tempo... Comecei a trabalhar, as alunas tudo da minha idade, umas guriinhas! Então, comecei como professora nomeada de *Rendas e Bordados*! Comecei numa sexta-feira, 13 de agosto! Me lembro tão bem... Foi minha primeira aula! Fui muito feliz na minha profissão... Eu adoro o que faço! Sou professora, vou morrer professora! Continuo ensinando o que puder ensinar até hoje!... Em Santa Maria, trabalhei três anos! Na casa dessa professora moramos três anos, eu e minha amiga, éramos tratadas como filhas! Íamos para a cozinha, nos domingos, fazer balas de coco, nhoque! Nesse meio tempo, fui morar num pensionato... *Pensionato Santa Terezinha*! Era mais próximo da escola... Eu trabalhei de 58 até 60 em Santa Maria! Fiz grandes amizades lá... Eu voltei para Porto Alegre, a pedido dos meus pais... Houve, na época, um concurso aqui em Porto Alegre, onde nós poderíamos progredir na profissão! Aí vim para cá, já como professora da *Ernesto Dornelles*! Era

diretora aqui, a dona Adália Hilgert... Na época, já tinha mudado, não era mais o Ginásio Industrial como antigamente... Mas ainda vim para cá como professora de *Bordado*! Trabalhei muito tempo como professora de *Bordado*... Até que terminaram com o Ginásio Industrial e criaram os Ginásios Orientados para o Trabalho... Iam terminar com o Ginásio Industrial! Bom, eu já estava lecionando aqui e surgiu uma vaga como cursista para uma bolsa de estudos para fazer o curso de *Técnicas Industriais* em Curitiba. Escolheram três professoras do Rio Grande do Sul e eu fui uma das escolhidas! Indicada, como bolsista, pela Secretaria de Educação... A diretora da *Ernesto*, na época, era a dona Adália (Hilgert)... Eu fui com todos meus vencimentos e fiquei um ano, como uma das representantes gaúchas, eu e mais duas... Eu e outra da *Ernesto Dornelles* e a outra de Santa Maria... Esse curso de *Técnicas Industriais* era mais direcionado para o Ensino Industrial mesmo... E lá eram todas as oficinas na sala! Tu tinhas que saber todas as técnicas para ensinar todos os adolescentes!

Isso foi em que ano?

Em 1960! Éramos as três gaúchas e uma paulista... O resto eram homens! De todo o Brasil... Eram professores de todo o Brasil Foi um curso muito puxado, era patrocinado pela Comissão Brasileiro-Americana... o CBAI! Fomos muito bem recebidas, muito bem tratadas... Morávamos em uma casa separada... Não tínhamos licença para vir a Porto Alegre! Eu vim uma ou duas vezes, muito corrido! Uma das vezes trouxe um baiano, um paulista e um paraibano para conhecer o Rio Grande do Sul... Ficaram todos hospedados na minha casa! Então, durante esse ano, fiquei lá fazendo esse curso. Voltei para Porto Alegre e fiquei como instrutora das minhas colegas, eu tinha que transmitir para elas tudo aquilo que eu tinha aprendido... Eu dava aula para os professores, explicando como seria a educação, dali para frente... Não era mais como o Ginásio Industrial!

Ah... Então aquele modelo de ensino mais “doméstico industrial” da Ernesto Dornelles, nesse momento, deixa de existir?

Exatamente! Depois que acaba o internato já vem essa mudança... Tanto que eu saí da escola, pedi transferência, porque nos ginásios comuns já existia a disciplina de *Técnicas Domésticas* e *Técnicas Industriais*... Tu tinhas que ensinar

trabalhos em metais, madeiras, couros... Tudo em uma sala! *Técnicas Domésticas* se resumia só a culinária... Quando eu saí da *Ernesto Dornelles*, vim para cá (para uma escola próxima de sua casa) como professora de *Técnicas Domésticas e Industriais*... Depois, me parece, surgiu em Passo Fundo, a faculdade de *Ciências Domésticas*... Quando terminou o Ginásio Industrial (da ETSD), para não perder as quarenta horas, tive de optar por uma escola... Eu já tinha a filha mais velha com oito anos, aí vim aqui para o *Odila*, o (Colégio) *Odila Gay da Fonseca*, aqui do outro lado da rua... Tivemos que montar uma oficina, uma cozinha completa e montar, com muito sacrifício, se dependia de verba e da ajuda dos pais para montar a oficina... Graças a Deus e a diretora, que era muito boa, eu montei um armarinho na sala, com todas as ferramentas, com tudo que era necessário para ensinar os alunos... Eram meninos e meninas, o ensino era igual! Trabalhei aí de 75 até 83... Tinha diurno e noturno! Eu tinha que dar pros marmanjos da noite, o mesmo que ensinava para as crianças... Estavam terminando o 1º grau! Foi uma dificuldade muito grande... Tinha que cumprir o conteúdo! Mas graças a Deus, montei a oficina... As portas estavam sempre abertas para os alunos! Eles não queriam ir para o recreio... Eles adoravam! Aqui, eu não tinha forno para cerâmica... Consegui com uma amiga, artista plástica, o forno... Eu saía com todos os alunos daqui, ia a pé até a casa dela, com todos os trabalhos, para queimar... Aí depois de prontos, pra pintar, voltavam lá de novo... Eu consegui fazer tudo isso! Tudo! Couros, metais, encadernação, cerâmica! Tudo isso! Claro, não com o nível de uma escola técnica... Mas eles aprenderam! Os alunos me encontram e dizem: “*Ah, professora! Tenho até hoje o trabalho que fiz com a senhora!*”. Eu amo a minha profissão! Depois que me aposentei, dei aulas aqui em casa, para crianças... Crianças pequeninhas! Filhas das minhas amigas, amigas das minhas filhas... Levava tudo para a cozinha! Para ensinar culinária! Eu amo! Vou ser professora até morrer! (*rindo*)

Eu gostaria, para finalizar, de saber a sua opinião sobre esse ensino técnico que era dado na escola Ernesto Dornelles e qual foi a importância dessa formação para a sua vida...

Foi tudo não é? Eu amo a minha profissão! Tudo que eu sei, de prático, que me serviu tanto profissionalmente como na minha vida familiar... Eu devo a *Ernesto Dornelles*! A criação das minhas filhas... Na educação da minha neta vai servir! A

base de tudo foi o *Ernesto Dornelles*! Eu amo! Eu sou “ernestina” a vida toda!... Eu estava num chá, aqui no Clube do Professor Gaúcho, saindo, vieram duas pessoas: “*Professora! A senhora lembra de mim? Eu fui sua aluna!*”... Eu acho que isso é o MÁXIMO! Eu vou levar para a vida inteira... Eu amo!

Dona Claudete, eu quero lhe agradecer pelas suas memórias, por ter dividido comigo elas... Para mim é muito importante escutar a senhora, me contando sua história!

Muito obrigado!